



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>

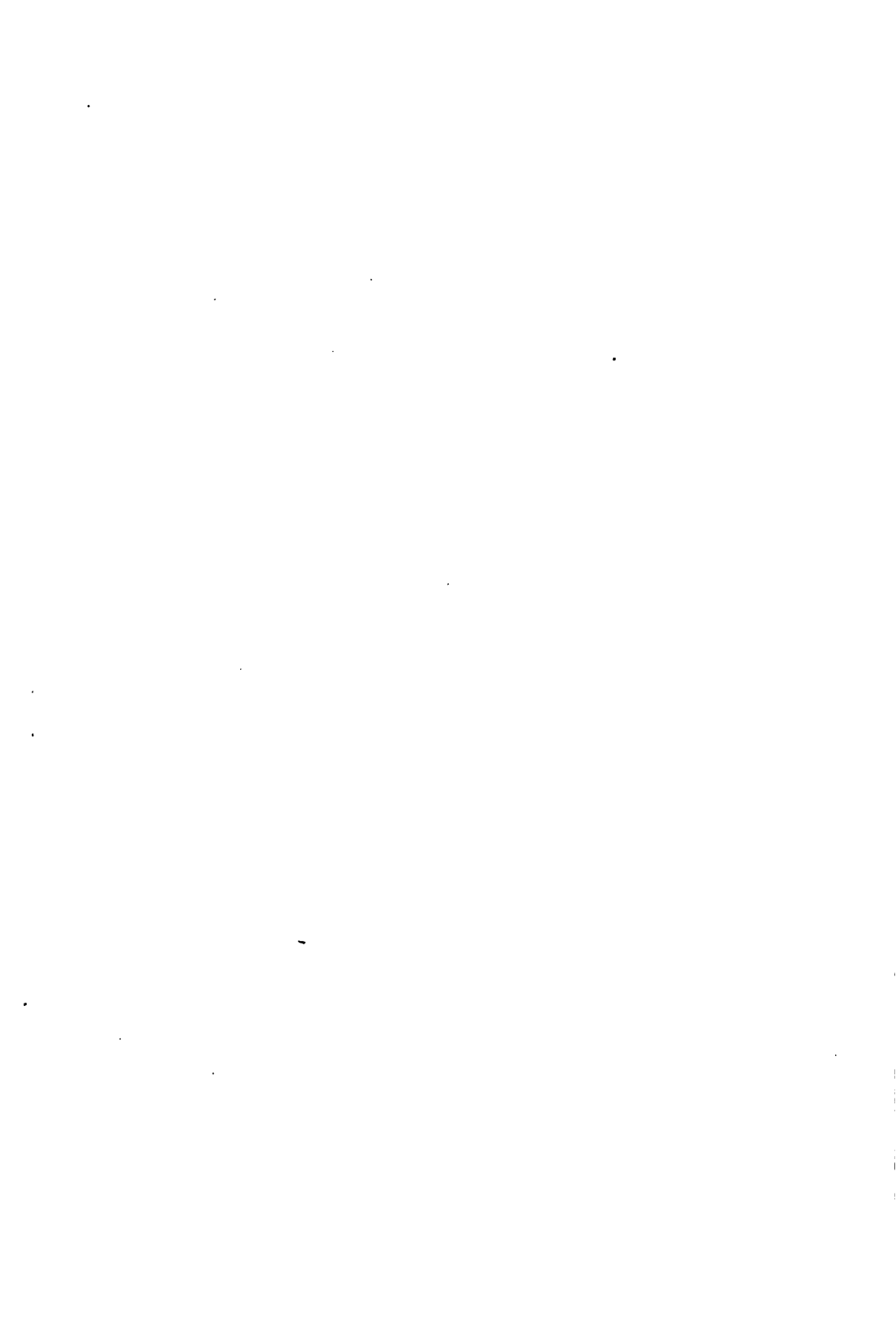
UQ-NRLF

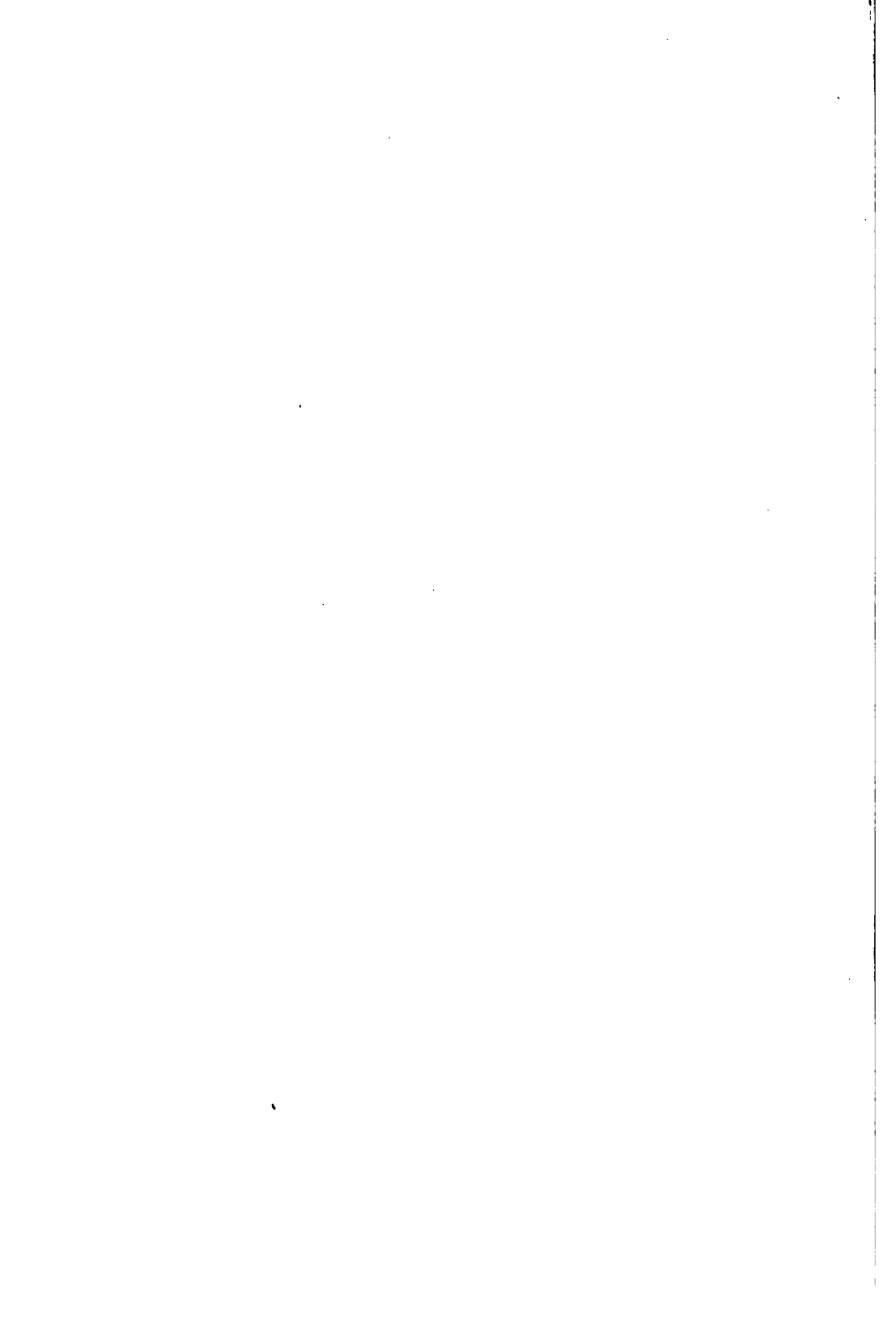


98 77 138



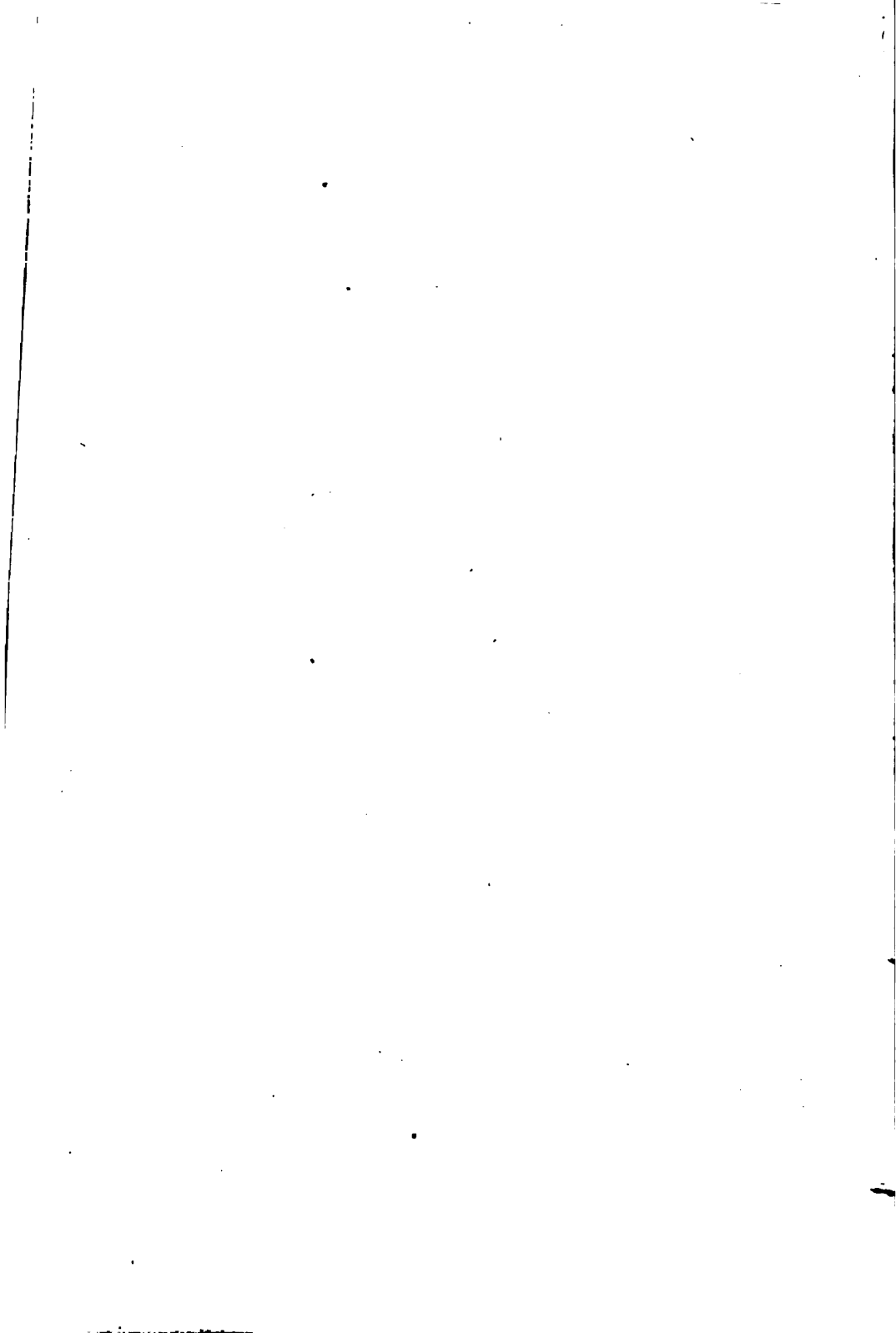
795
C348
80







BOHEMIA DO ESPIRITO



UNIVERSITY OF
CALIFORNIA



Camillo Cavour

UNIV. OF
CALIFORNIA

BOHEMIA

DO

ESPIRITO

POR

CAMILLO CASTELLO BRANCO



PORTO
LIVRARIA CIVILISAÇÃO
4, RUA DE SANTO ILDEFONSO, 6

1886

TO THE
ALBANY

PRESERVATION
COPY ADDED

m/f 5/9/91



TYP. DE ARTHUR JOSÉ DE SOUSA & IRMÃO
Largo de S. Domingos, 58 — N.º telephónico, 131

PREAMBULO



LIVRO é que hade definir o titulo.

Se o leitor, voltada a pagina final, não tiver encontrado a causa que motivou semelhante rotulo, tambem eu não poderei esclarecêl-o.

Se, de mim para mim, pretendo obrigar a fantasia a dar contas á rasão d'essa idea abstracta que tradusi em *Bohemia do espirito*, as explicações todas me sahem mais nevoeirentas e confusas que a traducção mascavada da idea.

A minha intenção provavelmente seria enfeixar muitas formas litterarias, variadas e incongruentes em um so atilho — assinalar com um vocabulo, synonymo de «vadiagem» a versatilidade de um es-

pirito que se deleita na inconstancia, no impre-
visto, no desconcerto do seu precurso sem itine-
rario pela «bohemia» cosmopolita das letras.

Meditando no vagamundear da imprevidente
caravana dos bohemios de Murger, pareceu-me ver
na diversidade dos assumptos d'este livro alguma
coisa do desalinho e extravagancia da peregrinação
d'esses lendarios engenhôs, tão escoteiros de бага-
gem como de sciencia. A comparação, porém, cessa
desde que elles regressaram da bohemia e entraram
na zona regular e methodica da gloria para muitos
e da riqueza para alguns. Ora, o meu espirito esse
fica sempre na bohemia, a desvairar no seu livro;
mas satisfeito como Diogenes na cuba, e relapso a
todos os methods, refractario a leis de symetria
esthetica e á minima presumpção de ensinar. Creio
que ainda não expliquei nada.

Realmente, estou na logica abstrusa do meu
livro, e cada vez mais identificado ao titulo impo-
netravel.

Se perguntassem a Courbet, a Mery, a Léon
Gozlan, a Gautier e aos outros por que eram bohe-
mios, e não eram tabelliães de notas, elles não sa-
beriam responder.

MAD. DE PAIVA



IMPrensa jornalística parisiense, menos atarefada nos assumptos gravidos da politica, da industria e da sã moral, commemorou, ha dias, o trespasse de uma mad. de Paiva, marquesa do seu appellido, e em terceiras nupcias condessa Henckel de Donnesmark.

Condensando a necrologia encarvoada de sujos episodios, dizem que esta dama Branca Lachmann, polaca de nascimento, deixára em Moscow o marido, um alfaiate discreto que lá se ficou na sua terra alinhavando fundilhos de astarkan, em quanto a esposa airada, em Paris, penetrava nas opulencias da vida dissoluta pela porta da miseria, que desculpa muitas dissoluções. Ligada primeiro a Herz, pianista celebre, sob a falsa estampilha de esposa, chegou a sentar-se entre as duquezas nos saraus de Luiz Philippe. Depois, desvelado o segredo da sua concubinagem, foi expulsa affrontosamente dos circulos tambem falsamente carimbados de honestidade, e fugiu para Lon-

dres, deixando ou levando o pianista. Aqui, ameaçada por uma segunda catequese de fome, ajuntou á sua fulminante formosura um vestuario de espavento, sentou-se langorosamente em um camarote de Covent-Garden, e fez que o rio Pactolo, representado por alguns milords, lhe lambesse os pés com as suas ondas de ouro. Em quanto a onda não fazia a ressaca do costume, deixando-lhe sobre os pés as suas salsugens immundas, a aventureira de New-York regressou a Paris, ahi por 1850, e, no anno seguinte, matrimoniou-se, já viuva do alfaiate, com *um marquez de primeira fidalguia portugueza, Fr. Araujo de Paiva*, diz o *Voltaire*. Este marquez que pelo *Fr.* parece tambem ser egresso, suicidou-se d'ahi a pouco, affirma outro jornal. A viuva, 40 vezes millionaria, casou em terceiras nupcias com o conde Donnesmark, em 1875, anno em que sahiu de Paris para o seu castello da Silesia, onde morreu, ha dias, com 72 annos, dizem uns, e com 58 diz o marido.

Eu conhecia dos escriptores de ha vinte e cinco annos a opulencia de mad. de Paiva. Eug. Pelletan na sua *Nouvelle Babylone*, derivando com falsa deducção a magnificencia das meretrises em sorte da corrupção de Paris, cita como exemplo a escada de onix do palacio de mad. de Paiva na praça de S. Jorge. Arsène Houssaye, em um dos tomos das *Courtisanes du Monde*, diz, com estas ou equivalentes palavras, que as senhoras honestas paravam deslumbradas quando viam passar no seu break mad. de Paiva, ao sol do *Bois*, faiscando as suas constellações de brilhantes. Elle, como era sua visita, disfarça-se com um pseudonymo. Certo jornal conta que os seus palacios eram o confluyente dos homens mais celebrados em artes e letras, velhos e moços, o bibliophilo Jacob, Emile Girardin, Theophilus Gautier, etc. Não sei se algum d'estes era um dos grisalhos academicos que bebiam champagne da

tina em que ella se lavava. Não admiro. O asceta Lammennais beijava as plantas de G. Sand, e parece que ella, agradecida, descalçava as meias de sêda n'este acto devoto.

Os jornaes portuguezes, transcrevendo parte d'estas noticias com outras particularidades romanescas e algumas anedotas um pouco *boulevardières*, revelam não terem obtido perfeito conhecimento do portuguez que deu canonicamente o seu appellido *Paiva* áquella mundana. Alguns pormenores que tenho lido, quanto á grandeza da sua fortuna e aos seus esbanjamentos millionarios em Paris, são meras fantasias. Os ultimos quinze annos da vida passou-os elle em escura mediania, quasi pobreza relativa, no Porto. O suicidio em Paris por 1873, foi o *terminus* da sua ultima saida de Portugal, n'um impeto de desesperada miseria. As noticias dos jornaes francezes são tão incongruentes e anachronicas que mais parecem bosquejos de novellas. A imprensa portugueza nada dilucidou, por não ter conhecido o personagem excentrico que deu nome á protagonista do réles melodrama.

Posso dar uns ligeiros traços do perfil do sujeito.

Paiva Araujo nascera em Macau e era filho unico de um negociante rico, ali fallecido por 1842. Quando o pae morreu, Paiva Araujo estava em Paris em um collegio. A viuva veiu para a Europa, e para residir escolheu o Porto, onde não conhecia alguem. Mandou edificar uma casa perto da alameda da Aguardente, mobilou-a com muito gosto e selecta riqueza de baixella d'ouro e prata, jarrões japonezes e porcellanas antigas. Fechou-se com o seu mysterioso luxo de fada, sósinha, quasi desconhecida de nome e de pessoa. Chamavam-lhe a *Macaense*. O seu nome era D. Marianna de Paiva Araujo. Sabia-se apenas que era viuva, muito rica e tinha um filho a educar em França. A casa architectada pelo risco burguez, trivial no Porto, era de

azulejos amarelos com muitas janellihas de stores brancos, sempre descidos. Tem um jardim com vasto portal gradeado para a rua, tufado de bosquetes de arvores exoticas e miniaturas de montanhas que punham na alma saudades das florestas do Bussaco e Senhor do Monte.

Paiva Araujo não frequentou curso algum nem adquiriu noções vulgares em algum ramo de sciencia. Aos dezoito annos veio para a companhia da mãe. So-bejava-lhe riqueza á mãe extremosa que dispensasse o seu filho unico dos fastios de uma formatura inutil.

Por 1845 appareceu Paiva Araujo no Porto curveteando garbosamente o seu cavallo arabe por aquellas sonoras calçadas. Era um galhardo rapaz trigueiro, alto, com um buço preto encaracolado nas guias, elegante, sem as farfalhices coloridas da *toilette* dos casquilhos seus coevos. Tinha poucas relações, e dava-se intimamente com Ricardo Browne, o arbitro da moda. Ricardo Browne era tão poderosamente iniciador que até, pelo facto de ser muito surdo, contagiou de surdez ficticia muitos rapazes em condições as mais sanitariamente physiologicas das suas grandes orelhas. Estes rapazes, assim cavalleiros, figurinos, lovelacianos, esgrimidores, mais ou menos surdos, chamavam-se simplesmente *janotas*, ou em nomenclatura mais culta — *dandys*. Não se conhecia ainda em Portugal o peregrino vocabulario de *sport*, de *turf*, de *sportman*, de *high life*, de *sporting*, de *gommeux*. Ignoravam-se estas inglezias e francezismos da actualidade mascavada de idiomas com que um qualquer modesto noticiarista da travessa de *Cata-que-farás*, 4.º andar, lado esquerdo, parece que nos está conversando n'um salão de Regent-Street, a marinhar com as pernas pela espalda de um «fauteuil» cramezim, as suas emoções pessoalissimas de Hyde-Park e Jockey-Club.

O Porto e a vida reclusa de sua mãe deviam ser

intoleráveis a Paiva Araujo. Browne sahiu para Paris, e elle para Lisboa, onde se notabilizou facilmente pelas prodigalidades das suas despezas. Bulhão Pato, em um dos seus escriptos entristecidos pela saudade d'aquelle tempo, falla do *cavalheiro Paiva Araujo*. Dava jantares aos rapazes da alta linha, a colméa do Marrare do Chiado, parte dos quaes ainda vive mais ou menos pintada; e, feito o ultimo brinde, quebrava a louça do *toast*, voltando a meza como quem ergue a tampa de um bahu. Pagava generosamente o prejuizo. O seu vinho, além de reduzir os crystaes a cacos, não tinha mais funestas consequencias.

Assim que prefez a idade legal, pediu o seu patrimonio paterno á mãe, e foi viajar. Recebeu lettras no valor de cento e tantos contos. Conheceu então em Baden-Baden a deslumbrante mulher que chegára da exploração dos lords com um peculio que lhe permittiu construir um palacio.

Casou. Se ella morresse de 72 annos, segundo o computo de algumas folhas francezas, teria casado aos 39 com o nosso compatriota. Deveria ser, por tanto, extraordinaria e bestificadora a formosura de uma mulher que, em tal idade, ainda viçava fôres com frescôr e perfume, tendo sido, tão cheiradas e mexidas! O certo é que ella tinha 25 annos quando casou em segundas nupcias, 46 nas terceiras, e 58 quando morreu no seu palacio de Newdeck, de uma febre cerebral consequente a um rheumatismo cardiaco. Depois de ter entesourado no seu largo peito vinte prodigos conhecidos com os patrimonios correspondentes, ainda lhe restava espaço no coração para alojar um rheumatismo! Valente e elastico musculo de polaca!

Paiva Araujo, casado, visitou Lisboa e a mãe, com a esposa. A polaca no Porto, no tópo da fetida rua do Bomjardim, com a nostalgia de Paris!.. Certas mu-

lheres que viveram em Paris, nas maximas condiçoens de horizontalidade, só lá pôdem viver.

Dois annos decorridos, Paiva Araujo abandonara a viuva do alfaiate, mais ou menos espontaneamente, a um dos cinco mil principes russos que dão mobilia nova aos bordeis parisienses, e regressou a Portugal com bastantes malas inglezas, uma duzia de floretes, outras tantas caraças e *manchettes*, a fora algumas dividas. A mãe pagou-lhe as lettras, e perdoou-lhe o casamento e a dissipação do patrimonio. Durante quatro ou cinco annos, Paiva viveu muito recolhido no Porto, mas frequentando pouco a convivencia da mãe.

Habitava uma casinha de duas janellas, situada na extremidade do jardim. Sahia de noite, recolhia de madrugada, e passava o dia a comer e a dormir. Um escudeiro levava-lhe em taboleiro coberto o almoço e o jantar da cosinha da mãe, que elle raras vezes procurava. Era-lhe odiosa, porque lhe não dava dinheiro para sair de Portugal, e apenas lhe enviava mensalmente o necessario para dignamente se tratar na sociedade pacata, frugal e economica do Porto.

Em 1855 e 56 encontrei-o muitas tardes nos pinhaes e carvalheiras da Prelada e de Lordello, passeando com uma franceza de muita vista, esculptural, com a trança dos cabellos louros desatada sob as amplas abas d'um chapeu de palha azul ondulante de fitas escarlates. Se eu procurasse o nome d'ella na sepultura para lh'o dizer, não o acharia, porque a franceza, d'um espirito raro, morreu na obscuridade da pobreza, e d'uma velhice que redime e pede perdão para os delictos da juventude.

D'essa época lembram-me dois episodios de Paiva Araujo. A *Macaense* déra azo a que se soubesse cá fóra que o filho a quizera matar com veneno, para empolgar a herança. O «Jornal do Porto» déra a noticia com discreta prudencia; mas Paiva foi insultar com

ameaças de azorrague o honrado proprietario d'aquelle jornal, que desviou de si a responsabilidade da noticia, aliás verdadeira.

O outro caso, mais comico pelas consequencias, foi um duello á espada, por motivos melindrosamente caseiros, com um fidalgo portuense chamado D. Antonio Peixoto Pinto Coelho Pereira da Silva Padilha de Souza e Haucourt, simplesmente. Se bem me recordo, Paiva Araujo desarmou, com pouca effusão de sangue, o contendor. D. Antonio, hallucinado com o exito do duello, atirou-se da ponte Pensil sobre .. um barco rabêllo de batatas que vinha mansamente descendo o Douro. E sahio sem contusão d'entre as batatas que, de certo, não eram tão macias e flaccidas como os almadaques de um kalifa de Cordova.

Francisco Palha, na « Fabia », menciona um general,

...salvador de Roma e das batatas.

N'este nosso caso, muito mais historico do que a « Fabia », foram as batatas que salvaram, não um general, mas um medico ; porque D. Antonio — raça lidima de Egas Moniz — despedaçados em dez annos uns poucos de vinculos que rendiam 12 contos annuaes, foi para Montevideu exercer a medicina homoeopatica — um modo de vida que, sobre dispensar os fados do tirocinio e dos exames, é de mais a mais, innocentissimo, quando a agua não é pantanosa. (*)

Em 1860 encontrei Paiva Araujo em Braga, leccionando francez no collegio da Madre de Deus, no palacio dos Falcões, onde uma familia estrangeira

(*) Este cavalheiro regressou á patria em 1834. Não exerce a medicina ; mas cura as doencas da sua mocidade, restaurando parte do seu grande patrimonio.

tentava inutilmente a fortuna. O marido de Branca Lachmann, n'esse anno, trajava menos que modestamente. O seu casaco e chapeu, em taes condições, não lh'os accitaria um dos seus antigos creados.

Dobaram-se alguns annos em que nada averigui; até que, em 1873, li nos jornaes portuguezes que Paiva Araujo se suicidara em Pariz. Conversando a tal respeito com Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos, em Lisboa, por 1874, me disse o famoso escriptor, que o conhecera muito em Paris, e tinha exactas informações da sua morte.

O marido indigente de mad. de Paiva procurou congraçar-se com a sua *marqueza*, que vivia opulentamente no seu palacio de Pont-Chartrin o das 365 janellas, decorado por Paul Baudry, ligada ao conde Henckel de Donnesmark. Ella repelliu-o. Paiva manteve-se algum tempo de empréstimos, e pequenos donativos talvez da mãe com que ia disfarçando a sua pobreza aos olhos de outros a quem tencionava recorrer.

Um dia, em grande apuro, escreveu pedindo 2:000 francos a um rico e antigo conviva dos seus desperdícios, e, juntamente com a carta, metteu na algibeira do frac cossado um revolver. A carta foi, posta interna, ao seu destino, e a resposta, no dia immediato, foi entregue ao porteiro do hotel. Quando voltou a casa e leu a resposta negativa, ainda subiu alguns degraus, e, no primeiro patamar, cahiu moribundo com um tiro no peito. Se bem me lembro, foi o ministro portuguez quem pagou o carro que conduziu o cadáver ao Père La Chaise.

Depois, a viuva que, até esse dia, se chamava *marqueza*, pelo seu segundo marido, casou com o terceiro, que realmente a fez condessa. Não duvido que Paiva Araujo se intitulasse *marquez* em França. Jeronimo Collaço tambem se intitulava *conde*, e, a fallar

verdade, não carecia d'esse ridiculo para se distinguir.

Só duas palavras mais a respeito da mãe de Paiva Araujo. Ha de haver oito annos que a sua casa, ricamente ornamentada, foi á praça para pagamento de dividas. Ella tinha sacrificado quasi toda a sua meação para salvar o filho. Pagou as dividas, e retirou-se com umas sobras mesquinhas para um pobre casebre rural, nos arrabaldes do Porto. Não tenho a certeza de que ella ja gozasse a suprema felicidade de morrer.

NOTA

Este artigo foi republicado no *Jornal da Manhã* de 13 de julho de 1885. Dias depois, recebi as duas seguintes cartas:

I

«... Snr.

«Se não tem a certeza de ser viva a infeliz D. Marianna de Paiva Araujo, eu posso dar-lh'a

«A infeliz macaense falleceu no dia 26 de maio ultimo com 88 annos. Ella vivia de uma pequena mezêda que lhe dava a irman viscondessa de Oleiros, de Castello Branco, e uma sua sobrinha a viscondessa dos Oliveaes, de Lisboa.

«Esta snr.^a D. Marianna, ao passo que muito soffreu, tambem teve uma paciencia e resignação rara. Punha a esperanza em Deus. Está enterrada na Lapa, da qual foi uma grande bem-feitora.

Uma amiga da infeliz... pois ella já tinha poucas.»

II

«... Snr.

«Lendo hoje no *Jornal da Manhã* um escripto de v. a respeito do Paiva Araujo, de cuja desventurada mãe fui intima amiga; e como v. não sabe se ella é viva ou morta, tem por fim estas linhas participar a v. que ella falleceu em maio do corrente anno. Vivia no Porto, na rua de Santa Izabel, recebendo uma pequenissima mezada que lhe davam a irmã e sobrinha, viscondessa dos Oliveas e viscondessa de Oleiros, mezada que mal chegava para viver debaixo da maior economia. Encontrou-se apenas com uma amiga que nunca deixou de a estimar e de reconhecer a sua posição, e lhe soube provar amiudadas vezes o nome de amiga. Era minha mãe D. Maria Emilia Pinto Leão, viuva da cidade do Porto. Peço a v. perdão por estas duas linhas que lhe derijo, que tem por fim faser-lhe saber que D. Marianna de Paiva Araujo descança no cemiterio da Lapa. Foi aquella Irmandade que lhe fez o enterro gratuitamente, como lembrança de algumas esmolas que ella, em tempo, deu áquella Irmandade.

«De v. etc. — *Candida Philomena Pereira Pinto Caldas*. — Villa do Conde, 13-7-85.»

Agradeço ás duas senhoras o complemento dos meus imperfeitos traços da desgraçada *macaense*; e com s. ex.^{as} me congratulo por se achar a desditosa velhinha a esta hora, não direi no ceu, mas no eterno dormir sem máos sonhos, no cemiterio da Lapa.

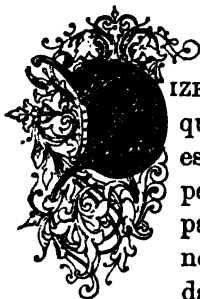
IMPRESSIONISMO

DUAS PAGINAS

DAS

MINHAS MEMORIAS D'ALEM DA CAMPA

(Na *Aguia d'Ouro*, Agosto de 1883)



IZEM-ME que este botequim ancestral e que esta hospedaria — a matriarcha das estalagens portuenses — vão ser derruidos pelo camartello e pela esquadria municipaes. Vamos, pois, cahir ao mesmo tempo, no abysmo da historia, eu e a hospedaria da *Aguia* que ainda conserva, com o cheiro das suas inalteraveis costellêtas seculares, uns aromas primaveris da minha juventude.

*

Vim aqui hontem hospedar-me, aqui onde já ninguém de boa familia e fino paladar se hospeda. Vim para conversar com os phantasmas dos meus amigos e commensaes de ha trinta annos. Aquartelei-me na alcôva que eu d'antes preferia. Aqui estão, — o mesmo leito de nogueira, as mesmas tres cadeiras de cerdeira com a palhinha renovada, a meza de páo sancto com

o panno verde esfarpellado e poído do attrito dos cruzados-novos, nas infandas noites de tavolagem; reconheço a banquinha de cabeceira com as suas luras de insectos, entupidas de verniz recente, e a meia-commoda de viuhatico com o seu toucador de bordel economico a bamboar enforcado entre dois postes de flandres pintado.

Alta noite, com a perspicacia praxista de um tabellião de notas, reconheci, de que dou fé, as mesmas pulgas, e observei com horror que os persevejos usavam ainda a infame gymnastica de se precipitarem sobre mim do tecto onde se tinham refugiado das fricções de therebentina applicadas com pulso gallêgo ás cavernas do leito.

Debaixo do meu quarto, até ao romper da alva, fizeram-se orgias baratas de cerveja da pipa. Poetas bebados diziam sonetos elegiacos, e votavam, esmurraçando as bancas, por Victor Hugo contra Zola — um porco, diziam, que enloacava em suas novellas toda a esterqueira dos estabulos de Augias. Um poeta baudelairiano declamava as blasfemias de Richepin gloriosamente como se fossem d'elle, protestando que Lamartine, o piegas, era um jesuita da pebr especie, e que Victor Hugo era uma cachexia em alexandrinos. Depois, fecharam-se as portas da *brasserie* estrondosamente, pondo terramotos na velha estalagem; e os poetas, no largo da Batalha, muito desequilibrados em curvétas, saudavam com zigzags e gestos largos a Aurora, vociferando estrophes do *Firmamento* de Soares de Passos e gólfos de cerveja aziumada.

Eu andava então passeando no meu quarto entre os phantasmas dos meus amigos mortos, e perguntava á Providencia inventora porque fizera o percevejo acrobata e o poeta abeberado nos Ideaes da cerveja da pipa.

A's nove da manhã, entrou um hospede no quarto contiguo ao meu. O creado chamava-lhe *snr. visconde*. Perguntei d'onde era o visconde. De Travanca, disse. Maravilhou-me ver um titulo em tão reles estalagem!

Eu tinha ali conhecido, havia muitos annos, um morgado de Travanca, Christovão Coelho, o terror dos maridos das duas Beiras, onde passava por ser o pai extra-juridico de todos os filhos das casas illustres. Eu não o vira desde 1855, nem tinha a certeza de estar ainda vivo aquelle Escandalo, roído de remorsos no solar de Travanca. Passou-me pelo espirito se o visconde recém-vindo seria algum dos filhos do morgado, ou se elle mesmo, perdida a esperanza na restauração do absolutismo, se equiparara ao filho de um seu antigo abegão, o Zé Tacha que estava visconde. É o que acontecera. O meu amigo Christovão Coelho — dos *bons* Coelhos, raça de Pero Coelho, um dos *brutos matadores* de Iñez de Castro — era o visconde de Travanca com quem me abracei na casa do almoço e por quem fui abraçado com as ternuras arrebatadas de uma estrangulação inter-costal.

Conversámos largamente a respeito das senhoras do Porto que elle tinha amado entre 1843 e 1855 — dose annos de um dom-juanismo obsceno, que teria levado á fria campá procissoeus lugentissimas de Elviras, se ellas não tivessem fallecido pelos processos ordinarios, — enterites, cystites, anazarcas, leucorrhœas, de hemorragia como Dido, ou de alegria como Leão x e *Maria Rita*.

Entrámos depois no seu quarto e ajudei-o a desfardelar o bahu, o antigo bahu, que eu conhecia, de coiro cõr de melaço, com pregaria branca e as iniciaes *C. C.* em chapa de bronze no dorso da tampa.

Que saudade!

Eu tinha assistido varias vezes á extracção das coisas contidas n'aquella arca. Encontro ainda agora

na minha memoria a topographia exacta do interior do bahu de Christovão, ha trinta annos.

Tinha repartimentos, taboleiros sobrepostos para as casacas e *riding-coat's* do alfaiate Keil; para as camizas aniladas e coletes brancos rutilantes de gomma, e outros de setim com ramagens a matiz; para as ceroulas pespontadas e piugas listadas de fina escossia. A secção das gravatas de côres espaventosas em florescencias intertropicaes fazia ophtalmias com os seus alfinetes cravejados de esmeraldas, rubis e diamantes. A um canto do fundo havia uma bocêta de veludocramezi com o epistolario amorosc, massetes de cartas cintadas com fitas setinosas, rapilhetes de flores murchas, quatro ligas elasticas desirmanadas que bem se via serem de quatro pernas opulentas, um sapatinho de setim *gris-perte* que envergonharia o pé que o lyrisimo de Fernando Caldeira poz em perpetuo muzeu; mais um caracol de cabello ruivo e uma trancinha negra innastrada em laço verdegaio, e outras trancinhas, de modo que o duque de Borgonha não teve decerto tantas torcidas de cabellos varios para intrinçar o tusão d'oiro. Havia alguns retratos á Daguerreo-typo coloridos, com as mãos esparramadas no ventre, os labios em cereja bical, e os olhos espantados, com uma fixidez sinistra, hystérica, de doúdas d'amor. Ao cimo da bocêta estavam alguns cadernos de papel-setim, tarjado de grinaldas coloridas, por entre as quaes espreitavam Cupidos que desfechavam flechas a corações vermêlhos sobre que pousavam casaes de pombas bicando-se com lubricos tregeitos e denguices. Este papel insidioso era o vehiculo das paixões tartarisadas do morgado. Muitas madamas portuenses maiores de 60 annos devem ainda possuir autographos n'aquelle papel chinez, em que algumas podem ler a certidão de obito dos seus corações, frêchados por aquelles Cupidos,

Corações que estalaram e gottejam
Não já sangue de vida, mas delgado
Sôro de estanques lagrimas...

como d'essas damas e de Luiz de Camões disse Almeida Garrett.

*

Assisti, pois, ha dois annos á tiragem da fatiota modesta, quasi jarrêta, feita em Celorico da Beira ou comprada a ôlho no algibebe Nunes & Filhos. Botas de elastico espipado com as tres solas, talvez suggestoens sur. R. Ortigão. As gravatas de molas um pouco sebaceas, as camisas bastante encardidas, e os lenços apropriados ao functionalismo distillatorio do meio grosso.

Entretanto, eu fitara os olhos na boceta-cramezim. Lá estava no mesmo cantinho, mas muito desbotado e rapado o veludo, com umas nodoas oleosas. Que teria dentro a boceta?! Seriam ainda as cartas, as flores mirradas, as ligas, os caracoos, o sapatinho, os retratos de umas senhoras venerandas que áquella hora estariam dando açorda aos netcs ou esvoaçariam no azul, aggregadas á pleyade das 115000 virgens?

Elle, porém, tirára tudo do bahu, excepto a boceta, e baixára a tampa da arca sobre o mysterio. A civilidade aconselhada pelo snr. dr. João Felix não me permittia interrogal-o a tal respeito. Pareceu-me até que elle desejava estar sósinho, por que muito a miúdo punha as mãos estatelladas na região hypogastrica e dizia lamentosamente: « Estes intestinos são a minha desgraça. Qualquer pequena jornada m'os irrita e me atordoa... »

— Que tomasse semicupios; receitei e sahi.

*

Antes de jantar, fui hontem ao quarto do visconde e vi a boceta sobre o lavatorio. Como não estivesse hermeticamente fechada, lobriguei o que quer que fosse que não era decerto cartas, nem flores, nem ligas, nem tranças nem retratos. No logar do sapatinho via-se uma seringa de Eguisier, deitada e enroscada nas volutas do seu tubo, a gottejar ainda pela torneira mal-vedada um residuo engordurado de oleo de mamona sobre o veludo em que tinham amarellecido os *bouquets* das Elviras.

Uma seringa !

Então comprehendí que o fogo thoracico do gentilissimo morgado de 1855 descera aos intestinos inferiores do visconde de Travanca de 1883. Assim devia ser porque ha Deus e Justiça. A rocha Tarpeia d'estes heroes capitolinos chamados Tenorio, Lovelace e Christovão são as hemorrodias. Do coração ao sacro não vae mais que um passo. O snr. Guerra Junqueiro quando matou *D. João* esqueceu-se do instrumento mais afflicto d'esse homicidio — a seringa.

*

Ora eu, depois que vi aquillo, recolhi ao meu quarto e chorei amargamente a sorte d'elle e a minha.

O JASIGO DE A. HERCULANO



PORTARIA do mosteiro augustiniano, da Piedade, em Santarem, chegou em 1762 um homem na flôr dos annos a pedir o habito. Mostrou pelos seus documentos chamar-se João Correia Botelho, e ser de Villa Real de Traz-os-montes. Viera de longe propellido por uma grande catastrophe. A profissão era o acto final de uma tragedia que eu escreveria froixamente n'esta minha idade glacial, se tivesse vida para urdir o romance intitulado *Os Brocas*. Como a historia é enredada e de longas complicaçoens, nem ainda muito em escórso posso antecipal-a. Se eu morrer, como é de esperar da medicina, com a malograda esperanza de escrever esse livro, algum de meus sobrinhos encontrará nos meus papeis os elementos organicos de uma historia curiosa e recreativa.

*

O pae do frade augustiniano era Domingos Correia Botelho, meu terceiro avó paterno. Este homem casára

duas vezes. Quando, já velho, contrahiu segundas nupcias, entregou aos filhos da primeira consorte os seus avultados patrimonios. João Correia, ao vestir o habito de agostinho descalço, era rico. O outro filho, Manuel Correia Botelho, meu bisavô, residiu em Villa Real. Havia mais duas filhas que professaram em um mosteiro de Abrantes. E, como a segunda esposa lhe morresse, o viuvo com um filho e duas meninas do segundo matrimonio, foi residir em Santarem; onde o chamavam o amor e a saudade do seu desgraçado João.

Domingos Correia morreu á volta dos oitenta annos, e confiou á protecção do filho frade os seus meio-irmãos José Luiz, Anna Bernardina e Joanna.

Em nome de José Luiz Correia Botelho, comprou frei João a quinta de Gualdim, na Azoia de Baixo, onde foi residir a familia. Depois, ainda a expensas do frade, uniram-se á quinta algumas propriedades circumvisinhas, esculpiram na casa o seu brasão de armas e ahi permaneceram até que este ramo da familia Correia Botelho, no lapso de vinte e cinco annos, se extinguiu.

José Luiz, cavalleiro professo na ordem de Christo, dotara sua irmã Anna Bernardina com a quinta de Gualdim e suas pertencas, para casar com um Ferreira Mendes. Por morte d'este sujeito, casou D. Anna, em 1794, com Pedro Vieira Gorjão, da Villa de Torres. (*)

Não teve D. Anna filhos de algum dos maridos;

(*) Ao meu bom e velho amigo Francisco Palha e ao illustre escriptor o snr. conselheiro Julio Lourenço Pinto, ex-governador civil de Santarem, devo a posse dos documentos que verificam esta succinta noticia. O theor do registro de casamento de D. Anna Botelho é o seguinte: *Aos 25 do mes de março de 1794, em a ermida da quinta de Gualdim, freguezia de Nossa Senhora da Conceição da Azoia de Baixo se receberam por marido e mulher Pedro Vieira Gorjão filho legitimo de Manoel*

mas em 1807 chamou para a sua companhia um afilhado e sobrinho do segundo esposo, que tambem se chamou Pedro Vieira Gorjão.

José Luiz Correia Botelho falleceu em 4 de março de 1808, e sua irmã em 1811, legando os seus bens ao afilhado Pedro, sobrinho de seu marido. Este herdeiro universal dos bens comprados pelo frade, veiu a ser o general de brigada Pedro Vieira Gorjão, que nascera em 28 de maio de 1806, e falleceu na quinta de Gualdim em 9 de agosto de 1870.

Aquelle general foi, como é notorio, particular amigo de A. Herculano. E' tambem sabido que o cadaver do egregio historiador, sete annos depois, foi encerrado no jasigo do seu defunto amigo.

Eu não sei se o general Gorjão removeu do carneiro da capella de Gualdim ou do pavimento da igreja de Azoia para o jasigo construido no adro, os ossos dos Correias Botelhos, e especialmente os da sua madrinha, que privára os consanguineos da herança para lh'a transmittir a elle. E' natural que sim, tanto mais que *a velha casa* (segundo informa o snr. João Rodrigues Ribeiro, illustrado cavalheiro de Santarem) *tem sido reconstruida em epochas diversas, e actualmente pouco existe da antiga vivenda. Está tudo reduzido a edificações modernas, leves e proprias para estabelecimento agricola muito irregular.*

*

Antunes d'Abreu e Maria Vieira dos Santos, moradores no logar das (...?) freguezia de Santa Maria da Villa de Torres Novas com D. Anna Bernardina Botelho de Carvalho, viuva que ficou de João Antonio Ferreira Mendes, moradores na sua quinta de Gualdim, filha legitima de Domingos Correia Botelho já fallecido e de D. Maria Moutinho de Carvalho naturaes da freguezia de S. Pedro de Villa Real... Foram dispensados em 2.º e 4.º gráo de afinidade, etc.

Conjecturando, pois, que os ossos de A. Herculano esperam a resurreição da carne, de camaradagem com meu terceiro avô Domingos Correia Botelho, sinto extraordinária alegria, antevendo o meu antepassado, evidentemente um bronco analfabeto, ao lado do primeiro historiador da Península, no dia de Juízo universal!

Por outro lado, contrista-me a idéa de que A. Herculano, na congregação cosmopolita de Josaphat — onde se hade operar a reorganização mucosa e cellular dos estomagos e dos figados — sentirá pejo de se ver ao lado de uns companheiros de jazigo que foram infamados de judeus. Por que meu tio-bisavô José Luiz Correia Botelho (*horresco referens!*) quando professou na ordem de Christo em 1778, viu-se em pancas para contraditar as testemunhas do inquerito que uniformemente asseveravam ser elle terceiro neto do cavalleiro de S. Thiago, Martim Machado Botelho e da judia de Villa Real, Rachel Mendes. Ora eu, acreditando por justos motivos que as testemunhas, todas fidalgos de Villa Real, juraram a pura verdade, presumo piedosamente que a verteranda viuva de A. Herculano e os seus amigos, por ignorancia, collocaram em pessima companhia os ossos do plangente cantor da Paixão de Jesus de Gallilea, crucificado pelos judeus. Alem d'isso, a snr.^a D. Guiomar Torresão que visitou Val de Lobos e a sepultura do insigne Mestre no adro da egreja de Azoia, escreveu por esse tempo uns lucilantes artigos em que deixava entrever o catholicismo do auctor da *Voz do propheta* n'estas expressões eloquentes .. *Entramos na capella* (em casa de Herculano) *no extremo da qual se vê um altar ricamente ornamentado de labores doirados e guarnecidos de valiosas imagens de uma albura marfinea que destacam na penumbra recortando os seus bustos seraphicos.* E acrescenta com litteraria emoção: *Instinctivamente os nossos labios murmuraram*

ali a doce « PREGHIERA » que A. Herculano põe aos pés do crucificado no admiravel prefacio do « PAROCHO D'ALDEIA » e pergunta-se em que obscuro ponto de cazuistica se fundavam esses juizes da consciencia humana que ousaram chamar atheu ao mais crente e virtuoso de todos os espiritos dissidentes do velho dogma catholico. . .

Tambem o snr. Oliveira Martins, sopesando a consciencia religiosa do preclaro escriptor, nos diz no « PORTUGAL CONTEMPORANEO » que *Deus era para Herculano o deus Christão.*

Pois, não obstante a capella e as imagens idolatricas dos santos em altares ricamente ornamentados — tanto monta que sejam bellas esculpturas como grosseiros manipulansos — a minha razão, reagindo aos escrupulos, suggere-me que Alexandre Herculano, o incomparavel auctor da *Origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal*, — elle que nos fez chorar sobre a sorte desastrosa dos hebreus — não se envergonhará de resurgir da sua primeira para a segunda immortalidade entre os obscuros e malsinados descendentes de Rachel Mendes, a judia, por alcunha a *Barbada*, minha 5.^a avó.



OS JESUITAS E A RESTAURAÇÃO DE 1640



M um d'estes dias, o snr. Castelar, no congresso dos deputados, segundo affirma grande maioria da imprensa portugueza, disse: *Não sou adversario dos jesuitas nem dos pedreiros livres; mas protesto contra um poder tenebroso que arrancou Portugal das mãos da Hespanha para o dominar e fazer d'elle o Paraguay da Europa.*

Isto fez uma commoção irritante no apparêlho nervoso d'este Portugal sensível, ou por que a condição de paraguayos nos baixa á ignominia de semi-barbaros, ou por que o grande tribuno hespanhol, attribuindo á Companhia de Jesus o grito redemptor de 1640, nos obriga a considerar os jesuitas os promotores heroicos da nossa gloriosa restauração. Qualquer que seja a hypothese dominante nos azêdos queixumes do jornalismo portuguez, encontram-se n'essas expansões patrioticas satiras em prosa e verso.

O *Diario Illustrado* pergunta aos admiradores do snr. Castelar que conceito lhes merece, depois de tão grave injuria, o seu dilecto orador. *Argus*, o jovial An-

tonio de Menezes, no mesmo *Diario*, frêcha com umas rimas percucientes o volcanico tribuno :

*Acha o snr. Castelar,
Teima e da birra não sai,
Que Portugal, mais ou menos,
E' outro Paraguay.*

*Paraguay! elle é triste,
E causa assim desconsolos ;
E' verdade que antes isso,
Que o homem chamar-nos tolos.*

.....

*Paraguay! Essa injuria
Has de amargal-a qual fel...
Etc.*

Outro diario, o *Corrio da Noite*, regista como apocrifas as phrases imputadas ao eminente tribuno.

Se taes palavras tivessem sido proferidas, acrescenta o referido jornal, a injuria teria sido sangrenta, e ainda mais para a verdade historica do que para a nossa dignidade e para os nossos sentimentos liberaes. O illustre publicista do *Correio da Noite* intende acertadamente que a verdade historica seria offendida, adjudicando-se aos jesuitas a portentosa empreza de emancipar o reino do jugo de Hespanha ; exagera, porém, a offensa feita aos nossos sentimentos liberaes. Se o snr. Castelar houvesse dito que a Companhia de Jesus nos reduzira á docil obediencia dos paraguayos, não haveria injuria proxima nem remota na hyperbole. Queria dar a perceber que os portuguezes do seculo XVII estavam fanatisados pela educação jesuitica como os paraguayos no seculo XVIII. Ora isto havemo-l'o nós dito e paraphraseado de varias maneiras, com todas as grandes e pequenas iniquidades da rhetorica.

E, com o louvavel intuito de resalvar o poderoso

orador d'esse supposto aleive historico e depressivo da nossa dignidade, o *Correio da Noite* restaura as locuções genuinas do snr. Castellar, com as que encontrou no seu discurso publicado em *El Globo*. Os dizeres que parecem ser os authenticos, por que aquelle jornal é *castellarista*, são os seguintes: *No soy partidario de los jesuitas ni participo de las supersticiones de los masones contra ellos; lo unico que me subleva la conciencia, cuando de los jesuitas hablo, es lo mucho que la Orden contribuyo, ingrata! á la separacion de España y Portugal, traicion que jamás puede perdonarle España.*

Isto faz alguma differença: a phrase está um pouquinho amellaçada; mas o odio ao jesuita, porque muito collaborou na nossa independencia, denota que o insigne orador, indignado com a separação, não permite que a Hespanha jámais possa perdoar aos jesuitas. Se aqui houvesse verdade historica, se os padres da Companhia nos houvessem restituído a autonomia, a mim parecia-me justo que nós os portuguezes lhes perdoássemos esse delicto, e que Hespanha os abominasse eternamente.

Mas não ha a necessaria exactidão na conjectura superficialissima de que os jesuitas se encolhessem modesta e anonymamente atraz das capas dos quarenta fidalgos sublevados no dia um de dezembro de 1640. Em um artigo d'esta especie para um diario avêssô a grandes prelecções de historia bolorenta, não posso dar ao assumpto grandes proporções; mas, no fim, porei umas poucas linhas que serão como a epigraphie de mais amplo trabalho, se alguém se importar com estas velharias.

Entretanto, pendo a crer que o snr. Castellar elidiu nas provas do seu brilhante discurso as phrases que vieram pelo telegrapho e alguns jornaes hespanhoes reproduziram. Parece-me que elle effectivamente diria sem proposito malevolo que os jesuitas embruteceram

Portugal para fazerem d'elle o Paraguay da Europa ; e que depois expungisse a figura, não por achal-a injuriosa aos portuguezes, mas para esquivar-se ao labeo de plagiario.

Pois então a phrase está escripta? Acha-se em livro auctorisado, francez ou allemão? Acha, sim, e em livro portuguez, de autor que todos estimam ou devem estimar, livro com ediçoens reproduzidas, obra de historia que rarissimas vezes se desvia da linha recta da critica. Alludo á HISTORIA DE PORTUGAL do meu talentoso amigo o snr. Oliveira Martins.

No cap. intitulado *Educação dos jesuitas*, tom. II, pag. 72 da 2.^a edição, o snr. O. Martins escreve: «Desnaturalisados e desnacionalisados, os portuguezes eram, nas mãos da *Companhia*, uma excellente materia prima, um barro de qualidade rara, para se moldar a todas as fôrmas que aos oleiros do Senhor approuvesse dar-lhe.» E continua: «Filho amado, *seu Paraguay na Europa, a Companhia* reconheceu por fim que lhe não convinha ver Portugal agrilhoado á vizinha Hespanha.»

Aqui está em primeira mão, cuido eu, a geographia metaphorica — o *Paraguay na Europa*. Teriamos assim encontrado um dos membros importantes do phraseado do snr. Castelar, se elle o exhibisse, como uns affirmam e outros negam.

Agora, esgaravatemos no mesmo livro a formula inaceitavel da restauração de 1640 cooperada supremacialmente pela Companhia de Jesus. A pag. 73 e 78 acham-se os fios de que o snr. Castelar urdiu o outro membro do seu trêcho parlamentar. Escreve o nosso historiador: «... O Portugal restaurado em 1640 era, como devia ser, um bom filho da *Companhia*, uma sombra apenas, uma creatura sem phisionomia, nem character, passivo, obediente, nullo, idiota e beato.» Isto assim redigido não estabelece que os jesuitas arrancas-

sem Portugal ás garras da onça do Escurial; mas ha outro relanço mais explicito: «N'um homem que foi para D. João IV o que o *grão doctor* fôra para D. João I; n'um homem superior e forte que está á frente do moderno Portugal, como o guia, o mestre, o fundador; multiforme na capacidade, omnimodo na acção, missionario e diplomata, financeiro e estadista, e, por sobre isso, philosopho, moralista e litterario; n'esse homem que é o padre Antonio Vieira, o jesuita, apraz-nos ver, ao mesmo tempo, o espirito da *Companhia* no meiado do XVII seculo, e o genio da nação, formada no seio da sociedade de Jesus, por ella educada, *por ella restaurada á independencia politica.*»

Sublinham-se as palavras que podem ter sido re-fundidas na formula absolutissima do snr. Castelar, não descontando o geito raro que o snr. Oliveira Martins manifesta no genero *allegorias*, sustentando-as com muito engenho, e descravizando-se do jugo da historia positiva, ás vezes, liberrimamente.

E, como o snr. Oliveira Martins se compraz de ver no padre Antonio Vieira o *espirito da Companhia* e o *genio da nação*, tentarei rapidamente mostrar o quinhão que teve o jesuitismo, symbolisado na pessoa de Vieira, na restauração de Portugal.

Em 1640, o celebre orador estava na Bahia, de todo estranho ao movimento politico de Portugal. Em 1641 regressou ao reino acompanhando D. Fernando de Mascarenhas, filho do vice-rei marquez de Montalvão, governador do Brazil. É, pois, claro que o jesuita não teve parte nos planos da conjuração de 1640; por que da sua correspondencia não consta que elle tivesse aviso das secretas tentativas começadas em 1637.

O navio, em que vinha o padre, sacudido pela tempestade á praia de Peniche, foi assaltado pelos patriotas que tentaram matar D. Fernando e mais os dois jesuitas, suspeitos de traição á patria restaurada. É

claro que os portuguezes revolucionados não davam nada pelo patriotismo da Companhia de Jesus, nem se sentiam influenciados pela sua educação. Estava alli o mais abalisado da sociedade, e queriam dar cabo d'elle. Escrevia o pavidó jesuita: *Aos 28 de 641* (no auge do terror nem se lembrou do mez) *chegamos a Peniche, onde quizeram matar o Marechal; aos 29 de 641 me quizeram matar, e me prenderam.*

D. João IV recebeu-o no paço, descobriu-lhe o talento, e chamou-o á intimidade do seu conselho. Os jesuitas, em vez de se regosijarem com essa intimidade, desconfiaram que o padre tramava com o rei cercar-lhes as prerogativas. Claro é que entre o rei e a Companhia havia um desacordo que os distanciava. Disseram ao soberano que a Companhia de Jesus expulsaria o Vieira do seu gremio, por lhe ser suspeita a intimidade com a corte. D. João IV, para esbofetear indirectamente os jesuitas, offereceu a Vieira uma mitra; e elle respondeu que *não tinha sua magestade tantas mitras na sua monarchia pelas quaes elle houvesse de trocar a roupeta da Companhia de Jesus; e que, se chegasse a sua desgraça a ser despedido, da parte de fora das portas se não apartaria, perseverando em pedir ser outra vez admittido.* Não sei, pois, quando ou como foi que a Companhia manifestou a sua influencia directa ou reflexa na restauração do reino.

E' verdade que o padre Vieira nos apparece em missões diplomaticas de elevada confiança e notabilissimos serviços; mas ahi só vemos o facto de um individuo, operando sempre sem apoio nem alvedrio da collectividade.

Quanto ao patriotismo do padre A. Vieira, o sr. O. Martins, a pag. 109 da sua *Hist. de Portugal*, 2.^a ediç. refere um caso que, bem averiguado, colloca o jesuita na vanguarda dos traidores á independencia da patria. O insigne escriptor descreve o risco em que es-

teve o reino de voltar á escravidão, e o mêdo do rei egoista, e as tentativas de reconciliação com Castella. Diz que o rei *enviára o padre Vieira a intender-se com os jesuitas em Roma. Propunha uma combinação aos verdadeiros soberanos da Europa. O neto, herdeiro presumptivo, e filho do já fallecido D. Theodosio, cazaria com a infanta de Hespanha, e voltaria a fazer-se unido.* Posto que a substancia d'esta noticia seja exacta, ha um lapso na contextura d'ella. O principe D. Theodosio, primogenito de D. João de Bragança, morreu na juventude, solteiro. D. João IV não conheceu netos. Quando o jesuita em Roma tracejava com os hespanhoes o casamento do herdeiro presumptivo, era esse D. Theodosio o noivo que figurava na maquinação. N'essa mesma conjunctura, o padre Vieira escrevia de Roma ao principe aconselhando-o que empunhasse a espada e apparecesse ao exercito no Alemtejo. O principe foi, e ganhou com essa insubmissa audacia o rancor do pai. Depois é que morreu.

Como quer que fosse, o caso referido pelo sr. Oliveira Martins, depois de correcto e ampliado, traduz-se assim: D. Theodosio, cazado com uma filha de Philippe IV, succederia no throno das duas nações, não tendo Philippe filho varão; porém, se viesse a tê-lo, Portugal, governando-se a si, ficaria alliado, confederado com Hespanha.

Mas o peor da combinação é isto: se Philippe não quizesse reconhecer a legitimidade de D. João de Bragança, este abdicaria no filho, casado com a infanta de Castella. Ora, se os jesuitas hespanhoes assignassem o contracto proposto pelo mais egregio dos jesuitas portuguezes, a esta hora o snr. Castellar abençoaria a memoria da Companhia que restituira á Hespanha o seu Portugal usurpado; por quanto, confessada a illegitimidade do pai, a abdicção seria tambem illegitima e um tanto theatral, porque ninguem dá o que não tem e

D. Theodosio deporria o seu deadema tambem illegitimo aos pés do cunhado que se chamou Carlos II.

O meu amigo Oliveira Martins, respondendo aos criticos da sua *Historia de Portugal*, escreveu em tom muito amigavel que eu *não podia esconder um certo fraco pelos jesuitas*. Não, não é isso. O *meu fraco* é uma sincera commiseração por todas as instituições e por todos os homens condemnados que, não podendo ser perfeitamente bons, praticaram fatalmente parte do mal que fizeram. Se, depois dos titanicos demolidores do papado, não apparecessem Domingos de Gusmão e Ignacio de Loyola, — se não se gladiussem peito a peito opiniões controversas, o mundo moral, como nós o conhecemos nos sete mil annos historicos, teria sabido fora dos seus eixos. O equilibrio é o resultado do antagonismo das forças. Se á santa philosophia de Jesus Nazareno não sahisses as hostis paixões dos idolatras, não teriamos christandade; e o seu augusto fundador não seria mais conhecido que Apollonio de Tyane.

Os snrs. Oliveira Martins e Castelar bem sabem. Ha 34 annos, hontem, digamol-o assim, A. Herculano escreveu que o Filho de Deus não parlamentara em Ourique com D. Affonso I; e, ao mesmo tempo, o academico Recreio, um padre muito lido, teimava que sim, que parlamentarã. O academico Recreio seria um paraguayo sporadico? Não. Era uma civilização parada, enkistada talvez em conveniente hypocrisia. E A. Herculano era uma civilização progressiva, com um grande respeito de si proprio, e da soberana independencia da sua razão.

Outro exemplo. Houve um editor rico em Lisboa, de appellido Tavares, que me offereceu alguns contos de reis por uma *Historia de Portugal*, grande, compacta, com um bom recheio de seriedade e de fé, sob clausula de que eu acataria fr. Bernardo de Brito, respeitando a pia fraude do apparecimento do Redemptor

na refrega pouco importante de Ourique. Se eu aceitasse, o honrado editor affirmava que venderia no paiz seis mil exemplares. Contava com seis mil paraguayos no reino? Não. Contava com seis mil sectarios da civilização parada do academico Recreio. Coisa notavel! O sabio que mais testemunhos tradicionaes colligiu a favor da intervenção divina na celebrada batalha foi o mais figadal inimigo dos papas e dos jesuitas. Era o confidente litterario do marquez de Pombal, o oratoriano Antonio Pereira de Figueiredo, auctor da *Tentativa Theologica!*

Em fim, se o snr. Castellar, indusido por uma preocupação historica importada de Portugal, está saturado de odio contra os jesuitas, pode o palavroso orador defecar-se d'esse humor bilioso que não deixa de ser nocivo ás grandes intelligencias. Se a sua raiva implacavel á Companhia de Jesus deriva de ter sido ella restauradora de Portugal, deixe-se de estafar o seu rico moinho de rhetoricas gongorisadas, que os jesuitas estão innocentissimos d'esse roubo á Hespanha. Basta lembrar ao jupiter parlamentar que D. Antonio, Prior do Crato, luctando com Filippe II, apenas teve a seu favor dous jesuitas.

(*) Outro dia (quinta-feira) o meu illustre amigo o snr. Camillo Castello Branco saiu a campo em defeza de Emilio Castellar e dos jesuitas. Correu que o orador hespanhol dissera que os padres da Companhia eram réus do crime da independencia portugueza perpetrado em 1640, e que Portugal se tornára d'ahi o

(*) Pedi e obtive a indispensavel licença para reproduzir a resposta do insigne escriptor o ex.^{mo} snr. Oliveira Martins. Por ella melhor se comprehenderá a replica.

Paraguay da Europa. Estas expressões provocaram entre nós um certo arruido, proprio de pessoas eximiamente patriotas como todos os dias e por todas as maneiras se está vendo que somos.

Veiu o illustre romancista dizer que tanto a phrase como a theoria tinham apparecido em portuguez, e que Emilio Castellar não fizera mais do que repetir o que eu escrevera na minha HISTORIA DE PORTUGAL. E' mais um favor, depois de muitos, que este livro e o seu author devem ao snr. Camillo Castello Branco; e seria motivo para ufanar-me o ser citado na tribuna hespanhola, se porventura a doutrina da parte activa dos jesuitas na revolução de 1640 fosse invenção minha, como assegura o meu citado amigo. Quanto á phrase do Paraguay não vale a pena esquadrinhar-lhe a paternidade, pois até o meu critico hade concordar que é feliz — valha-me a franqueza.

Diz o illustre romancista que o padre Antonio Vieira estava na Bahia em 1640 de todo extranho ao movimento politico de Portugal, para onde somente veiu em 1641; e que por isso não sabe «quando ou como foi que a Companhia manifestou a sua influencia directa ou reflexa na restauração do reino». Ora eu affirmo que o snr. Camillo Castello Branco sabe, sabe muito bem, porque de ha muito tempo lhe são familiares livros como as *Epanaphoras* de Francisco Manuel, o *Portugal restaurado* do conde da Ericeira, a *Deducção chronologica* de massadora lembrança, a *Restauração de Portugal prodigiosa* do dr. Gregorio de Almeida, livro em que «se encontram accumuladas as provas da conspiração e apontados desde os primeiros annos da occupação os nomes de todos os pregadores e religiosos que a hostilizaram com maior ou menor esforço, assim como a prova da liga posteriormente estreitada entre o clero e os sebastianistas. No anno de 1640 os jesuitas disseram que o *Encoberto* das prophe-

cias era D. João IV.» Assim se exprime Rebello da Silva, cuja HISTORIA é tão familiar ao nosso romanista, como as obras acima citadas.

Não importa, pois, ao caso saber se em 1640 o padre Vieira estava ou não no Brazil; porque o padre Vieira, que depois foi o braço direito da Restauração, não resumia em si a Companhia: havia mais padres. A biographia é um excellente auxiliar da historia, mas não supre a falta de outros subsidios. Ao proprio padre Vieira attribue a *Deducção chronologica* a renovação do Sebastianismo que, tendo servido nas mãos dos jesuitas para bater Philippe IV, servia depois para consagrar D. João de Bragança. O Campanella portuguez, como Seabra da Silva chama ao padre, teria editado e refundido as *Prophecias de Gonsalvianes Bandarra, Çapateiro de Correia, natural da villa de Trancoso*, adaptando as trovas á versão nova:

Já o tempo desejado
É chegado
Segundo o signal assenta:
Já se chegam os quarenta (1640)
Que se augmentam
Por um doutor já passado

O rei nono é levantado
Já dá brado
Já toma sua bandeira
Contra a grifa parideira
Lagomeira
Que taes pastos tem gostado

Saia, saia esse Infante
Bem andante
O seu nome é D. João
Tire, leve o pendão
E o guião
Victorioso mui triumphante.

Que o padre Vieira, o visionario, o astrologo, o prégador do Quinto-Imperio, o author da HISTORIA DO FUTURO em summa, era homem para estas cousas é sabido; e a conjuncção de uma capacidade tão superiormente pratica e de tamanhas extravagancias, mostra, quanto a nós, a perversão intima da intelligencia jesuita e o estado morbido da consciencia portugueza.

Deixemo-nos porém de *allegorias*.

Esta lenda do *Encoberto* de que em 1640 os jesuitas fizeram D. João IV, fôra a arma com que elles bateram a dominação castelhana, desde o divorcio da Companhia com essa monarchia hespanhola que tão bem servira em 1580.

Quando foi da expulsão dos jesuitas, conta a *Deducção* que no collegio de Gouveia se achara um exemplar do tomo ou summa do sebastianismo jesuita — o *Jardim Ameno. Monarchia lusitana, Imperio de Christo, Prophecias, Revelações de muitos Santos e Santas, Religiosos e Servos de Deus, Varões illustres e Astrologos eminentissimos que allumiados pelo Divino Espirito escreveram sobre a duração do Reino de Portugal a Deonato com sublimação á Dignidade imperial no Encoberto das Hespanhas e Monarchia Universal, a ultima do Mundo.* — *Encorporadas e illustradas pelo Licenceado Pedreanes de Alvelos, natural da villa de Abiul, Lente de Philosophia na Universidade de Coimbra em ordem intellectiva. Anno de 1635.*

A universidade de Coimbra era dos jesuitas; mais ainda, se é possível, lhes pertencia, porém, a de Evora. E foi ahi que em 1637 rebentou a revolução anti-castelhana, facilmente suffocada. Era ahi que propagavam o sebastianismo jesuita o theologo Sebastião do Couto, e os padres Alvaro Pires Pacheco, descendente do grande Duarte Pacheco, Gaspar Correia e Diogo Lopes. Os padres da Companhia, eram os mestres da mocidade da terra, e os directores espirituacs,

não só das familias illustres, mas até das mais humildes e obscuras. Senhores do pulpito, do confessionario e da cathedra, valiam-se da eloquencia sagrada, da authoridade do magisterio e da reputação de santidade para minarem lentamente o coração aos povos, divulgando a crença de um novo imperio promettido proximamente pelas prophecias e prodigios recentes á fidelidade portugueza; e, a pretexto de zelarem a boa memoria dos principes naturaes e as recordações da independencia perdida, estimulavam a saudade do passado e o aborrecimento do presente. Grande fôra a imprudencia do governo hespanhol em levantar contra si gente tão poderosa. E' proximamente isto o que, ácerca da revolta popular, diz Rebello da Silva.

No anno anterior (16 de março de 1636) um edital do bispo de Nicastro, collecter apostolico (Os jesuitas eram então omnipotentes em Roma) atacara abertamente a doutrina do liv. 1, titulo XVIII das *Ordenações* do Reino. Já os jesuitas passados os tempos heroicos, eram principalmente uma sociedade internacional de intriga e commercio. Ao edital responderam as cartas regias de 3 de fevereiro de 1637 ao Procurador da Corôa Thomé Pinheiro da Veiga, e ao proprio bispo censurando-o. Depois, o edital é julgado, e contra elle sai o Accordão da Relação de 28 de março de 1637. O andamento d'este processo, que interessava pecuniariamente os jesuitas, prendia-se com o caso da sublevação do *Manoelinho* em Evora, insurreição grotesca e digna dos seus chefes.

Abafada a revolta popular, não se liquidou o processo. A corôa insistiu no cumprimento do accordão, e expulsou de Portugal o bispo de Nicastro, que respondeu á injuria excommungando os juizes. Tal era o estado das cousas desde 1639, quando a conjuração de 1640 poz no throno D. João IV, o novissimo *Encoberto*.

Diz a *Deducção chronologica* que os jesuitas treme-

ram quando viram acclamado a D. João IV: illusões verdadeiras ou affectadas do jurista pombalino! Nem D. João IV era pessoa de quem ninguém tivesse que tremer, nem, segundo conta o proprio Seabra, os jesuitas habeis estavam de mal com o novo governo. O padre Nuno da Cunha, que fôra o successor do bispo de Nicastró em todo o pleito, logo a 5 de dezembro, quatro dias depois do celebre, estava no Tribunal do governo interino como zeloso e diligente commissario do snr. D. João IV.

Tudo se arranjou commodamente depois, e «em fim d'esta dolosa negociação e com os bons serviços que d'ella se seguiram adormeceram os ditos regulares o Governo supremo d'este reino, em forma que o fizeram esquecer do passado e ficaram introduzidos com o mesmo governo para n'elle mecherem tambem ao fim de o arruinar no futuro da mesma sorte que o haviam arruinado no preterito.» Assim se exprime, na sua prosa arrevesada o *ponderoso* Seabra da Silva; assim Portugal se tornou nas mãos da dynastia de Bragança o Paraguay na Europa.

E ahi tem o meu nobre amigo, o snr. Camillo Castello Branco, as rasões pelas quaes eu defendi «a formula inaceitavel da restauração de 1640 cooperada supremacialmente pela Companhia de Jesus», para me servir das suas proprias palavras, sempre expressivas.

Com tudo isto não pretendo instruir a quem é tão lido nos casos e curiosidades do seculo XVII portuguez: fui apenas forçado a dar esta explicação para que o publico não ficasse suppondo que no caso dos jesuitas havia *allegoria*, pois parece-me que o illustre romanista dá a esta palavra a significação de peta.

Se não receasse tambem que lhe desse a de divagação, generalisação ou cousa semelhante, abrindo o meu mestre Ranke, author que deviam saber de cór todos os que tivessem de tratar da Companhia de Jesus,

pois ninguem, que eu conheça, a estudou melhor; abrindo o meu mestre Ranke, transcrevia as paginas superiormente pensadas em que o historiador allemão pinta a transformação de temperamento da Sociedade na primeira metade de XVII seculo, mostrando como a consolidação definitiva do poder de Richelieu em 1622 a levou a divorciar-se da Hespanha, cuja monarchia theocratica não quadrava aos seus designios ultramontanos e cosmopolitas. Diria, como a companhia, tendo conquistado Portugal, tambem divorciado da Hespanha, fez d'este canto do mundo o seu *Paraguay da Europa*, e de Lisboa a capital da sua agencia internacional de negocios bancarios, commerciaes e agricola-ultramarinos.

Esse estado durou até ao Marquez de Pombal que varreu para longe os vendilhões do novo Templo; depois d'elle e por mais que fizessem, este Paraguay ficou perdido para sempre. Se o sr. Emilio Castelar disse que elle existia ainda hoje, cometteu um grandissimo erro. Não somos já Paraguay, porque perdemos o habito de obedecer; mas sem tambem ganharmos a sciencia de governar, o nome que nos convém é o d'aquelle estado de que D. Quixote fez rei a D. Sancho. O nome de Barataria está-nos abonado pela authoridade de Garrett.

OLIVEIRA MARTINS.

Do conciso artigo do meu illustrado amigo o snr. Oliveira Martins a parte que me parece mais essencial ao assumpto recortal-a-ei em dois argumentos com as respostas. O processo é velho; mas tem uma simplicidade servical.

O artigo, porém, ás vezes, tem relanços que não podem ser inscriptos como argumentos. Dizer o meu amigo, por exemplo, que *eu sahi a campo em defeza de*

Emilio Castellar e dos jesuitas. Se eu defendesse o tribuno, demonstraria que Portugal era o Paraguay da Europa. Se defendesse os jesuitas, dar-lhes-ia na restauração do reino o papel importantissimo que lhe distribuiu o theatral declamador. Do meu folhetim, se percebeo o que escrevi, não consta isso.

1.º ARGUMENTO

« Que no anno de 1640 os jesuitas disseram que o *Encuberto* era D. João IV. »

Não duvido que os jesuitas dissessem isso depois da restauração; mas que o prégassem antes d'ella, em 1640, não o acceitarei sem provas inconcutiveis. O snr. Oliveira Martins cita auctoridades de quilate insignificantissimo. A *Deducção chronologica* é um livro de combate, escripto clandestinamente em Arroios por Sebastião José de Carvalho. As *Epanaphoras*, onde não li confirmada a proeza redemptora da Companhia de Jesus, são fantasias que já levaram um sabio inglez a cuidar que Alcoforado era um viajante-chronista lusitano. Rebello da Silva, que os amalgamou, e mais outros da laia de *Gregorio d'Almeida*, tem a auctoridade dos seus expositores — muito diminuta, porque o notavel estylista, em historia, copiava sempre, ou desentranhava-se em divagações subjectivas quasi crueis com o leitor.

Quanto ao *Encuberto* do padre Antonio Vieira, apenas conheço um sermão sertanejo prégado em 1634, na Igreja do Accupe, termo da Bahia; mas sejamos equitativos com o padre, que ainda não chegou á senilidade imbecil do « Quinto-imperio ». Elle não crê ineptamente que o infausto estouvado de Alcacer-Kibir resuscite: o que faz é profetisar que um rei portuguez, por emquanto *Encuberto*, ha de emfim descobrir-se. Para isto lá torceu como pôde o texto *Beati pauperes*,

no panegyrico de S. Sebastião, destrinchando umas bemaventuranças *encubertas* no céu d'outras bemaventuranças *descubertas* na terra, e trocadiho d'aqui e paralogismo d'acolá, antithese por cima e hypotipose por baixo arranjou a demonstrar que o martyr de Diocleciano era nada menos que um *Sebastião Encuberto*, protector dos portuguezes. Não lhe conheço outra ingenhoca paradoxal lastimosamente irrisoria como isso.

Nos pulpitos da côrte, antes e depois de 1640, Vieira não fazia alardo d'essas detestaveis prendas, que eram a fina flôr da eloquencia sagrada; nem os prégadores que imprimiram sermonarios nos deixaram testemunho de que o *Sebastianismo* não fosse uma doença circumscripta aos admiradores dos celebrados sapateiros Bandarra e Simão Gomes.

Os prégadores não ousariam vociferar contra o governo intruso, porque sabiam aquella velha historia do mar não produzir pescado em quanto as vagas vomitaram ás ribas de Pedrouços e de Belem cadaveres de frades estrangulados pelos castelhanos e alijados da Cabeça-Secca. Houve um exemplo de coragem de um frade franciscano, fr. Luiz da Natividade, que, em 1638, bradou d'um pulpito de Guimarães que Portugal havia de ter rei portuguez. Este heroico atrevimento não se acreditaria ao longe, se elle não estampasse o sermão, cinco annos depois de restaurado o reino, confirmado pelo depoimento das testemunhas que lh'o ouviram. Se as satyras dos frades sebastianistas fossem vulgares, o franciscano não faria praça do seu patriotico arrojo com o solemne attestado de alguns ouvintes dignos de credito. Acreditam que o feroz Miguel de Vasconcellos consentisse que os frades injuriassem Filippe IV e o bom-senso com estolidas sebastianices?

Ah! o *sebastianismo* é uma preocupação do meu amigo Oliveira Martins, encabeçada em *jesuitismo*. Quatro malandrins conseguem enganar as turbas, fin-

gindo-se *Sebastiões*, e um d'esses, o pastelleiro do Madrigal, acceita o pseudonymo a pedido de um frade portuguez Fr. Miguel dos Santos que morre enforcado como a sua *real* creatura. Os outros são insultados pela propria canalha que os tinha acclamado. Esta reles miseria, que só como curiosidade entre tragica e picaresca pôde ser contada em livros historicos, tomou-a o sr. Oliveira Martins como fio seguro atravez das nebulosidades da alma portugueza no seculo XVII; e ainda, no começo do XIX, se lhe figura predominar n'esta raça celtica o delineamento ethnologico do *Sebastianismo*.

Mas isso de que serve, a fallar verdade? Se se podem naturalmente, e sem o artificio das especulações, registrar os factos, para que se hão de tracejar no vago umas arvores genealogicas de ideaes, de derivações, ingenhosamente ôcas, de causas e effectos? Admiro a habilidade dos mestres n'esse genero, aliás deleitoso, senão instructivo; mas, se pretendo estudar as feições de uma epoca, examino os successos; e tanto quanto posso dispensar-me de symbolos e mythos, retrato as pessoas como sei. No «Portugal Contemporaneo», tão brilhantemente redigido pelo sr. Oliveira Martins, está tudo descripto ao natural, sem mescla de transcenden-
cias abstrusas. Que necessidade temos nós de subordinar factos relevantissimos do seculo XVII ao *sebastianismo*, uma idiotia, que devia fazer rir a gente seria d'esse seculo; — que nenhum historiographo, antes da repulsiva *Dedução Chronologica*, encravou na historia como força influente na restauração da patria? Se isso podesse dar-se, por uma aberração adstricta á alçada da pathologia encephalica, dir-se-ia que não foi o patriotismo, o valor, a honra, a miseria e a desesperação que quebraram as algemas ao Portugal captivo; mas sim uma bestialidade de sebastianistas que fizeram depois as suas provas de demencia em Montijo, em Montes-Claros e no Ameixial.

2.º ARGUMENTO

«A universidade de Coimbra era dos jesuitas; mais ainda, se é possível, lhes pertencia, porém, a de Evora. E foi ahi que, em 1637, rebentou a revolução anti-castelhana, facilmente suffocada... Os padres da Companhia eram os mestres da mocidade da terra, e os directores espirituaes não só das familias illustres mas até das mais humildes e obscuras... Serviam-se da auctoridade do magisterio e da reputação de santidade para minarem lentamente o coração dos povos divulgando a crença de um novo imperio promettido proxivamente pelas profecias... etc.»

Ainda aqui, o meu presado Oliveira Martins estea-se em Rebello da Silva com uma confiança que eu peço licença para não considerar ingenua.

A revolução popular eborense de 1637 foi provocada pelas extorsões executadas pelo corregedor André de Moraes que, sob ameaças de morte, prendera em sua casa o juiz do povo Sisinando Rodrigues e o escrivão João Barradas. Aos gritos dos seus magistrados accudiu o povo — a arraia miuda. Não se viram n'essa sublevação os fidalgos nem seus filhos educados na universidade dos jesuitas, nem d'entre as massas sahiram outros caudilhos além de Sisinando e Barradas. Os fidalgos, se appareceram, foi para enfrear as iras populares. Nem o arcebispo com a cruz alçada, nem os titulares de primeira grandeza vingaram apasiguar a plebe. Era uma revolução do povo miudo, que não sabia nada da Universidade dos jesuitas, nem esperava o *Encuberto*. Tinham-se levantado como os opprimidos dos Paizes-baixos, da Catalunha, da Suissa, da Escossia e da Irlanda, onde não havia iniciações do sebastianismo, ou outro equivalente mytho pateta. Os impulsos reaes d'essas insurreições chamavam-se a tyrannia,

a fome, a miseria, a desesperação. Subordinar o motim de Evora a suggestões jesuiticas de um *novo imperio* é descaracterisar a triste seriedade d'esse acto de desespero, despojar o povo da nobre e cega valentia com que só e desajudado, sahiu a campo e resistiu até ao momento em que os exercitos do duque de Bejar e o marquez de Valparaiso encostaram as alabardas aos muros de Evora.

Os caudilhos e outros populares foram condemnados á morte, enforcados em estatua; mas nenhum padre jesuita foi incurso na devassa, posto que um dos da alçada, o dominicano fr. João de Vasconcellos, filho do regedor da justiça, e inimigo da Companhia de Jesus, viesse desde Madrid com a missão regia de pacificar e conhecer os promotores do motim. Pois o duque de Olivares, se podesse haver á mão a cumplicidade dos jesuitas, é natural que pelo menos os mandasse entaipar a pedra e cal, como D. Antonio prior do Crato fizera aos jesuitas dos Açores.

O snr. Oliveira Martins capitula de *grotesca* e digna dos jesuitas a revolução de Evora, e d'outras cidades onde não havia jesuitas. O *grotesco* está na personalisação de um *Manuelinho*, um sandeu que passeiava a sua enorme corpolencia esfarrapada por Evora, e que apparecia assignado nos pasquins que o povo grudava nas esquinas. Esse episodio burlesco nada tem com a gravidade do successo. Deixemos ao *Romanceiro* de Ignacio Pizarro a memoria historica do pobre doido. O sandeu *Manuelinho* decerto não chamaria sobre Portugal dois exercitos e reiteradas enviaturas de magistrados castelhanos para, de harmonia com os fidalgos portuguezes, applicarem o tumulto.

Creja o distincto historiador que o povo portuguez nunca recebeu educação dos jesuitas, nem o mysticismo preponderou grandemente nas classes mecanicas. Preversas é que ellas eram, quando se tratava de sa-

ciar velhos rancores no sangue dos hebreus. A canalha matava por vingança pessoal, e não por desafronta de Jesus Christo. Mas os jesuitas não tinham implicancia com essas carnificinas, nem disputavam aos dominicanos o direito de concitarem o odio contra os judeus laboriosos, ricos e sufficientemente patifes nas suas veniagas mercantis. A classe sobreposta á plebe tambem refugava a influencia da Companhia e mais a sua educação litteraria.

Lembrarei ao meu amigo um episodio significativo. Os jesuitas de Braga, no começo do seculo XVIII, monopolizando o ensino, fiseram intimar os Congregados e os mestres particulares para que fechassem as aulas. Os mestres e os estudantes, que excediam a dois mil, insurgiram-se em assuada contra a Companhia. Os padres que, na phrase do snr. Oliveira Martins, mantinham *reputação de santidade*, fizeram agarrar santamente os principaes estudantes cabeças do motim, e enviaram-os aos carceres de Lisboa. O povo de Braga quiz levantar-se em peso contra os jesuitas; mas, diz o snr. Castiço, condimentando o caso, *preferiu fazer preces na Sé á Senhora do Livramento* (*) As quaes preces deram de si, como era de esperar, o livramento dos rapazes, sob clausula de que pagariam aos jesuitas muitas tamanhas que deram dinheiro em barda para estragar as pedreiras d'onde saíram as estatuas que lá estão nos *Escadorios dos cinco sentidos*. Qual não seria a ternura d'aquelles dois mil estudantes pela Companhia de Jesus! Parece-me que os dois mil rapazes, os paes, e mais a plebe de Braga (!), assanhados contra os jesuitas, seriam tudo quanto ha de peor no mappa-mundi, menos paraguayos.

(*) "Memoria historica do real sanctuario do Bom Jesus do Monte. 1884. "

Quanto á restauração de Portugal, seria despropósito affirmar-se que D. João de Bragança não teve jesuitas entre os seus partidarios. Dois conheço eu, o padre Francisco Cabral e o padre Manuel Monteiro que D. João IV enviou a Angra com a missão de alliar o governador castelhano do castello, D. Alvaro de Viveiros, com dez mil cruzados e o titulo de conde. E' claro que D. João IV sabia conhecer os agentes habeis para corromperem um mestre de campo incorruptivel. Devia ter outros muitos amigos na Companhia, e eu sei d'outro, o jesuita belga João Cosmander, engenheiro, a quem deu a patente de coronel ; e, uma bella manhã, o coronel jesuita passa-se para os hespanhoes, a revelar o segredo da nossa fraqueza em petrechos de guerra ; mas o Deus de Affonso Henriques castigou-o, porque o traidor morreu debaixo das nossas trincheiras varado por um pelouro portuguez.

D'aqui e d'outras causas procederia o resentimento que D. João IV mostrou contra a Companhia de Jesus, até ao extremo de escandalisar a opinião publica, encarvoando para sempre um grande capitulo da sua historia. Os jesuitas quizeram pôr algum cobro ás demasias sanguinarias da Inquisição ; e, como é sabido, com a influencia do padre A. Vieira, conseguiram perturbar a consciencia do papa. O conselho geral do Santo Officio queixou-se a D. João IV, e o rei reprehendeu os jesuitas n'um documento que pôde avaliar-se pelo ultimo periodo: *E sabei que me descontento muito de ver que no tempo do meu imperio se accrescentem contradictores ao Santo Officio, ao qual, como a mais importante columna da fé n'estes meus reinos, hei de sempre amparar e defender, sem que me atalhe nenhuma affeição nem respeito humano. E particularmente vos digo que em nenhum caso e por nenhum acontecimento hei de consentir que pessoa alguma alcance a isenção*

d'aquelle Tribunal nas materias que lhe tocam, como me dizem se pretende, posto que não acabo de crêr (*).

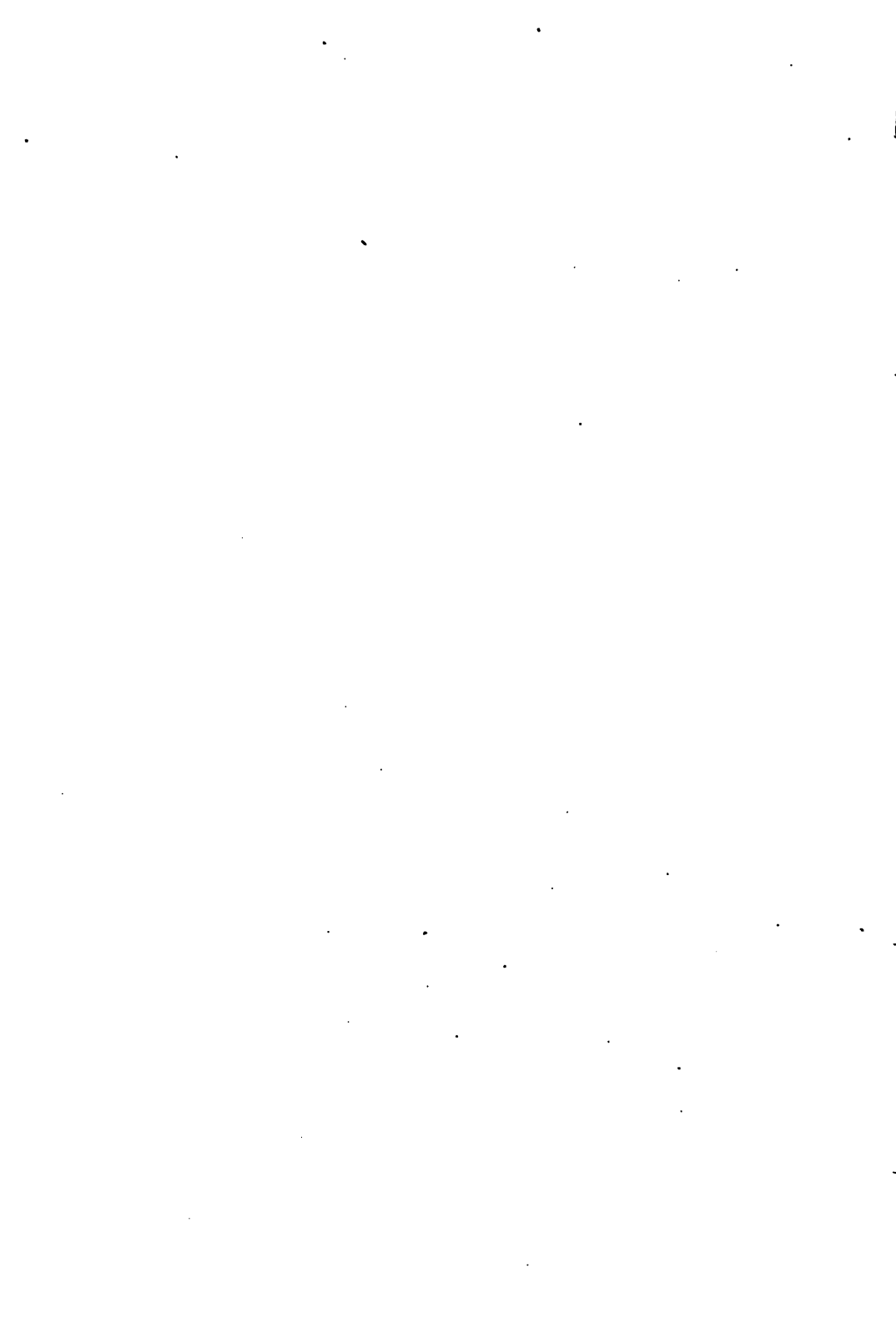
D. João IV devia grandes finezas aos dominicanos. Esses, sim, evangelisavam, confessavam, queimavam, linimentavam com os oleos dos cadaveres carbonizados as ulceras do odio no peito das velhas christandades, comidas de inveja, de podridão moral e de porcaria corporal. Se o jesuita aspirava a um Paraguay, golpeado de rios caudalosos e florestas virgens, e muito crassa estupidez nas sciencias do Renascimento, o dominicano aspirava a um bátratro, cortado de rios de lagrimas, e sarçaes ardentes, com muita estupidez das sciencias extinctas e das que renasciam. Ora, D. João IV estava com os inquisidores, e decerto saberia que os jesuitas o tinham tirado das entranhas podres de D. Sebastião, o *Encuberto*...

Mas o folhetim vai entrando massadora e insidiosamente nos dominios da tyrannia. Tome folego o leitor martyrisado, e peça ao *Primeiro de Janeiro* que se abstenha de lhe servir estas doses de morfina. (**)

1884.

(*) Carta Regia de 9 de dezembro de 1644.

(**) Estes artigos foram publicados no jornal a que se faz a referencia.



SCENAS D'UM DRAMA INTITULADO

TENTAÇOENS DA SERPENTE (*)

ACTO PRIMEIRO

(INEDITO)

Vista de jardim. Escada ao fundo subindo para um angulo visivel da casa. A' esquerda do espectador, uma avenida, para o interior da quinta, arborisada. A' direita, porta gradeada, que communica para o pateo invisivel da casa. Bancos rusticos e caramanchoes. E' ao cahir da tarde.

SCENA I

D. Maria de Nazareth e Antonio de Castro

D. MARIA



IZ bem, meu primo. A paciencia é a riqueza dos infelises. É um beneficio divino. É Deus que a dá como um prisma por onde vemos toleraveis e até graciosas as mais tristes coisas da vida. Afiz-me á aldeia, á solidão, ás noites infinitas, a tudo isto que lhe está parecendo melancolico...

ANTONIO DE CASTRO

Não, prima Nazareth... Eu gosto da aldeia, porque lá nasci, lá fui criado, e não achei no pouquissimo

(*) Drama começado em 1875, e não concluido.

que conheço de Lisboa os contentamentos que me ficaram entre as arvores onde fui ignorante e sanctamente feliz; mas V. Ex.^a, nascida e educada em Lisboa, relacionada com a melhor sociedade, rica e bem-fadada para as delicias da côrte, decerto havia de estranhar muito, quando aos deseseis annos a mudaram das salas do conde do Farrobo e do marquez de Vianna para os arrabaldes de Torres Novas!

D. MARIA

Nem eu lhe posso explicar... nem quero lembrar-me do que senti, quando entrei n'este palacio em ruinas, e me vi sosinha... sosinha, não... Eu era tão infeliz que... nem sosinha estava... Não me era permitido chorar, sem ter de responder com soluços a um interrogatorio que me duplicava o flagello...

ANTONIO DE CASTRO

Como foi este seu casamento? Como lhe escolheram seus pais um marido tão desigual na idade?

D. MARIA

Como foi este casamento!... Poucas palavras o explicam. Da parte de meu pai foi o affecto que tinha a meu marido; da parte de minha mãe foi a submissão em que sempre viveu á imperiosa vontade de meu pae; e da minha parte foi a obediencia dos deseseis annos. Aqui tem. Ha desgraça mais simplesmente explicada? (Sorrindo com amargura).

ANTONIO DE CASTRO

V. Ex.^a não tinha amado nunca?

D. MARIA

Nunca. Provavelmente obedeci, por que o innocente coração me não aconselhava a resistencia. Quando meu pai me disse, com mais gravidade que brandura, que me escolhera marido, ouvi isto sem sobresalto nem curiosidade. Espantou-me a nova, por que tal ideia me não tinha passado pelo espirito; mas nem se quer perguntei a meu pai quem era o escolhido. Foi minha mãe que m'o disse, disfarçando as lagrimas. Se ella não chorasse, eu cuidaria que estava gracejando, quando me declarou o nome de meu marido. Momentos depois, annunciou-se o conselheiro Xavier Penha, que era então ministro da justiça. Era elle... (Sorrindo) era o meu noivo, com quarenta e oito annos de idade, e o coração farto e aborrecido dos prazeres das cidades e das honras sociaes. Era um velho que desejava descansar das luctas politicas no seu solar de Torres-Novas, e gosar a velhice em doce remanço, na companhia de uma esposa de deseseis annos...

ANTONIO DE CASTRO (Sorrindo)

Dotada com 80 contos...

D. MARIA

Exactamente. Aqui tem um destino bonito, não é?

ANTONIO DE CASTRO

Mas a Providencia enviou-lhe o anjo das recom-pensas...

D. MARIA

A minha filha? é verdade... foi ella a mão divina

que me salvou de morrer de tristeza, e me salvou... de mim mesma... (Ergue-se de impeto) e do destino de muitas na minha situação... Ellaahi vem com o pai... Antes que elles cheguem, devo dizer-lhe que Laura o ama, e eu me imponho a obrigação de lutar para que ella não seja desgraçada como sua mãe. A minha parte de resistencia contra o arbitrio, ja que a não empreguei a meu favor, heide empenhal-a a favor de minha filha. Se até agora obedeci a caprichos alheios e á severidade da minha educação, de hoje em diante heide reagir para salvar quem me salvou a mim.

(Antonio inclina-se com affectuoso respeito. O conselheiro Penha e Laura vem entrando do lado da quinta).

SCENA II

Os mesmos, o conselheiro e D. Laura

CONSELHEIRO

Que bello passeio demos pelo bosque! Não se vive aqui tão agradavelmente, primo Antonio de Castro? Vão la dizer aos lisboetas que respirem estes ares saudios e balsamicos!

ANTONIO DE CASTRO

E os lisboetas, quando no inverno estão em S. Carlos, provavelmente deploram a sorte dos provincianos nas suas aldeias...

CONSELHEIRO

Deixemo'-nos de S. Carlos, meu caro snr. Castro. E' pessimo o ar que la respiram os pulmões, e o espi-

rito não se acha em condições mais sadias que a matéria. Gosta muito de theatros e de bailes?

ANTONIO DE CASTRO

Ainda não experimentei esses gosos que assim se chamam convencionalmente. Nasci em aldeia, lá passei a infancia, e gastei a primeira mocidade em Coimbra; depois, como era pobre, dei-me de coração ás delicias dos concursos por espaço de dois annos. Obtive uma delegacia em terra onde não ha idea do que seja theatro, nem baile. Depois, graças ao patrocínio de minha prima Nazareth, fui transferido para Torres-Novas onde espero que as diversões da arte scenica me não desencaminhem de bem me extasiar nas deleitações do código penal.

CONSELHEIRO

E como se vai dando n'esta comarca?

ANTONIO DE CASTRO

Bem; estudo, trabalho, e descanso n'estes momentos em que V. Ex.^a me permite a honra de visitar minhas primas, e ouvir os judiciosos conselhos de V. Ex.^a em materias de jurisprudencia tanto de sua alçada.

CONSELHEIRO

Foi tempo. Já não leio nem recordo o que li. Tratei de esquecer e de me fazer esquecido. Dizem-me que ha muitas leis novas, feitas e refeitas de leis velhas. Muita papellada. Portugal é o paiz da papellada e dos papelloens. Cada deputado novo entra na camara opilado de projectos. Cada ministerio vindo desfaz no mi-

nisterio ido, escondendo-lhe a memoria debaixo das resmas das costaneiras impressas. Gemem os prelos, geme o paiz, geme o senso-commum, geme tudo!

ANTONIO DE CASTRO

Vejo que V. Ex.^a ainda está em dia com o que lá vai por fora da sua thebaida...

CONSELHEIRO

Eu não leio nada. Sua prima Laura é que está ao par da sciencia, ao *par da* sciencia, ou sciencia *parda* das gazetas, que importa o mesmo. Pois não es tu que lês a historia contemporanea no *Diario de Noticias*, minha filha? Conta la a teu primo a grande catastrophe que ameaça a terra dos Affonsos com a grève dos ca-traeiros...

D. LAURA

Eu sei la nada d'isso, papá!..

CONSELHEIRO (sempre ironico)

O' menina, pois não sabes que a grève é o prefacio do petróleo, e que o petróleo é um oleo mineral com que se está fazendo a segunda luz do genero humano? Então não sabes nada! Dar-se-ha cazo que tu leias attentiosamente o artigo de modas, e não te abales com os discursos subversivos dos republicanos do Casino? Agora vejo que as senhoras em Portugal nunca se hão de emancipar da tutela das authoridades masculinas, e ja agora heide sahir deste paiz de bernardos sem ver algumas damas pronunciadas por conspiradoras. . . (Laura tem estado a compor as hastes dos canteiros.)

ANTONIO DE CASTRO

Seria pena que a prima Laura pensasse em politica neste éden onde as suas flores a querem distrahir das coisas tristes da vida homana. Quem tão esmeradamente cuida de flores não desbarata o seu tempo a scismar nas baixezas que amesquinham a alma...

(Entra um creado, vindo do lado da caza, e entrega um cartão ao conselheiro, que lê em quanto Antonio de Castro faz menção de conversar com D. Laura. O creado sahe logo.)

CONSELHEIRO

Ólá! que surpresa! Adivinha, Nazareth!

D. MARIA

Eu sei!

CONSELHEIRO

Chegou a Torres-Novas... quem? imagina..

D. MARIA

Quem é?!

CONSELHEIRO

O conde de Vidoêdo!

(Sobresalto mal disfarçado em D. Maria.)

D. LAURA

Quem é? o conde de Vidoêdo? Não conheço...

CONSELHEIRO

Não me tens ouvido fallar no conde de Vidoêdo, menina? Terias tu quatro annos quando elle sahio de Portugal. Brincaste muito com elle por este jardim... Logo o verás, que elle ficou a mudar de fato e não pode tardar... Não te alvoroçou a novidade, Nazareth?

D. MARIA (com embaraço)

Sim... na verdade... estimo a sua vinda; mas a auzencia tem sido tão longa, e o silencio d'elle tão improprio da estima que lhe dávamos, que eu estava ja quasi esquecida...

CONSELHEIRO

Pois eu não esqueço tão facilmente as pessoas que deveras estimo (D. Maria tem tomado o braço da filha com a qual se retira lentamente.)

O primo Castro tem ouvido fallar no conde?

SCENA III

Conselheiro e Antonio de Castro

ANTONIO DE CASTRO

De Vidoêdo? Sim... estou a recordar-me...

CONSELHEIRO

Pois quem não conhece, pelo menos de nome, um dos mais antigos fidalgos de Portugal?!

ANTONIO DE CASTRO (recordando-se)

Conde de Vidoêdo...

CONSELHEIRO

Setimo conde, entende? Não vá cuidar que elle é algum patarata que remendou com arminhos a jaqueta do pai. Um dos seus avoengos assignava com D. Sancho II os Foraes, e o sangue da dynastia de Avis e da Brigantina está nas suas veias. Seu undecimo avô já era senhor da Ilha... da Ilha... não era das Gallinhas, que esta foi inventada um destes dias... A ilha dos avós do meu parente era...

ANTONIO DE CASTRO (com tristeza)

O conde de Vidoêdo é parente de V. Exc.ª?

CONSELHEIRO

Eu lhe digo o nosso grau de parentesco. A irman de minha quinta avó, a snr.ª D. Isabel de Moscôso Cogominho foi cazar com um filho segundo dos condes de Vidoêdo, chamado D. Christovão de Encerrabodes, que morreu na batalha do Ameixial com a patente de Mestre de campo. Desta snr.ª Cogominho e de D. Christovão de Encerrabodes descendem os Encerrabodes-Cogominhos, familia illustrissima, porém obscura, que vive no seu palacio arruinado a Sancta Barbara. Conhece?

ANTONIO DE CASTRO

Não conheço.

CONSELHEIRO

Ora essa! Nem dos tratados genealogicos?!

ANTONIO DE CASTRO

Eu não sei nada de genealogias, meu primo. Apenas sei a estirpe dos reiniculas. Bartolo gerou João das Regras, João das Regras gerou Barbosa, Barbosa gerou o Pêgas, o Pêgas gerou ...

CONSELHEIRO

Isso tem graça; mas o primo tem obrigação de conhecer pelo menos a Historia genealogica dos grandes de Portugal por que é de muito antiga e clara linhagem ...

ANTONIO DE CASTRO

A proposito de linhagem, vou contar uma historia a V. Exc.ª, se me dá licença.

CONSELHEIRO

Conte lá. (Senta-se. Castro fica em pé)

ANTONIO DE CASTRO

Eu tive um condiscipulo do Porto. Perguntei-lhe um dia em Coimbra se no Porto havia muitas familias de linhagem, não obstante as antigas leis que não permitiam que os fidalgos residissem n'aquella cidade. O meu amigo respondeu-me que havia no Porto tantas familias de antiga linhagem que occupavam uma das ruas principaes e viviam muito ricas, ás avessas das

familias de antiga linhagem em Lisboa. Fui ao Porto ha seis mezes, e encontrei o meu condiscipulo, que se me offereceu para me mostrar as coisas notaveis da sua terra. Foi elle quem se lembrou da conversação que tiveramos em Coimbra a respeito das familias de linhagem. « Vou-te mostrar a rua em que te fallei » disse o meu amigo; e levou-me á rua onde todos os moradores eram ricos e de antiga linhagem ... a rua das Hortas.

CONSELHEIRO

Reparou nos braçoens que tinham á porta?

ANTONIO DE CASTRO

Sim, snr; não eram elmos, nem cabeças de mouros, nem leons, nem escorpioens, nem leopardos, nem castellos, nem vieiras ...

CONSELHEIRO

Então que era?

ANTONIO DE CASTRO

Era linho.

CONSELHEIRO

Linho ?!

ANTONIO DE CASTRO

Sim, snr., linho e algodão d'onde deriva a *linhagem* d'aquellas familias, todas ricas, e nobilitadas pelo trabalho ...

CONSELHEIRO (resentido)

Ora basta de gracejo, primo Castro!... Vem mal a propósito a sua historinha quando se trata do conde de Vidoêdo...

ANTÓNIO DE CASTRO

E' elle homem de bem?

CONSELHEIRO

Se é homem de bem?! E', pois então! Eu não admitto em minha casa senão homens de bem...

ANTONIO DE CASTRO (recordando-se)

Conde de Vidoêdo...

CONSELHEIRO

Eu bem sei de que o primo Castro se está recordando... Lembra-se de ter ouvido fallar de um duello que o conde teve em Lisboa ha onze annos por causa de uma calumnia que lhe assacou um jornalista. D'esse duello resultou que o adversario ficou em perigo de vida, e o conde fugiu para o estrangeiro.

ANTONIO DE CASTRO

E essa calumnia foi?...

CONSELHEIRO

Desculpe... não sou capaz de repetir calumnias com que tentaram infamar um meu amigo innocente.

ANTONIO DE CASTRO

E' nobilissimo o seu proceder, snr. conselheiro.

CONSELHEIRO

Então já sabe quem é o conde?

ANTONIO DE CASTRO

Deve ser o mesmo que eu presumo...

CONSELHEIRO

Um consummado cavalheiro, fidalgo de outras eras, brioso e valente, um tanto dissipador, mas do seu patrimonio; incapaz de se dobrar a governos, como muitos abjectos que eu conheci, quando fui ministro, os quaes me offereceram a consciencia e a degradação dos seus appellidos a trôco de empregos.

ANTONIO DE CASTRO

Mas V. Ex.^a era ministro d'um rei constitucional. Parece que devia ser-lhe agradavel ir conquistando novos adeptos, desvanecendo-os das illuções do antigo regimen.

CONSELHEIRO

Eu sou liberal desde 1817, fui perseguido e homisiado por esses mesmos que depois me mostraram o invez da cazaca cheia de nodoas. Eu respeito a inteireza do character sacrificado ao mais absurdo dogma. Acho mais veneravel a crença de um sebastianista que o scepticismo dos politicos, bandeados em todas as facçoens, que lhes pagam as consciencias com dinheiro

do estado. Não foi assim o conde de Vidoêdo. Ha dose annos era elle um rapaz de vinte e sete. Tendo vinte e cinco de idade, achou desfalcada a sua casa ; eu aconselhei-lhe economias e a retirada da côrte ; recolheu-se a Torres, á sua quinta do Salgueiral, e lá permaneceu dois annos, abstando-se dos prazeres de Lisboa, para onde o impelliam a idade e as paixoens proprias dos vinte e cinco annos, quando se é ainda rico, gentil e fidalgo. Quem isto fez é homem de bem, não o intende assim ? (gesto indeciso de Antonio de Castro) Parece que duvida ! O primo é exquisiteso !

ANTONIO DE CASTRO

Não duvido, snr. conselheiro, de que os homeus de bem procedam assim ; mas nem todos os que assim procedem são homens de bem.

CONSELHEIRO

Não intendo o melhor possivel a distincção...

ANTONIO DE CASTRO

Mas, apesar d'esse bom porte, o conde foi accusado de...

CONSELHEIRO (energico)

Foi calumniado por um aleivoso que lhe desfechou ao rosto a mais pungente injuria ; mas o pundonoroso moço, apenas a viu impressa, correu a Lisboa e cravou uma bala no calumniador.

ANTONIO DE CASTRO

E o calumniador desdisse-se ?

CONSELHEIRO

Não sei.

ANTONIO DE CASTRO

O cravar-lhe a bala, ou matal-o, penso eu que não desmentiu a calúnia. O calumniado justificava-se melhor no tribunal que condemnasse o diffamador. Eu posso ser um infame, e ter melhor pontaria que V. Ex.^a dotado de todas as virtudes. Ouso faser estas reflexoens a um homem de lei, que exerceu benemeritamente o alto cargo de ministro da justiça. O duello não prova nada do que lá se quer provar.

CONSELHEIRO

São acertadas as suas reflexoens; mas alguém as fez e escreveu mais amplamente, e foi bater-se, e morreu no campo. (*)

ANTONIO DE CASTRO

Esse a quem V. Ex.^a allude foi victima do respeito de si mesmo. Recebeu uma affronta publica. A sociedade decidiu que um homem atravessado por um florete fica menos injuriado que outro que soffre uma bofetada. Esse honrado e illustre homem, que morreu d'um tiro, tinha só dois lances de resgate: matar ou morrer. Se o adversario, por generosidade recusasse matal-o, o outro suicidar-se-ia. Peço, por tanto, licença para não aceitar irrespondivel o argumento de analogia que V. Ex.^a citou. Um homem de bem, quando é calumniado e mortalmente ferido na sua honra, justifica-se perante os seus concidadãos: não desafia o diffamador; por que se

(*) Allusão ao conselheiro Jose Julio de Oliveira Pinto.

o mata, a diffamação sobrevive; e, se morre, morre manchado. A coragem de matar ou morrer não prova a honra, no caso do conde; pode proval-a no caso d'outro, que haja recebido um insulto pessoal, um d'esses ultrages que a sociedade marca com o ferrête da covardia, quando o offendido se não desaffronta, matando ou morrendo.

CONSELHEIRO

D'accordo; mas o conde de Vidoêdo, cedendo ao fidalgo impeto de sua dignidade, não teve a sobeja prudencia que o prime louya com os sensatos louvores do sangue frio.

ANTONIO DE CASTRO

Insisto com perdão do meu indulgente amigo. Já V. Ex.^a me disse que não repetia o insulto de que o snr. conde se desaffrontou; mas eu, sem de modo algum querer tentar o pundonor do snr. conselheiro, perguntarei se a opinião publica illibou o conde denegrido pela calumnia.

CONSELHEIRO

Intendo que sim. Nunca ouvi detrahil-o depois; e sei que os seus mais proximos parentes o lastimam como perdulario, mas não como indigno dos seus titulos honrosos. (Faz menção de ouvir tropel de cavallos) Eil-o que chega. (Vai á gradaria que abre para o pateo) Para aqui, para aqui, primo conde!

ANTONIO DE CASTRO (á parte)

Onde eu vim encontrar um infame!... Não posso já evadir-me á apresentação...

SCENA IV

Os mesmos, e o conde de Vidoédo

CONSELHEIRO (recebendo-o nos braços)

Ora venha de la esse abraço! Estás o mesmo rapaz! Parece que te vi assim hontem, e são passados onze annos e meio!

CONDE

E tu então? excellente, remoçado, magnifico! Como está minha prima Nazareth? e tua filha? aquelle lindo anjo que me chamava o seu conde?

CONSELHEIRO

Vamos vêl-as.

CONDE (sentando-se e enchugando o suor)

Espera, primo Penha... Deixa-me respirar... Sinto-me aqui bem... Ca estão o ceo da patria, as noites portuguezas que fazem inveja ás de Florença, arvores, flores, os caramanchoens, tudo que eu conheço da minha mocidade! (Repára em Antonio de Castro)

CONSELHEIRO

Este cavalheiro é Antonio de Castro e Mesquita, primo em primeiro grau de Maria de Nazareth, e delegado em Torres.

(O conde ergue-se, como quem espera que o apresentado se aproxime para lhe apertar a mão; vendo, porém, que o outro se não move, e ligeiramente o cumprimenta, volta a sentar-se com ar de embaçado.)

ANTONIO DE CASTRO (ao conselheiro)

Recebo as ordens de V. Ex.^a. E' noite, e, como o caminho é pessimo, vou retirar-me. .

CONSELHEIRO

Não querendo cá pernoitar, queira dizer a suas primas que desçam ao jardim onde está o conde que as quer ver.

CONDE

Eu não quero incommodal-as: vamos lá.

CONSELHEIRO

Deixa-te estar, se estás bem. A Nazareth como sabes, passa muitas horas da noite no jardim, e a pequena tambem.

(Antonio de Castro retira-se cortejando quase insensivelmente o conde.)

SCENA V

Conselheiro e Conde

CONDE

Que casta de urso é este primo de tua mulher? Veio da Lourinhan, ou é um refinado mal-creado! Observaste a sobranceira ou a brutalidade com que elle recebeu a minha apresentação?

CONSELHEIRO

Observei e admirei. Este rapaz é extremamente

humilde e delicado; não teve educação de côrte, mas recebeu-a do pai que frequentou longos annos o paço, o conselheiro de estado Philippe de Castro, irmão de meu sogro. Não posso interpretar a catadura sombria com que elle te encarou!

CONDE (Reflectindo comsigo, sorrindo, e mordendo o charuto.)

Hãde ser isso...

CONSELHEIRO

Isso quê?

CONDE (distrahido)

Como?

CONSELHEIRO

Disseste que havia de ser isso...

CONDE

Estava distrahido, primo Penha, muito longe d'aqui... Esta cabeça anda sempre com as azas electricas de todos os fios da Europa.

CONSELHEIRO

Como sempre, meu doido! Os quarenta annos são em ti como as vinte primaveras de todos os galans! Quarenta annos! que bella idade!..

CONDE

Quando se não tem vivido a vida dos oitenta, meu caro..., Com que então este teu primo é extremamente

delicado... Pois — palavra de honra! — eu, se elle não fosse primo da snr.^a D. Maria de Nazareth, havia de enviar-lhe ámanhan uns « Elementos de civilidade ». Mas, aqui ha doze annos, mandar-lhe-ia mais naturalmente as minhas testemunhas. Sobre um selvagem pode mais a ponta de um florete que a leitura das regras de educação.

CONSELHEIRO

Ahi estás tu a arder! Vejo que vens como foste, e que a experiencia dos máos resultados desse genio melindroso nada te aproveitou...

CONDE (distrahido)

Hade ser isso...

CONSELHEIRO

Isso què?... (Reparando) Ahi vem Maria de Nazareth.

SCENA VI

Os mesmos, D. Maria, e Antonio de Castro

(A. de Castro fica afastado do grupo)

CONDE

Prima Nazareth, como está V. Exc.^a?

D. MARIA (com muita commoção mal reprimida)

O' primo conde... quanto estimo vê-lo... Foi uma

alegre surpresa!... Tantos annos sem nos dar noticias suas!...

CONDE

Confesso a culpa, contando com o perdão.

D. MARIA

Está perdoado, primo conde ... Eu não o accuso.

CONDE

E seria cêdo para me condemnarem. Quero, se poder, defender-me primeiro. Sahi da patria impellido pela tormenta da fatalidade. Levei saudades que lá fora se converteram em angustias de desesperação. Quando forcejava por escrever ás poucas pessoas que em Portugal me eram queridas, tomava-me o pulso e a cabeça o desalento que afoga a expressão da saudade nas lagrimas. Por espaço de muitos annos não parei em parte alguma, e em parte alguma deixei de ver na minha sombra o judeu errante da lenda. Por fim, quando comecei a sentir o socêgo da alma fatigada de dores, penetrou-me a desconfiança de que as pessoas que me tinham estimado me haviam esquecido. O meu pobre coração soffreu com esta conjectura; depois, resaltou o orgulho proprio do meu espirito, disendo-me que não tentasse readquirir affeições restituídas por méra cerimonia. Aqui tem, minha prima e senhora, a explicação sensata ou insensata do meu silencio. Se me não justifiquei, é porque os desgraçados nunca se justificam bem.

CONSELHEIRO

Estás perdoado; mas justificado, não. Tu sabias que eras n'esta caza mais que parente; eras um amigo.

Deixaste-nos saudades e sinceros cuidados. Sabiamos de ti porque algumas vezes a imprensa nos deu novas tuas, ora de Londres, ora de Constantinopla, ora da Suissa. Emfim, estás comnosco, e absolvido. Tua prima perdoou.

D. MARIA

Eu decerto...

ANTONIO DE CASTRO (a D. Maria)

Prima Nazareth, se V. Exc.^a não ordena o contrario, retiro-me.

D. MARIA

Ordeno o contrario: já lhe disse que não vai esta noite. Sua prima Laura pediu-me que o não deixasse sahir a esta hora.

CONDE (á parte)

Vou percebendo.

D. MARIA (ao conde)

E' verdade, snr. conde, minha filha não vem cumprir V. Exc.^a porque eu não consenti. Fui enconral-a a tossir: constipou-se de tarde a regar as flores, e receio que a frescura da noite lhe aggrave o defluxo. Mandei-a recolher ao seu quarto; mas ámanhan verá V. Exc.^a a creança que tão sua amiga foi há onze annos.

CONDE

Ella ainda se recorda de mim?

D. MARIA

Não... As impressões dos trez annos desfazem-se... Quando V. Exc.^a nos esqueceu, que havia de fazer uma creança?

CONDE (sorrindo)

Tu perdoaste, Penha; mas a prima Nazareth... ainda não.

D. MARIA

Pelo amor de Deus, snr. conde! Eu quiz justificar o esquecimento de minha filha, para que V. Exc.^a não vá culpar de ingrata a innocente menina...

CONSELHEIRO

Conta-nos alguma coisa de Paris, conde. Que fazem os sabios para restaurar a França escalavrada na sua dignidade e no seu territorio?

CONDE

Discutem o adulterio.

CONSELHEIRO

Discutem?! pois isso tem discussão?

CONDE

Tem, pois não tem? Uns dizem que o marido pode matar..

CONSELHEIRO

E tanto pôde que mata. Isso está discutido.

CONDE

Outros dizem que não deve matar.

CONSELHEIRO

Ha maridos que não matam: tambem está discutido.

CONDE

A questão litteraria e humanitaria de Paris é o adulterio em livros, em pamphletos, em novellas, nos botiquins, nos pulpitos, nas praças e nos theatros.

CONSELHEIRO

E nas cazas?

CONDE

Nas cazas?.. lê-se e debate-se a questão; discutem-se os romances, as comedias, e os processos da «Gazeta dos Tribunaes». As senhoras discorrem, e tambem imprimem os seus discursos. Uns maridos como A. Dumas, mandam matar; outros maridos como Emilio Girardin, mandam que não se mate. Outros...

CONSELHEIRO

Mas, em meio d'essa balburdia, a moral sobe ou desce?

CONDE

A moral não desce nem sobe. Eu, pelo menos, não a tenho visto cotada no jogo dos fundos.

(D. Maria, que desde o comêço do dialogo sobre o adulterio se tem affastado, examinando os canteiros de flores com disfarce, tem desaparecido pela avenida do fundo.)

CONSELHEIRO (reparando na falta)

Nazareth retirou-se. Ainda bem ! Podemos conversar francamente.

SCENA VII

Os mesmos, menos D. Maria

CONSELHEIRO

O' primo Antonio de Castro, que pensa o snr. da questão?

ANTONIO DE CASTRO

Que basta a desgraça do adulterio. É luxo de corrupção discutil-o.

CONDE

Variam as opinioens dos auctores quanto a ser ou não ser desgraça o adulterio. A desgraça é uma palavra convencional e proporcionada ao genio de cada sujeito. Um marido sabe que é trahido, e mata; outro marido sabe que é trahido, e janta. Michelet manda perdoar á adúltera; Moisés manda apedrejal-a. Aqui tem a mesma coisa produsindo duas...

CONSELHEIRO (a Antonio Castro)

Que responde?

ANTONIO DE CASTRO (O conde relancêa-lhe um olhar de despeito)

Nada.

CONSELHEIRO

Mas restrinja-se a hypothese o mais individualmente que pode ser: o primo, cazado e trahido, que solução daria á sua honra offendida e ao seu coração ultrajado?

ANTONIO DE CASTRO

Não sei, snr. conselheiro; e, por isso mesmo que não sei, é que julgo a adulterio uma calamidade indiscutivel. Posso questionar sobre actos da vontade sujeita ao raciocinio; mas determinar a sangue frio deveres á paixão, pautar regras ao espirito hallucinado, não sei.

CONSELHEIRO

Conclue, por tanto, que é, sobre inutil, immoral a divulgação do adulterio nos theatros...

ANTONIO DE CASTRO

Se as historias dramaticas do adulterio deixassem no animo do auditorio viva e salutar impressão de horror ao vicio, eu levaria ao theatro minhas irmans e minha mulher, se a tivesse; todavia, se as adúlteras, no theatro, se desaggravam com o desdem dos maridos; se o delicto vem deplorado com lagrimas como a virtude as não sabe chorar; se ellas tentam justificar-se com o fogo de um amor que lhes vai lavrando no sangue até lhes queimar os esteios da honra e do respeito que a si se devem; se o amante tem por si a galhardia que deslumbra, a auréola satanica dos Rollas e dos Tenorios; se o marido tem contra si a phisionomia glacial e lórpa de todos os maridos de comedia; em fim, se o amante é um infame sublime, e o marido... um pobre homem — não levarei ao theatro a minha mulher nem as minhas irmans.

CONSELHEIRO

Sim, snr. : tem a minha plena approvação.

CONDE

As mulheres e as irmans corrompem-se sem irem aos theatros. A peste não está na « Princeza Jorge » nem na « Julia » nem nas mulheres de Claudio. Antes de Aristophanes, e Molière e Crebillon ja havia adúlteras. Os reis ja eram irrisorios quando Offenback lhes vestiu a purpura dos Bobeches. A corrupção não está nos dramas; está na athmosphera. Hoje em dia, a *pureza* é uma palavra que serve para rimar com *belleza* nas quadras de algum poeta de seminario ..

CONSELHEIRO

O' primo conde de Vidoêdo !...

CONDE

Não sei se isto é luz do inferno; sei que está tudo claro como na caza em lavaredas. Sei que toda a gente vê, por mais que lhe condensem as trevas ao redor do espirito. A luz do palco brilha nas mais escuras alcôvas. Os romances nada ensinam bom nem máo. Os livros perversos é a sociedade que os ensina aos romancistas, não são os romancistas que os inventam para darem á sociedade noticia de crimes inauditos.

CONSELHEIRO

Tambem me parece bastantemente racional a réplica; entretanto, eu approvaria que os dramaturgos, nos seus espectaculos de doenças moraes, fizessem sen-

tir bem o asco das pustulas, para que se não diga ahi nos pulpitos e no *Bem-publico* que os vinculos sociaes são desatados por uns a quem corre o dever de apostolar a virtude na medida dos talentos recebidos. Faltam, em verdade, bastantes escriptores religiosos como os do *Bem-publico*, não é assim, primo Antonio de Castro?

ANTONIO DE CASTRO

Lembre-se V. Ex.^a que Seneca divulgava optima moral, quando imperava Nero. E Nero mandava matar a mãe e matava as mulheres e os moralistas. Não são escriptores religiosos que nos fazem falta: o que nos falta é exemplos de bons costumes que pezem mais no animo das multidoens que a leitura meditada dos «Novissimos do homem».

CONSELHEIRO

O que nos falta é o temor de Deus, sobre tudo.

ANTONIO DE CASTRO

Poderemos não o temer; mas somos forçados a sentil-o.

CONDE (á parte, em tom de zombaria)

Epistola de S. Paulo aos de Corintho, capitulo 3.º.

ANTONIO DE CASTRO

Deus é a consciencia remordente do opprobrio; é a consciencia da injustiça, embora a sociedade a não alcance nem condemne; é o tedio profundo que succede á embriaguez dos deleites; é a pobreza affrontosa que aponta o catre do hospital ao dissipador em obras de

deshonra; é a insomnia do malvado que trava da alma e lh'a traspassa dos mesmos espinhos de angustia que dilaceram o corpo vibrante de dores; Deus é o remorso para os que se confessam infames no segredo de sua consciencia; e é o duplo da ignominia para os incapazes de arrependimento. Todos sentimos Deus, snr. conselheiro. Se conseguimos desviar o golpe da justiça humana, não nos orgulhemos de tão fortes nem tão altos que nos não despenhe a justiça divina...

CONDE (sorrindo)

No inferno theologico onde ha o ranger de dentes... (Cortez, mas ironico) O snr. doutor delegado parece-me um excellente moço, bastante lido nos sanctos padres, e uma das raras pessoas em quem actualmente, n'este anno de 1872, se podem encontrar ideas sans a respeito da consciencia. Esqueceu-lhe, porém, excluir da sua apologia deista uma casta de homens com quem Deus não se relaciona mediante a consciencia, porque... porque não lh'a deu. A culpa a quem toca. Desses homens uns vão rolando de abysmo em abysmo; e, lá no ultimo paradeiro, rebentam, morrem sem consciencia do mal, como uma pedra que se despega do topo da serra e se despedaça em baixo sem consciencia de dor. Outros galgam pela desvergonha ao fastigio das nobilitações, e la do alto cospem para baixo no rosto do homem de bem, involto nos seus honrados farrapos. Queira dizer-me, se sabe, em qual d'estas duas especies está Deus...

CASTRO

Em ambas. O que subiu pela infamia cahirá com infamia; o que ficou em baixo no abatimento da honra verá o infame despenhado. Um despirá os arminhos, e ficará coberto de affronta; o outro aconchegará os seus

farrapos do seio, e sentirá os thesouros divinos da paciencia.

CONDE

Bem. Estou edificado, snr. doutor.

CASTRO (sorrindo)

Sem jejuns, nem cilícios, nem confissão-geral, snr. conde.

CONDE (tirando o relógio)

Pois está claro . . . Uma piedade illustrada. São 9 e meia, primo Penha. São horas de partir.

CONSELHEIRO

Não vás hoje; fica. Olha que tens o teu antigo aposento na mesma disposição em que o deixaste.

CONDE

Obrigado. Tenho de ir ámanhan a Lisboa. Heide estar ás trez horas na estação. Desejo despedir-me da prima Nazareth, se a não incommodo.

CONSELHEIRO

O primo Castro faz-me a fineza de a chamar?

(A. de Castro sahe)

SCENA VIII

Conde e conselheiro

CONSELHEIRO (risonho)

Estás admirado do tom apostolico do delegado do procurador régio em Torres-Novas...

CONDE

·Não estou; estes exemplares não são raros. Conheço muitos typos assim evangelistas, e espero sempre que o tempo descubra as rasoens occultas da sua hypocrisia... Ora, meu primo, vou entrar sem preambulos no mais solemne e grave dialogo que posso ter contigo. Não te espantes; mas, se te espantares, não me censures. A minha indole é esta: coração nos labios, franqueza rude á portugueza antiga, e sim ou não. Pergunto: dás-me tua filha?

CONSELHEIRO

Oh! que inesperada pergunta!

CONDE

Ahi está o espanto! Vais dizer-me que eu ainda não vi tua filha, que a tua filha ainda me não viu, que seria preciso manifestar-se reciproco affecto...

CONSELHEIRO

Até certo ponto...

CONDE

Isso é burguez, meu caro primo. Se estudaste a genealogia de nossos antepassados, verias que nossos avós não requestavam nossas avós como de ordinario faziam os nossos criados ás nössas criadas. Os cazamentos eram fallados e convencionados entre os paes dos noivos sem o plebeu preparatorio do namôro. Tu mesmo, primo Penha, cazaste com a precedencia do galanteio? consultaste o coração da noiva? Não; e, com tudo, és feliz, e tua mulher é feliz.

CONSELHEIRO

Assim é; mas olha, conde... Que embaraçosa situação! Espera... deixa-me reflectir... Eu realmente desejo muitissimo que o nosso parentesco se até com mais intimos vinculos... Estimo-te, e quero que os meus haveres vão fazer parte de uma caza illustre onde ja foi cazar uma senhora da minha familia; porém... aqui ha uma difficuldade .. Minha mulher, desde que veio para Torres o primo Castro, raro dia deixou de me encarecer o amor de Laura...

CONDE

Ao delegado?!

CONSELHEIRO

Sim.

CONDE

Oh! soberba aspiração! Eis-me aqui, pois, pretendendo para condessa de Vidoêdo uma menina que acceita a côrte do delegado de Torres-Novas!

CONSELHEIRO

Ja te disse que Antonio de Castro é filho de um conselheiro de estado.

CONDE

E eu sou o setimo conde de Vidoêdo. Bem. Está, por tanto, resolvido que tua filha caze com o delegado de Torres...

CONSELHEIRO

Não; ainda não está nada resolvido. Eu não abduco da minha authoridade; mas é preciso que espacejemos a decisão, podendo tu desde já contar com o meu consentimento.

CONDE

Pois, se a tua vontade é por mim, não ha difficuldades. Agora, em duas palavras: — sabes o que quer dizer esta minha deliberação de cazar com tua filha? Invejo a tua felicidade; quero ser feliz como tu has sido desde que te encerraste neste ermo. Estou cansado do mundo; e receio que a precisão de sahir d'esta lethargia por meio de estímulos fortes me levem ao esbanjamento da parte que me resta do meu patrimonio.

CONSELHEIRO

Deves ter gastado muitissimo, primo conde...

CONDE

Bastante; mas, se me retirar, em dez annos restauro a minha caza. (Reparando) Ahi vem a prima Nazareth.

CONSELHEIRO

Por enquanto, silencio.

SCENA IX

Os mesmos e D. Maria de Nazareth

D. MARIA

Vai retirar-se, primo? Desculpe-me a demora... Eu estava convencendo Laura a transpirar por que está tossindo muito.

CONDE

Está mais incommodada a priminha Laura?.. Quanto sinto!

CONSELHEIRO

Não hade ser nada...

D. MARIA

Ella retribue os cumprimentos do snr. conde.

CONDE

Passe V. Ex.^a bem a noute, prima Nazareth... Eu, na minha volta de Lisboa, virei saber da saude de minhas primas.

CONSELHEIRO

Eu vou mandar tirar o cavallo. (Sahe pela porta da direita, dizendo:)

Fortunato! tira o cavallo do snr. conde.

SCENA X

D. Maria e o conde (dialogo rapido e recesso)

CONDE (travando-lhe da mão)

D'aqui a dez minutos estou ali no bosque esperando-te!

D. MARIA

No bosque?.. Jesus! que me quer?

CONDE

A minha salvação e... a tua... E' preciso que me salves...

D. MARIA

Que ha hoje de commum entre nós?!

CONDE

O passado!.. (repara em Antonio de Castro que se avista ao fundo no angulo da caza) Aquelle homem espia-te.!

CONSELHEIRO (fora)

Valente murzelo! Sim, snr.! é de gosto, é puro Altér!

CONDE

Não me faltes!

SCENA XI

Conde, Conselheiro, Antonio de Castro, D. Maria

CONSELHEIRO

Soberbo cavallo! onde compraste aquella rica estampa?

CONDE

Em Madrid. Está ás tuas ordens, primo Penha.

CONSELHEIRO

E' tarde, meu amigo. A antiga admiração ficou; mas as pernas passaram para a historia dos bons marialvas!

CONDE (a D. Maria)

Boa noute, prima Nazareth. Adeus, primo Penha.
Snr. . . (a Antonio de Castro)

CONSELHEIRO

Antonio de Castro.

CONDE

Snr. Castro.

ANTONIO DE CASTRO

Snr. . . conde de. . .

(O conselheiro segue-o pela porta da direita. Maria de Nazareth aperta a fronte entre as mãos. Antonio de Castro contempla-a com alvoroço e assombro).

SCENA XII

D. Maria e Antonio de Castro

ANTONIO DE CASTRO

Prima Nazareth, que tem?

D. MARIA (sobresaltada)

Nada... uma horrivel dor de cabeça... E' o ar da noite... (Comsigo) Meu Deus! como o coração se me despedaça...

ANTONIO DE CASTRO (á parte)

Aqui ha um segredo... talvez um crime...

D. MARIA

Vamos para caza, primo Castro...

ANTONIO DE CASTRO

Vamos... (Vão a sahir)

• SCENA XIII

Os mesmos e o conselheiro

CONSELHEIRO (voltando pela mesma avenida)

O' Nazareth, espera, que vais já. Primo Castro, vá indo. (Castro sahe)

SCENA XIV

Conselheiro e D. Maria de Nazareth

CONSELHEIRO

Vais ficar admirada, Nazareth!

D. MARIA

De quê?

CONSELHEIRO

O conde pediu-me Laura.

D. MARIA (conturbada)

Como? pediu-te... Laura?

CONSELHEIRO

Sim...

D. MARIA

E tu...

CONSELHEIRO

Disse-lhe que contasse com o meu consentimento.

D. MARIA (energica)

Eu não consinto!

CONSELHEIRO

Que modos são esses? Nunca te vi esse aprumo!

D. MARIA

E' a primeira vez que me revolto contra a tua vontade; mas revolto-me como quem está resolvida a morrer na lucta!

CONSELHEIRO

Mas por quê? por que te revoltas?

D. MARIA

Por que não quero! por que sou mãe! por que não creei e adorei a unica filha que tenho para a lançar nos braços de... Não! não! nunca!... (Retira-se aceleradamente).

Scena XV

CONSELHEIRO

Eu nunca assim vi esta mulher! E' extraordinario isto! Quer ella assim fazer-me sentir que foi desgraçada por ter cazado com um homem desigual na idade! Aquelles brados violentos significam uma dor reprimida que estalou no coração de mãe? Oh! então vivi eu muito enganado, por que não pensei que ella era infeliz!... (Medita). A cauza pode ser outra... Ella tinha-me dito tantas vezes que Antonio de Castro era o melhor esposo de Laura... e eu, sem a consultar, quase despresando-lhe a vontade e os intentos, disse-lhe que consentira no pedido do conde... E' isto... não pode ser outro o motivo... Fui imprudente... mas ella foi excessiva... Não devo submeter-me; mas tambem não devo irrital-a. Primeira lucta na minha vida de cazado!... (Sahe, meditando e abatido)

NOTA

Aqui parou a acção dramática da historia verdadeira — porque era possível, e tudo o que é possível tem acontecido, visto que a fantasia não pode ser mais inventiva que a natureza.

Recordo-me das feições principaes do drama. *D. Maria de Nazareth* havia sido amante adultera do primo *Conde de Viduedo*. D'ahi a sua inquebrantavel resistencia ao casamento da filha. O *Conde*, quando se convenceu de que *Antonio de Castro* era o esperançoso noivo da filha e não o amante da mãe, explodiu o seu rancor ao delegado, até achar pretexto para o desafiar. O desafiado, fiel aos seus correctos principios de se não bater, regeitou a proposta; e, quando o *Conde* o aggreuiu sem testemunhas, defendeu-se, matando-o. O *Conselheiro*, já então conhecedor da deshonra da mulher, offereceu a filha ao assassino do *Conde*. O delegado regeitou-a por ser filha de tal mãe. O drama devia terminar n'esse lance, com uma phrase que ficaria memoravel, se chegasse a vibrar nos ouvidos do publico.

Do titulo *Tentações da serpente*, logo se infere que o meu drama seria um paraiso terreal estragado pela serpente, por duas aliás, — a biblica, e a outra, a *massadora*, — a peor das serpentes. Por causa da segunda, arvorei-me em archanjo de gladio de fogo á porta do meu drama-paraizo, e não deixei entrar mais ninguem. Deixo agora sahir os delinquentes, que lá estavam ha seis annos a comer maçans, para que a opinião publica os castigue pelo peccado... ia a dizer *original*; mas o estafar quem lê não é originalidade nenhuma.

D. FRANCISCO MANOEL DE MELLO



FRANCISCO Manoel de Mello tem duas celebridades: talento e desgraça.

Da fama que lhe apregôa o espirito mais culto e universal do seu tempo, revive a prova perpetuada em livros numerosos, ainda hoje relidos com prazer e por estudo. Da que lhe vem do infor-

tunio sabe-se pouco e nubelosamente.

Grande parte de suas obras é datada no carcere.

O delicto de que a justiça o arguiu, praticado ou aleivosamente attribuido, não o esclarecem os seus biographos mais averiguadores.

Quem mais colheu na tradição e em documentos coevos foi Alexandre Herculano.

Soccorreu-se o eminente historiador de um manuscripto inedito que o auctor da *Bibliotheca Lusitana* tinha visto, e de que Innocencio Francisco da Silva teve alguma noticia.

Herculano publicou dois extensos fragmentos d'aquelle inedito, que o encaminhou em conjecturas

tão judiciosamente concatenadas, quanto competia a espirito de tanta lucidez e rara intuição. (*)

Sem embargo, a causa da prisão de D. Francisco Manoel de Mello não ficou dilucidada.

Tambem eu possuo o inedito, cujos fragmentos A. Herculano acompanhou de louvores tão dignos quanto honradores da memoria de D. Francisco.

E, se outros documentos escriptos por mão coetanea me não illucidassem, este bosquejo biographico não iria adiantar nada ao que é já sabido ácerca do grande escriptor prezo muitos annos, e não poucos desterrado.

As noticias, que encontrei, desatam todas as duvidas, alumiam os pontos obscuros de vingança tão prolongada e desacostumada com fidalgos do porte de D. Francisco Manoel de Mello, ainda parente da casa de Bragança.

Posso afoitamente dizer que tenho bem travadas as scenas do drama em que tão innocente e illustre victima foi immolada.

*

Abstenho-me de esmiudar os lances mais notorios da vida do insigne soldado, diplomata e escriptor.

São de sobra conhecidos das relações do abbade de Sevér, de Costa e Silva, e do bibliophilo Innocencio Francisco da Silva, relações que muito convém ampliar com os accrescentamentos de Alexandre Herculano, no citado periodico. (**)

O meu proposito é deter-me tão sómente na parte desconhecida ou hypothetica da sua historia, a causa

(*) Veja *Panorama* (de 1840) pag. 179, e 294.

(**) Veja *Bibliotheca Lusitana*, tom. II, *Ensaio biog. e critico*, tom. VIII, e *Dicc. bibliogr.* tom. II, pag. 487 e seguintes.

bem esquadrihada da sua desgraça — a prisão de doze annos, funestamente continuados no desterro.

Os passos mais gloriosos de sua vida, referidos por elle mesmo, devem ser lidos muito mais agradavelmente. Relata-os a D. João IV, com a verdade usada n'aquelle tempo com os reis. Não podia desmentir-lh'os o monarcha, sendo citado a testemunhar na veracidade d'elles. Os honrados serviços de D. Francisco Manoel de Mello tinham de si mesmo o galardão de poder ousadamente entrar ao paço, e humilhar o rei que auctorizava os affrontamentos e as vilanias.

E' o que o leitor vai julgar do *Memorial*, em parte já conhecido dos extractos de A. Herculano. Dou copia inteira d'esse honroso documento do qual escreveu aquelle perspicaz historiador: «é talvez o mais eloquente arrasado, escripto na lingua portugueza, e que nunca se imprimiu. D'elle tirámos o pedaço que acima ficou transcripto, e outro que vamos apresentar, como um modelo de vehemencia, sentimento, e estylo, para que de caminho se veja quão rica e bella é esta nossa lingua portugueza, que para exprimir affectos nem carece de neologismos, nem de inredar-se de archaismos e de torcer-se no estylo metaphysico-barbaro dos rudes escriptores do 15.º seculo». (*)

D'este manuscrito faz menção Innocencio Francisco da Silva em duas partes da sua resenha das obras de D. Francisco Manoel.

Primeiramente diz :

“E, se havemos de estar pelas tradiçoens e memorias da epoca, nada menos verdadeiro que o delicto que lhe imputavam. Além do que a este respeito se tem dito desde muito tempo, o snr. dr. J. C. Ayres de Campos acaba de communicar-me uma

(*) *Panorama cit.*

nota muito curiosa, lançada por mão contemporanea em um dos interessantes livros manuscriptos que o mesmo senhor possui. D'ella consta explicitamente que o motivo occulto da perseguição feita a D. Francisco fôra um encontro nocturno, que este tivera com o proprio soberano, em casa de uma dama de alta qualidade (cujo nome a decencia manda calar) *senhora de muito bem fazer a quem lh'o pedia*, que um e outro requestavam; e pela qual n'essa occasião vieram ambos ás mãos, desembainhando as espadas, e acutilando-se mutuamente. Parece que a vantagem ficara então da parte de D. Francisco. Mas pouco depois da noute fatal, apparecendo assassinado um creado da fidalga, a complacente justiça tirou azo d'este successo para desaggravar a magestade offendida, lançando o assassinio á conta do seu atrevido competidor.,

Volta o notavel bibliographo a citar o mesmo documento, quando no catalogo das obras ineditas de D. Francisco Manoel, escreve d'esta fórma :

— *Justificação de suas acções ante Deus, ante Sua Magestade, e ante o mundo contra as falsas calumnias impostas dos seus inimigos.* — Diz Barbosa que era um memorial, que elle viu, dirigido a el-rei D. João IV, começando pelas palavras: "Senhor: os romanos costumavam ouvir em seu senado os reis, etc.," e acabando com as seguintes: "Isto quero, isto promulgo, isto espero fazer". Não sei se por ventura será este o mesmo de que me dá noticia o sr. dr. J. C. Ayres de Campos, declarando ter d'elle copia em um dos seus volumes de miscellanias manuscriptas, onde tem o titulo: *Memorial a el-rei D. João IV, nosso Senhor. Offerece Francisco Manoel de Mello, preso ha seis annos por parte da justiça.* (*)

E', com toda a certeza, o mesmo. Tambem o meu manuscripto, intitulado das duas maneiras em que o tem o sr. doutor Ayres de Campos, e em que o viu o auctor da *Bibliotheca*, principia e termina pelas phra-

(*) *Dicc. bibiôj.*

ses citadas por Barbosa, e contém a mesma nota que Innocencio da Silva indica, no que respeita ao motivo da prisão.

Agora segue o traslado da justificação de D. Francisco Manoel de Mello.

MEMORIAL

A EL-REI D. JOÃO IV N. S.

OFFERECEO

D. FRANCISCO MANOEL DE MELLO

Preso ha seis annos por parte da Sua Justiça.

Justificação de suas acções, ante Deos, ante Vossa Magestade, e ante o mundo, contra as falsas calumnias impostas por seus inimigos.

Qui ambulat simpliciter ambulat confidenter: qui autem depravat vias suas manifestus erit.

PROVERB. C. 10. N.º 9.

SENHOR:

Os romanos costumavam ouvir em seu senado aos reos. Entendiam que a justificação propria de ordinario periga na penna, ou na voz alheia.

Maior documento é o de Deus, que não só ouviu as desculpas que Adão não tinha que lhe dar; mas ainda o chamou para que lh'as desse.

Os principes christãos que se desviaram d'esse antigo, e bom costume, parece que tacitamente prometteram usar maior piedade com aquelles que não ouviam: essa pôde ser que fosse a causa de se mudar este costume.

Apadrinham tamanhos exemplos a ouzadia que tómo em apparecer por estas letras aos Reaes pês de V. Magestade.

Quanto e mais, Senhor, que aos principes não menos os engrandece quem lhes pede justiça, que quem lhes pede mercês; pois por ambas estas acções lhes dão occasião de exercitarem o grande poder de Deus na terra.

E' presente a V. Magestade, é notorio a todos como estou preso ha seis annos. Qual a causa, qual a prova, quaes os respeitos, que tal o soffrimento, que tão esquesito o rigor com que ordenou a minha fortuna fosse e seja tratado.

Não só no glorioso reinado de V. Magestade, mas em outros muitos antecedentes, se não tem visto — por semelhante accusação — prisão tão longa, sentenças tão rigorosas.

Eu fôra ditozissimo se V. Magestade se mandasse informar d'esta verdade; de que poderiam avisar os tribunaes, e os ministros.

E por que supposto que a minha justiça foi tantas vezes ventillada, quam poucas foi ditosa! E de todas seriam a V. Magestade sómente referidos pelos juizes seus pareceres sem que apresentassem os motivos em que os fundaram. Permitta-me V. Magestade agora por principio da clemencia que invoco, represente aqui eu brevissimamente o processo da minha causa.

Pela morte de Francisco Cardoso foram os matadores achados, e condemnados á morte, e o mostrador d'elles a galés

Em a tal sentença se toma por fundamento commetterem. aquelle delicto por mandado de certa pessoa, que os réos varia e injuridicamente deram a entender ser eu.

Mas a sentença por ser dada entre outras pessoas não pode resultar em meu damno conforme a resolução do Direito tão vulgar, que até eu sei, está assim escripto na ordenação Lib. 3.º art. 81.

Com tal pretexto de réo, fui preso pelas justiças seculares, que depois de varios incidentes, remetteram a causa ao tribunal da corôa, por que alli se determinasse o ponto da jurisdição; o qual sendo julgado a meu favor, e fui remettido ao juizo dos cavalleiros.

Pedi então n'elle se pronunciasse sobre a prisão, a que ainda não estava pronunciado, e que para este provimento, o juiz se regulasse pela devassa geral, que era só o acto legitimo donde podia, ou não resultar-me culpa.

Suspendeu a deliberação d'esse requerimento, emquanto se ventilava a materia do assassinio, em que aquelle quiz involver sua accusação com igual fallencia que na de mandante.

Finalmente declarou o juiz não continha o caso assassinamento, annullando o summario, e procedimentos dos autos, deixando porém as chamadas culpas em sua realidade.

Esta sentença se confirmou em segunda e terceira instancia.

Por quaes sentenças parece sem duvida haverem usado de fundamentos contrarios, porque não póde o summario, e procedimentos do juizo secular serem nullos, sem que tambem o ficassem sendo as culpas, que me formavam por elles.

Assim, sendo julgada a nullidade do processo, se annullou tambem a vallidade da culpa, por que de causa notoriamente nulla se não pôde produzir algum effeito juridico, e que validamente prejudique: o que não só mostram as leis, mas toda a boa razão.

Sendo, emfim, entregue ao juiz dos cavalleiros, e havendo elle então de pronunciar sobre a prisão (como no despacho antecedente havia prevenido) pois já se decidira o não haver assassinio — declarou — não sei por que causa, me livrasse em seu juizo da prisão em que estava.

E por que se veja a violencia, que alli padeceu minha justiça, é de saber, que ainda que a sentença do juiz se confirmou, foi sómente quanto á questã do assassinio, de que por então sómente se tratava; e não quanto á validade das culpas e pronunciação.

Isto é claro, por que se o juiz antes de averiguado aquelle ponto, não quiz deferir ao requerimento da pronunciação; como podia a meza, e a instancia, adiantar-se a julgarem em mais do que se litigava de presente?

Assim, a titulo de réo, fui accusado pela via ordinaria, pela culpa de mandante.

Pois se pelas trez sentenças estava livre do assassinio, que era mandar matar por dinheiro, ou cousa que o valesse, bem se segue que tambem fiquei livre de o haver mandado matar.

Por que as circumstancias que se aniquillaram e destruíram pelas trez sentenças, por se presumir mandara matar por dinheiro, eram as proprias que estavam já nullas, e sem algum credito por se presumir que mandara matar sem elle.

E não constando de tal mandado, nem podendo ser de effeito em meu prejuizo as declarações dos réos, varias, e nullas, bem se segue haver sido mal condemnado pelo juiz dos cavalleiros em degredo perpetuo para a Africa, mil cruzados para a parte, duzentos para as despezas da meza, e cento para seu juizo.

Prova-se melhor o excessivo rigor d'esta sentença, se o seguinte se considera.

Admittiu-me o juiz a defeza, condemnou-me como defezo: disseram contra mim os réos incerta e variamente: disseram em minha defeza quarenta testemunhas: elles convencidos por duas sentenças da Relação, no mesmo caso por falsarios, havendo envolvido n'elle outras pessoas; as testemunhas que juraram por mim todas de grande credito. Nunca se deu causa

contra mim d'esta morte. *Eu provei uma tão justificada, como era vingar o matador o adulterio que o morto lhe tinha feito.*

Os mesmos e maiores fundamentos havia para não haver de ser pela meza, como foi condemnado em perpetuo degredo para a India; privação da commenda, dois mil cruzados para a parte, quinhentos para as despezas do tribunal, e cento para as do juizo: cuja execução em maior parte está já feita.

Conhece-se qual seja o odio da parte que me persegue, não por verdadeira queixa, mas com ruim vontade, pois sendo esta sentença tão notavelmente rigorosa, — como disse a voz publica — ainda appellou d'ella, pedindo igualmente comigo a V. Magestade 3.^a instancia.

Permissão clara de Deus, que nas mãos de V. Magestade havia posto o remedio d'uma tão grande sem razão, para que visse o mundo, que nem ainda aquelle a cujo favor se dirigia, queria n'ella consentir, para que de nenhuma sorte houvesse effeito.

Concedeu-me V. Magestade a 3.^a instancia, consultaram a V. Magestade já os juizes; pende agora do arbitrio Real a resolução.

A essa cauza são os votos destes juizes consultivos, e não definitivos.

Este suave estylo guardaram sempre os mestres da nossa ordem,—e das outras—e lhes foi assignado pelos Summos Pontifices, não certo para se aterem ao parecer dos successores; pois a clemencia do Principe está sobre toda a auctoridade; mas para se justificarem com os subditos, em qualquer acção rigorosa, quando a pedissem as qualidades do réo, e do delicto.

Considere V. Magestade se com viva esperanza, posso estar de que sendo V. Magestade o arbitro, o Senhor, e o Mestre, haja de emendar o erro alheio, de que elles que tão sem causa justa criminarão minha innocencia, haja de moderar o excesso a que subiram meu castigo.

Veja-se com olhos de prudencia, se do mais perdido homem da Republica se pôde crer semelhante feito, quanto mais de um, a quem pela bondade de Deus, antes d'este se não impôz algum outro leve desconcerto.

Ninguem ignora a paixão de que fizeram motivo alguns dos que me julgaram, para me condemnarem; cujo effeito, eu mais adivinhei, que mereci, prevenindo d'elle a V. Magestade muito antes de ser julgado por que sabia, que me tinha a paixão certo do damno n'aquelle mesmo lugar, onde a razão me mandava buscar o remedio.

Não houve n'aquella sentença uma só clausula, que não provasse o que d'ella referiu o publico sentimento.

Não só excede a pena á mensura da culpa, nem havida nem provada, mas ainda esquecida a lei, pela qual não ha degreço nem um assignado para a India, fez como todos se lembrassem da causa, por que a lei se esquecia.

Condemna em degreço perpetuo, pena impracticavel, senão contra o hereje, de cuja presença se deve vellar a republica.

Manda-me pagar maior quantia do que val quanto posuo.

Castiga com privação de commenda, cousa tão sem exemplo, como sem razão; por que jamais se viu que por crime de qualidade não exceptuada, fosse algum réo por algum titulo privado, nem do chapéu, nem do vestido que possue.

E' a razão juridica, por que em taes casos, a pena da condemnação, sómente póde allegar a quantidade e não o esbulho e menos a total privação que não esteja, como não está, admittida por direito expresso.

Emfim, Senhor, taes as passadas sentenças, que não receberam menos beneficio, que eu proprio na emenda d'ellas, as consciencias d'alguns que me julgaram e maior ainda as almas de outros, que já podem d'ellas estar tão arrependidos, quando necessitados de que a justiça de V. Magestade os alivie d'este encargo.

Mas porque a experiencia me tem mostrado, que com armas mais добres, além d'esta accusação, que estejam contra mim meus inimigos, impondo-me diante de V. Magestade varias, e falsissimas calumnias, licito me deve ser, Senhor, tomando de V. Magestade a devida licença, tornar sequer esta vez por meus procedimentos, dando minhas obras a minhas palavras tanta confiança como razão.

Sei não se esquece V. Magestade das obrigações em que nasci, e em que vivi com a serenissima casa de Bragança.

Depois que n'ella entrou o snr. Infante D. Duarte, bis-avô de V. Magestade por casamento com a snr.^a Infante D. Izabel, até o dia presente, posso verificar que nenhum dos senhores d'esta real casa deixou de nascer, e se criar nos braços de meus parentes.

Irmãos foram, primos, e sobrinhos de meu bis-avô, e pai, D. Diogo de Noronha, D. Antonio, D. Luiz Affonso, e D. Christovão, outro D. Antonio, D. Luiz e D. Rodrigo de Mello, D. Antonio, D. Gomes, e D. Francisco, que todos viveram e morre-

ram no serviço da serenissima casa de Bragança, e n'ella occuparam com honra, e fidelidade os maiores lugares.

Primeiro e não com menos vantagens os Manoeis, que com meus passados, e comigo tinham quasi igual parentesco, e entraram no serviço e debaixo da protecção dos serenissimos principes avós de V. Magestade quando o segundo casamento do snr. duque D. Jayme com a snr.^a duqueza D. Joanna de Maiorca. Assim D. Francisco Manoel, D. Christovão, D. Diogo, D. Rodrigo, e outros que todos aquiriram para si, e para os seus, a honra de criados, e confidentes da serenissima casa.

E, se estas são as causas por que entre os humanos se contrahe obrigação, se produz confiança, tambem não são para esquecer, e basta que se não finjam, outros mais poderosos, e não menos certos principios; cuja memoria só obriga a que V. Magestade tão liberalmente honre a muitos, e d'elles se confie.

Sabem todos os que professam o estudo da antiguidade, era D. Maria Mello, mãe de meu bis-avô D. Gomes de Mello, filha de D. Francisco de Faro, segundo filho do primeiro conde de Faro, D. Affonso que foi irmão do 2.^o serenissimo Duque D. Fernando.

Bastava por certo a honra d'esta lembrança, para me fazer que adorasse quanto mais que amasse a Real Pessoa, vida, e Estado de V. Magestade, e sobejamente para se ter por firme o coração de um homem, que sempre trouxe a honra diahte dos olhos, como sabem amigos e inimigos.

Se o meu procedimento, desmentiu a minha obrigação, eu quero ser o primeiro que o accuse. Permitta-me snr. V. Magestade lhe represente minhas acçoens, por ver se d'alguma d'ellas fui contra aquillo que devia.

Não deixará V. Magestade de se lembrar que no mesmo tempo em que outros lhe faltaram, faltando as grandes mercês e beneficios eu proprio, este mesmo calumniado, e perseguido D. Francisco, só pela mercê de se lembrar V. Magestade para se servir de mim, me dispuz com todo o animo a fazel-o na maior, e mais importante occasião, e negocio, que á Real casa de V. Magestade havia acontecido.

Vive Antonio Pereira que era então agente de V. Magestade na corte de Madrid, por cujas mãos V. Magestade foi servido dirigir-me as ordens, como me devia empregar n'aquella acção, quando no anno de 1637 succederam n'este Reino as alteraçoes de Evora. Creio tambem é vivo um Matheus Alvares que a V. Magestade servia n'estas jornadas, e as fez varias ve-

zes á corte, e a minha pouzada, levando, e trazendo segredos, e confianças.

Não tinha V. Magestade a esse tempo outro creado em Madrid, que Antonio Pereira, e tinha—como é de crer—muitos emulos, muitos fiscaes, e muitos olheiros para as suas acçoens.

Satisfiz eu, segundo meu pouco cabedal, a grande honra que V. Magestade me havia feito, dando cartas, e informações ao Rei, valido, e ministros; avisando a V. Magestade dos secretos, e expedientes, que se tomavam nas juntas e conselhos, ácerca d'aquelle negocio, conforme o observava, e por minha industria podia alcançar dos ministros com quem tinha sufficiente entrada; serviu-se V. Magestade agradecer-m'o por carta de 20 de—1637.

Nada tomou do instrumento o bom successo. E nem por eu ser inferior a tamanha causa, deixa de ser presente a V. Magestade e ao mundo, como se acertou em tudo o que convinha.

Sei que se deve á prudencia com que V. Magestade o dispôz, não a diligencia com que eu o solicitei. Mas nem por isto deixa de conhecer-se qual foi meu animo, e a minha diligencia.

Pois, Senhor, que premios? que vantagens? que interesses me obrigaram a parecer tanto, como devia então? E agora quando incomparaveis os podia esperar das Reaes mãos de V. Magestade — quem fez que me desobrigasse de os merecer? ou como depois os desinereci?

Foi mandado o conde de Linhares a Evora, e eu em sua companhia a Villa Viçosa, com aquelle fim que se podia esperar podesse ter então em seus designios a côrte castelhana dirigida por um ministro industrioso, e politico, qual era o conde duqué.

E que era eu então, senão um requerente, que em tudo dependia do bom semblante de ministro tão poderoso?

Tão pouco a idade me favorecia. A honra supria por tudo.

Por ventura o galardão que podia esperar de comprazer áquelle ministro, os signaes, que elle não dissimulava, de desejar lhe revelasse alguns segredos dos que passavam n'este reino foram bastantes para me metter nos beiços outras razões, que aquellas que me dictava a obrigação, e o amor que tinha, e guardei sempre á real pessoa de V. Magestade, e a seu estado?

Se eu o finjo, se agora vanmente o alego a V. Magestade por serviço, falle por mim o effeito.

Haverá, Senhor, quem peze em justa balança este serviço

e este procedimento com os dos que mais na feliz acclamação de V. Magestade se adiantaram, que deixe de ter estas provas por muito ignaes ás d'aquella fidelidade?

Não se sabe que o ser catholico em Inglaterra, é maior firmeza, que o ser christão em Roma? Ser portuguez entre os castelhanos, ha quem diga que é menos do que ser portuguez entre os portuguezes?

Viu-se bem o effeito; porque apenas chegou a Castella a nova da acclamação felicissima de V. Magestade quando por primeira diligencia me mandou prender el-rei D. Philippe á Catalunha onde estava servindo com bom lugar e applauso.

Nenhum outro motivo teve aquella desconfiança, que as informações que poucos tempos antes eu havia dado na côrte ácerca dos animos de Portugal, pois principalmente d'aquelles que nas occasiões da passada suspeita me foram mandados observar.

V. Magestade sabe quaes eram, e Deus sabe se m'ó pagaram. Quiz-me Deus salvar a vida para empregar melhor os riscos d'ella no serviço de V. M. a quem não tardei em offerecel-a; mais que o que se tardou em me darem liberdade.

Quão alheios são, Senhor, estes passos, de poder esperar por elles o captiveiro, a injuria, e a miseria d'aquella mesma vida?

Soltaram-me, e não sem premio, e honra, como constou a V. Magestade, pelos despachos que puz — quando vim — nas mãos reaes de V. Magestade.

Acaso cuidei, ou duvidei, se havia de vir logo entregar essa liberdade que gozava no imperio de V. Magestade? Não por certo. O primeiro fui, que rompendo difficuldades, e deixando commodos, vim a este reino.

Antes de chegar a elle comecei a servir a V. Magestade, pois, entrando nos estados de Hollanda, fui ali encarregado em nome de V. Magestade pelo embaixador Tristam de Mendonça do governo d'aquella armada que elle lá prevenira para soccorro d'este reino.

Governei-a, e a conduzi a Lisboa sendo aquelle um dos maiores soccorros que em seu porto entraram á custa de immenso trabalho meu, pela contrariedade dos tempos e falta de todos os meios necessarios.

Justifiquei e assigno particular o animo com que vinha, por só alcançar a honra de vassallo de V. Magestade fazendo por estudo de não pedir mercê alguma, porque desejava primeiro merecel-as.

Os postos para que V. Magestade foi servido destinar-me por sua real grandeza, se movia a fazer mercê d'elles não por algum genero de diligencia minha.

Aquelles em que todos cuidaram poderia ser empregado, se desviaram. Eu observando como pude o semblante de minha fortuna, em nenhum posto fallei jámais, e d'alguns procurei humildemente escusar-me; por que conhecia convir assim n'aquelle tempo, tanto ao serviço de V. Magestade, como a minha conservação, até que o mesmo tempo qualificasse meus procedimentos, com o que, a prazer de todos, podia merecer outros lugares.

Fui depois, em foro de soldado, servir a V. M. a Alemtejo. O como servi e obrei em um anno de assistencia, dirão os cabos debaixo de cuja mão servia. Vivos são, honrados são, estou pelo que disserem.

No mesmo dia em que eu estava diante d'um esquadrão, governando-o contra os inimigos de V. M. estava alguma pessoa, — que d'esta pratica já haverá dado a Deus conta — nesse Paço, persuadindo a V. M. me mandasse prender, por que eu sem duvida, — a juizo da sua bondade — hia com animo de me passar a Castella.

Fundava bem esta sua suspeita em me haver eu escusado de testemunhar contra Francisco de Lucena aquillo que eu não sabia. E este tal, queria por força que eu o soubesse, com pena de me ter a mim, e querer que me tivesse V. Magestade, e o mundo n'aquelle conta em que elle tinha aquelle ministro.

Fui d'esta acção avisado, por que a pratica não parou nos ouvidos de V. M. Então por satisfação minha, tomando a ousadia da verdade escrevi a V. M., uma carta a que V. M. com singular clemencia foi servido de me mandar responder com outra, firmada da Real mão, em 4 de janeiro de 1642, servindo-se V. M. de honrar-me tanto, que se acham n'ella escriptas estas palavras: “me pareceu dizer-vos que de vossos procedimentos tenho a devida satisfação. E fico certo que em tudo o mais que se offerecer de meu serviço procedereis sempre muito como deveis ás obrigaçoens de quem sois, e á confiança que eu faço de vossa pessoa.”

Não houve occasião, conselho, negocio, ou confiança n'aquelle exercito, em que os cabos d'elle a não fizessem de mim mui particular: pois será V. Magestade lembrado fui boa parte para se resolver a campanha d'aquelle anno, tão bem lograda, como todos viram.

Sabem todos se não deu forma áquelle primeiro exercito

sem meus papeis, parecer, e industria. Examine-se bem quaes d'estas acções foram simuladas. Veja-se em que faltei com a pessoa, com o juizo, e com a fazenda. E se para estes empregos se achou outro mais diligente, ou mais offerecido.

Serviu-se V. Magestade depois de me mandar encarregar á conducção de todas as tropas rendidas por suas armas em Castella, tirando-me para esse effeito do exercito em virtude d'uma sua Real carta, em que V. Magestade depois de considerar a importancia d'este serviço, houve por bem de que se continuasse.

“Confiado de vós, e do amor com que me servis, procedereis n'esta occasião como sempre fizestes em tudo o que se vos encarregou.” E mais abaixo.

“Sendo certo que este serviço que ora me ides fazer, se hade avaliar em vossas pertençoens como se fôra feito no exercito, em que com tanta satisfação minha o estaveis fazendo.” Foi esta carta escripta em Evora a 17 de setembro de 1643.

Representei eu então a V. Magestade as razões que havia para que V. Magestade me escuzasse de misturar com aquella gente, por que sem falta, isto seria dar novas azas com que voasse o odio de meus inimigos.

V. Magestade o não houve assim por bem, mandando-me responder por bocca de seus ministros, podia estar seguro que a confiança que V. M. de mim fazia, se não embaraçava com semelhantes calumnias.

Concluido aquelle negocio, que então era não de pequeno cuidado, se deu V. Magestade tão servido do modo porque n'elle me houvera, que fez mercê de mandar escrever por carta de 5 de Outubro de 1643, o seguinte:

“Agradeço-vos muito o trabalho, e o acerto com que tendes concluido este negocio.”

Algumas, e varias vezes me escreveu V. M. mandando-me assistir em algumas juntas, com os maiores ministros, sobre materias de guerra, politica, e conveniencia: como se vê dos bilhetes por que fui chamado, que em meu poder tenho.

Vivos são, o ao lado de V. M. assistem alguns dos sujeitos que alli concorreram, e ouviram meus pareceres; testifiquem do zelo, e amor ao real serviço com que sempre tratei aquellas materias.

Pareceu a V. M. podia bem empregar-me, a servir-o na conducção e commodos dos soldados reformados de Flandres, e Catalunha, que andavam na côrte; mandou-me assim V. M. por seu real decreto de 5 de novembro de 1641, e em muito breves

dias, por minha industria, despejei a côrte de requerentes, e povoiei as fronteiras de reformados.

O expediente que depois se tomou sobre seus soldos, conservando-se-lhes algum áparte, eu fui o primeiro que o arbitrei a V. M. por um papel, que para isso offereci, muito tempo antes que se resolvesse.

E emfim se praticou na mesma fórma que eu o havia proposto.

Mandou-me V. Magestade por decreto de 16 do novembro de 1613 recebesse em seu serviço os soldados que andavam vagos na côrte, d'aquellas tropas dos rendidos de Castella, das quaes por minhas diligencias, desfiz mais de sete centos homens, que para o poder do inimigo não voltaram, e d'estes reconduzi a V. M. em menos de tres dias, uma leva de quinhentos soldados velhos, que fui remettendo aos almazens, segundo V. M. me ordenara.

Não é para esquecer (nem creio que a V. M. esquecerá,) que achando-se quase toda a nobreza d'este Reino na campanha de Badajoz, fui eu escolhido dos generaes para vir dar conta a V. M., de bócca, dos designios e potencias de suas armas, e receber de V. Magestade as ordens de como se servia ellas se empregassem em seus progressos.

Entendia V. Magestade ser obrigado a dar forma de vida a Mamede Pereira de Lacerda moço fidalgo de sua caza, filho de D. Maria da Cunha, camareira que hoje é da Rainha nossa Senhora.

Para este effeito, sabendo que eu pas sava por mestre de campo para Flandres, e levantava gente neste reino, houve V. M. por bem escrever-me encommendando-me por carta sua e escrita em Villa Viçosa a... de ...que pelas obrigações que tinha a Mamede Pereira, desejava V. M. que eu me encarregasse do seu comodo: assisti-lhe de maneira, que sem que elle houvesse alguma hora sahido da corte de V. Magestade, o fiz prover d'uma companhia de infantaria, o levei e deixei em Flandres encaminhado a tal fortuna que se não resolveu elle a deixal-a, nem ainda quando no crescimento da grandeza de V. M., se lhe estavam prometendo muitos augmentos.

Neste proprio tempo, e occasião me encarregou V. M. outro tal comodo, para a pessoa de Theodosio Tavares, tambem creado de V. M.; e sem que elle houvesse servido na guerra, só por obedecer a V. M. o provi d'uma bandeira. Foi, e esteve em Flandres, donde veio digno de V. Magestade o fazer sargento mór de um terço desta cidade.

Foi V. Magestade encarregado do governo das armas d'este Reino; posto (ao que então se pode observar) solicitado pelos inimigos de V. Magestade em cujo exercicio, a este respeito, convinha haver grande vigilancia. E porque aquellas materias não eram muito presentes a V. Magestade, quiz V. Magestade que lhe apontasse o modo per que se devia haver na direcção das armas; e sem embargo de estar ausente enviei a V. Magestade um papel pelo qual offerencia a V. Magestade todas as advertencias não só competentes ao posto; mas á conservação da auctoridade de sua Real pessoa, que tão bem se logrou depois.

Dois dos maiores negocios externos competentes á conservação d'esta corôa, foi V. Magestade servido de me querer encarregar dentro em uma semana estando em Evora.

Um se serviu V. Magestade de communicar-me em sua Real prezença; outro me mandou V. Magestade tratar pelo secretario de estado, que por ambos haverem contido segredo não declaro, nos quaes não fiz a V. Magestade menor serviço (havendo representado minha insuficiencia) de que o fizera encarregando-me de cada um d'elles, d'onde nasceu encarregarem-se a outras pessoas capazes que d'elles deram mui boa conta; devido em alguma maneira áquella util, e humilde dezistencia que em mim acharam, fundado no conhecimento que de mim tinha, de que V. Magestade se deu por muito satisfeito.

Estes foram senhores meus progressos em dois annos e meio que assisti solto, na côrte, e no exercito de V. M. Mande V. M. agora a meus émulos, que declarem quaes foram os outros por que me caluniam. Quaes foram meus designios vistos por minhas obras, ou vindicados por ellas n'estes seis annos de minha prizão.

D'aqui d'onde não podia servir a V. M. com a pessoa na maneira que me era possivel, jámais estive ocioso em seu serviço.

Achar-se-hão nas secretarias de V. M. papeis, cartas, e lembranças minhas, prevenindo, lembrando, e pedindo a V. M. aquilo que, a meu fraco juizo, parecia mais conveniente ás presentes occorrencias.

Publicaram os inimigos d'este reino, e de V. M. livros, e inventivas contra a honra d'elle e seu real direito, tomei a penna e me oppuz a seu desconcerto, e escrevendo contra os emulos na maneira que o mundo sabe.

Por semelhantes serviços fez V. M. avantajadas mercês, e pela escripta d'um só livro, em materia discutida, e abundante,

se serviu V. M. de dar o seu desembargo do Paço ao dr. Francisco Vaz de Gouveia.

Do credito que os estrangeiros deram a meus escriptos, não é inventora a vaidade; mas testemunha a experiencia, vê-se a conta que d'elles se tem feito, achando-se allegados largamente em comprovação dos procedimentos violentissimos dos émulos de V. M., donde elles e a sua voz, recebem a confusão que se conhece.

Apenas tive noticia de que V. M. gostaria ver escriptas as vidas dos serenissimos Reis Portuguezes, para correrem com suas medalhas pelo mundo, logo me dispuz a fazer a V. M. este serviço, cuja execução está bem proxima, que por minha parte se não retarda.

Sucedeu o milagroso caso quando Deus nos guardou a vida de V. M. (que guarde, e prospere por muitos annos). Houve V. M. de o fazer assim manifesto ás gentes, e ouve esta propria penna de ser uma das que o publicaram, servindo-se V. M., que o meu papel por direcção de seus ministros fosse aos ministros, Principes, e Nações amigas, em cujas lingoas corre ha muito convertido; sendo este um meio por onde novamente se conhece a justiça de V. M. pelo grande cuidado com que Deus guarda a sua pessoa, e innocencia.

Havendo hoje n'este Reino tantos sujeitos grandes, teve V. M. por bem, que sendo eu o menor d'elles, me occupasse em historiar a vida, e feitos do Sr. Duque D. Theodosio que Deus haja seu pai serenissimo.

Senhor, se estas são minhas acções exteriores, examinem-se as interiores; pelas quaes logo o animo dos homens é reconhecido.

Quaes são os meus tratos? Qual o animo? Que soffrimento? Que pezar ou alegria com os bons, os meus successos publicos? Que pessoas são as da minha amizade? Que taes as razões que me são ouvidas?

Constará que minhas correspondencias são com os sujeitos mais graves d'este reino, e de maior religião, e virtude; que a aquellos com quem tenho mais estreita amizade, e me fazem graça de a quererem ter comigo, são os ministros, e creados de V. Magestade mais confidentes, e mais para o serem.

Fóra de Portugal, aquelles que de mim tem alguma lembrança e eu a conservo para com elles, são os embaixadores, residentes, secretarios, e outra pessoas de quem V. Magestade faz toda a conta, e estimação.

Meus commercios são as lettras, e os livros, em que maior piedade, e honra se acha como é notorio.

Meu sentimento e alegria é aquelle e aquella que um bom e zeloso vassallo deve ter nos prosperos, e adversos acontecimentos da sua patria.

E' constante, que succedendo n'este reino, depois que eu a elle vim, quasi todos os casos de infelicidade (sem os quaes não quiz Deus conceder a gloria de vermos a V. Magestade em seu throno) foi tambem elle, servido por sua infinita bondade, que havendo-se enredado n'aquellas materias muitas pessoas com culpa, ou sem ella, não fui eu nenhuma d'essas.

Não é menos certo que em nove annos de Portugal, em seis de prisão; e em quasi todos de perseguição foi sempre tão claro, e singello o meu procedimento que apezar do arteficio dos emulos não houve nunca lugar de me occasionarem esta ultima ruina.

Onde se achará, Snr. no mundo um máo que assim saiba, e assim possa reprimir a sua malicia? E por que se não acabará de crer que é bom, quem por tantas obras, e por tantos annos o tem mostrado?

Que maldade não commette, quem contra um proceder tão justificado pertende oppor sombra de maliciosos pensamentos?

Dou todos por testemunhas da moderação com que levo meus trabalhos.

Accaso ver-me enterrado vivo, no melhor da minha idade, quando podera esperar possuir o que vejo desperdiçar aos outros, tirou alguma hora de mim uma só queixa, uma só palavra impaciente?

Vendo encaminhar a uma total ruina minha justiça, e tendo por certo havia pessoas, que folgariam de m'a não achar, e chegando a tanto, que m'a não acharam, foi por ventura tamanha causa bastante para que eu quebrasse estes cadeados de bons respeitos que voluntariamente havia lançado em minha propria bocca?

Cancei a V. Magestade alguma hora, com petições de melhoras, ou alivio de prisão, senão que padecendo meus males. e trabalhos, me acomodei sempre de tal sorte com a prisão que V. Magestade me assignou, que já pode ser que pela conformidade com que a levava, houvesse quem d'essa temperança quizesse fazer arteficio.

Ouviu alguém o meu nome antes de agora pelos tribunaes, accusado de algum delicto?

Esta observação é um dos incentivos que mais estimulla a meus contrarios, a fazerem hoje contra mim todo o esforço da sua malicia.

Sabem que livrando-me Deus d'esta accusação, não acharam, nem acharão outra em que poderem empecer-me.

Não incluída só em Portugal a fama da violencia, com que de meus inimigos era tratada minha justiça, vòu tanto, que chegando aos ouvidos do Christianismo Rei de França, como verdadeiro irmão, e fiel amigo de V. Magestade procurou concorrer com sua auctoridade real, escreveu a V. Magestade a seguinte carta, não sei se mais em recommendação da minha causa, que em desgarrado da justiça d'este reino:

“Muito alto, muito excellente, muito poderoso Principe nosso muito caro, e muito amado bom irmão, e primo.

O snr. D. Francisco Manoel, vassallo de V. Magestade, e que de presente está prezo na torre velha de Lisboa por causa d'uma falsa accusação, que lhe foi levantada por seus inimigos, os quaes aproveitando-se de sua retenção com escurecer manifestamente a verdade, acertaram de maneira, que por esse respeito elle foi condemnado a servir a V. Magestade na India. Mas por quanto é fidalgo de merecimentos e que os serviços que nos fez, em nossos exercitos nos convidam a compadecer-mo'-nos da desgraça que lhe ha succedido, escrevemos esta carta a V. Magestade para lhe rogar com toda a affeição que nos é possível, lhe queira conceder a graça que lhe é necessaria, para que elle não satisfaça tal condemnação, o que me será testemunho da conta que V. M. quer ter da minha recommendação, que por este sujeito se emprega de tão boa vontade como eu peço a Deus, muito alto, muito excellente, e muito poderoso principe nosso muito caro, e muito amado bom irmão, e primo, tenha a V. M. em sua santa e digna guarda.

Escrepta em Paris a 6 dias de novembro de 1648. Vosso bom irmão e primo.

LUIZ,,

Fui tão attento ao grande decoro que devia á justiça de V. Magestade, que havendo eu recebido esta carta de el-rei christianissimo para V. Magestade de que com tanta razão podia confiar muito, desviei que ella se apresentasse a V. Magestade por mãos de algum ministro de França, offerecendo-a eu a V. Magestade pelas do secretario do expediente, afim de não obrigar a V. Magestade contra o seu dictame, a alguma correspondencia com aquella corôa, ainda a troco da minha utilidade.

Prezentemente deixei de valer-me da intercessão dos Principes Palatinos, com quem tinha algum conhecimento de In-

glaterra, e da Rainha sua mãe, e irmãos quando me achei em Olanda, sendo de alguma maneira invitado com sua auctoridade para esse effeito, só por me não parecer justo opprimir as resoluções de V. Magestade com extraordinarias diligencias

Desejava, e desejo de alcançar o beneficio de que necessita minha fortuna, ou da grandeza de V. M. ou da virtude da minha justiça.

Mas se depois de tão vivas razões particulares, podem ter lugar as communs, por singular favor peço a V. Magestade se sirva de mandar ouvir o que ácerca de minha causa, procedimentos, e pessoa, diz o povo, de quem se affirma por sua bocca falla Deus.

Mande V. Magestade ouvir os soldados, os virtuosos, os amigos de letras; ouça V. Magestade os bons, como melhores que são e mais dignos de serem ouvidos, e de serem cridos dos principes, ouçam-se aquelles em cujo poder estou ha seis annos. Mande-se V. Magestade de todos elles informar ácerca de minha vida, ditos, e feitos: mande V. Magestade contar o numero de meus amigos, e de meus inimigos.

Que arteficio será aquelle que tanto saiba fingir? que industria a que de tantos se recate, e a todos engane?

Não é, Senhor, mais proprio, mais prudente, e mais christão discurso, intender que erram um ou dois primeiro que tantos? que se enganam os poucos antes que os muitos? E que podem fingir os inimigos aquillo que não podem fingir todos?

Um anno inteiro estive preparado para haver de ir ao Brazil (como se entendia): não foi V. Magestade servido que assim fosse. E com me vêr ficar incertamente, haver gastado, e ter perdido o pouco que tinha de meu, nem por isso fiz a V. M. alguma lembrança, nem outra diligencia; não se ouviu que eu n'este caso me queixasse da minha fortuna.

Era obrigado a crêr e sem duvida cria, que no real peito de V. Magestade se tinha tomado comigo resolução justa, e conveniente.

Seria grave crime meu, se sabendo (como sei) se não esquecesse V. Magestade das verdades que aqui refiro, esperasse da sua real mão, menos que uma deliberação em tudo de V. Magestade, como toda de V. M. hade ser; e eu por essa a heide seguir, e venerar.

A' vista d'esta modestia, e quando cuidava me entrava a clemencia pelas portas, e o fim dos trabalhos padecidos, me vejo de novo apertado e opprimido, d'onde é bem para sentir mais a causa que o effeito.

A confusa noticia que se me deu dos motivos d'esta novidade, é haver V. Magestade tido aviso, de que eu pertendia uzar mal da confiança que de mim se fazia n'esta prisão, e eu não desmereci, emquanto se passaram quatro annos que a gozei; nem por algum excesso dei cauza a reprehensão, ou arrependimento de quem de mim a fazia.

Differentes sobresaltos, mais urgentes perigos, tinha padecido minha justiça em todos os tempos passados, e em outros animos, que não eram o de V. Magestade, e mais fei eu tanto n'ella, e do meu animo, que por nenhuma contingencia me veio tal modo de remedio ao pensamento.

Pensamentos difficultosos são de provar; mas só as obras tem por seus fiadores; o que tenho obrado servirá de prova ao que tenho desejado.

Está hoje minha causa só pendente do arbitrio de V. Magestade, e ainda que essa razão me podia ter animado a lhe esperar bom successo, muito maior é a esperanza que nasce das demonstrações, sendo V. Magestade servido de responder ao secretario do expediente, quando d'elle recebeu a carta de el-Rei christianissimo, me assegurasse (como me assegura) se informaria V. Magestade com o mais favoravel voto dos Accessores, ainda que esse fosse o unico.

Esta propria luz observaram sempre da clemencia de V. Magestade todos os ministros e pessoas grandes, que de mim compadecidos, offereceram a V. Magestade como bons vassallos a lembrança da minha causa, por digna materia, em que podessem exercitar-se a grandeza e piedade como geral agradecimento.

Quem seria logo tão sem fé, e sem juizo, que á vista d'esta real promessa, e d'estas benignas demonstrações houvesse de acobardar-se?

Como quereria perder aquelle merito, que se tem por adquirido sem duvida, em o passado soffrimento? O desconto do que padeci em seis annos de prisão, a que as leis, a razão, e a piedade tanto olham, que o reputam por uma grande parte do castigo.

Não havendo V. M. por bem de me mandar ao Brazil, como se dizia, cuidava justamente, podia intender que V. Magestade como rei, senhor, e mestre nosso, se movia a ter maior compaixão de meus trabalhos, e não vinha em querer se me dilatassem em um tão remoto desterro.

Como se conforma esta esperanza, tão justamente fundada com a desesperação de que, sem alguma causa, fui calumniado?

Prezentissimo é a V. Magestade, como n'estes mesmos dias, attentos os grandes apertos, e falta de fazenda em que me vejo, fiz rogar instantemente a V. Magestade, e instantemente da minha parte, pelo conde de Redondo, e depois pelo padre Antonio Vieira, fosse V. Magestade servido de me mandar passar d'esta torre ao castello de Lisboa.

Foi esta pertença tanto nos proprios dias em que a V. M. parece se devia dar avizo de movimento (ou, por melhor dizer, de meus inimigos) que juntas recébi as novas de que a V. Magestade estava proposta a mudança de minha prisão; e de que V. M. ordenava fosse apertado n'esta.

Foi sem falta, misericordia, e providencia de Deus (que aos injustamente perseguidos não desampara) guardar-se para este tempo esta calumnia; por que fosse ella mesmo quem por minha parte a convencesse.

Por que, Senhor, em que entendimento cabe, e pode ter entrada, que nos mesmos dias em que a V. M. disseram tratava eu de aproveitar-me das commodidades d'este lugar, para me sahir d'elle, estivesse eu com repetidas instancias n'estes mesmos dias pedindo a V. M. me mandasse tirar d'aqui, e para parte donde parece que de todo se ficára impossibilitada a execução de tal pensamento, quando em mim o houvesse?

Bem creio não duraria no animo de V. M. o credito d'esta suspeita, (quando por minha desgraça o houvesse havido) mais que o chegar á memoria de V. M. esta lembrança.

Eu deixei premios por vir buscar a V. M., entreguei-lhe por eleição, e por amor a liberdade que possuia: nada d'isto se mudou, nem mudará em toda a vida, por quanto nas pessoas de juizo, e christandade, o castigo não induz desafeição da parte de quem o dá, nem da parte de quem o recebe: castiga o bom pai, e o bom senhor, e o que o não é deixa viver sem castigo ao filho, e ao subdito, como que se lhe dá pouco da sua perdição.

Se eu o merecesse, e V. M. me castigasse, animo, e juizo me deu Deus para o saber agradecer; se o não merecesse, e V. M. me castigasse, animo e juizo me deu Deus para saber discernir as açoes de V. M., das de meus inimigos; e conhecer que sua malicia d'elles inexcusavelmente obrigaria em vez de justiça a que contra mim se fizesse qualquer severa demonstração.

Tenho inimigos descubertos, e incubertos, sabe-o, conhece-o, e conhece-os V. M. Tomo a Deus por testemunha de que não mereço odio de nenhum, nem de ninguem. Todavia não descansam de fulminar meu damno. Não me val para com elles,

o calar, e o soffrer; mas para com Deus, e para com V. M. muito espero que me valha.

Verem que V. M. se detem, em consentir a ruina que elles me desejam, é um novo estimulo, que está concitando a mais cruéis effeitos sua ruim vontade.

Conheceram, que já aqui não tinham outra alguma causa, com que criminar o meu procedimento; inventaram esta, por ser a causa que mais levemente se deve crêr de um prezo, o desejo da liberdade; sem saberem medir, que ella para mim por este meio era mais dura que a prisão e desterro, pois me negava a esperança, que não perderei nunca, de alcançar algum tempo, a graça de V. Magestade, e o suave repouso da patria, que sobre todas as felicidades, é desejado dos homens,

Senhor, castigando-me V. M., perdoando-me, mandando-me para os fins da terra, tendo-me n'elles, eu sou, e serei dos mais feis, e verdadeiros vassallos dos que a V. Magestade amam, e obedecem.

Aquelle que nunca enganou amigos, e conhecidos, nem ninguem do mundo, este tal, senhor, é certo que tem feito largas provas para não haver de faltar a seu senhor, e a seu rei, a quem se deve mais verdade, a quem se ama mais, a quem se teme mais, e de quem mais que dos outros se espera e depende.

Mostrará o tempo o que prometto; verá V. Magestade: saberão estes reinos, se Deus me der vida, se V. Magestade m'a deixar empregar em seu serviço, que castigado, desprezado, e cheio de trabalhos procedo tão alegre, e tão constante em minha obrigação, como aquelle que mais possui favores, e premios.

Espero, já que no estado prospero não pude obrar de sorte que deixasse de parecer digno de castigo, que no estado de minha miseria obre de maneira, que a todos pareça digno de lastima, e perdão.

Occasioens passadas houve, em que muitas vezes offereci a V. Magestade o sangue, e a vida, que é sua. E assim como aquelle que deve lhe não é licito escusar-se de pagar sua divida, aquem e aonde lhe manda seu acredor; assim tambem ao bom vassallo, não é licito escuzar de dar sua vida na parte, e como lhe manda seu senhor.

Isto conheço; isto promulgo; isto protesto fazer „

As illações mais relevantes que se colhem d'este *Memorial* são: 1.^a que um certo Francisco Cardoso fôra assassinado em vindicta do adulterio commettido com a mulher de um dos assassinos, ou, mais provavelmente, do condemnado a galés, por ter mandado os outros; 2.^a que algum dos réos depozera que D. Francisco Manoel de Mello comprara os assassinos de Francisco Cardoso; 3.^a, que o réo se defendeu com testemunhas do maior credito, provando, ao mesmo tempo, que o assassinado havia sido amante da mulher de um complice já condemnado como tal.

Estas razões, ainda robustecidas com outras, não impediram que D. Francisco fosse condemnado, na segunda instancia, em degredo perpetuo para a India, e 2:600 cruzados de custas.

Não se admitte tão proterva iniquidade. Ha um braço omnipotente que obriga os juizes a condemnar, a despeito das quarenta testemunhas que no tribunal se affrontam com o inimigo mysterioso do prezo.

A vida do obscuro criado de certo fidalgo não podia ser tão preciosa quanto a condemnação inculca, já mais se o conjurado na morte d'elle é fidalgo de tanto tomo e por tantos serviços assignalado.

Não se dispensa, pois, que D. João IV seja o perseguidor mal rebuçado que de dia para dia vai engrossando os ferrolhos que incarceram o seu, já n'outros tempos, tão fiel amigo e partidario. Vem logo a tradição desvelar o segredo, referindo que o rei, concorrendo á mesma dama com D. Francisco, se travara com elle, no escuro de um pateo, e, de espada arrancada, disputára o accesso ao camarim da requestada.

Dado que assim fosse, que tem que ver o assassinio de Francisco Cardoso com o choque nocturno do rei e do fidalgo? Desceria D. João IV a solicitar dos magistrados que o desforçassem, colorindo a vingança? Revelaria o seu deshonesto segredo, tendo á regia mão ou-

tros expedientes de vingança mais summarios? Não se teria dito no processo, ou não diria D. Francisco Manoel no *Memorial* que rasões de suspeita poderam incriminal-o na morte de Francisco Cardoso?

E' escureza que a tradição deixou intenebrecer-se mais com o dobar dos annos. Se alguns genealogicos a poderam desfazer, eufreou-os o respeito, o medo, a transigencia com certos decoros, synonymos de certas deshonnas. Não obstante, como os linhagistas, fechados em seus gabinetes, não se temiam de escrever as volumosas costaneiras que hoje os seus descendentes trocam a romances, ou por um jantar — veniaga mais digna de indulto — aconteceu que a historia do auctor da *Carta de Guia de casados* ficou escripta minudenciosamente em um dos dez tomos de linhagens, que possuo, e foram escriptos por Joseph de Cabedo e Vasconcellos, natural de Setubal, e Manoel Moniz de Castello Branco, natural da Villa de Fronteira, ambos contemporaneos de D. Francisco Manoel de Mello.

Antes de levantar de todo o capuz do mysterio, quero dar a copia da nota que segue o meu traslado do *Memorial*, e que tem pontos de analogia com a do manuscrito do snr. dr. Ayres de Campos, conforme a referida informação de Innocencio Francisco da Silva.

Diz assim :

ADVERTENCIA

A sentença de que aqui se faz menção foi dada em segunda feira, 2 de março de 1648, estando prezo (D. Francisco) na Torre da Cabeça Secca, perto de 4 annos; e, depois em virtude d'este Memorial, a terceira instancia que se lhe concedeu e outras diligencias, estando mais 3 annos prezo, se lhe cummutou o degredo da India para

o Brazil, como consta da sua Carta declamatoria ao príncipe D. Theodosio ()*

A morte que se fez foi a um Francisco Cardoso, creado do conde de Villa Nova, D. Gregorio; foram enforcados trez homens por ella, e um que entregou o morto aos homicidas foi condemnado a galés.

Item: dizem que a má vontade com que elrei D. João 4.º se móstrou n'esta dependencia de D. Francisco, procedera de se encontrar com elle uma noite em a porta do pateo das columnas que está nas cazas contiguas ao Limoeiro, em que morava então a condessa de Villa Nova, (senhora de muito bem fazer a quem lh'o pedia) e porque tinha dado ponto, senha e hora, uma noite, a D. Francisco Manoel, e deu a mesma em tudo a elrei, que tambem era oppositor, não sabendo um do outro, pretendendo subir a escada ambos ao mesmo tempo, e não querendo ceder qualquer d'elles, vieram á contenda das espadas, brigando igualmente com esforço, e ventura; cansados, suspenderam a contenda, e, accudindo gente, se retiraram ambos por não serem conhecidos; sem embargo que elrei conheceu a D. Francisco e D. Francisco não conheceu a el-rei, nem sabia que era oppositor áquella empreza.

Sucedeu depois á morte de Francisco Cardoso, creado da condessa, e a sua lhe sobreveio a ella d'ahi a pouco tempo. Na prizão é que D. Francisco soube quem fôra o rival, e bem se mostra a sua innocencia nos livros que compoz estando prezo, pondo em todos — QUARE? — experimentando a ira do soberano com tanto rigor, não lh'o merecendo seus relevantes serviços, feitos a elle e á patria, como refere. Se isto foi assim, mancha

(*) Está impressa no volume intitulado *Aula Política, Curria militar, Epistola declamatoria*, etc., de D. Francisco Manoel de Mello, desde pag. 109 até 132.

é na fama de tal príncipe, e tão heroico, que forma parallelo com a de el-rei D. Manoel com Duarte Pacheco.

Esta nota abre alguma luz; mas não nos desensombra a vereda, antes nos embaraça mais na relação que possa travar-se entre o rei, e D. Francisco, e o creado morto, e a condessa fallecida pouco tempo depois do assassinio do creado.

E' agora o ensejo de sahir em pleno dia todo o enredo d'esta obscurecida tragedia.

*

D. Gregorio Thaumaturgo de Castello Branco, terceiro conde de Villa Nova de Portimão, guarda-mór da pessoa d'el-rei D. João IV, e gentil homem da camara do príncipe D. Theodosio, cazou com sua sobrinha D. Brazia de Vilhena, filha e herdeira de D. Luiz da Silveira, conde da Sortelha.

Ao segundo anno de cazado, o conde veio no conhecimento de que os tios não são os melhores maridos das sobrinhas, ou as sobrinhas não amam tanto quanto respeitam os tios. A denuncia dos desvios conjugaes da condessa foi-lhe feita pelo seu pagem Francisco Cardoso. O conde fez recolher a esposa ao mosteiro de Santa Anna, onde saudades e despezos a mataram, apoz dois annos de rigorosa reclusão.

Cazou o conde, em segundas nupcias, com D. Guiomar da Silva, filha de D. Francisco de Faro, conde de Odemira, e de D. Marianna da Silveira.

Esta, bem que não fosse sobrinha do marido, resvalou da inteireza dos bons costumes da caza brigantina d'onde derivava, e deu-se a uns funestos amores que Francisco Cardoso espiava com o zelo de leal servo de seu minotaurisado patrão.

Patente o delicto, D. Gregorio Thaumaturgo, que,

ao invéz do seu appellido, não fazia o milagre de achar mulher honrada, rompeu na ruim deliberação de matar a sua, com as necessarias cautellas. Assim o fez, mediante peçonha, que a dilacerou em poucas horas de agonia. Rumorejou-se, ao tempo, n'aquella inopinada morte, e attribuiu-se a medo dos parentes de sua mulher a sahida do conde para Castella, d'onde se repatriou em 1640.

Cazou o conde, terceira vez, com D. Marianna de Alencastre, filha de D. Lourenço de Alencastre, commendador de Coruche, e de D. Ignez de Noronha.

Foi D. Marianna peregrina formosura, e a mais cantada dos poetas fidalgos d'aquelle tempo. D. Gregorio não estava já em annos de poesia nem de amores, para tanto insistir em terceira experiencia. Frizava-lhe já menos mal o epigramma que D. Francisco Manoel de Mello lhe fizera a elle ou a outro de analogo sestro :

*Sempronio se descazou
de Lesbia, d'ella tal ser ;
porém, nada escarmentou :
tomou Livia por mulher,
sobre ella logo gritou.
Julio, o sogro, acode á filha,
bradam todos ; e um doutor
quer pôr em paz a quadrilha,
dizendo que era o sabor
que se tomou da vazilha (*)*

Esta terceira condessa parecia querer que a memoria das suas antecessoras fosse absolvida, ou então vingal-as da cruêza do marido.

(*) *Obras metricas*, pag. 234.

Entre varios amadores, acceitou os requebros do rei, por que era D. João IV, e os de D. Francisco Manoel de Mello, por que era gentil, moço de trinta annos, corajoso e poeta, o primeiro e mais galan de quantos então abrilhantavam os saraus da primeira fidalguia.

Não é verdade que a condessa de Villa Nova de Portimão dêsse hora e senha ao rei e ao fidalgo conjunctamente. A hora era de D. João IV; mas D. Francisco, cioso e desconfiado, espreitava um rival quem quer que fosse.

Estava elle acantoadado no pateo do palacio, espaçoso vestibulo, que se chamava o « Pateo das columnas » perto do Limoeiro, no terreno onde, mais de seculo e meio depois, o secretario da Regencia, Salter de Mendonça, edificou o seu palacio, sobre as ruinas do outro, arrazado pelo terramoto de 1755.

D. João IV entrou ao escuro recinto; e, quando subia a espaçosa escada, deu tento de um vulto, e do tinir de espada no talabarte. Arrancou da sua sem proferir palavra; mas conheceu o adversario com quem ia havel-as, por que D. Francisco perguntou ao desconhecido quem era.

O rei tinha bem de memoria a voz do homem com quem, a miudo, e aprasivelmente praticava.

Brigaram algum tempo, ferindo-se ligeiramente, e cessaram de esgrimir, quando no patamar da escada lampejou o clarão de uma luz, com que a sobresaltada condessa acudia ao tilintar dos ferros. Então, fugiram ambos a um tempo, e cada um por sua betêsga mais á mão. O conflicto passou ignorado do marido para não desmentir o proverbio, e de toda a gente, exceptuados os dois paladinos; mas só um d'estes possuia o enredo completo da aventura.

No emtanto, D. Francisco Manoel, acirrado pelo ciume, descurou as vigilancias com que se houvera até

á certeza de ser atraído. As assiduidades descautelosas expuseram-o á espionagem de Francisco Cardoso, que, áquelle tempo, havia sido galardoado com a mordomia da casa.

Teve o conde aviso da perfidia, e interrogou a condessa com a severidade denuncia de alguma catastrophe. D. Marianna de Alencastre, ameaçada na vida, afastou de si D. Francisco Manoel, revelando-lhe que Francisco Cardoso os espreitava e delatara ao conde.

Este Cardoso andava de amores adulterinos com uma Catharina de Enxobregas, mulher de um arrendatario de foros da casa de Villa Nova, chamado Marco Ribeiro. Sabedor de sua deshonna, este marido peitou trez criados que mataram a ferro o mordomo do conde.

Os assassinos foram prêsos; e, postos a tormento, declararam quem os mandára. Não obstante, o conde, communicando o seu terceiro revez a el-rei, attribuiu a morte do seu fiel creado e amigo a D. Francisco Manoel, por suggestão da condessa, cujo crime o mordomo assassinado lhe denunciara. O rei não impugnou a hypothese, antes a robusteceu consentindo no mesmo alvitre. Postos novamente a torturas os assassinos, a dôr e a insinuação dos inquiridores arrãcaram-lhes a calumnia que envolvia D. Francisco Manoel de Mello na cumplicidade. Preso, processado e condemnado, o innocente estava irremediavelmente perdido.

Todavia, o conde, descontente com vingança tão apoucada em comparação das que já tinha de vêzo, como guardasse ainda algum residuo do veneno que matara D. Guiomar da Silva, ministrou-o a D. Marianna de Alemcastre com igual exito, vindo assim a condessa a morrer pouco tempo depois do denunciante.

Não podemos já desejar mais claridade no mysterio que tanto deu que meditar e conjecturar no discurso de quasi dous seculos e meio. Traslado-o pouco menos de textualmente copiado do codice genealogico

de Cabêdo, que diz ter conhecido todos ou quasi todos os figurantes da horrenda historia, nomeando por seus nomes até os trez matadores que morreram na forca, depois de haverem dito no oratorio que não conheciam de nome nem de vista D. Francisco Manoel de Mello.

*

Este desgraçado não esteve prezo sete ou oito annos, na Torre Velha, como dizem os seus biographos ; mas sim doze como elle mesmo diz em uma de suas cartas : « Nos primeiros seis annos da minha prizão escrevi vinte e duas mil e seiscentas cartas. E que será hoje, *sendo doze* os de prezo, seis os de desterrado, e muitos os de desditoso ? » (*)

Soffreu penurias no carcere, por que foi esbulhado de suas rendas. Provam a sua extrema pobresa as seguintes passagens da correspondencia : « Sinto só o ver-me em maneira que nem para estar aqui nem para sahir d'aqui vejo meios ; por que, faltando-me os com que me heide sustentar, não tenho sagrado a que apelle, nem na paciencia propria... Sirva-se V. M. me mandar uma manta de lenha, que com essa incerteza estou desaviadissimo para o inverno ; e, segundo isto vai, levo geito de lhe queimar aqui todo o pinhal... Os livros folgara muito de comprar, quando os houvesse ; mas estou mais para vender estes que para comprar outros ». (**)

As justicas zombavam d'elle como de todos os encarcerados ; mas, com este prezo, o escarneo era mais de quebrar animo e esperanças, por que era D. João IV quem escarnecia : « Agora me mandaram crêr que me

(*) Carta 1.^a do auctor aos leitores — CARTAS.

(**) Carta XCIII.

querem soltar. O mesmo me prometteram a semana passada. Já não me intendo com palavras de principes. Póde ser que com a semana se passe a memoria de promessa » (*)

Ao fim de doze annos, D. Francisco Manoel de Mello sahi da cellula penitenciaria da Torre Velha para o desterro, não a cunprir sentença lavrada no infame processo, senão a dessedentar a rancorosa sêde do rei. A pena de degredo para a Africa era assim commutada, sob color de indulto.

Sahiu a victima do inexoravel rival para o Brazil em 1655. No anno seguinte, morreu cá o rei, e desde logo o desterrado obteve licença de sahir do desterro.

Não tinha elle, porém, na patria saudades ou affectos que docemente lhe acenassem. O melhor da existencia, a pujança da mocidade devorara-lh'a, desde os trinta e trez até aos quarenta e cinco annos, a amargura infinita da prizão, aquelle inferno da alma innocente posta em juizo no banco de trez assassinos, e por sobre tudo isto a compaixão e saudade de Marianna de Alemcastre, morta violentamente por sua causa.

Divagou D. Francisco pela Europa, e assentou residencia em Roma, onde permaneceu sete annos. Ahí começou a publicação de suas obras em nova e esmerada edição; mas, escasseado de recursos e protectores, levantou mão d'este consolador recreio.

Presentindo o avisinhar da morte, deu-lhe o coração rebates de saudade de Portugal, como quem se acingia ao desejo de haver na terra da patria a bastante para lhe agasalhar, em derradeira hospedagem, o coração anavalhado de angustias.

Chegou a Portugal em fins de 1665; escondeu-se

(*) Carta xxxi. da 5.^a Centuria.

em ermo não bem averiguado ahí por perto da Torre onde estivera prezo, e lá falleceu em 13 de outubro de 1666 aos 55 de idade, tendo nascido a 23 de novembro de 1611.

«Foi sepultado em S. José de Ribamar, d'onde provavelmente a civilisação e o progresso já atiraram os seus ossos, ou para o Tejo, que fica visinho, ou para algum deposito de immundicies que sirvam para adubar terras de pão pelo valle de Algés, ou da Ribeira de Jarmor». (*)

D. Francisco Manoel de Mello morreu solteiro; deixou, porém, um filho natural, de nome D. Jorge, que pereceu, oito annos depois de seu pai, na batalha de Senef. Diz Joseph de Cabedo que a mãe de D. Jorge era uma senhora do Porto, que vivera com D. Francisco em uma quinta do seu gentil namorado á margem direita do Douro, em um sitio chamado *Entre-ambos-ros-rios*. D'esta quinta fallou, em dias mais felizes, o poeta a D. João IV em uma graciosa petição rimada, que o leitor encontra a pag. 209 da *Viola de Talia*, edição de 1664.

Pelo que toca a D. Gregorio, conde de Villa Nova de Portimão, ha a certeza de que não cazou com quarta mulher. Deu-se a menos arriscados amores, amistando-se com Elena da Cunha, sua criada, de quem houve um filho, que tambem se chamou D. Gregorio de Castello Branco, e herdou de seu pai uma commenda de Christo, e o restante que podia herdar. Esta commenda foi dada, depois de 1755, ao conde de Oeiras, Sebastião José de Carvalho e Mello.

O titulo extinguiu-se com a pessoa d'aquelle 3.º conde que eu respeito na sua infelicidade, e até no desabrimento do seu desforço; mas reprovou-lhe a co-

(*) A. Herculano, *Panorama* citado

bardia da vingança, que tirou do amante da esposa assassina, imputando-lhe com infames cavillações a morte do mordomo. Como quer que fosse, se a algum homem do seculo xvii prelusiram as theorias de Alexandre Dumas, n'isto de matar as descendentes de Nod, foi a D. Gregorio, que, por amor d'esta milagrosa previsão, se chamou predestinadamente «Thaumaturgo». Sei que elle morreu no 1.º de abril de 1662, mas não sei se morreu na desconfiança de que o seu rei o deshonorára, fazendo-lhe do pateo sala de esgrima nocturna, e bordel da alcóva nupcial

O duque de Bragança não era esquivo destas gratificações aos que lhe tinham cingido o deadema, á força de covardia, que a historia abjecta chamou prudencia. Este peccado do adulterio é uma seraphica virtude comparado ao stygma de parricida que a crytica indiscreta em dias de mais luz e hombridade, gravará na fronte do pai do principe D. Theodosio o querido da fidalguia, do exercito e do povo.

1873.

NOTA CORRECTIVA

Treze annos depois que redigi este escripto para prefacio da *Carta de guia de casados*, comprazo-me em applicar-lhe mais reflexiva critica, e corrigil-o na parte essencial.

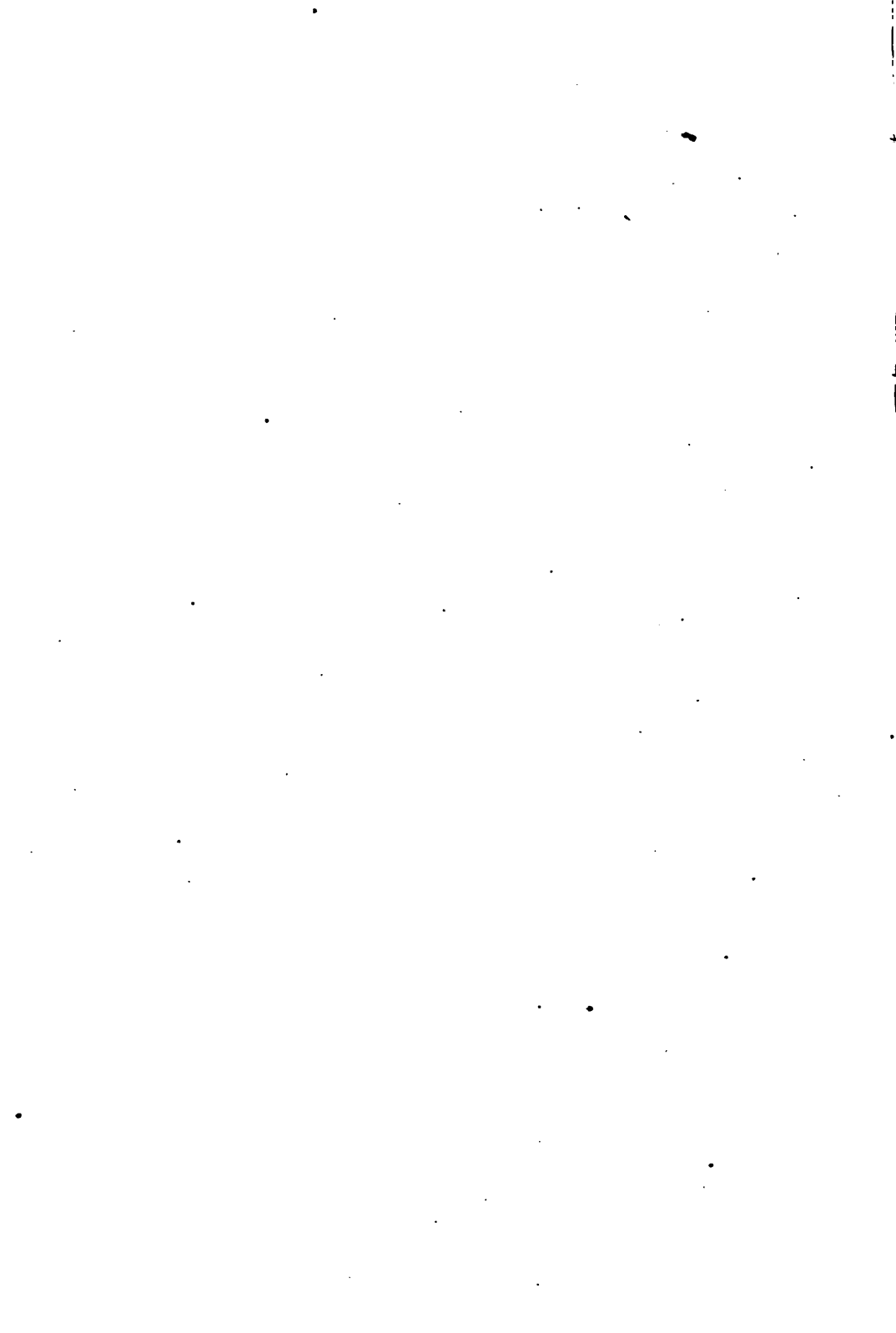
Duvidar das relações sensuaes de D. João iv com a condessa de Villa Nova do Portimão, seria fantasiar uma innocencia desmentida por depoimentos e documentos coevos; mas isentar o rei da responsabilidade, que lhe impoe a tradição, dos infortunios de D. Francisco Manoel, é justiça. Explica-se bastantemente pelo odio do marido offendido a prisão e o desterro do amante de sua, mulher. Quando o conde matou a esposa, quefaria ao adultero, se podesse? D. João iv, n'este conflicto, achava-se em situação de muito melindre para desfazer o que os tribunaes tinham feito. D. Francisco fóra condemnado por depoimentos falsos? Não era ao rei que cumpria desmentir as testemunhas.

Se o monarcha fosse o perseguidor implacavel do reo do homicidio, o degredado, fallecido o rei em 1655, seria restituído á patria. Não foi. Sa-

hiu do Brazil para Roma. Essa passagem não é a morte do principe que a explica: é a conclusão da pena. Porque não regressou então a Portugal D. Francisco Manoel? É que ainda vivia o conde de Villa Nova, que morreu sete annos passados, em 1683. So depois d'esse anno é que D. Francisco sahio de Roma; e, repatriando-se n'uma obscuridade impropria dos seus serviços, do seu nome e nascimento, nunca appellou da innocencia com que padecera para a reabilitação dos creditos e dos bens, não muitos, que a desfortuna lhe desbaratára.

Em summa, D. João IV poderia, se quizesse, como rei absoluto arrancar D. Francisco Manoel ás prezas do conde e do juiz dos cavalleiros que o condemnou; mas, na sua tal qual cumplicidade de parceiro nos dissabores do marido de D. Mariana de Alencastre, a sua intermissão seria duplamente afrontosa ás leis e ao seu camareiro-mor. A posição do rei seria invejavel na alcôva da condessa; mas, na crise judiciaria de que se trata, decerto não era.

1886.



DELICTA SENECTUTIS MEÆ

I

MADRIGAL SENIL

Na grega Halicarnasso houve uma fonte
chamada *Salmaciz*. Quem lá bebia
d'amor adoecia,
e, ás veses, morria.

A tal fonte seccou.

Mas quanto a natureza é providente
em preservar a hostile pathologia!

Halicarnasso é hoje uma ruina,
que o tempo devastou.
E, como não tem gente,
nos seus olhos, menina,
a fonte, que nos mata, rebentou.

II

AVE, SPES!

Aos vinte annos, vi um anjo refulgente.
 Diziam ser a *Esperança*. Tanto andei
 a seguil-o, a fitar-lhe o rosto ardente,
 — a deslumbrante luz que rutilava —
 que, em fim, sendo eu ja velho, inda o fitava
 com olhos juvenis. Louco, teimei
 em ver de frente a luz, que me offuscava,
 até deixar de a ver... por que ceguei.

III

A MINHA NETA

Parecia dormir: tinha morrido.
 Pedi que a não levassem no caixão;
 que a deixassem mirrar e desfazer-se,
 como a flor se desfaz sem podridão.

Teimavam em levar-m'a, e eu cingi-a
 ao peito que se abriu pela pressão;
 depois, pude escondê-la, e sinto-a morta
 no meu despedaçado coração.

IV

A UMA DESGRAÇADA QUE DORMIA

Rachel, dormes? dorme, embala-te
 n'um sonho alegre, infantil.
 Renasce, ó triste, e regala-te
 nos aromas d'esse abril

em que aspiras mocidade.
Dorme, dorme ; que, se acordas,
sentirás no pulso as cordas
da cruel fatalidade...

*

Sonha, e vê-te n'essa aurora
da tua infancia tão bella,
quando ja funesta estrella
pela tua vida fóra
teu destino acerbo traça.
Dorme e sonha ; que, se acordas,
não desdás os nós das cordas
que te prendem á desgraça.

V

A UM DESGRAÇADO QUE MORRIA

O' alma atribulada, corta o laço
da torva angustia que te acinge á vida !
Vai, fuge para Deus, ou para... o espaço...
Ou *nada*, ou *Deus*, que importa? eis-te remida !

Não tiveste na vida um dia escasso
de paz e de alegria ! Escurecida
te foi sempre a existencia, desvalida
e cortada de abysmos, passo a passo.

Vai ! não leves saudades do que deixas...
Se a Fé um melhor mundo te preluz,
alma gemente, por que assim te queixas ?!

Desprende-te, a sorrir, da horrenda cruz
em que tanto penaste ! Os olhos feixas ?
abre os da alma, e vê... que infinda luz !..

VI

DURANTE A FEBRE

A' porta do sepulcro, ainda volto a face
 para ver-te chorar, ó mãe do filho amado,
 que vê, como n'um sonho, a scena do trespasse...
 —sorver-lhe o eterno abysmo o pai idolatrado.

Talvez que elle, *a sonhar*, te diga: « Mãe não chore
 que o pai hade voltar... » Quem sabe se virei?
 Quando a *Acacia do Jorge* ainda outra vez inflore,
 chamai-me, que eu de abril nas auras voltarei.

VII

SUPPLICA AOS VERMES

O' vermes do sepulcro, eu pouco posso
 levar-vos ao banquete ensanguentado.
 De mim tereis apenas sêco osso
 das prezas da doença escalavrado.
 Cevai as vossas fomes no colosso
 de carnes e de enxundias bem sucado.
 Ha tanto gordo em que fazer destrôço!..
 Pois, deixai-me engordar mais um bocado.

VIII

SE ME LEMBRO!..

Ah! perguntas se me lembro
 d'aquella enorme desgraça!
 Nunca da mente me passa
Desesete de setembro!

Ouço os gemidos cortados
da lancinante agonia;
vejo-lhe os olhos vidrados
na orbita cavada e fria.

E a saudade a procural-o
nas estrellas; e a Rasão
a dizer: « Queres achal-o ?
« procura-o na podridão. »

IX

RABUGICE

(N'UM ALBUM)

Quando eu tinha as viçosas primaveras
do dono d'este escriptorio de poesia,
era um pessimo poeta das chimeras
que são a luz dos antros d'esta orgia.

Os albums ja se usavam n'essas eras
que tão longe vão ja!... mas a magia,
as ardentes paixões, fortes, austeras,
não eram como são as de hoje em dia.

O album era um amigo, um confidente
que em si guardava a dor do padecente
comò um crystal o aroma de um veneno.

O album é hoje um luxo, um *chic* inutil,
em que o poeta nos conta, chôcho e futil,
como é que amava... quando era pequeno.



A ESPADA DE ALEXANDRE

CARTA AO MEU VISINHO SNR. RAIMUNDO

POETA LAUREADO NA «AGUIA D'OURO» (*)

Meu caro senhor e visinho!



ERA por uma noite de lua cheia do agosto preterito. Estava eu á janella do terceiro andar, onde moro, n'esta fragrante rua das Congostas, ninho de poetas e philosophos, floresta ramalhosa onde v. s.^a regorgeia as suas lyras, e eu medito Theophilo e Rozalino Candido.

Estavam então v. s.^a e sua esposa, com as vidracas erguidas, banhados de resplendores da lua, altercando em voz alta a respeito de um livro de Alexandre Dumas-Filho, obra que por ahi gira com o titulo hermaphrodita de **HOMEM-MULHER**.

Dizia sua esposa que o auctor do livro atacava o direito, a justiça, a religião e o pudor. Replicava o snr.

(*) Publicada pudicamente sem nome de auctor em 1872.

Raimundo que o auctor do livro não atacava nada; pelo contrario defendia tudo.

Redarguia s. exc.^a que a mansão conjugal não é açougue, nem a esposa vacca, nem o marido megarefe. Recalcitrava v. s.^a que a esposa devia considerar-se vacca, desde que o marido era boi. Isso é assim.

Contenderam largo espaço os meus prezados visinhos n'este honesto certame; e, ao mesmo passo que mutuamente se illustravam nos deveres de cada um, esguichavam do meu cerebro um jacto de philosophias que eu passo a golfar aos quatro ventos da terra.

Os sentimentos bem ou mal expendidos n'esta carta, meu prezado visinho, são uma especie de prolegómenos com que tenciono predispor os animos para a representação de uma tragedia, em que trabalho ha muito, intitulada *O homem de Claudia*. Não se presuma, porém, que eu venho com esta noticia aliciar espectadores para a minha tragedia no Theatro-Circo. Não, snr. Raimundo. Eu sou publicista da escola de Mestre Theophilo—o symbolico,

.....: *um que tem nos MALABARES*
Do summo sacerdocio a dignidade,

como a respeito d'elle vaticinou Luiz de Camoens, no Cant. x, est. 11.

Publico um livro; sei que ninguem m'ó compra, nem m'ó lè; mas convenço-me, á laia do mestre, que os meus livros ensinam tudo que os outros sabem. Esta ronha pegou-m'a elle, o Grão-Lama, que imagina fazer reformas de raças com os seus livros de dentadura anavallhada como Cadmus fazia homens com a dentuça do dragão. Ajoujei-me, pois, na canga d'este pedagogo, e vou bem.

Revertendo ao ponto:

Affirmam auctores de boa nota que a mulher é

femea, *femina*. N'êste parecer abundam D. Antonio Ayres, bispo do Algarve, na «Reforma» do aprisoamento, e Bento Pereira, na *Prosodia*. Auctoras tambem de boa nota asseveram que o homem é macho. Do inlace e coezão d'estas entidades heterogenias forma-se o Macho-Femea, o colchete phyloginio. Faça-me o favor, snr. Raimundo, de alçapremar o seu intellecto á altura d'estes principios. Em materias transcendentales seja-me aguia e não kágado.

No principio do mundo (não iremos mais longe por em quanto) extrahiu Deus a femea do intercôsto do homem. Aurora do paraizo! Então era a costella do homem que dava a mulher; hoje em dia, ha homens com todas as costellas partidas porque desejaram uma ou duas mulheres! O lombo do rei da criação perdeu bastante da sua importancia desde que os nossos irmãos anthropophagos pegaram de extrahir d'elle sandwiches.

Este exemplo indelicado seduziu a esposa a considerar o marido uma substancia comestivel entre o prezunto de javali e o fiambre de viado. D'ahi, o desacato, o deslize d'aquella patriarchal idolatria com que dez centos de mulheres genuflectiam ao sancto rei Salomão.

Abastardado o antigo preito da costella ao costado, da parte ao todo, os philosophos inventaram a alma para d'alguma fórma afidalgarem a junção da carne á carne, do osso ao osso — phrase biblica sobremaneira bonita e aziatica. Ideada a alma, cumpria un-gir com os oleos mysticos o pacto da alliança entre alma e alma. Acudiram os canonicos com a invenção do sacramento.

Espero que o meu visinho não ignore inteiramente que os Sacramentos são sete. E, se esta sombra de duvida offende a sua orthodoxia, sirva-me de desculpa aquillo de Plutarcho no seu tractado *Da mancira de*

l'èr poetas. Diz elle: «A religião, coisa difficil de perceber, está acima da intelligencia dos poetas.» Mas do sacramento do matrimonio sei eu que o snr. Raimundo, sem embargo do seu alto lyrismo, percebe o essencial, porque eu mesmo o ouvi dizer a sua esposa:

«O matrimonio foi divinamente instituido.» Por signal que ella, áttica e sceptica, lhe respondeu:— Bem me fio eu n'isso!

E a razão de sua esposa duvidar da procedencia divina da instituição, meu caro visinho, eu lhe digo em que bases se funda.

Instituição divina ha só uma: é o mundo. Esta crença ha de prevalecer emquanto meu mestre Theophilo não quizer provar que o mundo é obra dos mosarabes. Divino é tão sómente aquillo que humanamente se não faz. Os sonetos de v. s.^a, por exemplo, não me parecem absolutamente de instituição divina. O cazamento tambem não; por que em tal acto influem o amor, o interesse, o medo, a vergonha, o reumatismo, a papa de linhaça posta por mão de esposa carinhosa nas irritações do aparelho digestivo, *etc.* Estas coisas são tão divinas como eu; e, se não ousou dizer como o visinho, é por que v. s.^a, na sua qualidade de vate, tem lumes divinos, *mens divina*; arde, fumega, evola-se como Elias—volatização de que se não gabam aqui os nossos visinhos pecuniosos por que o dinheiro puxa por elles para baixo como os elythros pela tartaruga.

V. s.^a sabe que, na antiga Germania, consoante Cornelio Tacito descreve, aquelles barbaros ditosos cazavam-se sem sacramento, sem sacerdote e sem templo. O noivo, em presença de parentes seus e da noiva, dizia-lhe: «Recebo-te como minha legitima mulher, para te haver e possuir, de hoje ávante, boa ou má, rica ou pobre, para te amar e assistir em tempo de saude e doença, até que a morte nos separe.»

Alli, divindade e padre, n'aquella augusta cerimonia, eram os arcanos sagrados, *arcana sacra*, o mysterioso respeito ao Deus invisivel, consagrado nos solitarios murmurejos da selva, *lucos ac nemora consecrant*.

Ora, medite, snr., n'estes selvagens, onde as mulheres rapadas, as adúlteras, eram por tanta maneira raras, que apenas apparecia uma para cevar a execração das turbas! Pois olhe que não havia lá n'aquellas florestas dodonicas idea de femea fabricada da costella do homem. Lá dizia-se que a creadora do mundo havia sido uma enorme e desmedida vacca, e vivia-se honradamente apesar de tão estúpido genesis de uma vacca bruta; e, por aqui, no pino da civilisação, com tantas vaccas sabias, vamos a pique! As nossas femeas restituem-nos a costella, pondo-n'ol-a como appendice ao craneo; e, em vez de se tosquiarem á guiza das germanicas, alcantilam as cabeças com uns riçados delirantes. Atroz!

Diga-me, visinho e poeta laureado: não será injuriar Deus attribuir-lhe o vinculo sacramental do matrimonio, d'onde derivam tantos infernos sabidos, tantos infernos ignorados, tantos coraçoes gentilissimos pervertidos, tanta deshonra escarnecida pelos folioens dos palcos, tantas alcovas devassadas, tanta mulher emborcada no gôlfão das lagrimas a que a sociedade chama o charco da prostituição?

Levam a taes voragens as veredas complanadas pela mão de Deus?

O' snr. Raimundo, não parvoejemos por amor ao catholicismo. Não façamos da nossa hypocrisia aspa de patibulo em que estamos sempre a cravejar a memoria de Jesus, sobre quem Deus refrangiu o mais divino reflexo da sua gloria.

Jesus não fez o casamento: quiz fazer a nova Eva, com o pé sobre os colmilhos da serpe, e a fronte amparada no seio amantissimo do homem. Ah! Jesus

disse: «Amái-vos!» Isto de: «maridai-vos» é preceito de concilios, e é palavra que não sóa no lexicon hebreu nem chaldeu. Ser-me-ia mais facil encontral-a em Petronio que em S. Paulo. Ressuma d'essa palavra um travo de impudor. Quando ella vier do intimo seio aos labios da mulher, já lá dentro não ha flor que lhe perfume o fortun. *Maridança!* — expressão deslavada de um acto sem vislumbre de ideal, a desfloração a começar na lingua, um rebaixamento d'aquelle prodigio da fantasia genetica — da mulher — á condição da femea, de retorta, de recipiente, de maquina de costura silenciosa, — materia grangada para reproduzir, como quem aduba um torrão que hade verdejar couves lombardas!

Atroz, snr. Raimundo, atroz!

Que é o adulterio?

E' a razão insurgida contra o absurdo do virculo indissolúvel.

A mulher que morre no acto da sua rebellião, que é? Hoje, é uma criminosa que uns deploram, e outros improperam na sepultura. D'aquí a cem annos será celebrada como holocausto da emancipação.

Por que, d'hoje a cem annos, visinho, não haverá matrimonio, nem adulterio — crime convencional e estranho á natureza, na judiciosa phrase de Girardin; haverá amor duravel e mantido mutuamente pela liberdade de quebrantar o pacto. O sacramento, o nó indesatavel, serão os anjos, os filhos. Por que os filhos, as creanças amadas do defensor de Maria Magdalena, desde então conversam com Deus, e haurem-lhe dos olhos divinos o raio de luz que reverbera entre os coraçocns de seus paes. Não descera a treva do tedio sobre as almas amadas. A aza pura e alva do filho cobril-as-ha, quando a hydra da lascivia resurtir das ruinas de algum extincto mosteiro de bernardos ou bernardas.

Que é o matrimonio ?

A definição, dada recentemente pela minha collega Maria Deraismes, recende aromas de tão subtil femi- nidade, que não ha ahi coisa mais balsamica de donzel- lice e pudicicia !

Ora, leia, poeta e senhor meu, e confesse que, ao par d'isto, os seus madrigaes são trovas de marujo que fadeja nas fontes cabalinas da Travessa dos Barbadi- nhos.

« O cazamento — diz a dama, invectivando Alexan- dre Dumas — é a união de dois organismos, cada qual com seu officio a exercer, em consequencia de preci- soens, appetites, e desejos que reciprocamente pendem a satisfazer-se um pelo outro, sendo o objecto d'esta sa- tisfação a perpetuidado da especie. Eis a essencia, o fim do cazamento. » (*)

Esta minha collega physiologica, ao que parece, é lida em Sanches, *De matrimonio*, e tem bastantes luzes de anatomia. Para alguns espiritos rasteiros e ignaros prefiguram-se no hymeneu suavidades, arrôbos, idealis- saçoens, volatisaçoens mais ou menos gasosas, borboletas iriadas, etc. A snr.* D. Maria da EVA, não. Essa vê dois órgãos com appetites. Em materia de cazamento não é christan, nem mahometana, nem pagan : é orga- nista.

Em outro lanço, pag. 38, a mesma philosopha, dis- creteando ácerca dos ditos órgãos, pondera que « a phy- siologia, parte da biologia, quando tracta dos órgãos em exercicio, requer a mais rigorosa imparcialidade, e a re- geição plena de tudo que é postição. »

Bravo ! Gosto d'esta senhora ! Se eu tivesse um filho parvo, dizia-lhe : « Caza-te com esta D. Maria da EVA, se queres saber biologia. »

(*) EVE, *contre Monsieur Dumas, Fils*. Pag. 47.

Outra minha collega, que por nome não perca, diz que: «se a sua filha fôr sanguinea e de compleição robusta, lhe não escolherá marido fraco ou desfalcado de forças por libertinagem.» (*)

E' tambem organista.

Cá está outra: a snr.^a D. Hermance Lesguillon, versada em Aristoteles.

Esta dama abespinha-se rasoavelmente contra Dumas, porque elle parece alvitrar que as meninas se abstenham de interpretar muito á lettra o preceito genesiaco. A douta matrona, auctora de quatorze livros, exclama:

«Qual é o fim da creação? E' decisivamente convento para as mulheres e mosteiro para os homens? Isto, a fallar verdade, é ridiculo! Onde quer o snr. que ellas vão? Aos vicios contra-natura, como Aristoteles os attribue ao *masculino* nas republicas gregas?» (**)

Veja-me esta sábia, ó snr. Raimundo!

Quer agora regalar-se com um pedacinho de apostrophe contra o mesmo vicio dos gregos?

«Cautela, eterno masculino! O proprio Deus se offende d'esses attentados contra a natureza! Esses impudicos mysterios que commetteis contra a mulher — obra da predilecção e ternura divinas — ultrajam Deus!» (***)

Mysterios impudicos que ella lá sabe, como se não fossem mysterios. Vista dupla do genio. Emfim, sempre é dama que lê Aristoteles, como a sua esposa, meu visinho, não é capaz de soletrar a *Palavra*, gazeta de let-

(*) LA FEMME-HOMME, *Réponse d'une à M. Alex. Dumas Fils*, pag. 40.

(**) L'HOMME, *Réponse à M. Alex. Dumas Fils*. Pag. 81.

(***) *Id.*, pag. 32.

tras de 10 reis, as quaes não podem formar uma intelligencia de pataco.

Conta a referida litterata que certa donzella sua amiga, em vespera de casar, leu o *Homem-mulher*. Entrou o noivo, e achou-a a tremer de pavor com o livro entre mãos. Pergunta-lhe que tem; ella mostra-lhe a brochura, e aponta-lhe com o dedo de ágatha aquelle truculento *Tue-la! Mata-a!*

— Que lhe parece isto? — disse a pallida noiva.

— Soberbo! — responde o gentil namorado — Não ha ahi palavra ociosa. O remate principalmente é optimo!

E a menina, sem mais delongas, desmaiou. E, assim que recobrou os sentidos, disse á mãe que não queria semelhante marido.

Rodeiam-na as suas amigas; forma-se synagoga de senhoras conspicuas, e concede-se á loira Alice a palavra para explicaçoens.

E a menina entre outras phrases, expediu estas do seio arquejante:

— Aquelle *mata-a! mata-a!* zumbia-me nos miolos! Estarreci!. . Como hade a gente jurar que será sempre a mesma, quando o livre arbitrio está dependente de outro? Poderei responsabilisar-me por amal-o sempre? Se me elle sahir abominavel, por sentimentos, e violento, caprichoso e despota, poderei soffrear a minha impaciencia? Se elle me não agradar, depois, poderei amal-o? —

Visinho, bacorejou-lhe á prevista menina onde iria parar ao diante, e teve medo. Honrado susto! Não lhe assevero que ella soubesse biologia, nem physiologia, nem manuseasse as politicas aristotelicas; mas de tal donzella ha muito que esperar, scientificamente fallando. D'estas vitellas tenras é que se fazem as vaccas sabias e duras.

Mas não se persuada, attencioso visinho, que a

discreta Alice aprezilhe no colo de alabastro a túnica de vestal. Longe d'isso. Tenciona cazar, porque as matronas academicas lhe preleccionam biologicamente que a perpetuidade da especie é condição indeclinavel. Diz ella então muito aforçurada :

— Heide cazar com pessoa cujos sentimentos eu conheça radicalmente; quero que eu e elle saibamos com o que podemos contar, e se as nossas sympathias são reciprocas... Lá do enxoval, que estava prompto, não se me importa já... Eu ia cazar com um sujeito que não amava nem conhecia. Primeiro que tudo, quero amar os sentimentos honestos do meu namoro. Com taes condiçoens, tudo se arranja bem. *Seremos depois indulgentes um para o outro.* (*)

Bastante petisca; mas boa rapariga de lei! E ingenua então... até alli! Confessa que esteve a ponto de cazar com homem que não amava; mas cazava tão de vontade como voluntariamente o regeitou. De sorte que, se não apparecesse o livro de Alexandre Dumas, veja v. s.^a que destino se estava «armando» para o marido d'aquella senhora!

O' visinho, sabe o snr.? eu, se tivesse um filho indulgente, dizia-lhe: «Rapaz, se não levas a mal que o almoxarife da caza de Bragança, em Villa Viçosa, te mande agarrar e recolher á tapada como cervo tresmalhado, caza com esta menina biologica.»

Agora, duas paginas austeras, snr. Raymundo.

Cá tenho a pitada do mazalipatão engatilhada ao nariz circumspecto. Devo-me ao futuro do meu paiz. Vou enviar-me gravemente á posteridade.

Não me consta que em Portugal, por em quanto, algumas das gentilissimas damas, que recolheram a he-

(*) Pag. 43 e 44.

rança das Sigeas, Alornas e Possolos, haja sabido á liça a esgrimir com o fulminante estylista francez. Parabens á constellação que scintilla annualmente no *Almanach das Senhoras!* Que não baixem da região excelsa em que são contempladas cá d'estas cavernas onde urram alcateas de fêras. Se anjos descerem a involverem-se comnosco, sahirão desluzidos, com as candidas plumas incarvoadas do suor negro dos nossos pugilatos. Nós, os gladiadores d'esta arena, se as sagradas estrellas se apagarem, não teremos a quem saudar, moribundos.

Não as induzam exemplos de escriptoras francezas n'esta melindrosa contenda. A sciencia perigosa, que lhes sobeja, é escorregadia, pudor abaixo, até ao desdouro da idéa e da fórma. Já lhes não basta a área modesta dos argumentos colhidos nos mananciaes doces do coração e da alma. Rompem as fronteiras das sciencias physicas e calculam chimicamente os globulos cruricos do sangue de cada mulher.

Dão venia e desculpa aos temperamentos nevroticos, e acham menos perdoavel o desacerto da esposa lymphatica. Devassam os latibulos de Sodoma, e dardejам por sobre a espadua de Aristoteles frechas sarcasticas á cara purulenta dos lazarus que raspam a sua lepra nos muladares. Abrem Bichat e De Bienville para nos ensinarem o que é a esposa anatomica e physiologicamente. Uma, que diz ter filha ainda creança, promete consultar o calorico, os estos e o arphar do sangue de sua filha nubil, quando houver de lhe escolher o homem.

E' uma senhora quem cogita e escreve estas carnalidades, e as estampa e atira o livro á onda suja, que espuma nos tapetes das salas de Pariz e de todo mundo. As avezinhas, esvoaçadas do pombal do *Sacré-Cœur* para o baile, para o theatro, para o *Bois*, seguem o olhar lavateriano das mães a cada homem anémico

ou plethorico, descarnado ou inxundioso, que se aproxima. Isto sobreleva a torpeza tolerada á mulher que esconde o seu aviltamento nas alfurjas. N'este phrenesi da esgaravunchar em temperamentos, será racional que o noivo se exhiba e sujeite a ser apalpado no craneo pela mãe da noiva, com Spurzheim aberto, para averiguações de bossas, e confronto de protuberancias das duas cabeças examinadas como aptas ao maquinismo da procreação. Alvitres d'aquella estôfa, dados por um ebrio no *estaminet*, revessam-se precipitados no sedimento do absyntho e do *hachich*; mas, decoados pelos prelos, tornam a chronica das orgias de Trimalcião um livrinho digno da puericia, um « Ramilhete de christãos »; e, se derivam por entre os dedos translucidos de uma senhora, ah! eu não lhes sei o nome! — a minha vontade é chorar um choro grande como o propheta Ezechias: *flevit fetu magno!*

E v. s.^a não chora, snr. Raimundo? Esponje-me d'essas entranhas de poeta fios de lagrimas; depois, enxugue-se, e leia, se está de pachorra.

Aquellas e outras damas que taes livros escrevem, inspirando-se da catastrophe de Denise Mac Leod, assassinateda, pouco ha, pelo marido, afugentam a piedade de ao pé da sepultura onde o archanjo sombrio e mesto da paixão se abraça á cruz de Maria Egypsiaca e de Margarida de Cortona. A memoria da desgraçada na podridão do tumulo é inviolavel. As mais austeras consciencias se commiseram das infelizes dilaceradas pelas engrenagens d'este pessimo maquinismo social; todavia, a compaixão não é assentimento ás irreflectidas damas que peróram ás turbas mostrando a tunica ensanguentada da victima, como quem mostra o punhal de Lucrecia. Se nos querem commover, chorem primeiro. Lagrimas, lagrimas,

Nada de rhetoricas lardeadas de doutorices. Em

vez de physiologia, espiritalismo. Alma ; e de corpo só o *quantum satis*. Contem-nos segredos das suas fragilidades maviosas ; coisas do seio para dentro ; flores do coração, que, ainda afogadas e delidas na raiz por abundancia de lagrimas, espiram sempre olores de innocencia. Se se desviam da honra, aconselhadas por suas sa-benças, então está tudo perdido ! Em organismos, em sangues ricos ou depauperados, em disciplinas do 3.º anno medico, façam-nos o favor de nos não aperfeiçoarem. Receamos que s. exc.^{as} nos intimem tarefa de *chrochet*, emquanto ellas, montando os oculos, abrem o grande volume de Harveus, e, para nossa confusão e escarmento, peguem de declamar : *Exercitationes quædam de partu : de membranis ac humoribus uteris et conceptione*. Eu tenho este livro, visinho ; e, se uma filha que heide ter, me abrir o livro e o traduzir no capitulo *Propagação da especie*, mato-a — para que o filho do snr. Alexandre Dumas, vindo a ser meu genro, m'a não vendi-me, aconselhado pelo pai.

Snr. Raimundo :

Eu não sei se sua esposa é instruida e bastante profunda em *Ponson du Terrail*. Que não vá ella arrene-gar do mau visinho da porta como de todos os diabos, malsinando-me de zoilo de damas que versam com mão diurna e nocturna os romances da « *Bibliotheca economica* ».

Não, senhor.

Acato a sabedoria das senhoras, quando a figura lhes dá geito de virágos, feitio de mestras regias jubila-das, e um não sei que de sexo canonico.

Que sua esposa, moça e galante, recite ao piano trovas de lavra propria, e escreva o soneto acrostico no dia natalicio do marido, acho isso bonito, senhoril e benemerito de um até dois osculos castos e dignos da testa da Minerva antiga. Mas, se ella descambar das branduras erothicas de Sapho para meditaçoens socio-

logicas, peço-lhe, visinho, que a obrigue a lêr as obras de meu mestre doutor Theophilo, a fim de ganhar odio á letra redonda — virtude supranumeraria dos escriptos d'aquelle varão.

Houve damas que lograram intalhar seus nomes na arvore immortal da sciencia; essas, porém, não desgarraram da senda florida por onde as abelhas do Hy-meto lhes zumbiam a dulcificar mulherilmente a phrase. Dou-lhe como exemplo Stael.

De involta com vastissima lição entreluzem, nos seus livros mais grados, donaires feminis, e genio acendrado na fragua do coração. Ao proposito d'esta esteril peleja, que se renova cada vez que um marido se furta ás prezas da irrisão publica, atirando ás da morte a esposa adultera, Stael perpassou ligeiramente, como lhe cumpria, pela solução do divorcio, reprovando-o. No extremado livro chamado *Da Allemanha*, escreve a insigne pensadora: « E' forçosa coisa confessar que a facilidade do divorcio, nas provincias protestantes, macula profundamente a sanctidade do matrimonio. Tanto monta mudar de marido como urdir as peripecias de um drama. Lá, a boa indole dos homens e das mulheres permite, que semelhantes rompimentos não sejam amargurados... É, todavia, certo que, á conta d'isso, a consistencia do character alquebra-se, os bons costumes abastardam-se, o espirito paradoxal alue as mais sagradas instituições, e não ha ahi determinar regras sobre coisa nenhuma. » (*)

Aqui tem sentimentos que frizam honradamente primorosos em indole de senhora n'esta questão, a todas as luzes pessima, por nimiamente arriscada. Aquelle parecer é talvez vulneravel, e não resistirá, por ventura, a Portalis ou Montesquieu; mas o que a sciencia lhe

(*) *De l'Allemagne, Des Femmes*, pag. 27. edição de 1864.

respeita, é a honestidade. Filha, esposa e mãe, — tudo no extremo em que a eminente escriptora logrou ser, em vida tão aparcellada de angustias — respiram n'aquelle pudibundo acatamento á seriedade do matrimonio. Ella não quer o divorcio: quer a dignidade na paciencia, quando falleça no homem a probidade de marido.

Compare-m'a, snr. Raimundo, com estas Hippatias actuaes. Em quanto a poetisa de *Corinna* linimentava suas maguas de expatriada com a *Messiada* de Klopstock, est'outras, com o cerebro ainda escaldado dos lampejos de petroleo, justificam o desaire das esposas com a physiologia de Muller, e vão ler, ao clarão dos cirios mortuarios que ladeam o ataúde de Denizê Mac Leode, as vaias que o philosopho de Stagyra desfrevava contra os pederastas espartanos.

Quer v. s.^a ler, a occultas de sua esposa, um môdêlo de altercação, entre marido e mulher, que D. Maria da Eva lhe offerece em desculpa da adúltera?

Veja se gosta.

MARIDO

O adulterio de minha mulher pôde fazer-me pai de filhos alheios.

ESPOSA

O adulterio de meu marido pôde arruinar-me os bens de fortuna.

MARIDO

Tu devias ter força e juizo para não succumbir.

ESPOSA

E tu, que representas a razão, foste o primeiro a prevaricar: não fiz mais que pagar-te na mesma moeda.

MARIDO

A minha culpa foi um mero capricho dos sentidos.

ESPOSA

E a minha foi uma necessidade. Quizeste que eu fizesse de viuva sem ter inviuvado. (*)

Aqui tem! Que senhoraça! Não lhe faz saudades a decencia das *Cartas* de Ninon de Lenclos? e as theorias de Thereza philosopha? Eu estou em dizer-lhe como o poeta,

que honras e famas

*Em taes damas não ha para ser damas (**)*

E, por tanto, visinho muito prezado, á vista do que pregam estas pandorgas folicularias, —symptomas de scirro incuravel no coração da França, — somos entrados na crize da decomposição. Salve-se quem poder com a sua companheira d'esta peor Troya, e leve alguns penates reduzidos em especies bancarias sobre os hottentotes, e vamos para lá muito nas boas horas, se v. s.^a não prefere antes que fiquemos por aqui a moralisar as massas.

Eu, de mim, anteponho o martyrio á fuga. Irei bradar debaixo dos muros d'esta segunda Jerusalem, sem me esquecer de Barcellos, Amarante, Lamego, e outras Ninives corrompidas. Se os de dentro me amol-

(*) *Marie Deraismes, Ève, Contre M. Alcx. Dumas Fils, pag. 49 e 50.*

(**) *Lusiad, cant. 6.º est. 44.*

garem a cabeça á pedrada como fizeram ao outro enviado do Senhor, arrange v. s.^a a formar de mim um sujeito legendario, depois de consultado mestre Theophilo — o arbitro das castas — sobre a raça em que me hade grudar.

Sou apostolo commedido e modesto, snr. Raimundo. Não me desvanecem presumpções de o convencer. O que faço é alqueivar bravios: o sementeiro virá mais tarde.

Repare, se faz favor, por essa vida de milhares de annos fóra que vem fluindo desde o cháos. Não vê uns altos e eternos padrões assignalando paragens que o genero-humano fez para ouvir a consciencia de sua força, o Deus interior, pela voz dos oraculos? Sobre esses padroens ha umas estatutas que topetam com as estrellas. Chamam-se Moisés, Fó, Kong-Fu-Tsée, Socrates, Platão, Aristoteles, Cicero, Paulo, Galileu, Luther, Vico, Descartes, Kant, Kepler, Leibnitz, Newton, Pascal, Montesquieu, Voltaire, etc.

Cuida v. s.^a que as torrentes da vida intellectual e progressiva se rebalsaram n'este pantano descompasado em que as rans, por entre os rabaças, nos estão coaxando sciencia... de rans? Está illudido, visinho. A natureza humanal fermenta, tem febre como puerpera d'um grande feto que lhe escouceia os flancos, fita grandes orelhas abertas aos rugidos da idéa nova que vem da Cafrária, e assesta o oculo de longa mira ás brumas do horisonte, onde, a espaços, lhe corisca um pyrilampo, que, se não é Theophilo, sou eu.

Se é elle, digam-lhe que se abra. *Epheta!* — palavra hebraica, que quer dizer: *abre-te!* Melhorar os costumes das raças deve ser-lhe mais facil que a costureira de invental-as. E elle, como o visinho sabe — inventou-se a si, inventou aquillo! Pois então que falle, com dispensa até da syntaxe. Que espirre candeias na

treva que se está condensando á volta do cerebro social — a familia. Que laqueie a grande arteria aorta da sociedade humana — o matrimonio. Que defeque o intestino cego das raças germanicas e latinas da ténia que o rói — o adulterio. Que nos diga, em fim, Theophilo o que se hade fazer ao dono ou dona d'esta prenda!

Ninguem receia que se esquive de entrar n'esta gafaria de tabardoens, com o seu emplasto, elle, que entrou com 3725 paginas em-8.º no gasofilacio da patria. Sabia isto, visinho? E nós, os seus discipulos laudanizados esperamos que o mestre, depois desta somnolenta operação de Mesmer, nos transporte ás regioens translucidas do espiritismo.

Entretanto, porém, que o vidente incuba, vou eu arroteando o chavascal que elle depois tozará mais a preceito.

Snr. Raimundo, poeta laureado, visinho e caro amigo:

Alexandre Dumas-Filho quer que Caim cazasse com uma macaca, natural do paiz de Nod, terra desconhecida a Strabão. É logicamente rigoroso que um paiz desconhecido a Ptolomeu e outros geographos antigos seja paiz de macacas. Se v. s.ª não achar no mappa de Portugal a terra onde fui creado e educado, a Samardan, fica authorisado a decidir que eu, em pequeno, andava lá pelos bosques a brincar com as caudas dos cynocéphalos, meus mestres de gymnastica e gesticulação.

— D'onde és tu, meu amor? — pergunto, na praia da Foz, á mulher que adoro.

— Sou de S. Gonhedo — respondeu ella.

— De S. Gonhedo? Espera ahi.

Abro o «Diccionario geographico» de que ando munido depois dos ultimos acontecimentos. Procuo S. Gonhedo, e não acho.

Começo a suspeitar que o meu amor é de Nod — que é, pelo menos, amacacada. Disfarço, accendo o meu charuto, e safo-me. É o mais prudente.

De Caim e de sua esposa Catarhina (sem *dom* : receio que v. s.^a, esquecido dos seus estudos zoologicos, faça a mulher quadrumana de Caim homonyma da inspiradora de Luiz de Camoens. *Catarhina* é o nome de uma das duas tribus da primeira familia de macacos. Veja Milne-Edwards, Dumeril, Lamarck, e a mim, *passim*) — de Caim e de sua esposa Catarhina procedem, segundo Alexandre Dumas, as mulheres de má raça e condição bravia. Pelos modos, n'esta progenie maldita, os machos são poucos, sem embargo de enxamearem por ahi em barda uns que macaqueam Comte e Spencer como uma foca póde remedar um acrobata arabe.

A descendencia de Caim, continuada em Cham, brunida pelo esmeril dos seculos, adelgaçou-se e puliu-se de feito que já se confunde hoje em dia com a descendencia abençoada de Sem e Japhet. — V. s.^a (permitta o exemplo) está persuadido que sua senhora é da raça boa, e faz muito bem; mas vá de hypothese que sua mulher amúa e trinca o labio porque o visinho resiste a renovar-lhe a cuia. Parece-me que será então acertado reparar se ella, n'essa occasião, rilha o sabugo, se coça os quadris com o dedo indicador, e anda de cadeira para cadeira a dar uns saltos suspeitos. Se este desgraçado presuppuesto se realisar, v. s.^a não será demasiadamente iniquo desconfiando que está matrimoniado com uma senhora que tem nas veias um litro de sangue de macaca. Feito o descobrimento anthropomorpha (queira desculpar esta gregaria), nenhuma cautella é de mais. O bom siso pela minha bocca discreta aconselha o visinho que lhe dê a cuia, duas cuias, e tres nozes para ella se desarrufar. Se não fizer isto, . . . estende-se, snr. Raimundo.

Começam a entre-luzir os meus principios ácerca do adulterio. Já achou, visinho?

O adulterio é um fatalismo organico. A mulher de estirpe macaca é irresponsavel do fratricidio e cazamento bestial de Caim. A rôla arrulha, o sagui chia, cada qual segundo a sua natureza glottica. O homem não deve sangrar á ponta de navalha a arteria onde o supremo gerador injectou sangue viciado. Ninguem se lembrou de fazer irmans da caridade as hyenas, nem encarregou os pachidermes de missionarem aos pretos seus visinhos.

O crime deprehende-se da liberdade de o não praticar. A bossa impede o arbitrio.

O homem que descadeira a mulher victima da fatalidade do seu organismo será capaz de me desfechar um revolver á queima roupa, se eu lhe não acceitar a côrte. E eu não lh'a acceito, por que não está na minha organisação receber a côrte do masculino nem do neutro. Sou irresponsavel da minha esquivança ás caricias ardentes d'essa pessoa. Não posso amar o sugeito que me enviou uma camelia, ou um frasco de agua de Colonia do Farina, mesmo da legitima. Se esse galan me bater, sobre ser asno, é feroz.

Os legisladores, menos arredios das leis naturaes, estatúem que marido e esposa se divorciem, dada a incongruencia de genios, aggravada pela prevaricação dos reciprocos deveres da fidelidade conjugal. O divorcio, porém, restricto á separação do toro conjugal e bens, não sanêa as feridas abertas na honra. A mulher resvala com o nome do marido a todas as voragens onde a irresistivel compleição a baqueia.

Hade elle, por tanto, matal-a para desacorrentar-se do pelourinho do vilipendio? Não; por que mata um authomato inconsciente da sua queda. E' como se andasse ás facadas aos seus amigos, por que elles, na sua

qualidade de corpos, obedecendo á lei da gravitação, pendem para o centro da terra.

«O divorcio judiciario constitue o casamento es-cola de escandalo» diz o douto dramaturgo do *Supplicio de uma mulher*. (*) — E accrescenta: «A interferencia de juizes é quasi sempre cega ou nociva. Se entre cazados ha motivos de divorcio, deem-lhes plena liberdade de se desligarem». Até aqui o primeiro publicista de França.

Mas seja divorcio incondicional, rompimento sem clauzulas. Se ha dote ou bens paraphrenaes, a mulher é credora, não já do marido, que é um titulo extincto, mas do detensor incompetente dos seus haveres.

Essa mulher, livre, pôde encontrar marido de sua especie, com tres partes de macaco ou mais, que lhe não estorve os instinctos, e ser ditosa, como a esposa de todòs os sujeitos de prol e tino

Que não são de ciumes offendidos.

E, simultaneamente, aquelle homem, desatado do vinculo infamante, pode topar uma descendente de Japhet, esposa leal, sanguinea ou biliosa, mas sobre tudo honrada, que é melhor que lymphatica.

E o sacramento? — pergunta-me o visinho com a Cartilha de Mestre Ignacio em punho.

O sacramento, snr. Raimundo, é um attentado contra a natureza; é, na phrase energica de Girardin: «uma pretensão impia dos fabricantes de leis positivas, prophetas e legisladores a desfazerem as leis naturaes para refazerem o genero humano sob o nome de Sociedade».

(*) *L'homme et la femme, Lettre a Mr. Alex. Dumas par E. Girardin.*

Observe que Girardin foi marido exemplar de Delphine Gay, a mais formosa e illustrada alma no mais gentil corpo de parisiense. Medite n'isto.

Mas muito mais ponderosa é a questão dos filhos. — Que se hade fazer ás creanças, flores que desbotoam á ourela d'essas esterqueiras, anjos nitidos que passam deplorativos por entre as lavaredas d'esses infernos?

Os filhos, legitimos ou bastardos, adulterinos ou incestuosos são eguaes perante a mãe. Ella é quem não duvida que os filhos são seus. Receba-os, leve-os, que talvez leve comsigo os esteios do seu rehabilitado decoro. Mas, se o marido os quizer, deixe-lh'os, que bem amparados ficam no seio do amor. Deve de ser immenso o bem-querer do homem que lava com suas lagrimas os stygmas na face do filho da mulher perfida e repulsa.

Pergunta-me o visinho se, em harmonia com estes paradoxos, o casamento, a alliança sacramental de homem e mulher acabam.

Acaba o que a sociedade fez, deturpando o que a natureza tinha feito. Mulher e homem volvem ao que eram.

Target, o collaborador do Codigo Civil da Convenção, responde-lhe melhor do que eu: *Onde quer que a sociedade encontrar um homem vivendo com uma mulher, deve reconhecer um consorcio apto para dar aos filhos o direito da legitimidade.*

— Paganismo!

Seja o que v. s.^a quizer; mas olhe que já não é de bom tom trejeitar visagens e momos quando a razão joeira perolas no lixo da Roma de Aggripa e Seneca, de Catão Censorino e Marco Aurelio. Se o visinho admira nos Congregados e na Trindade muita senhora, devota e escrava de Maria Sanctissima, não se edificaria menos entrando em Roma no templo do Pudor, edificado pelas Veturias, Cornelias, Calpurnias, Sulpi-

cias Pretextatas e Arrhias Marcellas. Estas ou morriam com os maridos amados, ou vingavam-os. O opprobrio não ousava erguer a cabeça petulante de sobre a alta barreira que extremava aquellas matronas das Sylias e Octavias, das Apuleias Varilias e das mulheres de Claudio.

O visinho sabe que na Roma pagan, dado que o divorcio pendesse da simples deliberação de um ou de ambos os conjuges, ou ainda do mero capricho do marido immoral — quer elle se chamasse Nero ou Cicerõ — decorreram quinhentos e vinte annos sem um exemplo de divorcio.

Montesquieu explica o phenomeno: «Marido e mulher soffriam-se pacientemente os mutuos dissabores cazeiros, por isso mesmo que podiam acabal-os; e, só por que tinham livre o uso d'esse direito, passavam toda a vida sem pratical-o».

Ahi está a minha idéa peneirada aos ventos quadrantes da opinião tempestuosa das turbas. Ruja a leõa da hypocrisia na sua caverna — que eu, á laia do varão justo de Horacio, ouvirei sem pavor o estrondear do mundo derruido á volta de mim, visto que tenho assistido impavido aos estrondos de todas as phylarmônicas de que sou socio prendado. *Impavidum ferient ruinae.*

Direi agora de v. s.^a, e de mim, e aqui do visinho especieiro da esquerda, e d'outros sucios do masculino.

Napoleão I, na ilha de Sancta Helena, mandou escrever no seu *Memorial* que «um homem deve ter muitas mulheres». Fez o que disse, e formulou aquella maxima ao alcance de todos os tolos, salvo seja. A aguia de Austerlitz alçou aos páramos da sua ascensão axiomática os infimos escaravelhos e osgas d'estes nossos paues burguezes.

O nosso velho amigo D. João Tenorio incorpo-

rou-se em toda a casta de galan esgrouviado, de galan mazorro, de galan aparrado no corpo e na alma. Os monarchas, constituidos Luizes XIV de refugo, metteram nos paços uns retalhos de Constantinopla, com a differença que os seus camaristas—os lançarotes— não poderiam gargantear de falsete na capella sixtina. Por sua parte, os sapateiros, convictos da egualdade do homem perante a mulher, fizeram-se tambem califas de sultanas sopeiras, immolando á sua intemperança d'amores o decoro das cozinhas e a perfeição dos *croquets*.

Está, pois, derrancado o masculino desde o throno até á tripeça. E' o que é.

E diga-me cá, ó visinho: onde iria cada homem buscar as muitas mulheres decretadas por Napoleão— o grande? Fóra do triangulo? era impossivel. V. s.^a está bem certo do que seja o triangulo? Vem isso lucidamente explicado no *Homme-Femme* de Alexandre Dumas. Triangulo é o homem-movimento, é a mulher-fórma, e é Deus manifestado n'essas duas coisas que se unem. E, a não se unirem e amalgamarem n'uma só, nem o homem terá fórma, nem a mulher se moverá. Por tanto, homem sem mulher tem pezo, mas não tem feitio; mulher sem homem, nem se quer é um *movel*, por que é immovel. Mais claro do que isto, só um preto e a *Poesia do Direito* de mestre Theophilo.

Logo que o Codigo Penal não providenciou contra o homem, contra o movimento, que se quizesse apropriar vinte fórmas de uma assentada, era de esperar que a sociedade soffresse grande terramoto nas suas mais augustas instituiçoens. Assim aconteceu. O homem, abroquellado com a impunidade, desfraldando a bandeira da natureza em bruto, arpoou as suas préas no proprio thalamo conjugal. Tal marido, que tinha uma só fórma, perdeu a mulher, e ficou amorpho, sem feitio de casta nenhuma.

Outros, que tinham duas fórmãs e d'ahi para cima, lá se avieram melhor com a sua vida. A mulher, essa é que nunca ficou intrévada, á mingua de movimento, porque o homem para ella era como o ramo de Virgilio: — homem ido homem substituido:

Primo avulso non deficit alter.

Choveu então aquella praga de leons devastadores, *Leo vastratix* de Lineu— uns ribaldos que se gabavam de ser pais de todos os nossos filhos. E seriam — o diabo o jure!

Estes homens eram negros ou pallidos—Othellos ou Romeos. Tinham maneiras scismaticas nas salas. Sombrios como anjos precipitados, demonios ainda bellos do resplendor do céu perdido. Liam romances do visconde de Arlincourt, cheirando a patibulos ensanguentados. Bebiã cognac, na abundancia em que o *petit crevè* de hoje em dia, o seu filho degenerado, bebe agua de Entre-ambos-rios para desemtupir o figado. Comiam bribigoens e outros testáceos com salada de malaguêtas.

A's duas da manhan sahiã dos seus antros da «Agua-d'ouro,» chapeo derrubado, capote ás canhas, e içavam a devastação das familias pelas trapeiras com escadas de corda.

Estes devassissimos Richelieus de esnoga eram conhecidos. Toda a gente fina sabía que elles bebiã as lagrimas de umas senhoras pelos craneos das outras. E, não obstante, a sociedade decretava-lhes a primazia na elegancia, o primor na cortezia, o bom-gosto nas fidalgas estouvãnicas.

Era vêl-os nas salas!

As meninas remiravam-os de esguêlha, tremulas de amor e mêdo; e aconchegavam-se da egide tutelar da mãe que lhes segredava em suores de afflicção:

— Aquelles homens tem mafarrico! Meninas, não

olhem para elles, que tem perdido muitas donzellas, e de cazadas não ha conta nem medida.

E as meninas ficavam sabendo que as donzellas se perdiam como as cazadas; e, se perguntavam o destino d'essas perdidas, as mães respondiam:

—Não vedes alli D. Pulcheria? D. Athanzia? D. Herminigilda? *etc?!!*

Ellas reparavam castamente, e viam as tres nomeadas, e as *etceteras*, refesteladas em poltronas, arraiadas de gorgoroens e pedras. E, depois, viam-as ir, sobraçadas pela cinta desnalgada, nos braços d'aquelles homens precitos, regamboleando a perna com furor macábroy n'aquellas polkas de então que eram a propria lascivia, o segredo descoberto das coréas na festa da deusa Bona.

Eram assim iniciadas as meninas ao sahir do collegio: mostrava-se-lhes o seductor fatal com o prestigio das salas e dos amores defesos; mostrava-se-lhes a mulher deshonesta com as regalias dos diamantes e das polkas.

Parabens, visinho! D'aquelles homens, uns morreram; outros, prostrados ao canto da leoneira, urram nas angustias da gotta, e pitadeam do meio-grosso.

Durma v. s.^a socegado nos braços da esposa fiel e da policia civil. Escada de corda não consta ha muitos annos que as patrulhas topassem uma funcionando contra o pudor publico. Das muitas cordas que houve, suspeito que os seus possuidores se serviram, informando-se a final com ellas para desaggravo dos bons costumes.

Verdade é que se dispensam escadas, se a hypothese antropologica de Alexandre Dumas é verdadeira — a hypothese das macacas, á qual eu racionalmente associo a hypothese dos macacos, com bastante desaire do meu sexo. Aquelles bichos atrepam contra todas as previsoens da policia. Um bugio é capaz de enroscar a

cauda na sacada do visinho da esquerda, e baloiçar-se á janella do snr. Raimundo com a maior limpeza de trabalho: *quod di omen avertant* — o que os deuses não permittam!

Seja como fôr, oiço dizer que os defunctos leoens, se não deixaram leonculos com as mánhas paternas, inocularam na geração actual o que quer que fosse da sua posthema. Por aqui na nossa rua e nas travessas limitrophes, graças aos temperamentos, não tem havido, que eu saiba, supplicio de macaca; observo, todavia, cheio d'estas tristezas modernas, que, uma vez por outra, lá ao longe, certos maridos, ignorantes do casamento de Caim no paiz de Nod, vão exercitando o officio do avô sem se importarem dos costumes da avó. Matam.

Esta acção, visinho, se me não parece digna, sem reserva, do maior elogio, tambem a não impropéro em diatribes de Menelau que defende o seu impudor proprio, arguindo a crueldade alheia.

Isto de trahir é um funesto pendor do organismo; e matar, a meu vêr, é uma funesta e irrecusavel in-fluição da nevroze. Mulher, que refrear os impetos do seu temperamento, é tanto como divina, senão é mais, porque supplanta a natureza, divinamente saturada do deus universal, do grande Pan. Homem trahido, que sente em si o retalhar de dois gumes, amor e honra, dois cauterios a sarjar-lhe a um tempo coração e cerebro, — que arde em ancias de matar como ardêra outr'ora em ancias d'amor — tal homem, se perdoou, é um sancto, é a mais bella e perfeita desgraça que Deus creou.

Não temos, porém, que ver com aquellas excepções. Balancemos o thuribulo da nossa admiração á Providencia d'essas almas, e desandemos para a feira franca onde o Sátan de Gil Vicente infeirava as suas vitualhas.

O commum dos adulterios é a retaliação, o despeque da mulher que a si se despreza por que se vê aviltada do marido. Elle, sacerdote do amor, erigira-lhe altar e idolatrára; depois, esfriado o fervor, apeára o idolo, e assentará sobre a peanha profanada a deidade nova, com resplendor de seducçoens infames. Primeiramente, o amor e vaidade choraram no coração da mulher expulsa do templo; em seguida, o orgulho represou as lagrimas, fê-las peçonha de vingança; e, por derradeiro, nivelou a mulher vingada hombro a hombro do homem libertino. Elles ahi estão, dignos um do outro, levados pelo delicto social ás leis authenticas da natureza. Acabou o artificio do marido-esposa. Restaurou-se o macho-femea. Romperam o pacto da fidelidade? deshonraram-se reciprocamente? Muito bem! Hosanah aos filhos da natureza! *Hurrah* pelo rebanho de Epicuro! Qual matarem-se! Vivam! no lar ou na rua, na lama ou nos arminhos; mas vivam e medrem como genté de boas e bem saldadas contas.

Isto é o que a lei quer, o que a religião da caridade aconselha, e o que a sociedade tolera com um bem dissimulado respeito.

Todavia, ha ahi uns celibatarios, extraviados dos concilios, amantes extremosos, pais loucos de amor aos filhos; mas, em fim, celibatarios impudicos, que sorriem, a occultas, dos maridos logrados.

Quem disse a esses malsins do lar alheio que taes maridos são logrados? Com que protervia se marêa a fama da esposa estygmatisando-a de perfida? Esposo trahido e mulher treda são os que reciprocamente se mentem. Cessa a ignominia da perfidia onde começa a luminosa tolerancia da desforra. E, por tanto, a invasão da crytica ao seio da familia, que não reclama a interferencia do Codigo Penal, é uma villania estúpida, um insulto á liberdade dos cultos.

Snr. Raimundo, sei de umas pessoas que mofam

cruelmente dos maridos enxovalhados pelo desdouro das mulheres. Ora, esses que hoje escarnecem o homem des-honrado, apedreja-l'o-hão ámanhan, se elle offerecer o cadaver da adúltera como resgate da sua honra.

— Matar! Oh! não, assassino! Despenhassel-a antes com um ponta-pé, de abysmo em abysmo, até aos nossos alcouces. Nós já temos encontrado cá mulheres illustres como a tua. Borrifamol-as com a champagne das nossas orgias. Ouvimol-as espumejar dos labios roixos o nome dos maridos por entre o acre do alcool. Vimol-as escoriadas de esfoliaçoens esqualidas no rosto. Soubemos emfim que o lençol da misericordia as baldeou da infermaria á vala. E os maridos viveram e sobreviveram, por que tinham juizo na cabeça, e abrigavam religiosamente no coração o augusto preceito: *não malarús!* —

Apoiados! snr. Raimundo, apoiados! Estes homens fallam bem: são os sociologicos, os philosophos, os estoicos, os cultos, sou eu, é v. s.^a, se me não illude a confiança que puz na sua capacidade, hão de ser os jornalistas, os legisladores, os juizes e os jurados, quando a brocha der a ultima de mão n'este mascarado edificio social.

Se eu tivesse um filho, havia de encouraçal-o para se affrontar, intemerato e invulneravel com esta sociedade cancerada. Creal-o-ia debaixo de mão, e no regaço da mãe virtuosa, até aos trinta e cinco annos, vestido de menina. Depois, mandal-o-ia estudar primeiras lettras, e ultimas, com professor de acrizolada sanctidade de costumes—mestre regio que houvesse tido a heroica abnegação de viver com o que lhe dá o governo, sem me sahir á estrada a roubar-me o relógio. Aperfeçoada d'esta arte a educação intellectual de meu herdeiro, eu iria com elle a um ponto culminante da cidade, á Torre dos Clerigos, por exemplo, na falta da

montanha de Alexandre Dumas, e dir-lhe-hia o seguinte :

« Meu filho, tens quarenta annos. Fizeste exame de instrucção primaria:— coisa que eu não era capaz de fazer. Sabes as *Raizes da formação dos tempos*, conjugas um verbo irregular, tens luzes não vulgares do *Preterito mais que perfeito composto*, bebeste a longos haustos os *Logares selectos* do Padre Cardoso, e vislumbraste Guizot atravez da historia patria do Motta Veiga. Estás prompto. Eu é que não sei nada d'isso; porque desbaratei a minha mocidade com o *Thesouro de meninos*, e depois com a tisoura das meninas, umas costureiras que me cortaram os voadouros, quando eu batia as azas para a região superior do *Manual encyclopedico*. Perdi-me. *Delicta juventutis meæ*.

« Em compensação, meu filho, fiz enxertar no teu cerebro dois garfos da sciencia universal. E's um repertorio dos conhecimentos humanos e prestadios. Estás habilitado para tudo, desde porteiro do Monte-pio dos empregados publicos até ministro da Marinha.

« Portugal é conquista dos talentos, como sabes.

« Espera-te uma cadeira velha na Academia Real das Sciencias, e outra no Gabinete de Leitura de Lamego. Tem-me d'olho estas duas couçoeiras luzentissimas dos penetraes da immortalidade.

« Tenho a satisfação de saber que chegaste á florida idade dos quarenta, sem que uma só petala se haja fenecido na tua grinalda de virgem. Em meio d'esta fornalha de Babylonia, portaste-te como verdadeira salamandra. Era grande o meu jubilo quando te via chegar a caza em mangas de camiza, e, rosado de pejo, me dizias que mulher de pharaó te despira o fraque! E's um menino das eras antigas. Em tempo de D. João v e outros reis castos, serias sacristão de Mafra ou da Patriarchal. Hoje em dia, a virtude da continencia levada

a tamanho apuro, poderá, quando muito, permittir-te a directoria interna do Azilo das velhas do Camarão.

«Meu filho, é tempo de intrares na forma, quero dizer, de teres fórma, de completar o triangulo com a esposa.

«Caza-te, se queres; mas, se te parece, espera mais cinco annos — periodo não de sobra para bem digerires e ruminares certos preceitos. E' bom ruminar desde já, para que depois não estranhes as operaçoens gastricas de ruminante.

«Entretanto, procura esposa que não saiba lêr nem escrever, se tanto fôr possível; receio, porém, que a não topes n'este paiz onde a instrucção está por tanta maneira derramada. *Derramada* é o termo lidimo.

«Se, á mingua de outra, o coração te esporear para mulher versada no alphabeto, fornece-a desde logo de livros uteis, brindando-a com as copiosas *Artes da cozinha*, que se publicaram n'este abençoado refeitorio de Portugal, desde Domingues Rodrigues até Ramalho Ortigão. Não se te importe que ella conheça este segundo sujeito; mas tão sómente do *Cozinheiro dos cozinheiros*, que elle deu á estampa com outros poetas causticados da inspiração satanica de Baudelaire. Que tua mulher procure o vampiro d'aquelles genios unicamente no seio de um timbal de borrachos.

«Averigua, antes de mais nada, se tua noiya procede directamente de sua quinta avô e respectivo avô, sem travessia. Tal avô tal neta. Indaga que frades, e de qual ordem, entravam em casa das avoengas do teu namôro; e não será demasiada pesquisa esquadrinhar se a mãe d'ella ainda alcançou os bernardos.

«Sabido e provado que a menina é de boa linhagem, observa se isto de fundilhar ciroulas e apontar piugas não são para ella coizas mero lendarias, tradiçoens mythicas de Penelope e da rainha Bertha. Bom será que ella seja caroavel da criação de parrecos e gal-

linhas, e outros «lances cazeirissimos» ao modo de fallar de D. Francisco Manoel de Mello.

«Que não se te olvide de espiar-lhe com aturada vigilancia o temperamento, como clausula em que muito bate o ponto. Se te sahir sanguinea, — alimentação vegetal, legumes, muita chicoria, fructas e macarrão. Se lymphathica, não privo que a faças quinhoeira de substancias fibrosas. Se os nervos predominarem, subordina-lhe a alimentação calmante aos banhos de chuva. Em summa, pelo que é de temperamentos, intende-te com Alberto Pimentel, auctor dos *Sanguineos, lymphaticos e nervosos*, amavel escriptor que todos os noivos devem convidar para lhes tirar o horóscopo da systole e dyastole, e da espinal medula.

«Estás, pois, cazado, meu filho. Tens outra alma no ámago da tua, uma segunda consciencia a dirigir, como pai, esposo e sacerdote. Na qualidade de padre de tua mulher, não me admittas acolyto, percebes?

«Serás fiel a tua mulher; leval-a-has ao Circo de quando em vez; e de tempo a tempo á musica do quartel-general, e ás Figuras de cera, auctorizadas pelo chefe da policia, por causa das Venus Calypigias. De comedias chamadas «de cazaca», e dramas lardeados de cancan, e Quadros-vivos, livra como de peste.

«Irás onde ella fôr; passarás á sua beira as noites de janeiro, fazendo «paciencias» ou jogando o burro: isto emquanto não ha prole. Quando houver pequenos, andarás com elles ás cavalleiras, emquanto a mãe jubilosa lhes está costurando os atafaes.

«Visitas de casta nenhuma, sem resalva de sexo ou idade. Diz o esperto frei Rozado nas *Lagrimas de Jerusalem*: «Está o mundo cheio de velhos e velhas que lêem de cadeira vicios aos moços e ás moças.» Foi isto estampado ha duzentos e cincoenta annos! Que diria elle hoje? O que escreveu n'outro lanço: «Já não ha virtudes nem cherume d'ellas».

« Ora bem : conjecturemos agora, meu filho, que tua mulher, lealmente amada, farta e cheia, querida e acariciada, pega de sentir-se invadida ob e subrepticamente pela imagem de certo homem que viu no Circo ou nas Figuras de cera. Considera, ó misero, que o freguez da Gran-Duqueza é um d'esses cachorros da raça funesta dos citados « leoens », que, atravez das lentes do binoculo, expede coriscos á alma de tua consorte, queimando-lhe as grandes arterias, as medias, as filamentosas, os vasos capillares, tudo em que ha sangue e palpitante na economia animal. Considera, outrosim, que ella, ouvindo a cavillosa natureza, mãe dos escandalos, em vez de confessar-se a ti, que és o seu padre lareiro, manifesta-se á cozinheira ; e, por entre os soluços da honestidade moribunda, abre-lhe o peito onde a sua má sina lhe photographou a ternissima cara do Saint-Preux do Circo.

« Por te não polear inquisitorialmente com hypotheses, vamos á ultima. A cozinheira entrou no triangulo. Tua mulher recebeu cartas, e respondeu-lhes, servindo-se dos teus dictionarios, do teu papel pautado, dos teus enveloppes, e, para remate da affronta, da penna com que tu enriquecias de glossas o *Cosinheiro dos cosinheiros*, ou esboçavas narizes tortos para intreter os rapazes.

« N'este tempo, — vá outra conjectura desgraçada — supõe tu que eras socio prendado, como eu, de varias philarmonicas aonde ias, uma noite por outra, prestar a Offenbach o preito da tua corneta de chaves. Com refece sorriso, tua mulher dava-te á sabida o osculo do costume, e esperava-te de volta, perguntando-te com a voz convulsa da consciencia irrequieta se fóras feliz nos bemoes, e tiveras palmas no solo do 2.º acto da *Ilha de Jafanapatão*.

« Ah ! filho ! Estavas trahido como todos os musicos incautos, trahido como tódas as victimas genero-

sas das bellas artes, quando a alma entusiasta as etherisa acima do capacho onde as esposas se amesendram com as suas aspirações razas!

«Atraídoado, pois! .

«E, por tanto, se essa mulher que tanto amavas, te cravou o punhal hervado da deshonna no intimo seio onde lhe tinhas a imagem; — se te coou mortal peçonha no beijo que te deu com os labios crestados da lava de outros labios lubricos; — se te fez a fabula dos visinhos, e te espectacularou na praça onde ha o gargalhar dilacerante, e ahi te poz ao cévo dos corvos que crocitam á volta do corpo onde farejam morta uma alma: — se te rojou o nome pelos seus esterquilinios na cauda de seus vestidos mercadejados com o corpo; — se te acalcanhou o coração, e te matou no cerebro o roixinol dos teus cantares; — se te incutiu no *eu* subjectivo a dyspepsia, a hepithite, a hypocondria, a cacochimia, e emfim te poz a honra e os intestinos entre o suicidio e o inevitavel opprobrio: sabes o que hasde fazer? sabes o que hasde fazer a essa macaca, meu filho? — Não lhe faças nada: deixa correr o marfim».

Isto é o que eu diria a meu filho; v. s.^a, porém, visinho, faça o que bem lhe parecer: eu não aconselho ninguem.

A final de contas, snr. Raimundo, se a questão do *Homem-mulher* não está assim resolvida, sou eu mais lorpa do que penso, ou a questão é mais infame que o acto que ella discute.

Seja como fôr, *Pax Domini sit semper tecum*, e boas noites.

S. C. 10 de setembro. Anno da Graça 1872.

LUIZ DE CAMÕES



PROTAGONISTA do sempre formoso poema de Almeida-Garrett é um Luiz de Camões romantico, remodelado na phantasia melancolica d'um grande poeta exilado, amoroso, nostalgico. A ideal tradição romanesca impediu, com as suas nevoas irisadas de fulgores poeticos, passante de duzentos e cincoenta annos, que o amador de Natércia, o trovador guerreiro, fosse aferrido no estalão commum dos bardos que immortalisaram, a frio e com um grande socego de metrificação, o seu amor, a fatalidade do seu destino em centurias de sonetos. Garrett fez uma apothese ao genio, e a si se ungiu ao mesmo tempo principe reinante na dynastia dos poetas portuguezes, creando aquella incomparavel maravilha litteraria. Ensinou a sua geração sentimental a vêr a corporatura agigantada do poeta que a critica facciosa de Verney e do padre José Agostinho apoucára a uma estatura pouco mais que regular.

Camões resurgiu em pleno meio-dia do romantismo do seculo XIX, não porque escreveu os LUSIADAS, mas porque padecera d'uns amores funestissimos. O seculo XVIII citava-o apenas nos livros didacticos e nas academias eruditas, como exemplar classico em epithetos e figuras da mais esmerada rhetorica. Tinha cahido em mãos esterilizadoras dos grammaticos que desbotam sapientissimamente todas as flôres que tocam, apanham as borboletas, prégam-as para as classificarem mortas, e abrem lista de hyperboles e metaphoras para tudo que transcende a legislatura codificada de Horacio e Aristoteles.

Luiz de Camões, qual o figuram Garrett no poema tragico e Castilho no drama ultra-romantico, e as musas indigenas e forasteiras nas suas contemplações plangentes, é o que se requer que seja o martyr do amor, o soldado ardido, o talento menoscabado pela camarilha dos reis. Os maviosos sentimentalistas afizeram-nos a estas côres prismaticas — ás refulgencias das auroras e dos luares theatraes. Mal podemos encarar o nosso Camões a uma grande luz natural. Queremol-o na tristeza crepuscular das tardes calmosas, na mesta solidão dos mares, nas saudades do desterro, no desconforto das primeiras precisões, vivendo da mendicidade do Jáo — do *escravo*, como se alguma hora houvesse em Portugal escravos de procedencia asiatica — e das economias da preta, arrastando-se sobre moletas do adro de S. Domingos para o catre do hospital. Quem nos mostrar Camões á luz com que a historia e a critica inductiva elucidam as confusas obscuridades dos homens extraordinarios — e por isso mais expostos á deturpação lendaria — poderá avisinhar-se da verdade; mas, do mesmo passo, se desvia da nossa inveterada opinião, e talvez incorra em delicto de ruim portuguez.

Eu me vejo n'este perigo e não me poupo ás eventualidades da ousadia. Pretender exhibir novidades

inferidas de factos comparados e probabilidades em uma biographia tantas vezes feita e refeita, será irrisorio atrevimento quando m'as poderem contradictar com provas solidamente cimentadas. O que não parecer novo n'estes traços será uma justificada emenda aos erros dos biographos antigos e recentes em que nomeadamente avultam os senhores visconde de Juro-menha e doutor Theophilo Braga que segue muito confiado aquelle miudo investigador com uma condescendencia extraordinaria para escriptor que tanto averigua.

*

Direi primeiro do amor meio lendario de Luiz Vaz de Camões a D. Catharina de Athaide, como causa essencial da sua vida inquieta e dos revezes da sinistra fortuna procedentes d'esse desvio da prudencia na mocidade.

Diogo de Paiva de Andrade, sobrinho do celebrado orador, deixou umas LEMBRANÇAS ineditas que passaram da opulenta livraria do advogado Pereira e Sousa para meu poder (*) Diogo de Paiva nascera em 1576. E' contemporaneo de Camões. Conheceu provavelmente pessoas da convivencia do poeta. Poderia escrever amplamente, impugnando algumas noticias de Mariz, de Severim e de Manuel Corrêa. Era cedo, porém, para que o assumpto lhe interessasse bastante. Na juventude de Paiva, as memorias de Camões não tinham ainda attingido a consagração poetica de que se formam as nebulosas do mytho. Diogo de Paiva pouco diz; mas, n'essas poucas linhas, ha duas especies não relatadas pelos outros biographos :

* Por compra feita ao livreiro snr. Rodrigues, da travessa de S. Nicolau, em 1871.

Luiz de Camões, poeta bem conhecido, tendo 18 annos, namorou Catharina de Athaide, e principiou a inclinação em 19 ou 20 de abril, do anno de 1542, em sexta-feira da semana santa, indo ella á egreja das Chagas de Lisboa, onde o poeta se achava. A esta senhora dedicou muitas das suas obras, e ainda que com differentes nomes é a mesma de que falla repetidas vezes. Foi depois dama da rainha D. Catharina, e continuando os amores com boa correspondencia, mudou ella de objecto para os agrados de que Camões se queixa em suas composições. Por estes amores foi quatro vezes desterrado: uma de Coimbra, estando lá a côrte, para Lisboa; outra de Lisboa para Santarém; outra de Lisboa para a Africa; e finalmente de Lisboa para a India, d'onde voltou muito pobre, sendo já fallecida D. Catharina, por quem tão cegamente se apaixonára.

O desterro de Camões de Coimbra, onde estava a côrte, é a novidade que não pude conciliar com o facto de ter residido D. João III em Coimbra nos annos immediatos a 1542, anno em que o poeta vira D. Catharina na igreja das Chagas. Os impressos que consultei, e não foram poucos, não me esclareceram. Sei tão sómente que o rei esteve em Coimbra por 1527 e 1550. N'esta segunda data já Camões se repatriára do segundo desterro em Africa. Quanto á inconstancia da dama da rainha — novidade de mais facil averiguação — os factos que vou expender a persuadem coherentemente.

D. João III, o rei-inquisidor, e *piadoso* por antonomasia, antes de fazer um filho em Isabel Moniz, fizera outro em Antonia de Berredo. Eram ambas de linhagem illustre. A primeira finou-se n'um convento da Guarda, sem ter visto seu filho Duarte que, aos 22 annos, morreu arcebispo de Braga. A segunda ficou na côrte, e achou marido de raça fina, sem embargo da concubinage real, aggravada pelo acto da sua notoria

fecundidade. A criança tinha morrido. Os nobiliaristas chamaram-lhe *Manuel*, e occultaram-lhe o nome da mãe, visto que ella propagou altos personagens, sujeitos envergonhados.

Antonia de Berredo casára com um viuvo rico e velho, Antonio Borges de Miranda, senhor de Carvalhaes, Ilhavo e Verdemilho, que de sua primeira mulher, da casa de Barbacena, tivera dous filhos, a quem competia a successão dos vinculos. D. Antonia concebeu do marido, e deu á luz um menino que se chamou Ruy Borges Pereira de Miranda. O marido falleceu. Os filhos do primeiro matrimonio, Simão Borges e Gonçalo Borges foram esbulhados da successão dos vinculos — um estrondoso escandalo em que influiu o arbitrio despótico do rei a favor do filho da sua amante. (*)

Apossado iniquamente dos senhorios de Carvalhaes, Ilhavo e Verdemilho, Ruy Borges, filho de Antonia de Berredo, affeiçãoou-se a D. Catharina de Athaide, filha de Alvaro de Souza, veador da casa da rainha, senhor de Eixo e Requeixo, nas visinhanças de Aveiro. D. Catharina era pobre, como filha segunda; seu irmão André de Sousa era um simples clerigo,

(*) NOBILIARIO DAS GERAÇÕES D'ENTRE DOURO E MINHO *escripto por Manuel de Sousa da Silva*. D'este genealogico nos dá noticia abonatoria D. Antonio Caetano de Sousa, no APPARATO Á HISTORIA GENEALOGICA, pag. CLXIII: "Manuel de Sousa da Silva, filho de Antonio de Sousa Alcaforado e de sua mulher D. Isabel da Silva, filha de Duarte Carneiro Rangel. Foi capitão-mór do concelho de Santa Cruz de Riba Tamega: escreveu notas ao conde D. Pedro em um grande volume em folio que se conserva original da sua mesma letra na livraria de Luiz Carlos Machado, senhor de Entre Homem e Cavado. Escreveu em quintilhas os solares de todas as familias do reino manuscriptas, e um grande numero de titulos de familias com muita exacção porque viu os cartorios dos mosteiros antigos do Minho de que tirou muitas antiguidades para as familias de que tratou,,"

prior de Requeixo; o senhor da casa era o primogénito Diogo Lopes de Sousa.

D. Catharina aceitára o galanteio do poeta Luiz Vaz de Camões, talvez antes de ser requestada por Borges de Miranda. O senhor de Ilhavo, rivalizado pelo juvenil poeta, sentia-se inferior ante o espirito da dama da rainha. Seria um estúpido consciente; queixou-se talvez á mãe. Não é de presumir que a mulher de D. João III se aviltasse protegendo o galanteio repellido do filho da Berredo—amante notoria de seu marido; mas é natural que a mãe de Ruy Borges recorresse directa e clandestinamente ao rei solicitando o desterro do perigoso émulo de seu filho. Assim pôde motivar-se o primeiro desterro de Camões para longe da côrte, e o segundo para Africa em castigo da teimosia d'elle e das vacillações transigentes com a riqueza do rival do poeta pobre, a meu vêr. A dama não seria muito escoimada em primores de fidelidade. Das damas da côrte de D. João III, dizia Jorge Ferreira de Vasconcellos: «todas são mui prôvidas em não estarem sobre uma amarra por não ser como o rato que não sabe mais que um buraco»—e talvez pensasse em Camões quando escrevia: «Elle cuida que por discreto e galante ha de vencer tudo: eu quizera-lhe muito mais dinheiro que todas suas trovas, porque este franqueia o campo, e o al é martellar em ferro frio.» (*)

Sahiu Camões para a Africa em 1547, e lá se deteve proximamente dous annos. Quando regressou, a dama da rainha era já casada com Ruy Borges e vivia na casa do esposo convisinha de Aveiro, entregue ao ascetismo, sob a direcção de frei João do Rosario, frade dominicano.

Subsistem umas MEMORIAS communicadas a Her-

(*) EUFROSINA, act. I, s. v. VI, e act. II, sc. II.

culano em 1852, e datadas em 1573 por aquelle frade, nas quaes o confessor revela que D. Catharina, quando elle a interrogava ácerca do desterro de Camões por sua causa, a esposa discreta de Ruy Borges respondia que não ella, mas o grande espirito do poeta o impellira a empresas grandiosas e regiões apartadas. Esta resposta, um tanto amphibologica, argue e justifica o honestissimo melindre da esposa.

Se respondesse: «fui a causa de seu desterro», daria testemunho menos nobre de sua ingratição, e teria de córar como esposa voluntaria de Ruy Borges, como trega amante do desditoso poeta, e ainda como filha espiritual do frade nimiamente indagador que varias vezes e indelicadamente a interrogava sobre o caso melindroso: *E todas las vezes que no poeta desterrado por saa rasão lhe falava...* — escreve frei João do Rosario.

O arrependimento, o tédio e a saudade não a mortificaram longo tempo. Morreu Catharina de Athaide em 28 de setembro de 1551, e foi sepultada na capella-mór que dotára no mosteiro de S. Domingos de Aveiro em sepultura que ainda se conserva.

Camões não ignorava a tristeza raladora de D. Catharina. Este soneto exprime o sentimento d'uma vingança nobre até ao extremo de compadecida:

Já não sinto, senhora, os desenganos
Com que minha affeição sempre tratastes,
Nem vér o galardão, que me negastes,
Merecido por fé ha tantos annos.

A mágoa choro só, só choro os damnos
De vér por quem, senhora, me trocastes!
Mas em tal caso vós só me vingastes
De vossa ingratição, vossos enganos.

Dobrada glória dá qualquer vingança,
Que o offendido toma do culpado,
Quando se satisfaz com causa justa ;

Mas eu de vossos males a esquiva
De que agora me vejo bem vingado,
Não a quizera tanto á vossa custa.

Semelhante soneto dirigido á outra D. Catharina de Athaide, dama do paço que morreu solteira, não tem explicação. É evidente que Luiz de Camões allude á mulher que o vinga padecendo as mágoas resultantes d'uma alliança em que elle foi ingratamente sacrificado. Á outra dama que morreu, estando para casar, segundo a versão colhida pelos primeiros biographos, não diria Camões :

... a vingança

Não a quizera tanto á vossa custa.

Como o vingaria ella, desconhecendo as tristezas de casada que não chegou a ser? Era mister que se desse mudança de vida irremediavelmente afflictiva e remordida de arrependimento para que o poeta se ufanasse de vingado, — e tanto que implicitamente lhe perdôa. O soneto que trasladei não attrahiu ainda notavel reparo d'algum biographo, sendo a pagina mais para estudo, nos amores de Camões. Antes do generoso soneto, quando a julgava contente, Camões exprimia-se de mui diverso theor. O ciume, o despeito e a cólera desafogára n'outros versos perdoaveis á dôr, mas somenos fidalgos. Chamou-lhe *cadella*

O viuvo Ruy Borges passou logo a segundas nupcias, procurando em outra mulher a felicidade que não pudera dar-lhe a devota Catharina absorvida no mysticismo, como n'um refugio aos pungitivos espinhos da sua irremediavel ingratidão.

O poeta grangeára inimigos na cõrte. Deviam ser os Berredos e os parentes de Ruy Borges de Miranda. Entre os mais proximos d'este havia um seu irmão bastardo, Gonçalo Borges, criado do paço, a cargo de quem corria a fiscalisação dos arreios da casa real. Teria sido esse o espia, o denunciante das clandestinas entrevistas do poeta com a dama querida de seu irmão?

Em maio de 1552, Gonçalo Borges curveteava o seu cavallo entre o Rocio e Santo Antão, no dia da procissão de *Corpus-Christi*, em que se mesclava um paganismo carnavalesco de exhibições mascaradas. Dous incognitos de mascara enxovalharam Gonçalo Borges com remoques. Houve um reciproco arrancar das espadas. N'este comenos, Luiz de Camões enviou-se ao irmão de Ruy Borges e acutilou-o no pescoço. O golpe, segundo parece, era a segurar; mas não deu resultados perigosos para o ferido. Camões foi preso; e, ao terminar um anno de carcere, solicitou perdão de Gonçalo Borges que, voluntario ou coagido por empenhos, lhe perdoou, visto que não tinha *aleijão nem deformidade*. A *Carta de perdão*, produzida pelo snr. visconde de Juromenha, é datada em 7 de março de 1553, e está integralmente copiada (*).

Dias depois, Luiz Vaz de Camões sahia para a India, na mesquinha posição de substituto d'um Fernando Casado, e recebia 2,5400 reis como todos os soldados razos que embarcavam para o Oriente; e para isto mesmo prestou a fiança de Belchior Barreto, casado com sua tia. Aquelles 2,5400 reis eram o primeiro quartel dos 9,5600 reis, soldo annual do soldado reinol.

Expatriou-se na humilhação dos mais desprotegidos. Devia de ter alienado a estima e o favor de amigos influentes, porque sahia do carcere rebaixado pelo

(*) OBRAS DE LUIZ DE CAMÕES, edic. Jur., tom. I, pag. 166.

desbrío com que implorára o perdão, e réo confesso de uma vingança por motivos menos honestos aos olhos dos velhos serios, e desdourados na propria fidalguia pelas ribalderias amorosas d'um mancebo de nascimento illustre. Se Luiz de Camões embarcasse para a India como o commum dos mancebos fidalgos, receberia 300 ou 400 cruzados de ajuda de custo.

A familia *Camões*, no reinado de D. João III, esteve relegada da consideração da côrte. O mais notavel d'essa familia, o cruzio D. Bento, prior geral da sua Ordem, gozou apenas a prelazia monastica, mas sem influencia civil e politica d'alguma especie. Simão Vaz de Camões, parente do poeta, senhor d'um morgado mediano, era, por esse tempo, um libertino espiado pela justiça, deshonorado por delictos graves e allianças matrimonialmente ignobeis, em Coimbra. Os outros ramos vegetavam obscuros; e alguns d'essa familia que militaram na Asia não alcançaram alguma qualificação notavel nos minuciosos annaes de Gaspar Corrêa. Diogo do Couto nem sequer os nomeia.

No reinado de D. João II, Antão Vaz, avô do poeta, casára com D. Guiomar da Gama, parenta de Vasco da Gama, a quem seguiu á India, capitaneando uma caravela, talvez escolhido por Vasco, em attenção ao parentesco. O heroe dos LUSIADAS enviou Antão Vaz embaixador ao rei de Melinde, a cumprimental-o, a levar-lhe presentes e a concertar as pazes (*). Luiz de Camões, com rara modestia, omitta o nome de seu illustre avô; dá-lhe, porém, predicados d'elegancia oratoria, e compraz-se em o fazer discursar largamente. Na dilação do discurso transluz uma licita vaidade. Vasco

* LENDAS de Gaspar Corrêa, tom. I, pag. 530 e 561.

Manda mais um, *na pratica elegante*,
 Que co'o rei nobre as pazes concertasse;
 Partido assi o *embaizador prestante*,

Com estylo que *Pallas lhe ensinava*,
 Estas palavras taes fallando orava (*).

Nenhum biographo, que me conste, aproximou ainda a passagem do poema do nome do embaixador Antão Vaz. Verdade é que João de Barros, Damiao de Goes e o bispo Alexandre Lobo escondem o nome do enviado; e a maioria dos biographos não conheceu os mss. de Gaspar Corrêa, nem consultou senão os expositores triviaes. Antão Vaz, como se lê n'outros trechos d'aquelle prolixo chronista, é sempre o preferido nas mensagens em que é essencial o discurso. Conhece-se que Vasco da Gama o reputava efficaz no dom da palavra.

Passado o anno 1508, não tenho noticias d'elle, nem sei que se avantajasse no posto com que sahio do reino, commandante de caravela, em 1502. Provavelmente não «fez fazenda», como lá se dizia na Asia, ou porque tinha espiritos por demais levantados da terra nas azas da eloquencia, como se deprehende do conceito do neto, ou porque pertencia á raça ainda generosa e desinteresseira dos primitivos soldados do Oriente. O certo é que a sua descendencia, filho e neto, não inculcam herdar-lhe os haveres.

*

Posto que na *Carta de perdão* se diga que o pai

(*) Veja as estancias desde LXXVII a LXXXIV do canto II.

do soldado, Simão Vaz de Camões, cavalleiro fidalgo, morava na cidade de Lisboa, isto não affirma que elle, no anno em que o filho embarcou, alli residisse. Simão Vaz estanciára muito pela India, e possuía em Baçaim, em 1543, a aldêa de Patarvaly que D. João de Castro, o vice-rei, lhe aforára por 60 pardãos (*). Estes aforamentos eram vitalicios e concedidos como remuneração de serviços a fidalgos pobres, porque, dizia o vice-rei, não dispunha d'outra moeda. Fallecido D. João de Castro, os governadores subsequentes Garcia de Sá e Jorge Cabral, insinuados por D. João III, que já vivia do expediente de empréstimos, annullaram as concessões do vice-rei como nocivas aos interesses da monarchia. A aldêa de Patarvaly foi reivindicada para a corôa, e a desfortuna de Simão Vaz conjectura-se da pobreza da sua viuva e do seu filho unico.

Pedro de Mariz e a serie de biographos mais antigos testificam que Simão Vaz, tendo naufragado em terra firme de Gôa, a custo se salvára e morrera depois n'esta cidade. Ora, em 1552, a nau *Zambuco* varou no rio de Seitapor, a trinta leguas de Gôa, salvando-se a tripolação. Seria essa a nau em que Simão Vaz de Camões ia novamente no engodo da fortuna esquiva? Se era, em março de 1553, quando Camões sahiu do carcere, a morte de seu pai não podia ainda saber-se em Lisboa. E' certo que, nas LENDAS de Gaspar Corrêa e DECADAS de Couto, o nome de Simão Vaz é inteiramente desconhecido. Seja como fôr, é necessario expungir da biographia de Luiz de Camões um *Simão Vaz*, residente em Coimbra, primo do poeta, que o snr. visconde de Juromenha por um mero equivoco de ho-

(*) TOMBO DO ESTADO DA INDIA, por Simão Botelho. (Na *Collecção dos inéditos para a Historia das conquistas dos portuguezes*, pag. 193).

onymia reputou pai de Luiz, descurando as inducções da chronologia e todas as provas moraes que impugnam semelhante parentesco.

Das poesias de Camões nada se depreheende quanto aos seus progenitores. Em toda a obra poetica e variadissima do grande cantor não transluz frouxo sentimento filial, — nem um verso referente ao pai. Em todos os seus poemas escriptos na Africa e Asia, na juventude e na velhice, não ha uma nota maviosa de saudade da mãe. Os poetas da renascença tinham esse aleijão como preceito de escola. Desnaturalisavam-se da familia, da trivialidade caseira para se inalterarem ás cousas olympicas. Gastavam-se na sentimentalidade das epopêas e das eclogas. O amor da familia, se alguma hora reluz, não é o da sua — é o das familias heroicas. Apaixonavam-se pelo mytho, e timbravam em nos commoverem com as desgraças de Agamemnon ou Nióbe. Isto não desdoura a sensibilidade rhetorica do cantor de Ignez e de Leonor de Sá; mas vem de molde para notar que do poeta para com seus paes não se encontra um hendecasyllabo que lhe abone a ternura. O mesmo desamor se verifica em todos os poetas coevos, quer epicos, quer lyricos. Só uma vez em Diogo Bernardes se entrevê tal qual affecto de familia a um irmão que professa na Arrabida, e em Sá de Miranda a um filho e á esposa mortos: mas de amor filial é escusado inquirir-lhes o coração nas rimas. Parece que o haverem sido um producto physiologico do preceito da propagação os isentava de grandes affectos e respeitos a quem os gerou. Não os escandecia em raptos poeticos essa vulgar e material alliança de filhos a paes.

*

Luiz de Camões achou-se bem, confortavelmente em Gôa. As suas cartas conhecidas não inculcam nos-

talgia, nem a estranheza dolorosa do insulamento em região desconhecida. Rescendem o motejo, o sarcasmo e a vaidade das valentias. Não se demora a bosquejar sequer, com séria indignação, o estrago, a gangrena que lavrava no decadente imperio indico pelos termos graves de Simão Botelho, de Gaspar Corrêa, Antonio Tenreiro, Diogo do Couto e dos theologos. Narra de relance e com phrases jocosas as façanhas d'esses ignorados acutiladiços, as basofias de Toscano, a moderada furia de Calisto, e as proezas do duellista Manuel Serrão. Era este Serrão um ricaço de Baçaim, senhor de quatro aldeas, que fizera desdizer um bravo da alta milicia. Comprazia-se Camões n'estas historias façanhosas, chasqueando os pimpões de lá e os de cá, uns que nunca lhe viram as solas dos pés por onde unicamente podiam vulneral-o como ao heroe grego. Acha-se tranquillo como em cella de frade prégador, e acatado na sua força como os touros da Merceana. Preoccupava-o fortemente a bravura. Como a metropole da India portugueza, não havia terra mais de feição para chibantes. Escrevia Francisco Rodrigues da Silveira: «Dentro em Góa se cortam braços e pernas e se lançam narizes e queixadas em baixo cada dia e cada hora, e não ha justiça que sobre o caso faça alguma diligencia: dando per razão que o não permite a India, porque cada qual pretende satisfazer-se por suas mãos de quem o tem aggravado.» (*)

Depois, as mulheres. As portuguezas cahem de maduras, ou porque a lascivia as sorvou antes de sazoadas, ou porque vem ao chão de velhas: — é opiniativa a intelligencia do conceito picaresco. As indigenas são pardas como pão de rala, tem uns palavriados que tra-

(*) MEMORIAS D'UM SOLDADO DA INDIA, compiladas por A. de S. Costa Lobo. Lisboa 1877.

vam a hervilhaca, e gelam os mais escandecidos desejos. São carne de salé onde amor não acha em que pegue. Lembra-se das lisboetas que chamam como puca-rinho novo com agua, e manda-lhes dizer que, se lá quizerem ir, receberão das mãos das velhotas as chaves da cidade. De envolta com estas prosas facetas, envia um soneto e uma ecloga funebres á morte d'um amigo.

Esta carta encerra a nota melancolica d'uma phrase de Scipião: *Patria ingrata, não terás meus ossos*. Mas a comparação, para não ser um dislate d'orgulho, era de certo um gracejo de Luiz de Camões. Que lhe devia a patria em 1553? Elle tinha 30 annos; escrevera poemas lyricos excellentes, apenas louvados na roda dos palacianos e dos menos cultos. Ferreira e Sá Miranda fingiam que não o conheciam. O bravo que sahira do carcere com perdão de Gonçalo Borges a quem golpeára o cachaço, ou o toutiço, como disseram os physicos do exame, em verdade, confrontando-se com Scipião Africano, ao desterrar-se, não primava em pontos de modestia. O seu avantajado e indiscutivel direito á gratidão da patria era um poema começado apenas, ou talvez ainda não tracejado. Camões tem ante si dezeseis annos para pleitear com Vasco da Gama a imperecedoura glorificação que lhe prepara. A patria desconhecia ainda o seu grande acrédor que se estava germinando no cerebro potentissimo d'aquelle seu filho — unico filho que todas as nações cultas conhecem, e o maximo na immortalidade que tem de sobreviver á terra que cantou.

Os feitos valorosos de Luiz de Camões na Asia não tiveram a notabilidade que os chronistas do Oriente e de D. João III deram a lances insignificantes de homens obscuros. O difuso author das DECADAS, Couto, apenas o nomeia n'uma crise de pobreza convisinha da mendiguez. Os antigos biographos e commentaristas não o condecoram como quinhoeiro nos fastos das carnicinas memorandas. Seria grande elogio á primorosa

probidade de Camões o excluiu-o d'esses canibalismos, d'essa

..... *bruta cruesa e feridade,*

como elle invectiva na estancia XCIX do canto IV.

Mas entrevejo na cerração de tres seculos que o poeta, na apothese do Albuquerque terrível e do Castro forte, elaborando a epopéa que sagrou em idolatria de semi-deuses uma phalange de piratas, escrevia com as mãos lavadas de sangue innocente do indio, a quem apenas os conquistadores concediam terra para sepultura como precaução contra a peste dos cadaveres insepultos, quando não exhumavam as ossadas dos reis indigenas na esperança de que lh'as resgatassem com aljofar e canella (*). Façanhas de Camões não sei decifral-as nos seus poemas: elles — os poemas — só per si sobejam na sua historia como acções gloriosissimas.

*

As suas composições satyricas aos festejos do governador Francisco Barreto parece-me que nunca seriam vistas dos offendidos nem explicam odios desnecessarios á motivação dos infortunios do poeta. Esse papel em prosa chegou a Portugal, incluso na carta que *vinha com a candeia na mão morrer nas mãos do amigo* (**). OS DISPARATES NA INDIA não offendem, não individualisam, nem exprimem nitidamente a feição social. São banaes.

Não obstante, Camoens tinha fama de mordaz, e a esse perigoso predicado um poeta coevo attribuia boa parte dos seus infortunios. Manoel Machado de

(*) LENDAS de Gaspar Corrêa, III, 637.

(**) CARTA II.

Azevedo, escrevendo a seu cunhado Francisco de Sá de Miranda, aconselhava-o a não satyrisar, e citava exemplos de victimas desse máo sestro :

*Hade enfrear sua penna
Como um potro desatado
Quem quiser ser mais medrado
Que Camoens ou João de Mena. (*)*

A Senhora D. Catharina Michaelis de Vasconcellos, na sua critica e eruditissima edição das *Poesias de Francisco de Sá de Miranda* (Halle, 1885) referindo-se (pag. 873) á carta de Manoel Machado de Azevedo a seu cunhado estabelece que o *Camoens* da referencia não é o auctor dos *Lusiadas*, nos seguintes termos: « A citação de dous nomes juntos — Camões e João de Mena — leva naturalmente a crêr que se allude a um Camões contemporaneo do poeta cesareo e Henrique II de Castella, e tanto mais que não achamos nas obras de Miranda o menor indicio de haver conhecido Luiz de Camoens. Este ultimo, na data da carta (depois de 1536 e antes de 1558) bem podia já viver e poetar na corte «farto, querido, estimado, e cheio de muitos favores e mercês d'amigos e de damas,» mas sem dar motivo a uma nota satyrica como a da Carta, e tambem sem ter até então provocado, por composições de primeira ordem, a attenção do velho patriarcha da poesia portugueza. »

Estas rasoens da illustre escriptora não me despersuadem de que o poeta satyrico a quem Manoel Machado allude era o nosso Luiz de Camoens. Em Espanha não tinha havido poeta notavel de tal

(*) *Vida de Manoel Machado de Azevedo* por el marquez de Montebello, 1660. Madrid.

appellido que merecesse ser emparelhado com Juan de Mena. Á notoria mordacidade de Luiz de Camoens attribuiu Manoel Machado as poucas medranças do poeta na patria d'onde se vira obrigado a sahir na baixa posição de soldado reinol para a India, por que, pelo seu genio caustico, manifestado em poesias que se não conhecem, pelas suas valentias confessadas na carta em prosa que escreveu da India, e pelas audacias do seu cortejo a uma dama do palacio regio, alheara de si a estima dos fidalgos que o consideravam, pouco mais ou menos, como o senhor de Entre Homem e Cavado. Além de que, a phrase de Machado de Azevedo não é *uma nota satyrica*, como diz S. Ex.^a, é uma correccão judiciosa aos malogrados maledicentes. Camoens tinha 33 annos, quando Manoel Machado morreu (30 de outubro de 1558 *). O senhor de Crasto vivêra na corte e na intimidade do rei e dos infantes. As rapasiadas de Camoens, então na flor da idade, a sua prisão por causa da cutilada no Borges, deviam ser-lhe notorias. Sá de Miranda é que decerto nunca viu Camoens, que teria dous annos quando o chefe da poesia classica recolheu das suas excursoens. Oito annos depois, foi para o Minho, e só d'aqui a cinco annos Camoens se fez notado pela sua primeira deportação. O velho fidalgo que vivia temporariamente em Lisboa communicaria, talvez, a seu cunhado a fama satyrica do poeta valentão que nos dous annos anteriores á morte de Machado (1556-1557) expiava na India a mordacidade de que Antonio Barreto se vingava, deportando-o, como diz a tradição.

Pareceu á esclarecida commentarista de Sá de Miranda que o nome de Camoens ligado ao João de Mena

(*) Em 15 de março d'esse mesmo anno morreu Francisco de Sá de Miranda.

indicava contemporaneidade nos dois poetas. Não me parece isso. Quando digo que Calvin e Voltaire atacaram o papado, ou que Damião de Goes e Paul-Louis Courier foram victimas da sua maledicencia ninguem presumirá que eu considere Calvin coevo de Voltaire, ou Damião de Goes coetaneo de Courier. No espirito de Manoel Machado havia dous satyristas de seculos diversos, quando escrevia :

*Hade enfrear sua penna
Como um potro desatado
Quem quizer ser mais medrado
Que Camões ou João de Mena.*

*

Mas o desterro para Macau é uma lenda. Não se desterra um inimigo desprotegido e desvalido com uma provedoria, cujo triennio affiançava uma riqueza relativa.

Provedor dos defuntos e ausentes de Macau, Luiz de Camões fruía abundantes recursos para trabalhar com socego, despreoccupado, estudando a historia e a geographia asiatica nas DECADAS de João de Barros, ao passo que sinzelava de primorosos labores a epopêa architectada. O poeta gastava á medida dos proventos e talvez o que licitamente podia dispensar sem menoscabo da sua rectidão. Mariz culpa-o de demasias nas liberalidades comsigo e com os outros: *Gastador, muito liberal e magnifico, não lhe duravam os bens temporaes mais que em quanto elle não via occasiõ de os despende a seu bel-prazer. Mas nem a enchente de bens que lá grangeou (em Macau) o pôde livrar que em terra gastasse o seu liberalmente, e no mar perdesse o das partes em um naufragio que padeceu terrivel.* (*)

(*) Vida de Camões.

Sem umas intermittencias de estouvance dissipadora, e destemperada desordem de costumes, Camões seria a excepção do genio. Tem o talento transcendente crises vertiginosas, doudices sublimes que o extraviam da pauta do bom viver. Elle apreciava mais os gozos, a magnificencia, as commoções do que os pardãos amuados na arca. Sabia que o arranjar dinheiro na India era facil, excluidos os escrupulos. Disse-o elle: *Os que se lançam a buscar dinheiro, sempre se sustentam sobre agua como bexigas; mas os que sua opinião deita á las armas Mouriscote como maré corpos mortos á praia, sa-bei que antes que amadureçam se seccam* (*)

Parece, pois, que não procedeu com o espolio dos defuntos e o direito dos ausentes de modo mais zeloso e exemplar que o commum dos provedores das cidades asiaticas.

Os politicos organisadores e residentes na India aconselhavam D. João III que nomeasse thesoureiro privativo para o espolio dos mortos, e obstasse a que os dinheiros passassem pelas mãos dos provedores. Logo citarei um exemplo d'esse alvitre que foi grande parte na accusação que Luiz de Camões soffreu como delapidador dos espolios.

Accusado e chamado a Góa, sob prisão, pelo governador Francisco Barreto, antes de fechado o triennio da sua provisão, naufragou e perdeu os haveres propios e os alheios de que lhe pediam conta. Recolhido á cadeia, instaurou-se-lhe processo para o capitularem e remetterem ao reino.

Francisco Barreto, gabado exageradamente na sua honra e limpeza de mãos pelo bispo D. Francisco Alexandre Lobo e pelo snr. visconde de Juromenha, havia sido tambem concussionario quando, oito annos

(*) Carta I.

antes, governava Baçaim. Contra ordem expressa d'el-rei D. João III desmoutava as matas e de mãos dadas com o feitor vendia ao Estado a madeira pelo triplo da quantia que lhe custava o córte — uma ladroeira que não o impediu de ser governador da India, assim como Garcia de Sá, duas vezes preso como concussionario, substituiu no governo o honrado D. João de Castro (*). Em 1552 escrevia o veador da India, Simão Botelho, a D. João III estas graves accusações de Francisco Barreto: « O capitão de Baçaim tomou
« tanta posse com os poderes que lhe vossa alteza
« mandou, que faz mercês em seu nome, como o vice-
« rei; vi-o por dous mandados seus; fez escrivão da
« fazenda a que poz de ordenado cento e cincoenta
« mil reis, sem licença do vice-rei, e mandou-lhe logo
« pagar um anno de antemão; paga quanto soldo quer...
« *E comquanto vossa alteza defendeu por sua provisão*
« *que os capitães de Baçaim não cortassem madeira, não*
« *o quiz Francisco Barreto deixar de fazer, mas antes*
« *pediu ao vice-rei, depois de a tirar, que lh'a tomasse*
« *para vossa alteza por avaliação; e custando-lhe a*
« *corja de dezoito até vinte pardãos, lh'a avaliaram a*
« *cincoenta e oito pardãos em que se montou perto de de-*
« *zoito mil pardãos de ouro, que se fez bem a sua von-*
« *tade; e assim tinha certos cavallos seus, e vende-os no*
« *soldo, para que tambem lhe o vice-rei deu licença para*
« *se pagar d'elle, o qual comprou, em que se montou seis*
« *ou sete mil pardãos; e dizem alguns que estavam con-*

(*) Governadores da India que vieram ao reino presos por abuso de jurisdicção, por concussoens e por ladroeiras:

Duarte de Menezes, Lopo Vaz de Sampayo, Nuno da Cunha, (morreu no mar quando vinha preso) Martim Affonso de Sousa, Antonio Moniz Barreto, o conde de Vidigueira, Ayres de Saldanha, D. Jeronymo d'Azevedo (morreu no carcere) o conde de Vidigueira, segunda vez governador, e segunda vez preso.

«certados elle e o feitor sobre estes ganhos, e por se agora
 «desavirem se souberam estas cousas e outras, e mal pela
 «fazenda de vossa alteza...». (*) Aqui está o perfil do
 tão encomiado Francisco Barreto que poz em justiça
 Luiz de Camões. D'aquelle governador diz magnani-
 mamente o snr. visconde de Juromenha: *homem por
 todos os respeitos mui digno de occupar um lugar tão
 elevado...* E não acha motivo para que o poeta o censu-
 rasse apaixonadamente (**). Chama-lhe «joven», e o snr.
 Theophilo Braga tambem adjectiva de joven o gover-
 nador. Porque? Francisco Barreto em 1548 sahiu do
 reino capitão-mór de tres naus. Tão importante cargo
 não era dado a moços. Nove annos depois era provido
 no governo da India. Orçaria por perto dos cincoenta
 annos — uma juventude realmente duvidosa.

Camões estava preso quando cessou o governo de
 Barreto. D. Constantino de Bragança deu-lhe liberdade,
 quer movido por compaixão do poeta, quer por induc-
 ções de sua innocencia. Livre d'este perigo, Luiz de
 Camões voltou á vida dos amores e das suciatas. Um
 dia, banqueteara os seus amigos: a primeira cortina do
 jantar, espiritualmente succulenta, eram trovas. Fez
 poesias elegiacas á incognita Dinamene, uma quem quer
 que fosse que morreu afogada.

*Ah! minha Dinamene! assim deixaste
 Quem nunca deixar pôde de querer-te!...
 Puderam essas aguas defender-te
 Que não visses quem tanto magoaste!...*

(*) CARTA DE SIMÃO BOTELHO, pag. 32. (Na *Collecção de monumentos ineditos para a historia das conquistas dos portuguezes*, tom. v).

(**) Ediç. Jur., tom. 1, pag. 70 e 83.

N'esta dôr, porém, deve descontar-se o que vai de artifício no rhythmo, e de engenho calculado:

“ Torno a bradar *Dina*...

“ E antes que diga *Mene*, acôrdo e vejo

“ Que nem um breve engano posso ter,, .

Cantou a bailadeira Luiza Barbora, captivo,

Da captiva gentil que serve e adora.

Sempre amores.

Diz elle sinceramente:

No tempo que de amor viver sohia

Em varias flammis variamente ardia.

O certo é que não ha vestigios de lagrimas, nem signaes d'uma grande mortificação. Vivia de emprestimos. Miguel Rodrigues Coutinho embargava-o na cadêa por dividas, e elle satyrisava o *fero Miguel armado* com a sua espada de *fios seccos*. Não cahia aquelle forte espirito a repellões de infortunio. Transigia com a desgraça como quem não pôde queixar-se conscienciosamente da injustiça humana e da fatalidade das cousas. Arrostou os perigos de segundo encarceramento. A não se darem novos motivos, Camões não pudera ainda ilibrar-se da nota de peculato, quando o conde de Redondo lhe deu liberdade.

*

Os snrs. visconde de Juromenha e doutor Theophilo Braga, encarecendo a estima que o poeta grangeára com o vice-rei conde de Redondo, citam uma carta, escripta para o reino, em que o conde, fallando

do expediente do seu governo, mostra a consideração que lhe merece Camões, n'esta passagem: « Remetto-me a S. Domingos, e mando tirar os prégadores do pulpito para que venham despachar commigo os feitos; agora me valho algum tanto do provedor-mór dos defuntos. »

Este equívoco original do snr. visconde, como feição nova na historia de Camões, é disparatado pelas incongruencias que suggere. Como se ha de crêr que o vice-rei chamasse á mesa do despacho um ex-funcionario arguido de concussão no exercicio da provedoria de Macau, e ainda não julgado nem absolto, porque, segundo Pedro de Mariz, devia vir para o reino *capitulado* — accusado em capitulos, ou, como hoje se diria, *pronunciado*? Concedido ainda que o ouvidor geral de Gôa o absolvesse de ambas as vezes que foi preso — o que se não prova, porque a sua liberdade foi acto arbitrario e por ventura equitativo de dous governadores — como admittir que os magistrados se acamaradassem com o manchado ex-provedor dos defuntos no expediente dos negocios? Esta incompatibilidade facilmente se deslinda, e não viria a lume na obra erudita do snr. visconde de Juromenha, se ao versado escriptor occorresse que em Gôa havia um *provedor-mór de defuntos* e que esse devia ser o provedor a quem alludia o conde de Redonho. E, de feito, esse magistrado era o licenciado Christovão Ferreira, homem probo, consoante o testemunho do veador Simão Botelho de Andrade que, em carta de 30 de janeiro de 1552, dizia a el-rei D. João III: «...O ouvidor geral André de Mendanha é infamado n'esta terra ácerca de peitas: póde ser que será mentira: e no mais do seu cargo parece que o faz bem: o *provedor-mór* Christovão Fernandes é muito bom homem, segundo dizem, se não é um pouco embaraçado no cargo: parece que havia de haver thesoureiro do dinheiro dos defuntos, porque será melhor des-

pacho para as partes, e andará o *dinheiro mais liquido e certo, quando só não houver de arrecadar a pessoa que houver de julgar.* (*) O frade dominicano que o vice-rei chamava ao seu despacho era esse mesmo Simão Botelho das cartas austeras que, depois de ter sido muitos annos veador e capitão de Malaca, vestira o habito de S. Domingos, era consultado por todos os vice-reis, e acompanhára D. Constantino na jornada de Jafanapatão, em 1560, arvorando á frente da hoste um Christo crucificado. Rodrigo Felner, prefaciando os escriptos ineditos de Simão Botelho, mostrou-se pezaroso de não saber o fim d'aquelle homem, «um dos mais illustrados do seu tempo, e alma incorruptivel». Facil era averigual-o, se buscasse na vulgar CHRONICA DE S. DOMINGOS, por frei Luiz de Sousa, ou sequer em Diogo do Couto os ultimos actos de tão interessante personagem.

Outra hypothese que me não parece admissivel: — a do provimento da feitoria de Chaul em Luiz de Camões pelo vice-rei D. Antão de Noronha. Achou o snr. visconde de Juromenha o alvará de Philippe I de Portugal que concede a Anna de Sá a tença de 155000 reis que recebia o filho fallecido. Diz o alvará: ... *havendo respeito aos serviços de Simão Vaz de Camões e aos de Luiz de Camões, seu filho, cavalleiro da minha casa e a não entrar na feitoria de Chaul de que era provido, etc.* D'isto deprehendeu o biographo que Luiz de Camões fora provido pelo vice rei D. Antão de Noronha.

(*) CARTAS DE SIMÃO BOTELHO, pag. 40 e 41. Este alvitre do veador, sempre honrado e muito aceito ao monarcha, surtiu as cautelas e desconfianças que puzeram Camões ao lado de muitos réos do mesmo delicto, porque sentenceavam a entrega dos dinheiros que "arrecadavam", tornando-os por isso menos *liquidos e certos.*

Camões não regressaria pobre, empenhado, vivendo do bem-fazer dos passageiros, se o vice-rei o provesse na vaga d'uma feitoria que avultava ao rendimento de 500 pardãos, com rendimentos e cargos annexos licitamente percebidos. Esse provimento lhe bastaria como hypotheca a adiantamentos e independencia relativa. A mim me quer parecer que a feitoria de Chaul lhe foi dada por provisão real depois da publicação dos LUSIADAS, ao mesmo tempo que se lhe deu a tença, sob condição de residir na côrte. A condição de residencia seria inexplicavel d'outro modo. Logo que a feitoria vagasse, cessaria a tença. A condição inhibia-o de auferir a tença desde que exercesse o officio.

*

A tença dos 15\$000 reis, o apregoado escandalo da sovinnaria dos ministros, não era, áquelle tempo, a miseria que se nos cá figura. Vejamos e comparemos os ordenados d'aquella época. O ordenado annual dos desembargadores do cardeal infante era 30\$000 reis, do copeiro-mór 6\$000 reis, do védor das obras 4\$000 reis, do guarda-mór 13\$000 reis, e do veador da fazenda 30\$000 reis. As tenças de 30\$000 reis eram apanagio de homens de muitos serviços.

Na conta de receita e despeza de 1557 vê-se que o regedor da justiça, 45 desembargadores, e os do paço que não eram poucos, e os da fazenda que eram muitos, todos juntos, receberam dos seus ordenados 3:777\$800 reis. O governador da casa do cível, 24 desembargadores, 6 alcaides, 100 empregados e outros officiaes de justiça, todos juntos, receberam dos seus ordenados 1:664\$200 reis. (*) Trinta annos depois,

(*) Rebello da Silva, HISTORIA DE PORTUGAL, tom. v.

o numerario não estava mais barato, e os 15,5000 reis de tença de Camões haviam de parecer um excesso, um esbanjamento da fazenda nacional a qualquer d'aquelles desembargadores. Diogo Botelho, tão celebrado em Africa e Asia, recebia 12,5000 reis de tença. (*) Luiz de Camões não se julgaria desdourado com os 15,5000 reis, nem essas hypotheses de fomes, frios e mendicidades que se encarecem deve aceitar-as a critica desligada de velhos preconceitos.

Eu creio tanto na mendicidade de Homero como nos peditorios nocturnos de esmola do Antonio de Java para sustentar Camões. Se o poeta chegasse ao extremo da penuria, acharia no refeitorio dos seus bons amigos dominicanos com quem tratava frequentemente a farta mesa que alli encontravam somenos benemeritos. Não me soffre o conceito que formo d'esse egregio espirito que elle quizesse a vida sustentada com tão desprimorosos expedientes. É a lenda da miseria em que se comprazem as imaginações sombrias. Porque elle pediu em verso uma camisa em Goa, decidiram que o poeta não tinha camisa. Parece ignorarem que a d'adiva d'uma camisa como ellas por esse tempo se presenteavam era um objecto caro e luxuoso. A fabula tecida sobre a fome de Camões originou-se talvez d'alguns poetas subalternos que entenderam desforçar-se da sua pobreza affrontando a nação que vira finar-se no desconforto o principe dos poetas da Hespanha. Consolavam-se assim com a camaradagem e vociferavam contra a ingratidão dos parvos. Espanta, porém, que se não clamasse com mais justiça contra os aulicos que deixaram morrer no hospital Antonio Galvão, o apostolo das Molucas, e Duarte Pacheco Pereira.

(*) HIST. GEN. DA CASA REAL. *Provas*, tom. VI, pag. 633 e seg.

Não se pôde ajuizar que os proventos do poema impresso lhe auxiliassem a vida. Os LUSIADAS talvez lhe não surtisses o equivalente da tença nos oito annos da sua maior popularidade. Devia ser vagarosa a extracção da obra, attentas as calamidades d'aquelles annos — pestes, ameaças de guerra, pobreza do estado, corrupção de costumes, desavenças no paço, a preponderancia dos livros mysticos e o descachimento das letras profanas. A segunda edição do poema, no mesmo anno de 1572, em vista dos argumentos plausiveis do academico Trigoso (*), não é acêitavel nem sequer verosimil. Falsificaram retrospectivamente a data porque havia razão para recear que uma censura mais severa prohibisse nova edição sem os córtes das estancias que desagradaram á clerezia e á pudicia d'uns velhos que poderiam, na verdura dos annos, ter assistido sem pejo ás chocarrices obscenas de Gil Vicente. Não se pôde calcular quantos annos intercorreram da primeira á segunda edição; é, todavia, provavel que a segunda se fizesse em vida do poeta.

Luiz de Camões, se a vida se lhe prolongasse, teria mais abastada velhice. Philippe II de Castella, vindo a Portugal pouco depois da morte do poeta, perguntou pelo author dos LUSIADAS. O intruso concedeu á projecta mãe do poeta fallecido a tença que o filho recebia. Este procedimento, e a curiosidade benevola do usurpador é o unico acto honorifico que liga a biographia de Camões á dos monarchas. D. João III desterára-o, D. Catharina e o cardeal desprezaram-o, D. Sebastião ouviria novas do seu poema, lél-o-hia com alguma curiosidade e não impugnaria a concessão da tença e do officio na Asia.

(*) HISTORIA E MEMORIAS DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS.

No desprezo, se não odio da rainha D. Catharina transpira a vingança do rancoroso Francisco Barreto contra quem Camões, livre dos ferros, dardejaria violentas, mas não injustas satyras. Barreto, chegado a Lisboa, vingou-se de quantos inimigos deixára na India. O bravo Gonçalo Falcão, que logo que elle sahiu do governo o desafiára a combate singular, foi mandado carregar de ferros e conduzir a Lisboa. Pôde fugir a tamanha ignominia o bravo de Jafanapatão, escondendo-se na côrte, e conseguiu ser absolvido, allegando que os duellos ainda não eram prohibidos pelo concilio tridentino, quando elle reptou Francisco Barreto. Não obstante, a rainha mandou-o riscar dos livros da nobreza e reduziu-o á miseria. D. Sebastião, volvidos annos, restituiu-o á capitania de Sofála, onde expirou apenas tomou posse.

Barreto fanatisára a rainha brindando-a com uma pedra milagrosa que levou da India. O seixo tinha sete côcos de côres diversas e uma figura, de mulher com um menino ao collo. Era Nossa Senhora, achada nas mãos d'um bonzo! Agua onde mergulhassem a pedra sarava muitas doenças; *mulheres de parto muito bem pariam*, assevera Miguel Leitão de Andrade na MISCELLANEA; e nas mãos da rainha o calhau fasia os mesmos milagres. A viuva de D. João III, além d'estes seixos milagrosos, gostava muito que os governadores do Levante lhe vendessem bem e pelo maior preço a pimenta. E' o que ella pedia fervorosamente a D. João de Castro e aos outros vice-reis. A respeito de poetas e viajantes, dava tanto por Luiz de Camões como por Fernão Mendes Pinto—rivaes no infortunió, mas não iguaes no merecimento de melhor sorte. Os favores, embora apoucados, que Luiz de Camões recebeu da côrte são posteriores ás finaes desavenças de D. Sebastião com sua avó. Esse divorcio fermentado desde 1569 completou-se em 1571, e o alvará da tença é lavrado em 1572.

Não vituperemos Philippe I pelo desamor com que tratou os nossos escriptores. Não cabe a ponto aqui a lista dos talentos portuguezes protegidos pelos reis castelhanos, desde Diogo Bernardes, o moço da toalha, até Manoel de Souza Coutinho, o incendiario da casa de Almada, que, depois de frade, offerecia a sua Chronica ao terceiro dos usurpadores. Se Camões se bandearia em Castella como Gabriel Pereira de Castro, Caminha, Pereira Brandão e Côte Real não sei; porém, quando o snr. Theophilo Braga me nomeia os amigos de Camões parciaes do prior do Crato, e entre elles está Miguel Leitão de Andrade, lembra-me se Camões, vivendo, seria tanto por D. Antonio como o preconizado Leitão de Andrade. Diz o snr. doutor Theophilo Braga na sua primeira VIDA DE CAMÕES e repete na segunda, publicada ha dias, que o author da MISCELLANEA «esteve a ponto de ser degolado pelo invasor hespanhol». O snr. Braga entendeu a passagem do carnaz. Miguel Leitão esteve a pique de ser decapitado justamente porque fugia de D. Antonio para o usurpador Philippe. Elle mesmo o refere na MISCELLANEA, n'estes termos explicitos: *No tempo que o snr. D. Antonio se levantou rei, me achei com elle em Lisboa, por não poder escusar servir-o, sendo fidalgo de sua casa. Porém, vendo entregar-se a fortaleza de S. Gão a Sua Magestade me pareceu ir-me para o dito senhor, e indo ja na Gollegan, a meu parecer fóra ja do perigo de morte a todos os que se fossem de Lisboa, a qual executava cruelmente Manoel da Silva fronteiro de Santarem, alli me prenderam, etc.* E conta depois como póde evadir-se pela latrina, e foi mais tarde a Madrid requerer com o traslado autentico dos trabalhos que passou para fugir. Tambem o snr. visconde de Juromenha conjecturou que Camões estivesse no Pedrogão, convidado por Miguel Leitão de Andrade quando foi desterrado para Riba-Tejo. Camões

sofreu este desterro em 1546, e Miguel Leitão de Andrade nasceu em 1555. Não me parece aceitavel que Camões fosse visitar um sujeito que nasceu nove annos depois da visita. Que processos tão de palpite e phantasmagoricos tem usado estes doutos na biographia de Camões! Se não seria melhor estudar o assumpto!

Accusam os jesuitas de propulsores da jornada de Africa, porque aferventavam o zelo religioso do principe fanatisado contra a mourisma. Porque não accusam com maior justiça e sobre provas escriptas Luiz de Camões? Affirma o sr. Theophilo Braga que o *poeta não sympathisava com a jornada d'Africa*. Tanto sympathisava que, ao proposito da setta enviada pelo Papa a D. Sebastião, lhe escreveu uma epistola recheada de versos assignalados por uma virulenta rhetorica sanguinaria :

Já por ordem do céo, que o consentiu,
Tendes o braço seu, reliquia cara,
Defensor contra o gladio que feriu
O povo que David contar mandára,
No qual, pois tudo em vós se permittiu,
Presagio temos, e esperança clara,
Que sereis braço forte e soberano
Contra o soberbo gladio Mauritano.

.
Que as vossas settas são na justa guerra
Agudas, e entrarão por derradeiro
(Cahindo a vossos pés povo sem lei)
Nos peitos que inimigos são do Rei.

Está revendo a incitadora carta um coração que ainda vibra hostile como outr'ora o braço valoroso do mancebo que se estreára em Ceuta.

Não ha que admirar este alento bellicoso em um homem feito em Africa e no Oriente; mais para espan-

to e censura é que o austero philosopho Sá de Miranda, abraçado na mesma fragua de rancor cannibal á moirisma, escrevesse d'este theor ao infante D. Luiz, depois da volta de Tunes:

.
*Quando será que io vea una laguna
 De sangre infiel vertida d'esa diestra,
 Io que lo cante al sol, cante a la luna?
 Triunfos, quanto a vos, mucho devidos,
 Deseos, quanto a mi, mucho atrevidos!*

Na corte d'el-rei D. Manoel e D. João III declamava-se um hymno exterminador do rhetorico Gil Vicente:

*Guerra, guerra, todo estado!
 Guerra, guerra mui cruel!
 Que o gran rei D. Manoel
 Contra mouros está irado.
 Tem prometlido e jurado
 Dentro no seu coração
 Que poucos lh'escaparão. (*)*

Até nas *Obras de devação* se não exime de concitar os cavalleiros ao exterminio da moirisma:

*A' la guerra,
 Caballeros, esforzados;
 Pues les angeles sagrados
 A' soccorro son en tierra.
 A' la guerra!*

(*) *Exhortação da guerra. (Tragicomedia).*

*Con armas resplandecientes
 Vienen del cielo volando.
 Dios y hombre apelidando
 En socorro de las gentes
 A' la guerra.
 Caballeros esmerados
 Pues los angeles sagrados.
 A' socorro son en tierra
 A' la guerra !*

Não se condemne, pois, Luiz de Camões por esse entusiasmo; reservemos porém os louvores da prudencia discreta e previdente para o bispo Jeronymo Osorio e Martim Gonçalves da Camara.

Se pretendem illibar Camões da nodoa quasi commum dos fidalgos — para que nos dizem que o alquebrado poeta escreveu bastantes estancias cantando, por hypothese, o regresso triumphal do coroado imperador de Marrocos? Essa mal estreada epopêa condiz á indole guerreira de Camões—foi a ultima e mallograda explosão do seu patriotismo; todavia, é uma prova negativa do seu juizo politico.

Emfim, sempre poeta, e sublime poeta do amor e das batalhas, foi astro que refulgiu até ao occaso, apesar dos annos gravados de doença, de necessidades supportadas com a impaciencia da velhice, e um pouco do fel do ciume d'outros poetas eleitos para cantarem a Iliada africana.

*

Se Luiz de Camões, em pureza de costumês, se livelasse com a sobr'excellencia do engenho, seria exemplar unico de talento irmanado com o juizo. Não se conciliam as regras austeras da vida serena e pautada com as convulsões da phantasia. Amores d'alto enlevo e de baixa estôfa, o ideal de Catharina de Athaide e as carnalidades das malabares e bailadeiras levantinas — o exalçar-se a regiões de luz divina e o

cahir nos tremedaes do vulgo — essas vicissitudes que a si mesmo fazem o homem assombroso em sua magestade e miseria, tudo isso foi Camões, e em tudo isso foi semelhante aos genios eminentissimos; mas nenhum homem como elle pôde redimir-se de suas fragilidades, divinizando os erros da imprudencia, fazendo-se amar nos extravios, e immortalisando-se no livro que, ao fechar de tres seculos, alvoroça uma nação. É de nós todos esse thesouro legado por um homem que no dia 10 de junho de 1580 expirava na obscuridade. Elle teve de esmola a mortalha. Permitta a Providencia das nações que os LUSIADAS não sejam a magestosa mortalha que Luiz de Camões deixou a Portugal.

1880-86.

ESBOÇOS DE PERFIS LITTERARIOS

I

GUILHERMINO DE BARROS



LE tinha dezoito annos e eu vinte e dois, se bem me recordo, quando em 1848 nos preocupavamos de romances, e tracejavamos de negro as nossas inspirações caudalosas em resmas de papel ordinario. O nosso gabinete de leitura e de escripta era a bibliotheca publica de Villa Real. Ora, o publico da bibliotheca era elle e eu. A fallar verdade, a livraria era uma desgraça litteraria, uma mole indigesta que nem a traça nem as ratasanas seculares do extincto convento de S. Francisco tinham ousado esfarellar. Havia algumas theologias moracs e dogmaticas em edições baratas para uso de frades mendicantes, muitos sermonarios do peor periodo da parenesis portugueza, poucos classicos latinos com valor bibliographico, e de historia nacional lembro-me ter visto dois tomos truncados da *Monarchia Lusitana*,

uma edição parda do *Portugal restaurado* e o fallacioso *Anno-historico* do padre Francisco de Santa Maria.

Pois n'este meio esterilizador, Guilhermino de Barros e eu alinhavavamos romances — elle com uma calligraphia que dava ares de idioma semitico, e eu com um bastardinho correcto que fazia de mim um invejavel guarda-livros de uma mercearia, — armazem de escripturações mais alimenticias. Guilhermino de Barros inspirava-se da idade media: — cavalleiros, pontes levadiças, pagens, menestreis, adais, castellas, cathedraes, torres de menagem, monges e laminas de Toledo. Eu ja figgava osgas nos escombros contemporaneos.

Não sei se nos admiravamos reciprocamente. Elle de certo me invejava o bastardinho. Eu de mim confesso que lhe invejava principalmente os remates dos capitulos, em que ficava suspenso, a vibrar, o punhal do monge sobre a gorja do cavalleiro spatario; ou Hildegonda, a castella, estava a ponto de se atirar aos braços do cytharêdo. Ah! que saudades eu tenho da idade-média, e da bibliotheca de Villa Real, e do aspecto gentillissimamente juvenil do Guilhermino de Barros de ha trinta annos!

Depois na ladeira d'este nosso rapido resvalar para a morte, encontrei-o apenas tres vezes; mas muitas outras me detive a conversar com o talento energico e possante do meu irmão d'armas n'aquelle campo de manobras da livraria franciscana.

No *Instituto*, periodico de Coimbra, quasi desconhecido cofre das gemmas litterarias de tres gerações de rapazes de extremado engenho—eu lia as prosas e os poemas de Guilhermino de Barros, que foi distincto nos bancos escolares e nas diversões da litteratura amena. Recitava-se então enthusasticamente a sua poesia, a *Inglatterra*, um trecho da historia de que resumbram as lagrimas das nações pequenas acalcanhadas pelo em-

bate do colôssô, e a espaços relampejam ironias vingativas. Brotavam-lhe amarguras de bilis byroniana, poemas subjectivamente dolorosos, uma saudade que se arrancava a pedaços da alma, nas contorsões do Herculês infiltrado da peçonha da tunica. N'aquelle tempo, a poesia subjectiva elegiaca era prestadia como as lagrimas do desafôgo das asfixiantes angustias.

Hoje, apesar das caricias reanimadoras do meu presado viscondé de Benalcanfôr á Poesia immortal, ella, vacillante entre a ode scientifica e a charada, é natural que descambe bandalhonamente e de vez na taboleta do 103 e mais lojas de quinquilharias e comestiveis.

Guilhermino de Barros não abriu mão do romance nem dos enredos baseados nas sentimentalidades archeologicas. Impulsionava-o a sua velha affeição a Walter Scott; não o inliçavam tramoias engenhosas de Sue e Dumas; a vida moderna, a baldear a sua lama dos palacios para as tabernas e dos salões para os alcouces, não o deleitava. Afora os ligeiros romances do *Instituto*, Guilhermino de Barros publicou uma novella historica de vasto alento, o *Castello de Monsanto* que eu não hesito em aquilatar o romance-chronica mais profundamente assignalado dos cunhos da vida portueza do seculo xv — este ramo tão pouco enfolhado da litteratura nacional.

Todo o drama tragico do reinado d'Affonso v, e o fel embrionario que ressumou depois no rancor implacavel de D. João II aos Braganças, é a historia emoldurada nos dois tomos do *Castello de Monsanto*.

A batalha de Toro, a façanha de Duarte d'Ameida, alferes da bandeira, a apparição imprevista e fulminante do principe são quadros que rivalisam com as mais celebradas monographias de batalhas, não direi dos nossos romances historicos, por que eu não sei onde elles estão que não sejam lardeados de anachro-

nismos, de inverosimilhanças, ou de caricaturas modernas como no *Arco de Sant'Anna*.

Recordo-me de ter lido apenas d'esta obra admiravelmente cizelada uma apreciação de Pinheiro Chagas com um criticismo exemplar, mas não imitado pela legião subalterna dos nossos Planches de escada abaixo.

O *Castello de Monsanto* requeria leitores preparados com a disciplina das chronicas lusitanas; mas hoje em dia para o commum dos doutores *in absentia*, as chronicas são consideradas como *disciplinas* no sentido de *mortificação*. Um leitor constante e estreme de Comte, quando pegar d'um *Fernão Lopes* será para se disciplinar penitencialmente pelos peccados mortaes que fez em grammatica e ideologia. D'ahi procede que a synthese luminosa de um cyclo da historia de Portugal ainda envolto nas brumas medievaes — a essencia da vastissima lição condensada em complexo de organismos resurgidos e vitalisados pelo talento intuitivo de um grande pensador, em fim, o *Castello de Monsanto* é desconhecido. Isto, em Portugal, deixa de ser triste, por ser ethnologico.

O que nos vale é o hellenismo para dar uma desinencia pomposa ás nossas miserias. Se nos alcunham de idiotas pelo desdem com que offendemos os authores dos bons livros não vulgarisados, em cadernetas de 10 reis, a resposta é triumphante:—somos portuguezes; esta é a nossa maneira, a nossa ethnologia.

O snr. Oliveira Martins explica a fereza de Affonso de Albuquerque, do marquez de Pombal, de D. Miguel de Bragança, e as manhas de Rodrigo da Fonseca, pela bruta indole portugueza, sanguinea e dura. Quem nos impede de desculpar este boçal desleixo indigena em conhecer os nossos bons livros originaes, se isso nos vem de jus e herdade, não se sabe bem se da Gallisa, se dos mosarabes? Finalmente aqui estou eu a descul-

par aos outros e desculpar-me tambem a mim, por que vim tão tarde com estas quatro linhas de congratulação ao meu querido Guilhermino de Barros pela sua primorosa obra, escripta trinta annos depois d'aquellas saudosas auroras que lhe alvoreceram o ingenho na pobre bibliotheca de Villa Real.

II

ALVES MENDES

Estes appellidos pertencem, como sabem, ao pregador que ha dose annos sustenta em crescente enthusiasmo o infatigavel assombro dos seus auditorios.

A sua eloquencia não se firmou em alguma das *Rethoricas sagradas* que ensinam a tecer de mal serzidos retalhos de velhos modelos a peça indigesta e anesthesica chamada « o sermão. »

Tem Alves Mendes elevações não previstas nos codigos pareneticos e para as quaes toda a pauta e compasso seriam regras absurdas. Tem pontos centraes d'onde as irradiações vão lucidissimamente attingir quadros, lances, angustos mysterios da vida sublunar que a oratoria antiga desdenhava, confrontando-os com as transcendencias da vida eterna. D'esses desvios pelo vasto campo onde alumia e compulsa as dores puramente humanas, faz convergir as irradiações para Deus. Em redor da palavra *Religião* revolve quantas angustias alanceiam os corações onde estalaram fibras derradeiras que a piedade fizera vibrar. Ao desgraçado sem a fé faz-lhe no seu abysmo um relampago e levanta-o n'um raio de esperanza. O clarão aberto pelo milagre do talento apaga-se quando o vendaval da desgraça tem lufadas tempestuosamente eternas; mas quem dá a esses infelizes uma hora de illu-

são, dá tudo o que o talento pôde dar, e esplende um reflexo da divindade que por sobre o cahos alastrou torrentes de luz.

Alves Mendes é assim. Arrebata com os seus raptos, tem a magia dos periodos brilhantes em que lampejam scintillaçoens de lagrimas, uncções, arroubos de piedade, a força herculea da imagem ondulada pela musica dulcissima da phrase.

Grande parte de suas orações deve ser improvisada. Não lhe pode chegar o tempo para compor e decorar. E não é só no pulpito. Alves Mendes apparece em toda a parte onde a eloquencia possa dar o toque, o relevo, os matizes de um pensamento caritativo. Quando elle surge, esperado ou inesperado, faz-se um estremecimento nos auditorios. Retrahem-se as respirações; e ainda ás intelligencias menos cultivadas, dos olhos expressivos do orador e da magestade do seu gesto, resalta, communica-se a comprehensão d'uma alta idéa que jámais se despe das suas galas para fazer-se mais comprehensivel. Este orador nunca desce ás condições intellectuaes do auditorio: força os que o escutam a subir e entender.

Alves Mendes é author de livros em que se revella contemplador grave, artista apaixonado, pulso inquebrantavel de critico, talento com todas as aptidões na arte da escripta. Como escriptor é dos mais escriptos no purismo, e dos mais coloristas na uberdade efflorescente de riquezas e novidades na elocução.

Não sei se domina uma grande sinceridade religiosa nas multidões que enchem as igrejas quando o orador é Alves Mendes. O antigo milagre dos peixes que emergiam para ouvir o thaumaturgo de Padua podem explicar o successo, sem desaire dos admiradores do mais preeminente vulto da oratoria sacra portugueza, n'estes dias que vão correndo de apathia religiosa.

Quando já não houver pulpitos nem sermões, nos

livros do conego Alves Mendes, ver-se-hão os valentes hombros que elle poz ao edificio a baquear-se tocado pela Fatalidade que deixa na frente dos gigantes vencidos um estyigma de honra immortal.

*

.....

Outro assumpto. Voltemos as costas ao cemiterio e o rosto para as glorias da vida. E não é das que rutilam e se apagam a que illumina a fronte do nosso Alves Mendes. Podemos fital-a sem desdenhar do pouco que duram as refulgencias gloriosas á volta de um craneo que, ámanhan, um pensador sinistro como Hamlet contemplará com o terror de o ver vasio e escuro.

Sabe que lhe escrevo (*) impressionado pelo discurso que ouvi a Alves Mendes. Essa leitura foi um exagerado preito de amisade com que elle correspondeu á minha admiração. Quiz o nosso amigo que os rumores do mundo alegre e palpitante de festas civicas chegassem até á choupana de um quase paralytico. Veio elle trazer-me esses rumores, repartir primeiro commigo o meu quinhão de prazer na admiração dos que hão de ouvil-o.

A *Patria*, discurso inaugural do monumento commemorativo da Restauração de 1640, remata por uma serie de apóstrophes a Deus. Esse brilhante fecho é o que salva o discurso do reparo de incongruente para um templo. Notou, de certo, v. ex.^a a solercia do orador n'essa peroração unguida de sentimentalidade christan, quanto o exordio e a narração realçam em eloquencia academica — a eloquencia da historia, a eloquencia das epopeas, arrebatados hymnos a façanhas profanamente heroicas.

(*) Carta ao snr. Joaquim Ferreira Moutinho.

Notou como elle descreve os gigantes da Asia portugueza, e o Portugal desolado dos quarenta valentes que o resgataram. (*) Ouviu-o contar, estrella por estrella, a constellação dos grandes epicos e dos famosos chronistas, e disputar aos bravos as corôas de louro civico para acingil-as ás frentes das valorosas matronas que ensinavam aos filhos a honra da morte nos baluartes da patria rediviva.

A espaços, n'esse raptó de talento de grande fôlego, ha umas intercadencias sonoras a vibrarem na mesma toada grandiosa: são carmes de Camoens. Alegra ver e ouvir a ressurgencia da alma que immudeceu com a da patria, no momento em que se celebram as proezas dos restauradores. Alves Mendes avocou o espirito do principe dos poetas. O grande epico, assim convidado por um dos principes da sua lingua tão amada, concorreu com algumas das melhores joias do seu thesouro, e o grande orador engastou-as no oiro das suas locuções harmoniosas como a poesia mais levantada.

Alves Mendes nunca foi ouvido em Lisboa; mas a prova de mais um auditorio intelligente não lhe é necessaria como aferidor do seu merecimento. No Porto é que elle conquistou o nome que tem; e as ovações do Porto não se barateiam nem se adjudicam a reputações panicas. Porém, eu folgo muito de que o conheçam na capital; porque, se elle nada tem a ganhar para o seu renome, ganhamos nós os que lh'o temos aqui assignado com os nossos applausos. Se entre os milhares dos

(*) Estes *quarenta*, segundo escriptores coevos, orçaram por *cento e tantos*. Não ha historia de proezas luzas sem *mytho*. Verdade é que o braço de Christo, que se despregou da cruz para abençoar os conjurados, valia por 40 fidalgos, ou talvez por 41.

que hão de ouvil-o houver uma nota discordante da admiração e do louvor, essa nota não será ferida por despeitos politicos, nem religiosos, nem litterarios. O orador venera todos os melindres, e nem sequer aguça os dardos que desfêcha contra a onça do Escurial. Das tristezas tenebrosas dos 60 annos de captiveiro ascende ás suavidades luminosas da religião, e parece querer que o progresso, factor de prodigios, vá operar nas fronteiras o milagre de apertar amistosamente duas mãos que de punhos cerrados se ameaçam ha oito seculos. Não sabe o douto orador que dois sanctos como Jorge e Thiago desciam do empyreo armados até aos dentes, e vinham dar exemplo dos rancores nos prelios ensanguentados das duas nações inimigas?

Meu presado amigo, adeus.

Diga a Alves Mendes que eu conheço alguma coisa superior ao seu discurso: é a modestia do orador; e, acima d'isso, a sua dedicação pelos trabalhadores aposentados, mas intransigentes com a velhice, como o
seu muito dedicado...

III

MANOEL DE MELLO

O conselheiro José Feliciano de Castilho, ha de haver 15 annos, mandou-me do Rio de Janeiro um livro incompleto de estudos philologicos, reveladores d'uma erudição extraordinaria. Não trazia frontespicio a colleção de folhas primorosamente impressas; mas Castilho dizia-me que o auctor era um portuguez, empregado no commercio, e se chamava *Manoel de Mello*.

Li e reli as cento e tantas paginas d'essa obra sem titulo; esperei e pedi a conclusão do livro, que

nunca chegou, porque o auctor o não concluíra, desconfiando da validade do seu trabalho.

Ha quatro annos, encontrei no Bom Jesus do Monte Eduardo de Lemos — tão querido da colonia brazileira e tão inesperadamente arrebatado pela morte. Pedi-lhe noticias de Manoel de Mello. Descreveu-m'o como quem o admirava e adorava. Era guarda-livros, tinha uma livraria selecta, conhecia todas as linguas da Europa, conversava com os seus escriptores mais distinctos; a sua casa, pequena e artisticamente alfaiada, era uma delicia, em que elle gosava, no estudo, as horas feridas do emprego commercial que lhe dava sobejo estipendio para as regalias do espirito.

No meado de junho d'esse anno (1883) recebi em Seide o cartão de um visitante recém-chegado: era Manoel de Mello.

Apparentava 40 annos, estatura mediana, muito pallido e magro, um sorriso bom e uma brandura de olhar que, nas pessoas tuberculosas, parece uma fadiga mortificada dos olhos que encaram a vida cançada com a nostalgia da saude e mocidade perdidas.

Deu-me algumas folhas de um livro seu, intitulado *Notas lexicologicas*, e perguntou-me se eu conhecia a locução *ambos de dous* nos nossos escriptores mais vernaculos. Elle já tinha encontrado *ambos de dous* no *Leal Conselheiro* e na *Chronica do descobrimento de Guiné*, em Castanheda, em Bernardim Ribeiro, e em Camoens. Lembrei-lhe que Heitor Pinto, na *Imagem da vida christan*, escrevêra tambem *ambos de dous*. Manoel de Mello fez um gesto negativo de duvida. Tirei da estante uma edição quinhentista e mostrei-lhe a locução sublinhada. Ficou maravilhado — muito contente, porque o seu intento era rehabilitar o *ambos de dous* contra a opinião do snr. Theophilo Braga e outros que chamavam idiota á locução, tambem usada por Gil Vicente.

Mostrei-lhe os meus manuscriptos. Havia um, do punho de Francisco José Freire, arrolando todas as palavras e phrases mais cultas e vernaculas do padre Antonio Vieira. Aquelle trabalho philologico encantou-o. Offereci-lh'o: hesitou em aceitar-o. Compreendi-lhe a delicadeza, e não insisti. Depois que elle se retirou, mandei encadernar o codice, e enviei-lh'o para Aveiro, sua patria.

Dias depois, recebi de Manoel de Mello uma carta que traslado, e não peço perdão da immodestia com que o faço, porque realmente me sinto muito vaidoso da posse d'este quarto de papel escripto pelo guarda-livros, que, acurvado sobre a mesa esconsa de seu lavor mercantil, era, ali mesmo, um dos primeiros homens doutos que escrevia em portuguez sem macula.

E' esta a carta :

« Aveiro 28 de junho de 1883.

« . . . Snr. Da minha devota peregrinação a S. Miguel de Seide considerava eu recompensa sobeja a gloria de ter visto e ouvido o grande escriptor, cujas obras perfizeram ha muito o gyro de todas as terras onde se falla a lingua portugueza.

« V. não o entendeu assim. Quiz, em beneficio meu, privar-se de um manuscripto valioso, e eu, confundido e captivo, não tive força para esquivar-me á liberalidade magnifica da offerta.

« Aceito, pois, e agradeço, na expansão do mais intenso reconhecimento . . . Por emquanto não conheço ao *intemerato* e ao *extemporaneo*, nas accepções alludidas, mais alto patrono do que V. cujo exemplo faz canon em assumptos de linguagem. (*) Roquette dormita

(*) Referencia a uma questiuncula que tivemos em minha casa sobre aquelles vocabulos que elle reprovava na accção em que vulgarmente se usam, e eu os usava.

a miúdo e dá, por exemplo, como puramente franceza a locução «de memoria de homem», que é, para não nomear outros, do polidíssimo frei Luiz de Sousa.

«Quanto ao dicionario de Fr. Domingos Vieira, V. sabe melhor do que eu como essa obra sahiu das mãos de F... e da sua confraria.

«Em meados de julho, remetterei de Paris, por intermedio de Chardron, os volumes publicados da *Bibliotheca de sciencias contemporaneas*, volumes que me permittirei offerecer a V. com a esperança egoistica de que, folheando a *Biologia* ou a *Esthetica*, ou lendo as bellas paginas da *Philosophia* de *Lefèvre*, o poeta da *Epopoea terrestre*, alguma vez se recordará do de V. antigo admirador e agora devedor affectuoso e obrigadíssimo *M. de Mello*.»

*

Cinco mezes depois, Manoel de Mello morria em Italia, onde o mandaram respirar um ambiente mais tepido. Até aos ultimos dias escreveu magnificos relatorios das suas impressões de viagem, e expirou sem conhecer a aproximação da morte.

Eu pedira-lhe, quando elle se despediu de mim em Seide, que me escrevesse e desse boas novas das suas melhoras.

— Não lhe prometto — disse elle — porque é mais certo não lhe escrever.

Acontece-me agora, quando leio algum dos nove volumes da *Bibliotheca das sciencias*, ter a minha attenção mais fixa na imagem de Manoel de Mello que na doutrina dos livros.

Parece que elle me está dizendo: «De que serve saber isso em vida tão curta?»

IV

CARLOS BRAGA

A PROPOSITO DO DRAMA "PADRE HENRIQUE"

...Sr. Carlos d'Almeida Braga

Afflige-me a certeza de que o seu drama espera o meu prefacio, e não me consterna menos o receio de que não chegue a hora de treguas aos meus padecimentos para poder escrever a inutil apresentação que V. preocupadamente deseja.

No inverno, quando as luas principiam entroviscadas entre brumas caliginosas, e o ceo espapassa a terra com a sua lama, raro acontece entreluzir uma hora de firmamento azul lavado e esmaltado com as lucilantes palpitações do sol. Por egual theor, no inverno da vida, se a enfermidade é uma desagregação preliminar da physiologia da morte, não ha que esperar paragens nem retrocessos na rampa em que resvala miseravelmente o rei da criação, tanto mais depressa quanto é grande a sobrecarga dos desgostos.

Pois este meu inverno é como o outro dos «Lunarios perpetuos.» O sol nos plenilunios borrascosos e a saude na minha velhice são meras hypotheses que vão subsistindo entre o romantismo e o milagre. Verdade é que, ás vezes, as preces e as procissoens de penitencia fazem certa impressão nos meteóros, pondo o sol ao serviço d'uma ladainha berrada com grande fé e garganta; mas eu não ousou esperar confiadamente que as oraçoens de um auctor dramatico obtenham, com descredito da Pharmacopea, que os ceus piedosos suspendam o meu nervozismo o espaço de tempo necessario

para eu acuradamente, com adiposas erudiçoens, escrever o prefacio do *Padre Henrique*.

Quando li o seu drama, parte impresso, parte manuscrito, lia a sua idade juvenil na execução d'aquellas scenas moderadamente ataviadas, desambiciosas, sem vislumbres da impavidez de theorista que resolve um problema á luz da ribalta. Quem não conhecer o auctor do *Padre Henrique*, adivinha-lhe as primeiras primaveras da intelligencia e as primeiras flores do abril que lhe perfumaram a fantasia, figurando-lhe uns amores lyricos, de uma naturalidade san, e que seriam umas scenas patriarchaes, se não se intromettessem as durezas da prima-tonsura e da epistola.

Temos ahi a paixão do padre que, por ser nosso e muito minhoto de temperamento, transigirá com a sua ruim sorte, sem fazer os destemperos de um Luther; temos um fermento de Jocelyn na compleição pouco inflammatoria de um reportado clerigo. Semelhante fermento, por isso mesmo, nunca levedará em discursos aphrodisiacos contra o celibato; e é mais que muito provavel que esse resignado levita venha a morrer na sua rica abbadia, deixando exemplo de bons costumes a seus filhos, afora o dote.

Decorridos alguns annos, V., se voltar á scena com outro padre, fará obra d'outra especie. Collaborando na revolução sociologica, despir-lhe-ha a batina e a sobrepeliz e a cazula e o cingulo, devolvendo tudo isso, e mais a coroa rapada, ao paganismo aryco, á mystica idolatria da Roma imperial. Porá no palco um homem com todas as fragilidades herdadas do anthropoide, e, por atavismo, as sensualidades intransigentes do gorilha, nosso ancestral, o mais cantharidado avoengo que se conhece na nossa brutal genealogia.

Ora, o auctor d'esse futuro drama é que eu venho apresentar aqui a uma geração impia, naturalista, que

exige espectaculos da Natureza em pello, e apenas vê no *Padre Henrique* o crepusculo levantino de um dia esperançoso — as balbuciações de um talento que necessita de um pouco de estudo da comedia humana e de uma grande experiencia subjectiva de dores. Não que isso seja preciso para fazer pompas de phrases sonoras; mas sim para attingir a perfeição pessimista de expremper esponjas de ironia caustica sobre as chagas do Lazaro da sociedade, enquanto não apêga n'este charco de sangue e lagrimas um novo Budha ou Christo que o levante e cure da doença chronica do peccado original.

Quer V. saber uma coisa triste? Quando o sr. Carlos Braga escrever um drama orientado, didactico, revolucivo, preraphaelista, immanente de uma idéa avançada, não obstante os applausos das plateas, V. hade recordar-se saudosamente da singela candura com que tirou da sombra para uma luz forte de mais — para os reflectores brilhantemente crus da critica moderna — este seu ingenuo bosquejo. Eu já não viverei para lhe ouvir a confirmação d'este vaticinio.

Acontece, pois, que eu vim acompanhar o sr. Carlos Braga ao alcaçar da Arte onde entra, palpitante das suas primeiras e mais immaculadas alegrias, pelo amplo portal da Esperança; — isto na occasião em que eu vou sahir pelo alçapão do tedio e entrar no exgoto que se derrama glutinosamente no divino e incommensuravel bojo pantheista. E' preciso haver estas deslocações geometricas para cabermos todos, á vez, nos jardins de Academus que em Portugal estão quase todos cultivados em talhoens de hortaliças.

Finalmente, estas quatro paginas de velha factura são umas folhas sêccas de arvore carcomida interpostas com desgraçoso desparate no ramilhete de primaveras com que V. vem festejando a sua juventude.

V

JOSÉ AUGUSTO VIEIRA

O snr. José Augusto Vieira, como observador ethnologico do Minho, já nos deu exuberantes provas da sua penetração naturalista nas *Phototypias*, na *Divorciada* e em outros romances de menor vulto, na *Revista dos estudos livres*.

Como se entre nós repululassem florescencias de escriptores do seu quilate, a critica dos noticiaristas deu mediana attenção aos productos do romancista novo. Os jornaes agradeciam e promettiam ler e expender a sua opinião ácerca da obra.

Ora, como isto da opinião não é coisa que se exare na columna de um jornal como se alastra nos marmóres dos botequins, succede gente muito honesta querer dar a sua opinião sobre uma obra de arte, e não a dá porque a não tem. E, apesar do proverbio latino, os que teimam em exhibil-a, soffrem entalações que os apertam, não direi até á lagrima, mas com certeza até á asneira. Os mais discretos, na sua iguorancia, são os silenciosos; e, como a discrição entre litteratos é um logar commum, d'ahi procede que a maioria cala-se, e confia *que o talento do auctor não careça de recommendação*.

Pois o snr. José Augusto Vieira viveu e medrou sem ella, na zona estreita que o enthusiasmo nacional traça aos seus mais queridos e geniaes escriptores. Admirava-se-lhe a graça desataviada do estylo, a perspicacia da analyse psychica d'uns corpos minhotos em que a existencia da alma tinha ares de problema, e sobretudo encantavam os tablados das suas scenas, a payzagem do territorio em que elle dramatisava as paixões da aldeia. N'uma parte relevante da sua obra annunciava-

se a palêta correcta e mimosa que hoje nos dá o MINHO PITTORESCO.

Aqui o temos, pois, no seu preeminente elemento, no exercicio da sua mais pôderosa faculdade. O MINHO PITTORESCO é o producto de uma vocação distincta.

Quantas vezes pelo espirito do forasteiro, que per-lustra a provincia do Minho, terá adejado o pesaroso reparo de que nem o lapis nem a penna hajam, com uma larga comprehensão, abrangido em grandes quadros a galeria de esplendores que se desdobra desde Villa Nova de Gaya até Melgaço! Temos opusculos, folhetins, poesias, esbocetos d'essas bellezas. Algumas condensou-as D. Antonio da Costa em um estimavel livro; mas as télas eram enormes para tão acanhadas molduras. Não tinhamos senão o assumpto grandioso, apenas balbuciado por poetas sentimentalistas, por archeologos pesados, por physiocratas extasiados perante a uberdade do torrão do Minho; mas tudo isto enthesourado em magras brochuras que raros colleccionadores iam disputando ao esquecimento mancommunado com a traça.

Não haveria engenhos que se enrostassem com a empreza de um livro grande, de uma factura esmerada, ahi escripto em face d'esta Natureza inspirativa que faz sublimes os talentos medianos, e subtilisa as intelligencias intanguidas na anesthesica inercia calaceira da indole portugueza?

Havia talentos, mas descoraçoados pela acanhada iniciativa dos editores, pelo panico do capital affeito ás comesinhas empreitadas do 8.º portuguez, n'um papel economico, com uma tiragem sempre periclitante e suspeitosa de que uma invasão de cholera possa devastar tres partes dos leitores, e deixar a parte sobrevivente marasmada, incapaz de cortar com a espatula de marfim as paginas da brochura.

Quasi subitamente operou-se em Portugal uma

transformação na indole dos editores; e entre os primeiros transformados e impulsionados por essa imprevisível evolução temos o sr. Antonio Maria Pereira, o editor do *Minho Pittoresco*. Quem, ha vinte e cinco annos, propozesse ao pae d'este arrojado e intelligente coopecador de obras grandiosas, uma de semelhante importancia, encontraria o sorriso desdenhoso, mas de justiça innegavel em relação á epocha. Eu, que fui seu amigo e dos mais obsequiados e amparados no transito escabroso das letras, muitas vezes lhe ouvi depiorar a sorte dos escriptores nascidos n'este paiz, rebotalho da Europa, uma região em que seria difficil o proprio Santo Antonio, o thaumaturgo, fazer o milagre de viver pela penna, tendo já feito o outro menos importante de resuscitar um morto para salvar o pae.

As resurreições vão-se fazendo agora — os atavismos do seculo XVI até ao XVIII, cyclo de valentes pulsos que tiravam á luz in-folios magestosos, parte dos quaes vae derivando *ao rio*

do negro esquecimento e eterno sono.

Ahi temos, pois um monumento em que as delicias descriptivas se aliam com as do desenho, e os primores typographicos as inaltecem a um grau de perfeição ainda não repetido entre nós, n'uma obra de grande tomo.

Tenho presentes seis cadernetas que abrangem 192 paginas em 4.º maximo ou folio pequeno, atauxiadas de gravuras nitidissimas, abertas em formoso papel de uma suavidade que reparte com o espirito o encanto que dá aos olhos. Não sei que caprichos são estes da intellectualidade moderna que regeita a melhor iguaria servida em baixella ordinaria! Um livro mal impresso figura-se-nos um livro mal escripto, e já na capa nos parece que estamos vendo a mortalha do auctor, e no

titulo o seu epitaphio. Foi o culto das artes plasticas que nos levou a este desamor aos livros encarvoados pela especulação de editores gafos do mercantilismo dos Boreis e dos Rolands, de memoria tão parda como o seu papel.

Qual será o exito da temeraria empresa do sr. Antonio Maria Pereira? A interrogação é meramente rhetorica. O exito começou a triumphar desde o apparecimento do primeiro fasciculo. A imprensa unanimemente comprehendeu que Portugal e a grande parte d'elle representada pelos seus filhos residentes no Brazil, eram dignos da confiança do editor e incapazes de acceitarem a responsabilidade do menospreço da mais levantada obra que ainda se lhes offereceu das bellezas do seu paiz.

E, depois, a elocução perfumosa, crystalina, repassada de bucolismo com que José Augusto Vieira enflorêce as suas copias de paysagens. Um exemplo colhido da exuberante vegetação que enverdece de reflexos a corrente espraçada de um rio :

Ha no Minho paysagens que dão ao espirito a sensação da grandeza, outras a da recordação de um idyllo, algumas a da melancholia das solidões agrestes, muitas a do sorriso da vegetação e da expansibilidade pantheista da alma ; mas poucas, muito poucas darão como esta que se gosa do velho castello de Cerveira, a sensação castissima da mythica poesia dos lagos, a idealidade profundamente sentida dos beijos amorosos da criação sobre o seio fecundo da terra, a boa mãe commum. Comprehende-se ao ver aquelle extensissimo lago, como a luz e a agua podem produzir tudo o que ha de casto na prodiga e alegre natureza.

Não se persuadam, todavia, que José Augusto Vieira tem d'estes raptos de estylo para cada formosura que se lhe defronta e que a sua obra seja um permanente arrobo de admirações adjectivadas a primor.

A sua observação, por vezes, é archeologica, indagadora da vida, que já pulsou nas ruínas, das existências e gerações que sepultam os castellos derrocados e os palacios solarengos n'um desmantello triste — de cousas já agora inuteis, obsoletas, abafadas pela evolução de outros predomínios na vitalisação humana. N'essa contemplação demora-se pouco, e discretamente o faz. Deus nos livre que o auctor professasse o sestro da genealogia e pegasse de nos contar o *autem genuit* dos barões e senhores de baração e caldeira, cujas ossadas se esfarellam n'essas semi-gothicas egrejas que elle encontrou nas lombas do Alto-Minho!

Demora-se mais na contemplação dos fidalgos vivos que fasem os seus solares dos arvoredos, e as suas salas de armas das messes ondulosas. Isto, porém, não impede que elle se deleite e nos deleite com a narrativa das tradições lendarias, com o cancionero do povo, com as usanças, vistas ao pé, e não trasladadas de invencionices com que forasteiros fantasistas se comprasem de architectar patranhas.

Fem uma grande e grave seriedade tudo isto que eu vim lendo deliciosamente atravez das 192 paginas. Como respondendo á minha expectativa dos 40 capitulos que a obra ha de prefazer, diz o auctor: *Não é outro o intuito d'esta publicação, se não este de percorrer canteiro por canteiro, o grande jardim de Portugal, colhendo de cada um a nota que nos parece mais interessante e mais adequada, ou seja sob o ponto de vista da arte, da paysagem, da historia, como da ethnographia, da estatistica, etc. ; mas sem que tenhamos a respeito de qualquer a velleidade de tentar resolver problemas que só aos eruditos pertencem e que só em livros de outro genero se podem desenvolver com largueza.*

Felizmente que o sr. José Augusto Vieira se dispensa e nos dispensa dos problemas a cargo resolutivo dos eruditos que, por via de regra, apenas resolvem

hypnotisar-nos. De maneira nenhuma. Tenho a evidencia de que o *Minho Pittoresco* já não poderá desviar-se d'esta brilhante orientação que seguem os capitulos impressos. E, quando a ultima paysagem fechar o segundo tomo d'esta obra incomparavel, o sr. José Augusto Vieira e os seus destros collaboradores na luminosa parte artistica, terão adquirido gloria bastante para darem d'ella uma boa parte ao seu editor.

Nem por um esforço de imaginação pessimista podiamos suppor que o *Minho Pittoresco*, á mingua de leitores, não chegue ao termo do seu vasto programma. A obra deve considerar-se vingada, e o monumento nacional erguido. Para o editor, concebido o plano, seria um desaire, receiar-lhe o exito.

VI

AUGUSTO GAMA

(AUTOR DA "COMEDIA A SERIO,")

Já lá vão trinta annos.

Havia abbadessado no real mosteiro de S. Bento d'Ave Maria. Confluíam ao outeiro das grades e do pateo do festival convento illuminado poetas antigos, famosos no soneto arcadico, e poetas da ultima hora, vaporousos, mais entendidos em brisas que um piloto e mais relacionados com as estrellas que um astronomo. Estava o deputado-commendador Correia Leal, de alcunha o *Recta-pronuncia* que, recebido o mote, e improvisava um cento de quadras conceituosas sem despegar; estava o Xavier Pacheco, redactor do *Comercio do Porto*, um poeta de velha tempera, intransigente, que justificava o seu afêrro ás antigas for-

mulas pela correcção elegante e irreprehensível dos seus sonetos. Rivalisava-o José Maria Vieira, um ancião que ainda vive em despremiada, mas talvez bonançosa obscuridade em Villa do Conde.

Entre os rapazes, floreciam Arnaldo Gama, Antonio Girão, os irmãos Lusos, Antonio Coelho Lousada, Faustino Xavier de Novaes e mais duas dezenas de poetas anonymos, trovadores em flagrante delicto, cytharistas de occasião, inspirados fulminantemente pelas meninas do côro e pelas mais selectas creadas das monjas que offereciam mais probabilidades—as creadas, entende-se—de se deixarem seduzir pelas rimas, até se esvoaçarem d'aquellas gaiolas ás cristas do monte Parnaso.

Mas o maior e honesto estrago que os poetas alli faziam era na bandeja dos dôces e nas capitosas garrafas das briosas filhas de S. Bento que se ajudavam dos vinhos decrepitos para equilibrarem o seu espirito, não menos antigo, com o dos vates.

Eram tres as noites de outeiro.

A' uma hora em ponto, os poetas graves que usavam flanela e cache-nez retiravam-se n'uma ovação; e as esposas de Christo encatarroadas sahiam muito mesureiras e attentiosas das janellas engradadas, com os seus motes e os seus espirros. As luminarias apagavam-se; mas no pateo ficavam alguns trovistas, n'um grupo intimo, aquecido com o seu vinho claustral e com as suas musas escandecidas. Nas janellas permaneciam as meninas do côro e algumas creadas ladinas de boa chalaça que tinham furtado ás amas as colchêas e os pasteis. A pequena distancia, via-se a patrulha de gutta-percha, immovel, n'um espasmo jubiloso, a ouvir os poetas e a engrossar o chinfrim com as suas gargalhadas alvares. Acontecia então sahir d'ali ao romper da aurora o bardo somnolento, pesado com a pasteleria

e com a doçura não menos indigesta de uma paixão quasi mystica.

*

Em uma d'essas tres noites do outeiro, em 1852, Arnaldo Gama e eu fomos convidados a tomar chá em uma casa fronteira do convento. Morava ali o irmão de uma das religiosas benedictinas que ainda vive, a senhora D. Maria da Gloria, que era bella n'esse tempo, e havia sido a ultima freira professa. Tinha duas ou tres sobrinhas filhas do seu irmão que nos convidára. Uma d'ellas, ao sahir da infancia, era finamente formosa, idealmente raphaelesca, uma candura infantil, com a dôce serenidade meditativa d'um anjo de Murillo. Arnaldo Gama travou-me do braço e segredou-me: «Contempla-me a graça d'esta creança!»

Volvidos sete annos, o meu saudoso amigo era o esposo d'aquella senhora, e d'este enlace tantos annos suspirado nasceu o auctor do livro que vem fazer a sua apresentação na galé das lettras portuguezas.

Eis-me, pois, levando o primeiro cartão de funebre sentimento ao filho do meu Arnaldo, que ha quatorze annos se apartou da esposa e dos filhos estremecidos, com todos aquelles punhaes de saudade a vasarlhe o peito despedaçado debaixo do olho providencial do Senhor Deus.

Eu, por mim, deploro que o snr. Gama entrasse na posse da herança intellectual de seu pai; sinto que não pudesse á custa de esforços obrigar o seu espirito a uma degeneração tal e tamanha que se lhe descerassem de par em par as portas da fortuna. Se eu visse, decorridos alguns annos, poderia ir abraçal-o á Academia Real das Sciencias; mas ah! eu antes queria entrar hilariante pela sua vasta mercearia, por entre barricadas de assucar e manteiga, para o ir abraçar no seu môcho alto de escrivanhinha esconsa, quando o snr.

Gama estivesse movendo os esquadrões dos victoriosos algarismos.

*

É certo que dos folhetins que lhe conheço transluz um penetrante e jovial talento de observação; porém, quem assim começa, tanto na flor da vida, deve preparar-se para colher amaríssimos fructos. Se o sr. A. Gama entra n'este amphiteatro de feras bem unguido para a lucta, conte com o triumpho, attido á omnipotencia do engenho de mãos dadas com a justiça; mas repare que triumphar n'estas batalhas é não legar aos seus herdeiros cabedal com que elles erijam uma columna de gesso á sua coragem: — é morrer pobre, honesto e immaculado como seu pai.

Mas... faz bem. Levante a herança abençoada pela honra e pelo infortunio com que foi grangeada. Trabalhe para esse ingentissimo edificio que se ergue invisivelmente, e parece construido nas trevas e no silencio da noite. Atire com a sua mocidade ao ethna d'onde a alma lhe sahirá mais tarde em lavas preciosas em que a posteridade abrirá o seu perfil; todavia, se lhe fôr permittida a infelicidade de ter filhos e chegar aos meus annos, sempre lhe aconselho que afaste os filhos para tão longe de livros e letras quanto eu affastei os meus, para que ninguem lhes enviasse bilhetes de pesames quando elles vestissem a tunica de Nessus que em Portugal se tece com mau papel impresso.

Já agora, *jacta est alia*, sr. Gama; e veja se, perdidas as chimeras, pôde ao menos salvar a sua alegria, e sahir com o seu bom sorriso d'este antro de Trophœnius.

VII

NARCISO DE LACERDA

(CANTICOS DA AURORA,)

O meu dezembro álgido está tão longe d'este abril florido de Narciso de Lacerda, que mal posso avocar reminiscencias de mocidade para me sentir viver da seiva, ás vezes de lagrimas, que fez desbotoar essas grinaldas. Lembram-me uns versos antigos que são uma advertencia sensata ás almas marasmadas e aos olfactos em atrophia que deedenham as florescencias e os aromas. Os versos são de Camões, rapaz, aos criticos encanecidos:

... quando lerdas,
Entendei que segundo o amor tiverdes
Tereis o entendimento de meus versos.

Um poema lyrico para um velho sinceramente e conscientemente velho é uma esphinge. Se dá ares de perceber-o, o impostor é como um surdo que gesticula de cabeça com pretenciosa intelligencia das harmonias que não ouve.

O que eu ainda conservo é — não direi a percepção nitida dos aromas; mas a dos matizes das fiores, isso parece-me que sim. Se me não deleita ou penalisa o pensamento amoroso pela correspondencia que abre com o meu espirito, applaudo a fórmula escorreita ou reprovo as deformidades. Sou um formalista, ou, se m'o consentem, um grammatico com certos pruidos de rhetorico.

Os *Canticos da Aurora* tem paginas em que a subjectividade, o lyrismo pessoal repta a inflada escola do Ideal sociologico em nome do romantismo apupado com palha-

çadas. Em outros lanços do livro, Narciso de Lacerda communga na iniciação do Ideal novo, orienta-se na linha revolucionaria, abeira-se das arestas dos abyssos e das ourelas dos pantanos. Eu disse o «Ideal novo» sem querer reconhecer e suffragar um defuntissimo «Ideal velho». N'estas poesias juvenis, arpejadas na melopêa melancolica da antiga sentimentalidade de Vigny e Lamartine, vejo o Bello, com a sua formosura primaveral, sempre enverdecida por maviosas lagrimas, ou nol-as dê a mágoa propria ou a desfortuna alheia. Não ha Ideaes de vitrine nova, nem Ideaes de anachronico *bric-à-brac*. O Bello é um. *Si vis me flere*, se queres que eu me commova, commove-te. Se me commoveste, o teu livro é bom; pôde dar-me a sensação regeneradora, a intuscepção do bem e do mal. Se o teu Ideal é revolucionario; se, a pretexto de melhorares a minha sorte e a dos meus irmãos descontentes, pões Proudhon em alexandrinos e me envias politica com o carimbo de V. Hugo, sou a dizer-te, visionario poeta, que a ilha Atlantida, e a Salento de Fénélon, e a cidade do Sol de Campanella tem mais direito a entrar nos compendios de geographia que os teus versos nos processos da perfectibilidade humana.

As formosas theorias do DEVER, mallogradas nos honrados livros de J. Simon, não me parece que tu as refaças e vingues da indiferença publica, mediante a sonoridade rhythmica dos teus adjectivos vermelhos e das antitheses já tão puídas que mais parecem ter o *cachet* de Gongora que o dos *Chatiments*. Que lucrarmos nós, se a tua musa aquilina se peneira sobre marnéis paludosos e faz um grande rufar de azas estridentes, é depois ella ahi vai, nuvens acima, pelas profundezas do azul, e some-se de modo que nós, os especta-dores pedestres, temos de continuar a fabricar bezeros para possuirmos um qualquer Ideal? O que nos deixam cá em baixo, ás abas do Sinay, é a photogra-

phia das cousas hediondas; mas isso que monta? Nem Baudelaire consentia que em taes condições o alcuhassem de realista.

Nas poesias do snr. Narciso de Lacerda ha uma qualidade que Silva Pinto, no magnifico prefacio d'este livro, exprime judiciosamente: *O poeta, com uma lealdade corajosa, apresenta-nos no seu livro a dupla miragem de seu espirito: o labor dependente, subordinado a alheio exemplo e o fructo, espontaneo e vigorosamente accentuado, da inspiração genial.*

Mas a inspiração genial é a que nos dá o quilate da sua vigorosa naturalidade, e as notas rejuvenescidas sobre os velhos themas do amor filial— uma das grandes— a maxima riqueza moral d'este livro. O que ahi ha reflexo dos snrs. Quental e G. Junqueiro, nos seus poemas ataviados á feição das objurgatorias de combate, isso foi o que me pareceu mais descasado, mais postiço na indole do poeta. Por amor da escóla, vieram á barra os padres; e, dado que Narciso de Lacerda exceptuasse a Providencia das suas objurgatorias de Ajax e Juliniano Apostata, assim mesmo as azas da sua musa que afluem por vezes tão serenamente nos paramos lucilantes das estrellas beneficas, e baixam a trazer-nos o amor a Deus e aos homens, parecem arquejar hystericas quando roçam pela batina do clero. Foi a imitação. Foi a desculpavel vaidade de mostrar que seria muito do seu tempo, se o quizesse ser.

Um elegante poeta brasileiro e prosador de primeira ordem, o snr. Machado de Assis, que não inveja primores de linguagem aos mais correctos, e primores de bom juizo aos mais reflexivos pensadores, conclue assim um optimo artigo intitulado a *Geração nova*, impresso recentemente na *Revista Brasileira*:

“Geralmente, a mocidade, sobretudo a mocidade de um tempo de renovação scientifica e litteraria, não tem outra preoc-

cupação mais do que mostrar ás outras gentes que ha uma porção de couzas que estas ignoram; e d'ahi vem que os nomes ainda frescos na memoria, a terminologia apanhada pela rama, são logo transferidos ao papel, e quanto mais crespos forem os nomes e as palavras, tanto melhor. Digo aos moços que a verdadeira sciencia não é a que se incrusta para ornato, mas a que se assimila para nutrição; e que o modo efficaz de mostrar que se possui um processo scientifico, não é proclamar-o a todos os instantes, mas applical-o opportunamente. N'isto o melhor exemplo são os luminares da sciencia; releiam os moços o seu Spencer, e o seu Darwin. Fugam tambem a outro perigo, o espirito de seita, mais proprio das gerações feitas e das instituições petrificadas. O espirito de seita tem fatal marcha do odioso ao ridiculo; e não será para uma geração que lança os olhos ao largo e ao longe, que se compoz este verso verdadeiramente galante:

«Nul n'aura de l'esprit, hors nous et nos amis».

Estas sensatas reflexões não as trasladei a fim de insinual-as no espirito do snr. Narciso de Lacerda. Eu, na sua obra poetica, não vejo desvanecimentos de seita, nem o frio proposito de uma orientação concertada e engenhada a certas fórmulas litterarias de puro convencionalismo. Este livro é a aurora de um talento florecido na sazão propria; e é mais que uma esperança, porque Narciso de Lacerda, muito na flor dos annos, já não carece do tempo nem das caricias da fortuna (leia *dos favores dos noticiaristas*) para ser considerado um dos nossos melhores poetas.

A SENHORA RATAZZI .

(NOVISSIMA EDIÇÃO CORRECTA)

PREAMBULO

O assumpto aqui tratado — a brochura da snr.^a Ratazzi — tem duas physionomias: uma para risos, outra para critica sisuda. Se uma das faces nos avinca a fronte, a outra tem virtudes therapeuticas de «désopiler la rate». Eu tentei, pela galhofa pachorrenta, esquivar-me ás phrases amargas que a segunda physionomia — a seriedade — me impunha.

Se uma dama de má lingua nos belisca, devemos imaginar que ella nos faz coegas; e, em vez de lhe trincarmos os dedos que nos estorcegaram a pelle, corre-nos o dever de imitar quem soffre as coegas — rir e pernear; mas a mim, ás vezes, succedia-me, quando fazia coegas a alguém, levar o meu sopapo involuntario. É o que pôde acontecer a quem faz coegas disfarçadas em beliscões.

UN AMI DE MADAME, no «Jornal de Noticias,» cheio .

d'uma paciencia portugueza e muito namorada com as lerdas chalaças da snr.^a Rattazzi, acha que o zangarem-se os portuguezes beliscados por madame é «falta de espirito».

Assim como, no dizer da princeza de pacotilha, «il y a ventre et ventre», tambem ha beliscões e beliscões, ó invejavel amigo de madame! Uns são attritos de arminho, cariciosos, como o roçar de dous botões de rosa-chá, em dous dedos opalinos com unhas nacarinas, pelos bigodês encalamistrados de s. exc.^a, o amigo d'ella e de Peniche; outros, são mordentes como tenazes de caranguejo, farpadas de vibora; e, se não deixam contusões róxas e largas como pontapés de gallegos, penetram os filamentos nervosos e os tecidos cellulares como uma injeccão hypodermica de vitriolo. Que a injeccão me seja ministrada pela regateira que me vende os seus carapaus, ou pela princeza que me vende os seus livros queima-me do mesmo feitio. A «cravache» de Lola Montes doía como se a vibrasse o pulso rijo de Roger de Bauvoir.

*

Mulher escriptora, por via de regra pouco exceptuada, é um homem por dentro. O coração, que devia ser urna de suavissimas lagrimas, faz-se-lhe botija de tinta; e as dôces penas da alma metallizam-se-lhe aguçadas em pennas de aço. O fuso de Lucrecia e da rainha Bertha desfex-se em canetas. Em vez de tecerem o seu bragal, urdem intrigas. Suspiram publicamente em 8.^o portuguez, 250 paginas; e, quando não suspiram, bufam coleras represadas; dizem que tem idéas, que se querem emancipar, muito escamadas, naturalistas, com um grande ar de pimponas que entraram no

segredo dos processos; e, se não batem nos homens, não é porque elles o não mereçam. O AMIGO DE MADAME, esse, tem de apanhar do sexo, mais hoje, mais amanhã.

Dom Francisco Manoel de Mello tinha razão: — Mulheres doutoras, authoras e compositoras dava-as ao diabo. É triste cousa, prosegue o moralista do HOSPITAL DAS LETRAS — que estejaes com vossa mulher na cama, na mesa, ou na casa, e andem lá pelas tendas mil barbados perguntando por ella.

Não ha feminilidades que se respeitem desde que a mulher se masculinisa, e, como escriptora virago, salta as fronteiras do decoro, sofraldando as espumas das rendas até á altura da liga azul-ferrête.

Mau! começo a ser muito serio e metaphorico. Por aqui me fecho.

*

N'esta edição augmentam as incorrecções á proporção das paginas. Algumas vão muito alagartadas de francezias para que sua alteza perceba pouco que seja do pamphleto.

Se um periodo serio não destoasse d'esta brincadeira, eu lembraria aos meus conterraneos que o repellirem patrioticamente as zombarias dos insultadores estrangeiros lhes é mais ainoso do que esse palavriado de rimas bombasticas e fofas com que expurgam em golfadas annuaes o seu patriotismo bilioso no «Primeiro de dezembro.»

Não obstante o silencio dos vates encartados na hymnologia patriótica, a maioria da imprensa antecipou-se-me no vigoroso desforço da justiça, e nomeadamente o snr. Urbano

de Castro, um escriptor moderno, com os dons do estylo e da graça que seduzem velhos impertinentes e glaciaes como eu e outros infelizes da minha idade. A favor da snr.^a Rattazzi tem sahido uns poucos periodicos faiantes, sargêtas por onde tresandam os seus fedores as fezes litterarias de Lisboa. São os orgãos da ralé sarrafaçal, uns madraços desencader-nados que vivem na gandaia politica, engenhando republicas carnavalescas. É n'esses periodicos de mixordias plebéas até ao asco que o snr. Theophilo Braga se esconde a escrever, como em parede de latrina, uns desabafos pelintras de quem não acha na imprensa séria fonticulos por onde suppurar o pus. A princeza pôde contar com este panegyrista.



DEPOIS de estudar os portuguezes e as portuguezas com frequentes visitas celebradas por *menus* economicos e risos de ironia buffa, a snr.^a Rattazzi concebeu das suas impressões viris e masculas um livro que deu á luz em janeiro, e denominou PORTUGAL Á VOL D'OISEAU. POR-

TUGAIS ET PORTUGAISES.

Eu, creado no velho noticiario, tendo de annunciar o producto d'uma dama dado á luz, antes quizera, em vez d'um livro bom, annunciar um menino robusto. Acho muito mais sympathica a feminilidade das mães pallidas, com olheiras, emaciadas, que aconchegam dos seios exuberantes a criancinha rosada, recém-nascida. Não me commove nem alvoroça o spectaculo de uma authora que se remira e envaidece na brochura que deu á luz, obra entre cinco e sete tostões — 740 reis com estampilha. Por isso, antes quero noticiar um menino robusto que um *oitavo* compacto.

Principia a snr.^a Rattazzi por declarar com raro entono *que conta e pinta o que viu sem deferencias pessoas nem preoccupações do que a seu respeito se possa dizer ou pensar*. Bom é isso. O menospreço que a escriptora liberalisa á opinião publica portugueza permite á critica o dispensar-se de grandes melindres. Á vontade. Sua alteza de penteador, nós em mangas de camiza.

Se alguém me arguir de bastante descosido no exame do livro, queira lê-lo com paciente pachorra, e verá que eu bispontei sobre os alinhavos atrapalhados da senhora princeza. Se me acharem um pouco em cuecas e sapatos de moiro, façam-me o favor de vêr que a *shocking* irlandeza nos visita de *peignoir* de rendas transparentes e chinelinha de chinchilla.

*

Calumnía, apenas começa, afirmando, contra o character d'esta boa gente portugueza, que D. Pedro v, e os infantes D. Luiz, D. João e D. Augusto foram atacados do *typho-arsenical*—envenenados. Uns morreram. D. Augusto ficou atarantado, mas com graça—uma timidez *non dépourvue de charme*; e D. Luiz, esse, teve *de la chance*:—que duas vezes fôra preservado da sorte de Britannicus.

Exceptuados os gremios palurdios d'algumas boticas de provincia, ninguem hoje repete semelhantes atoardas. Quando quizeram, por odio politico, enlamear a reputação immaculada d'um duque, desembestaram-lhe o venabulo ao rosto sereno. O aleive cahiu então, e levantou-se agora na indiscreta obra mexeriqueira da snr.^a Rattazzi.

Quando a morte fulminou, a curtos intervallos, na Italia, duas rainhas da Sardenha e o duque de

Genova, madame Marie de Solms, em versos por signal muito ordinarios, insinuou que o fanatismo tórvo dos padres tinha brandido nas trevas a cruz á feição de gladio. Na Italia era o clero; aqñi foi o veneno dos Medicis. Acha que os principes não podem morrer de morte natural; e bem póde ser que sua alteza venha a acabar de doença reles, com pedra na bexiga, hydro-pica, com lombrigas, com grandes perturbações flatulentas no seu aparelho digestivo — uma desgraça para as letras e para a hygiene cazeira.

Avaliando o clero portuguez, manda lér o CRIME DO PADRE AMARO. Um romancista habil engenhou um padre mau que afoga um filho—uma perversidade estúpida e quasi inverosimil em Portugal, onde os padres criam os afilhados paternalmente. Eis, segundo ella, a typo da cleresia portugueza — o *padre Amaro*. A snr.^a Rattazi geme escandalisada sobre a corrupção dô sacerdocio, e cita o romance.

A proposito de padres, vou contar á snr.^a princeza, *a vol d'oiseau*, a historia de um padre seu parente.

José Fesch, nascido em 1763 em Ajaccio, era tio materno de Napoleão 1.^o, por ser irmão de Leticia Ramolini. (*)

Entrou no convento de Ajaccio como menino do côro. Em 1782, quando ia á ilha de Sardenha visitar parentes, foi aprisionado por piratas argelinos. Em Argel fez-se mahometano, e lá se deteve até 1790, exercitando o magisterio theologico, como subil interprete que era do Alcorão. Podendo evadir-se para Ajaccio

(*) Tio-bisavô da snr.^a princeza Rattazzi, filha de sir Thomaz Wyse, cazado com Leticia Bonaparte, filha de Luciano Bonaparte, irmão do imperador.

n'aquelle anno, abjurou o islamismo, para poder exercer as funcçoens de cura catholico. Dois annos depois renunciou o curato e estabeleceu-se com uma taberna, que conservou até 1795, auferindo bons lucros pela concorrência dos inglezes que occupavam então a Corcega. Cazou ahi com a filha de um caldeireiro. O casamento foi celebrado pela municipalidade de Agaccio. Teve trez filhos d'essa mulher.

Em 1796, aconselhado pelo sobrinho Napoleão, ja então glorioso, revestiu os habitos ecclesiasticos; e logo que o sobrinho foi proclamado primeiro consul, foi elle nomeado arcebispo de Leão. Em 1802 Pio VII nomeou-o cardeal. Em seguida foi esmoler-mor do Imperio, senador e conde. Repartindo quatro milhoens de francos por oito ou nove dos seus collegas do sacro collegio, conseguiu que em consistorio secreto se deliberasse a jornada do papa para coroar em Paris Napoleão.

Ao tempo que o papa chegava a França em 1804, chegava a Leão a mulher do arcebispo, secretamente; e no primeiro dia em que o pontifice deu benção solemne n'aquella cidade, a mulher e os trez filhos do cardeal lançaram-se-lhe aos pes. «Eu sou a legitima mulher do cardeal Fesch, e estas creanças são nossos filhos; não peço a restituição de meu marido; mas quero que elle os sustente conforme as suas posses.» Fesch estava ao lado do papa, e exclamou: «É mentira, é mentira, sanctissimo padre!» O papa, a fim de obstar a scenas peores, mandou tomar conta da mulher e dos filhos;—de modo tal que nunca mais se soube d'elles.

O cardeal era muito devasso, e correu notaveis perigos nas suas conquistas. Sabe-se da aventura da mulher do fabricante Girot em 1803. Ella e o marido foram presos, ainda por cima, pelo commissario de policia Dubois, e deportados, a titulo de moedeiros fal-

sos, para Caenna. (Veja *Histoire secrète de la cour et du cabinet de S. Cloud*. Lite. 13, 1805).

O *Padre Amaro*, comparado ao cardeal corso, tio-bisavô da snr. Rattazzi, era um exemplar de pudicicia.

*

Do clero naturalmente deriva para o culto. A respeito do S. Jorge da procissão de Corpus-Christi, a princeza espirra fagulhas de espirito forte, d'um jacobinismo sedição com um desplante extraordinario em senhora. Não se cohibe de gracejar com o symbolismo sempre respeitavel, quando inculca, seja como fôr, uma religião e uma moral—cousas consubstanciaes. Não a retém a senhoril e prudente moderação de Staël e Sand, e sobretudo o feminil decoro de viuva duplicada, de mãe já de annos bastante serios, embora os atavios façam pirraça á chronologia. Moteja das pompas religiosas no tom das *turlupinades* da petrolista André Léo, e arma á risada com facecias d'um alumno da escola-militar que leu o TESTAMENTO DE JEAN MESLIER e o CITADOR de Lebrun.

Moteja dos *Cyrios*. Segundo ella, os portuguezes, tomando a parte pelo todo, chamam ás «procissões» *Cyrios*, porque levam *velas accesas*. Muita chalaça a este respeito. Mulher irreligiosa é uma razão perdida no vacuo da consciencia; mas a que faz praça da sua incredulidade é cousa repugnante, tanto monta ouvil-a na sala como na *brasserie*.

Se a snr.^a Rattazzi fosse uma escriptora circunspectamente critica, ridiculisando o maior santo de Inglaterra, devia contar aos portuguezes que Jorge foi um fornecedor de toucinho (*bacon*) do exercito romano, e que em vez de o fornecer, abotoava-se com os lardos

suinos como qualquer fornecedor do exercito brasileiro do Paraguay. A justiça perseguiu-o como concussionario; Jorge safou-se, fez-se ariano, e levou d'assalto a cadeira archiepiscopal de Athanasio. Depois, na capital do Egypto, a execração publica encarcerou-o afim de o processar; mas o povo, impacientado com as delongas do processo, atirou-o ao mar. «Como é que este malandrim (pergunta Campbell na biographia de Shakespeare) chegou a ser transformado em S. Jorge, patrono dos exercitos, da arma de cavallaria e da ordem da Jarreteira?» Campbell diria á senhora princeza: «Patricia, antes de escarnecer as crenças portuguezas, zombe das inglezas. O santo é nosso, e Deus sabe que bestialidade grande praticaram os lusos admittindo um santo da Gran-Bretanha na vanguarda d'uma jolda de velhacos que lhes fizeram á industria da metropole e ás colonias o que o tal Jorge fez ao toucinho dos soldados romanos».

Ora, se é facto que o sujeito sizava a carne de porco das legiões romanas, esse devia ser coherentemente o santo tutelar d'Inglaterra. Eu, porém, segundo a minha historia ecclesiastica, muito mais orthodoxa e correcta que a de Campbell, pendo a crer que S. Jorge era um principe da Cappadocia que soffreu martyrio, imperando Diocleciano, depois de ter matado um certo crocodilo que queria comer a filha do rei Aja. Jorge levou talvez em vista, n'este crocodilicidio, plagar Perseu que matou outra fera que queria comer Andromeda, filha do rei Cepheu. O que é certo é que os saxonios, estes selvagens, incapazes de produzir um santo, adoptaram o da Cappadocia. Nós é que não tinhamos necessidade do santo, dando-se o caso de mais a mais de sermos ridiculisados por causa d'elle no livro da snr.^a Rattazzi, princeza que de certo não vai ao florilegio como o seu collega principe Jorge.

Sobre a materia intrincada de cultos, presume que o enigma poderia ser resolvido pelo bispo de *Visens*, Alves *Martius*. Este nome está bastante corrompido para se pensar que o prelado de *Visens*, *Martius*, é um bispo mosarabe, coevo do duque de *Lafas*, com diphthongo.

Deturpar nomes de bispos e duques pouco importa. É muito peor divulgar, ácerca das realengas aspirações d'uma duqueza benemerita de respeito, umas chocalhices cochichadas nas salas, mas nunca escoadas pelos tubos da imprensa. Allude em termos esbaldados de actriz patusca ao duque, marido d'essa duqueza, e attribue ás barrigas das senhoras portuguezas um exquisito predominio abdominal sobre os esposos. Esta senhora, que tem apenas a carne indispensavel para se não confundir com um fluido, abomina, metaphoricamente os ventres grandes, as barrigas das damas portuguezas fidalgas que nobilitam nas suas membranas os maridos e os filhos. Pilherias de *farceuse de goquette*. Umas *bouffonneries de petit souper*, — *cancan* de sobre-loja entre costureiras que bebem do fino e tem namoros nas cavalhariças do paço.

A snr.^a Rattazzi ri muito das superfetações cosmeticas e oleosas do conde de M. Valha-nos Deus! A snr.^a princeza, como objecto colorido, é ha muitos annos uma chromo-lithographia das obras do bibliophilo Jacob. Que Alphonse Karr me não deixe mentir.

Do duque de Saldanha repete anedotas chinfrins que põem gargalhadas sobre a campa do bravo caudillo a quem D. Pedro IV agradeceu a corôa de sua filha. Conta um dialogo forte que elle teve em 1851, ás quatro horas da manhã, com a rainha D. Maria Pia, e que S. M. mostrára desejos de o mandar espingardear.

Ora, em 1851, a senhora D. Maria Pia tinha quatro annos.

O duque de Saldanha—conta a princeza—apresentou-lhe a esposa no seu palacio d'ella, em Antin. Assim zomba a snr.^a Rattazzi dos seus amigos mortos e matraquéa Saldanha que a visitava, quando o *Figaro* a escarnecia e Pelletan lhe desenhava o perfil na NOUVELLE BABYLONE.

Está a character quando, annotando um artigo espiritioso do *Pimpão*, explica á Europa o que é a «Perna de pau» e a «Horta das tripas» (*Jardin des tripes*). Falla muito de *faguêtes* que a incommodam, e diz que *Vm.çê* é o diminutivo de *V. Exc.* Investigando a linguistica, observa que não dizemos o rei, mas *el-rei*; e que o *el* é recordação mourisca e vestigio da occupação dos arabes. Confunde o artigo hespanhol *el* (do latim *ille*) com o artigo arabico *al*, prefixo a muitas palavras portuguezas. As *Therezas philosophas* são muito mais vulgares que as *Therezas philologas*. Diz que o nosso *ai Jesus!* tambem é musulmano, e o *se Deus quizer* tambem é vestigio arabico. E' uma mulher das arabias, ella! (*)

Faz rir á custa dos archeiros que tocam o tambor á chamada. A snr.^a Rattazzi nasceu em Inglaterra onde hoje em dia se conservam usanças ridiculas, ratices que se avantajam muito á do archeiro que rufa na

(*) Um modernissimo diario da capital, trasladando recentemente (3 de junho de 1886) a carta da princeza onde realçam, por entre motejos, as observaçoens philologicas referidas, acrescenta: *Confessemos que esta carta de Madams Rattazzi é maravilhosa como litteratura e como observação.* Esta critica portugueza não é menos maravilhosa.

caixa. Exemplo: os dous manequins monstruosos chamados Gog e Magog que assistem á recepção do lord-maior no salão Guil-Hall. Depois, mais irrisorias que os archeiros, as sentinellas da Torre de Londres — chapéos de velludo emplumados, adaga á ilharga, farda escarlata acolchetando nas costas, e as armas de Inglaterra com a tenção de Henrique VIII matizadas no peito. E que nos diz a illustre dama ás cabelleiras Luiz XV, de cachos empoados, com que se toucam os juizes antes de se amezendrarem com offenbachiana parlapatice magestosa nas cadeiras da magistratura em Westminster-Hall? E aquelle sumptuoso coche tirado por cavalloos baios em que se estadêa o carnicheiro opulento, com os braços nús e a camisa arremangada até ás clavículas? Se a Gran-Bretanha nos não exhibisse estas gargalhadas, teriamos de nos remediar-mos com o producto da ex-princeza Studolmire Wyse que só de per si tem a *vis insita*, a força ridicula latente das dynamisações altas.

Penetra na vida intima dos portuguezes, no segredo dos seus amores castos, amor que só os olhos exprimem. Não gosta. Acha isto senisaboria, e chama-lhe *paixão è olhadas*, para exprimir bem portuguezmente a cousa. Á *Casa Havaneza*, onde se refastelam muitos dos taes «apaixonados das olhadas», chama *clubo des bavards*. Diz que em Portugal as meninas de doze annos tem *olhadas* e cartei-am-se. Acrescenta que é rara uma mulher galante portugueza; mas que os homens são, na generalidade, bonitos e bem feitos — *beaux et bien faits*. Isto captiva a gente. Contou algu-em á princeza a historia fresca de um velho par do reino «que se lambia» dizendo a paixão que inspirára a uma joven que só á beira d'elle sentia o lyrismo e as delicias do amor. A snr.^a Rattazzi espantou-se; e do velho idiota inferiu que em Portugal todos os velhos se lambiam

d'amor. Não é tanto assim, vamos lá. Alguns, quando veem boas mulheres, nem já se lambem.

Foi aos touros; viu os *capêlhas* portuguezes, e os *torreros* e os *forçados* (forcados) que ella diz assim chamarem-se, *forçados*, porque *forçam* os applausos. Está em primeira mão esta sandice. Como successor do *conde* de Castello Melhor no garbo e destreza cavalleirosa de toureiro, menciona *Rebello da Silva el Castro*. Provavelmente, do historiador da ULTIMA CORRIDA DE TOUROS EM SALVATERRA fez um toureiro equestre no campo de Sant'Anna. Diz que, a pedido da commissão, offerecera uma «mona» — *reminiscencia poetica da idade média*. Achou na idade média as *monas*. Sua alteza achou tambem um tanto cannibal o prazer das touradas, mas nem por isso é *moins immense* (este *immense menor* que o «immense maior», é bom). Nos theatros da *Trinidade* e do *Principo*, desagradou-lhe o pessimo costume de *pateader*. Diz que as obras do theatro de S. Carlos foram dirigidas por *Santo Antonio da Cruz Sobral*. Lá fóra ha de cuidar-se que temos um *Santo Antonio de Lisboa* para os milagres e outro *Santo Antonio da Cruz* para os theatros.

Sobre politica decifra alguns artigos bons do *Pimpão* e guiza varias beldroegas de sua lavra. Entra bem na questão financeira, na fiduciaria, nos Bancos, no escandalo das loterias e do jogo. Faz um moral opusculo em assumpto de rolêta.

Tratando de jornaes, traslada e traduz annuncios aphrodisiacos do *Diario de Noticias*, e diz que o snr. Thomaz Antunes é *moco fidalgo*. O snr. Antunes não é *fidalgo moco*; tem a cedilha: saiba-o a França. (*) Do

(*) Visconde em 1885.

Jornal da Noite, escreve que A. A. Texero de Vasconcellos noticiava principalmente anniversarios e nascimentos, dava a lista dos numeros mais premiados na loteria, e d'isso ia vivendo. Assim atassalha a snr.^a Rattazzi a reputação jornalística do mais rijo pulso athleta que teve a arêna dos gladiadores politicos — o rival de A. Rodrigues Sampaio. Nem A. Augusto era outra cousa. Logo veremos como ella conceitua socialmente o seu conviva e panegyrista.

Menciona como collaborador da *Correspondencia de Portugal* o snr. Rodrigues de Treitas. Se lhe chama *Tretas* ao illustrado e honesto republicano, merecia uma descompostura.

Tambem versa a questão cornigera dos gados, *des bestiaux*. Louva, ao intento, um Relatorio do snr. conselheiro Morres Soares. Morres? Longe vá o agouro. (*) Desejo que o snr. Moraes Soares viva muitos annos, para nos dar muitos relatorios sobre *bestiaux*, e mais occasiões a que esta princeza se ocupe das nossas vaccas — objecto em que é ella a unica senhora concorrente com as leiteiras saloias.

Em uma pagina util e talvez a unica proveitosa aos viajantes, informa ácerca dos hoteis. Diz que no «Hotel de Lisbonne» ha muitos ratos; no «Alliança» persevejos; e no «Gibraltar» *baratos* — (não confundir preços *baratos* com «baratas»; ou «carochas»). Depois d'esta asseveração impugnavel, esteia a sua affirmativa em uma passagem do *Cousin Bazilio* onde se lê que em Lisboa ha persevejos. Luxo escusado de erudição.

(*) Realizou-se o vaticinio; porque infelizmente o douto Moraes Soares morreu pouco depois.

Os persevejos em Lisboa são d'uma tamanha evidencia fetida e mathematica que se dispensava o testemunho do snr. *Eca de Queroz*, de *Querioz*, ou de *Querioze* que vem citado como Plinio para os lacráos, e Livinstone para a *Tsetse-fly*, mosca mortifera da Africa.

Espanta-se dos muitos Burnay que em Lisboa exercitam varios ramos de industria. Acha que a Lusitania, n'este medrar de Burnay, virá a chamar-se *Burnaisie*. Depois escreve: *Il faut mentionner, ne fût ce que pour faire contraste, les Gallegos à cotê des Burnay. Les uns exploitent, les autres sont exploités*. Esta princeza, com quem o snr. Ramalho trocou o seu francez parisiense, de certo ouviu dizer ao festejado escriptor que a familia Burnay é um grupo de homens honrados e laboriosos que não se pejam de ser defrontados com outros homens honestos e trabalhadores embora procedam da Galliza; mas não exploram: trabalham e colhem, quando lh'o não desfalcam, o estipendio honesto das suas fadigas. (*)

Tem bons chascos quando zomba dos nossos *viscondes das Ervilhas* e do *Esperregado*. D'estes viscondes saberá sua alteza que se fazem as *princezas do Esperregado* e das *Ervilhas*. Se a snr.^a Rattazzi se lembra d'arranjar um *visconde dos Tabacos*, sahido d'um estanco, esse visconde ferido na sua honrada industria, poderia lembrar á neta de Luciano Buonaparte que a princeza Rattazzi é bisneta d'um vendedor

(*) Na tourada fidalga celebrada por occasião do casamento do principe, a snr.^a princeza não conseguira penetrar n'aquelle templo de selvageria; mas a snr.^a condessa de *Burnay* mandou-lhe offerecer logar no seu camarote. A snr.^a de Rutte accitou. A recente condessa castigava suavemente os remoques da princeza, ou envaidecia-se da hospeda? Nem uma coisa nem outra. Revelava a sua bondade.

de tabacos, pai de sua avó, a snr.^a Blescamb, viuva d'um empregado bancario. Mas os *tabacos* trahiram-na, quando, enxovalhando os enormes serviços do fallecido conde de Farrobo á causa da liberdade, diz desdenhosamente que o pai do conde tinha o monopolio dos tabacos e que *a sua nobreza era de fabrica*.

Esteve a snr.^a Rattazzi em *Pedroncos* e *Massa*. O leitor que já lhe conhece o processo da orthographia geographica, entende que ella esteve em Pedrouços e Mafra. Exhibe as vulgaridades obrigatorias, e dá-nos a noticia inedita e lisonjeira de que Byron chamou a Cintra *glorious Eden*.

Espeta-se na historia da litteratura portugueza, lamentando que não haja uma grammatica official. Ha dez ou doze officialmente approvadas; mas não é isso que a snr.^a Rattazzi pretende: quer uma grammatica official, uma cousa em que os poderes legislativo e moderador decretem positivamente o que ha sobre o gerundio e o participio indeclinavel. Para que diabo que-ria ella uma grammatica official? Depois, estabelece a fileira dos escriptores classicos, e manda lêr as Cartas de Marianna de *Alcofarrada*. Infausta freira! um francez atormentou-lhe o coração, e uma irlandeza martyrisou-lhe o appellido. *Alcofarrada!* Credo!

Disseram-lhe que Affonso Henriques teve um aio, Egas Moniz, o da lenda heroica, o qual era poeta. Teve ignorantissimos informadores que confundiram o aio Egas Moniz com o trovador Egas Moniz Coelho, fabuloso author das conhecidas trovas.

Trata dos AUTOS, mysterios christãos posteriores ás *judarias* — uma perfeita judearia d'esta litterata; — e conclue que as melhores peças do theatro « moderno »

portuguez são a *Novz Castros* de João B. Gomes, e a *Osmia* da condessa de Vimieiro. Convém saber que o Gomes e a condessa estão enterrados, ha bons 76 annos. Tem este modernismo.

Em seguida, põe á frente do progresso dramatico José Freire de Serpa, Alexandre Herculano, e mais o snr. Ennes. Estão bem postos todos tres.

Entre os oradores especifica o conde de *Thomaz*; e, como Manoel Passos dava eloquencia a dous, fez d'elle dous oradores — um orador *Silva*, e outro orador *Passos*. Diz que Rodrigues Sampaio é o primacial do jornalismo litterario; não chega a attribuir-lhe algum soláo. Quanto a Almeida Garrett, escreve que era um catholico cheio de fé e sem philosophia, e por isso não fez escóla nem discipulos. Ideas parvoinhas do snr. Theophilo Braga.

Conta que Alexandre Herculano viera em 1836 da emigração que lhe inspirára a *HARPA DO CRENTE*. Que Alexandre Herculano, antes de emigrar, estivera ao serviço de D. Miguel — *qu'il avait servi d'abord*. E, no restante, as idéas do snr. Ramalho expendidas nas *FARPAS*, mas um pouco deturpadas. Aquelle grande homem, Herculano, segundo conta a snr.^a Rattazzi, visitou-a e levou-lhe os seus livros. Diz ella que foi a ultima visita que fez o eminente escriptor. Se isto é verdade, foi a ultima e talvez a primeira asneira da sua vida.

No seu grande juizo, A. Herculano devia achal-a ridicula. Uma ingleza ridicula equivale a dous inglezes ridiculos. Ora, A. Herculano tinha escripto: *Dous inglezes ridiculos são incontestavelmente as duas cousas mais ridiculas d'este mundo*. Eu creio no contundente publicista Silva Pinto — um grande lapidario de phrases causticas, tartarizadas. Diz elle que Alexandre

Herculano não a visitou. Elle era mais austero e sensato que o padre Lamennais e o astronomo Babinet, do *Instituto*, que, no poente da vida e na aurora da tolice, lhe escreviam versos e prosas de pieguice senil. O velho astronomo explicava-se assim, paternalmente, ha dezoito annos:

*Sans cesse vous brillez de charmes imprévus ;
Près de vous on ne peut jamais manquer de verve ;
Car vous avez les attraits de Vénus
Avec les talents de Minerve ! (*)*

Os attractivos de Venus. Bom proveito. E, depois esta senhora zomba dos portuguezes velhos que *se baba-m d'amor !* Pudera não ! Quando nos apparecem bellezas mythologicas, a Venus com a sobrecarga de Minerva, a gente baba-se irreprehensivelmente.

Contra Castilho, faz-se echo das inepcias do snr. Theophilo Braga: — que elle conhecia imperfeitamente as linguas de que *traduisait, traduisait, traduisait*. Castilho aos vinte annos fazia versos latinos como Virgilio e francezes como Lamartine. Accusa-o de inimigo acerbo do romantismo. Castilho escreveu a *NÓITE DO CASTELLO* e *Os CIUMES DO BARDO* na afinação ultraromantica da *DAMA DO LAGO* de W. Scott e dos soláos Lormian, o caudilho das balladas romanticas em França.

Tagarellando contra os classicos, a boa da romantica diz que surgiram em Coimbra os dissidentes da velha escóla. Os dissidentes eram Rebello da Silva, Mendes Leal, Latino Coelho e Lopes de Mendonça.

(*) LA VERITÉ SUR M. RATTAZZI, PAR *l'Inconnu*.

Sim, estes innovadores sahiram de Coimbra com o estandarte da rebellião arvorado. Ora, Rebello da Silva, como o reprovassem em latim, não voltou a Coimbra; Mendes Leal e Latino Coelho nunca frequentaram a universidade, e Lopes de Mendonça não sei se chegou a matricular-se em mathematica. D'este infeliz luctador, submerso em trevas quando as espancava com vertiginosa ancia de luz, diz a princeza que *elle consumira a maior parte da mocidade em dissipações*. Meu pobre amigo, tu que aos quinze annos trocavas por pão escasso os teus primeiros labores, não merecias ser apontado como victima de tuas dissipações.

Contra Mendes Leal, a casquilha poetisa em annos de prosa ejacula injuriosas calumnias de plagiatos, e accusa entre os livros d'este escriptor verdadeiramente polygrapho o CALABAR, um romance em que Mendes Leal declara que parte do seu livro é imitação. O author da HERANÇA DO CHANCELLER, a meu vêr, nas suas occupações diplomaticas em Paris, não tem tido vagar para attender ás princezas vadias.

De Rebello da Silva conhece *Odio, Velho vraô cauca*, e a « Ultima corrida de touros reas em Salvatorra ». É um bom titulo para uma simulcadencia muito forte, peninsular, talvez vestigio arabe. A snr.^a Rattazi, que assim escreve a lingua portugueza, propõe-se traduzir a HISTORIA DA INQUISIÇÃO de Herculano. Em inquisição de torturas vai ella pôr a pobre lingua, que ainda assim possui uma palavra energica para interpretes d'este quilate. Byron, encantado com a sonoridade do termo, transmittiu-o como mimo philologico ao seu amigo Hodgson. Ella que o fareje. Está na carta 37.^a da collecção de Thomaz Moore— bom documento ethnologico que esqueceu ao snr. Alberto

Telles no seu interessantissimo livro LORD BYRON EM PORTUGAL.

As insolencias que desembésta á cabelleira de Bulhão Pato como se explicam? Ella, prefaciando um drama que peorou com o seu francez, disse que Alexandre Herculano escrevera um opusculo contra o imperador do Brazil, e que o imperador, sem embargo da offensa, vindo a Portugal, visitára Herculano. A snr. Rattazzi, muito admirada, perguntou, em Paris, ao imperador que lhe contára o caso da offensa e da visita: « Visitou Herculano, Sire? » E D. Pedro II respondeu com um sorriso fino: « Sim, de certo, visitei-o. Deveria eu castigar-me a mim por comprazer com o meu despeito »

Leu isto Bulhão Pato, e sahiu honrada e severamente contra a calumnia; e vai ella agora, no livro PORTUGAL *a voo de pássara*, explica o prefacio da comedia dizendo que se enganou — porque lia muita cousa — attribuindo as FARPAS a Herculano; e acrescenta que o imperador não lhe emendára o *blunder*, o equivoco desgraçado, ouvindo-a sem lhe corrigir o erro. Mas a snr.^a Rattazzi, no tal prefacio sarapantão, diz que o proprio D. Pedro II lhe contára que elle, offendido, visitára o offensor: *Don Pedro me l'apprit lui même á l'hôtel d'Aquila*. Uma trapalhice!

Bulhão Pato emendou a parvolêza da snr.^a Rattazzi; e ella, em vez de se agachar contrita na humidade das tolas reformadas, ergue-se nos tacões benoiton, e faz chalaças de *estaminet* entre dous *petits-verres d'anisette*.

Dos meus futeis romances tambem chalacêa e não anda mal; — que todos os meus livros se adivinham do

terceiro em diante: um brasileiro, um namorado sentimental e uma menina em convento. Cita quatro novellas, e por casualidade nenhuma d'ellas tem *brazileiro*; porém, quanto a namorados, são tantos que nem a senhora princeza é capaz de ter tido mais.

No merito de *Julio Diniz* faz os descontos que o snr. Ramalho lhe incutiu. Conhece os *Fidalgos de casa nourisca*, e a *Morgadinka dos Canariaes*. Tenciona falar de Soares de *Posses*, poeta portuense, cuja elegia do *sepulchro*, diz ella, se canta nas ruas. Exalta o snr. T. Braga que escreveu a *Visão das tempes*, e *As tempos tades sanoras*, a «*Historia do diretor portuguez*», e os «*Tracos geraes da philosophia positiviva*». Não se sabe se quer dizer *Traços* ou *Trancos*; talvez seja *Tratos*, ou mais provavelmente *Trapos*, se não fôr cousa peor. Seja o que fôr, pertence á *philosophia positiviva*.

Conta que elle foi typographo em Coimbra *para pagar os estudos*. Não havia de gastar muito se pagou o que sabe. Diz que o dito snr. Braga é «*philosopho, mathematico, astronomico, physico, chimico, biologista e anthropologista*» — o que se demonstra nos *Tracos* acima.

*

Consta-me que o snr. Chardron, (*) consente que este opusculo seja trasladado a francez e hespanhol. Suspeita-se que a Allemanha e o Reino-Unido pensam em o traduzir com uma grande sêde de idéas. Pois, se isto assim é, como não pôde deixar de ser, bom será que lá fóra se leia em linguagem conhecida uma opinião ingenua a respeito do *escriptor moderno mais con-*

(*) Editor d'este opusculo.

sciencioso de Portugal, como a princeza, baseada em anthropologia e assás biologica, qualificou o snr. Theophilo. De si proprio dizia elle com paspalhona philau-cia no ATHÆNEUM de Londres, *Revista do anno de 1878*:

«Actualmente a philosophia positiva conta muitos admiradores em Portugal, e os novos espiritos disciplinados por ella vão conhecendo com grande clareza de que trabalhos este povó precisa para progredir.

«N'este espirito acabam de sahir á luz os dous primeiros fasciculos d'uma HISTORIA UNIVERSAL, que a imprensa portugueza tem considerado como *uma renovação dos estudos historicos em Portugal*; a noção positiva da historia e o esboço da historia dos egypcios estão a par dos (muito *pardos*) modernos trabalhos da archeologia prehistorica e egitologica».

É o que pensa de si o egitologico snr. Theophilo. Já lhe não basta o elogio mutuo. O oraculo, quando os catechumenos de cá o não incensam, trata elle de salvar na Inglaterra a reputação da critica portugueza, escrevendo que a imprensa lhe considera as farfalharias *uma renovação dos estudos historicos em Portugal*. Isto é muito drastico.

Os livros do snr. Theophilo são uma balburdia, retrazos de sciencia apanhados a dente, mal mascados, um cerebro atrapalhado como armazem de adeleiro, golfos do bôlo não esmoldo, cousas apocalypticas, muito desatadas, em prosa deslavada, derreada, enxarciada de gallicismos, cahotica, apontoado enxacôco de retalhinhos apanhados á tóa n'uma canastra de apontamentos baralhados e atirados ao prêlo. Toda a farragem do snr. Braga é isto, creiam-me os Pisões e a snr.^a Rattazi. A

cabeça tôa-lhe a vazio, em competencia com a da sua admiradora. Todo elle é uma bexiga de gazes maus. Quando a comprimem, faz-se mister, como para o *portugaison*, apertar um certo appendice que será mencionado em logar competente.

Diz que o snr. Luciano Cordeiro é um dramaturgo original. Parece que a originalidade do snr. Luciano Cordeiro está em não ter escripto drama algum.

Reflexionando conspicuamente sobre a nossa deploravel instrucção publica, sahe-lhe de molde contar que nós, os portuguezes, a um brasileiro que passa chamamos *macaca*. Que o brasileiro vai passando, e nós dizemos: *É una macaca*.

Não é tanto assim; não se lhe desfigura o sexo. Se a princeza, ao passar, ouviu dizer: *é una macaca*, isso não era com o brasileiro.

E a proposito de *macaco*:

Tendo esta dama escripto lisonjeiras cousas da gentileza e bonito feitio dos homens portuguezes, exceptuou caprichosamente um criado do Hotel Mondago, o *José Macaque*. Diz que elle tem uma *fealdade socratica*. Eu não affirmo que José Macaco seja um galan com o perfil do Bathylo de Samos nem os tres quartos do Cupido de Corregio. Anacreonte de certo lhe não tocaria as louras madeixas de pampanos e rosas de Teos, nem me persuado que Sodoma ardesse por causa d'elle ou de mim. Assim mesmo, sem algum motivo estranho á estetica, a princeza Maria Letizia, indisposta com José Macaco, não lhe perpetuaria no seu livro, como em um bronze de Esopo, a fealdade. Devia de haver uma causal psychica para injuria tão desproporcionada com as culpas arguidas a

José Macaco. Sua alteza não o baldeava á zombaria dos seculos providouros pelo delicto de lhe não servir *mayonnaise de «lagosta» á la gele*, nem *mexilhões á provençal*. Indaguei, por intermedio d'um meu amigo em Coimbra, quaes as causa ingentes dos odios assanhados pela Discórdia ignivoma, como diria Homero, entre Macaco e Princeza. Tentaria elle como o hediondo Thersites da ILIADA arrancar com suspiros absorventes os olhos meigos da nova Pantasilea? Trato de averiguar. Se a resposta não vier a tempo, dar-se-ha em appendice suplementar.

Trata com amoravel equidade o snr. G. Junqueiro. Acha-lhe bellas cousas no seu *don Jooá*, e que realça no estylo menineiro, *enfantin*. O snr. Junqueiro, se bacorejasse este obsequio, não mettia na sua VIAGEM A RODA DA PARVONIA uma *Princeza Ratazana*, «em toilette myrabolante, cheia de pedrarias e plumas». A princeza Ratazana dá um jantar a lyricos e satanicos, e canta:

*E' um paiz singular
A patria dos malmequeres!
Póde-se dar um jantar
Ficando os mesmos talheres.*

Mas os convivas, a quatro libras por cabeça, — o snr. Guerra, *gratis* — põem-se nas flautas, e ella abysma-se no buraco do ponto. A troça está impressa. Guerra Junqueiro vingou A. A. Teixeira de Vasconcellos.

Este escriptor, prodigo de gabos e cortezias aos seus collegas, houve-se cavalheirosamente com a princeza. Fez folhetim heraldico da sua raça corsa, do espirito e dos livros que eu apenas conhecia de lh'os vêr citados no DICTIONNAIRE DE L'ARGOT PARISIEN, por

Lorédan Larchey, Paris, 1872. Ella é authoridade em giria.

Antonio Augusto achava-lhe talento, e ia jantar com ella. O escriptor morreu; e a snr.^a Rattazzi celebra d'est'arte a memoria do seu panegyrista e hospede:

« Antonio Augusto Texeiro de Vasconcellos. O Casa nova portuguez. (*) Seria de mais chamar-lhe celebre, mas notavel por muitas distincções, sim. A primeira pelos grossos escandalos que datam já de Coimbra, onde estudava; depois por grandes farçolices de que uns riam, e outros choravam. Por algumas foi asperamente castigado. O que elle podia melhor escrever eram as sua memorias; com certeza, tinha com que alvoroçar a curiosidade publica. Pensaria n'isso? É provavel que sim, mas faltou-lhe o tempo. Como quer que fosse, essas memorias só poderiam publicar-se depois d'elle morto; se as publicasse em vida, correria o perigo de o espatifarem ». É uma princeza a escrever d'um homem fallecido que a inculcára litterata distincta no *Jornal da Noite*, mentindo á gente por um excesso de cavalheirismo fidalgo que o desculpa, e mais relevante faz resaltar a ingratição da leitora do *Casa Nova*. Crueza e indignidade que não desafinam das tradições corsas da sua familia; mas que será difficil encontrarem-se em uma senhora de *la haute vie*, uma irlandeza de mais a mais, uma Wyse, fina flôr fanada da *Gentry*.

(*) Quem houver lido as MEMORIAS DE CASA NOVA, um patife no genero Lovelace peorado, tem comprehendido a cruza da comparação.

A snr.^a Maria Letizia esteve no Porto, onde « viu o *lindo Riacho, Rio de Viela* que atravessa diversas ruas » ; conversou com a snr.^a *Alveolos*, « ingleza » gorda que, por signal, a não percebeu. Conta-nos — digno Plutarcho — a biographia da estalajadeira do *Francfort*, e viu a confraria dos « *Pénitents rouges* » a *descer da collina para o rio, e parar com tochas accesas á porta d'uma casa mourisca com vidraças coloridas, e paredes esmaltadas de adobes azues*. Que diabo de visão ! O Hoffmann não veria isto no Porto sem beber muito de 1815. Os *penitentes vermelhos* !

Tambem esteve em *Cedeifata* e no palacio de crystal acompanhada *par le savant docteur Ricardo Costa*. É admiravel como ella, n'um lance d'olhos, apanhou as linhas intellectuaes e scientificas do senhor doutor Ricardo Costa ! Quantas pessoas andam duzias de annos á volta d'um sabio sem o penetrar !

Na carta xxiii, esta mirifica epistolographa mette a riso a nossa pronunçia nacional, os sons nasaes, as desinencias em *oês* e em *ad*, que nos ficaram da lingua *galoga*, e se pronunciam *ouenchê*, *anhon* « côm um accentto violento de nariz que só bem pôde imitar-se pegando n'este appendice com a mão toda para bem proferir o *portugaison* ». Sim, elle é preciso pegar no appendice para bem pronunciar o *portugaison*.

*

Vence-me o tedio ; mas não me punge o remorso de ter lido 415 paginas. Tenho, porém, vergonha de que um ou outro portuguez, desnacionalisado por despeitos pessoas e politicos, se compraça de vêr os seus conterraneos enxovalhados pela snr.^a Rattazzi, cuja maledicencia é notoriamente europêa. O seu renome de estylista desbragada sem-ceremonia ganhou-o em Italia e Paris a

ponto de lhe imputarem as brochuras crapulosas do infame bandido Vésinier, um corcunda petroleiro que espingardearam em 71. Elle publicára, na Belgica, MARIAGE D'UNE ESPAGNOLE com as iniciaes *M. de S.*; em que muitos decifraram *Marie de Solms* (LES MEMBRES DE LA COMMUNE, par *Paul Dehon*, pag. 241). Outros davam quinhão na torpeza a *Schalcher* (HISTOIRE DE LA RÉVOLUTION DE 1870-71, por *Claretie*). Era uma calumnia que a não pungiu grandemente; um dia, porém, o despejado amanuense de E. Sue fez confissão publica e vaidosa de ter vendido farrapos de baixo alcouce aos editores belgas.

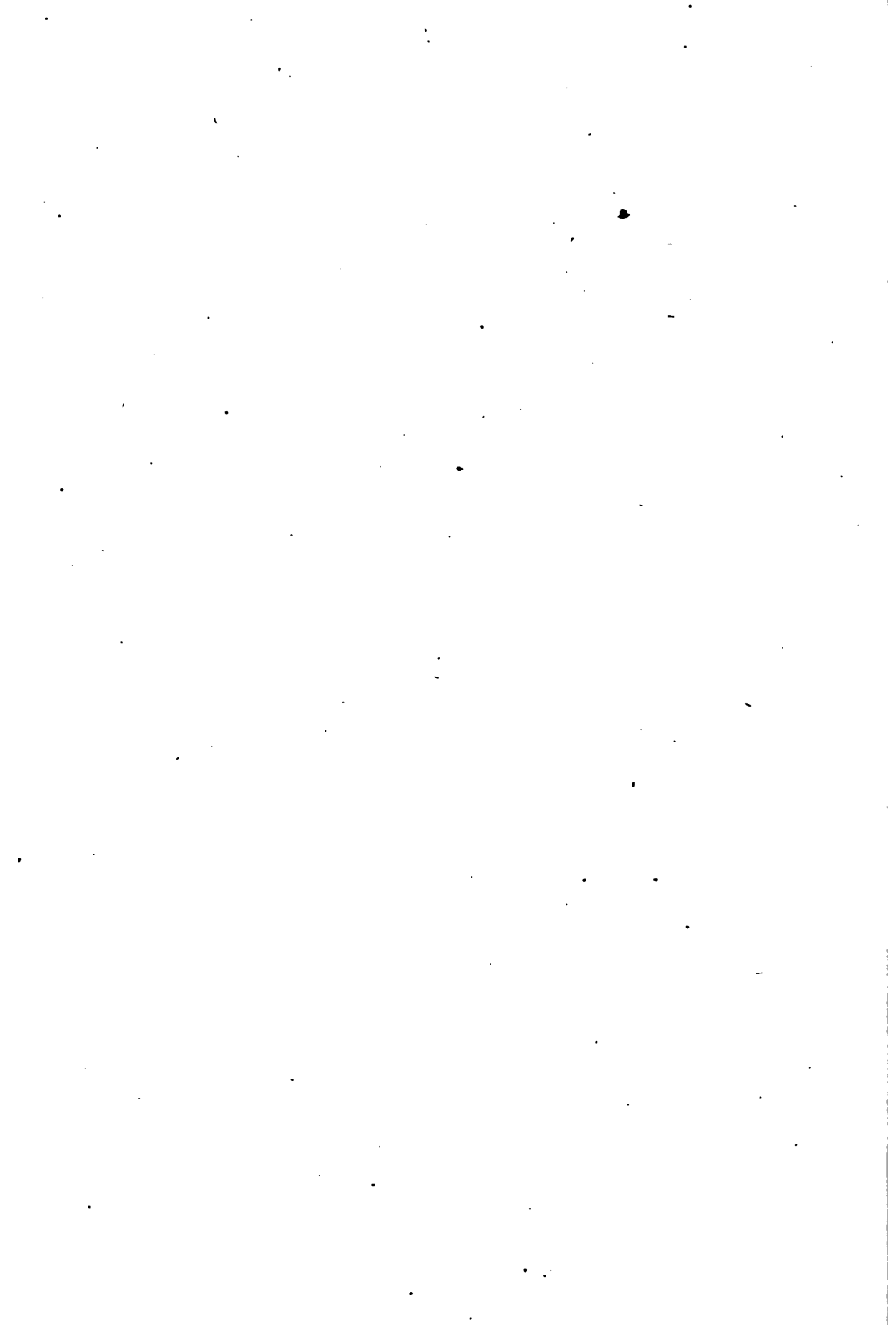
*

A senhora princeza, se em vez de *puff's* usasse calças e voltasse a Portugal, de certo acharia quem lhe dêsse umas. (*) Tem por si o arnez da fragilidade, posto que as senhoras um pouco durazias, e por isso menos quebradiças, devem ater-se menos á responsabilidade das qualidades vidrentas. Em todo o caso, a gente admira-se, porque esta especie de extravagante descompostura feminil não é vulgar, e só pôde perdoar-se aos desabalados talentos que a snr.^a Rattazzi não professa. Tenha paciencia. É muito patarata, a *ragged woman*, com uns quindins de *mauvais aloi*, trescalando a *boudoir Ninon*, com umas guinadas de *verve*, barrufadas *du champagne frappé*. De resto, é uma princeza que nos faz lembrar, quanto aos seus diplomas principescos, a rainha Jacintha de negra memoria; e quanto aos seus morgadios realengos não nos parece mais donataria que a illustre senhora da ilha das Gallinhas.

(*) A snr.^a princeza, depois do seu livro, tem vindo a Portugal duas vezes, sempre festejada pela imprensa, e applaudida pelas suas satyras aos nossos costumes.

Em conclusão : o seu livro não é cano de escorren-
cias muito nauseabundas, nem é canal de noticias uteis,
tirante a dos hoteis infamados de persevejos ; não é pois
cano, nem canal ; mas é canudo, porque custa sete tos-
tões e — vá de calão — como troça e bexiga, é caro.

1880-1886.



SEBENTA, BOLAS E BULLAS

ADVERTENCIA

Nestes artigos contenciosos, a que fui provocado, é facil entrever os insultos e as ignorancias a que respondo. Como apparei em pleno peito os dardos todos, ahi estão bem assinalados, na replica, os estragos do ferro. O leitor comprehenderá o tamanho da injuria pelo diametro da desaffronta. Reimprimo estas contraditas a libellos cruelissimos, pois ambiciono que os futuros infelises das lettras aprendam de mim a soffrer mas tambem a reagir, a não tombar aos primeiros encontroens de inimigos endiabrados ou sinistramente idiotas. Nunca poderei perdoar aos aggressores, por isso mesmo que nunca os tinha offendido, nem se quer os conhecia de nome, nem me constava que o imbecillismo produsisse tão perigosos maniacos.



I

A PRELEÇÃO DO SNR. DOUTOR AVELINO CESAR CALLISTO

LENTE DE DIREITO ECCLESIASTICO PORTUGUEZ



o dia 23 de março proximo passado, en-
viei ao snr. doutor cathedratico acima
referido a seguinte carta:

« Ill.^{mo} e Ex.^{mo} SNR. doutor Avelino
Cesar Callisto. Na 27.^a lição lithogra-
phada, proferida por V. Ex.^a na aula de direito eccle-
siastico portuguez, no corrente mez de março, lê-se o
seguinte periodo:

*«... E no entanto, a intelligencia do grande Mar-
quez já foi posta em duvida por uma das intelligencias
de maior vulto da nossa moderna litteratura. Mas des-
graçada intelligencia! Ella é posta em almoeda e ao
serviço de qualquer causa em troca de miseraveis e mes-*

quinhos interesses. Intelligencia mercenaria que convenientemente dirigida seria a gloria de um paiz, e d'este modo a deshonra de uma litteratura e do paiz a que pertence.

« Venho pedir a V. Ex.^a a mercê de declarar se o abaixo assignado é o escriptor a quem V. Ex.^a dirige as allusões injuriosas do periodo trasladado. S. Miguel de Seide, etc. »

Não respondeu. O silencio do snr. Callisto é, a um tempo, resposta e desprezo. Mau expediente.

O professor escorrêra desbocadamente do alto da cathedra sobre os seus alumnos essas immundicias da calumnia. Ellas entraram-me em casa com a *Sebenta* — uma sargêta dos esgotos do corpo docente. A digestão intellectual dos capêllos em jurisprudencia, lá dentro, só se pôde conhecer cá fóra pela *Sebenta*. A fama d'elles não sopra pelo clarim classico de prata refulgente. Assim que transpõe as barreiras, aquella fama coimbran, maltrapilha, de tregeitos garotos, faz da *Sebenta* uma trombeta e vem corneteando por ahi fóra. As lithographias, fecundadas pelos doutores, gemem uns partos sujos que, depois de grudados vinte e quatro horas nos cerebros, em formação e em formatura, dos alumnos, são sacrificados á Venus cloacina.

*

Aqui está como eu provoquei os vituperios d'este professor :

No *Proemio* de um esquecido livro que intitulei O PERFIL DO MARQUEZ DE POMBAL, disse eu, antevendo profeticamente o exito, que o meu livro não podia agradar a ninguem — nem aos absolutistas, nem aos

republicanos, nem aos temperados. E expliquei o que eram os *temperados* na linhagem politica.

Acrescentei que não amava nem desamava alguma das facções militantes. Dividindo a politica geral em trez escolas regimentares, calculei que a absolutista de certo me rejeitaria o livro porque eu não participava do seu odio religioso ao inimigo do jesuita. E assentei que a religião da dogmatica infallibilidade do papa que decretou a extincção da Companhia de Jesus não merecia que a gente se esfalfasse e indispozesse por conta d'ella, nem tinha um serio direito a queixar-se do marquez de Pombal, cujas pretensões não chegaram até á infallibilidade; porque o ministro, calumniando, matando e expulsando o jesuita a ponta-pés, era menos reprehensivel que Clemente XIV abolindo a Companhia depois de consultar o Espirito Sancto, como se inferia da *BULLA Dominus ac Redemptor noster*. Por causa d'isto, um illustre cathedratico de theologia escreveu na *Civilisação Catholica* que eu não percebia o que era *Infallibilidade do papa*. Effectivamente não percebo: parece-me ser coisa mais facil endireitar a sombra de uma vara torta. Não sou dos crentes na Infallibilidade dos homens, por isso mesmo que a não entendem. Em materia de fé desvio-me do singular espirito de Talleyrand, bispo d'Autun, que acreditava na Biblia porque era bispo e porque não lhe percebia palavra — *parce que je n'y entends absolument rien*. Os que não são bispos, como eu tenho a infelicidade de não ser, podem acreditar sómente o que percebem sem offender as conveniencias nem desflorar o pudor archeologico das venerandas Theologias de Coimbra.

Quanto á Democracia, essa confirmou a minha suspeita de que me não daria a importancia de ler o meu livro, — porque não o refutou. E' claro que, se o lesse, refutava-o triumphantemente. Por tanto, não tendo eu por mim a clerezia infallibilista, nem o liberalismo ra-

cionalista com um Deus convencional, nem a demagogia refractaria a todos os deuses, qual seria o grupo politico que me comprou a penna, a consciencia e o trabalho para escrever o *Perfil do marquez de Pombal*? Onde iria eu com o manuscripto senão ao editor que me deu por elle a bagatella que lhe pedi, contentando-me com o rico estipendio de o ver impresso? E, se alguém disser que o meu livro foi negociado com um partido, qual poderia ser o parvo partido que o comprasse? Por exclusão de partes, a bestialidade ficaria adstricta ao infamador, esgarrado do bom senso, que me irrogasse a calumnia.

Não mesmo livro, e com a mais san consciencia, duvidei da apregoada sabedoria do marquez de Pombal. Como contrafortes d'essa perigosa passagem, citei fragmentos das suas orações academicas em que não ha grammatica nem senso commum. Affirmei, auctorisado por um dos seus mais lisongeiros biographos, o conde da Carnota, que elle estivera sete annos em Londres, e não aprendera o idioma inglez. Quanto ás suas preconisadas providencias, mostrei de relance, e mostrarei prolixamente, se quizerem, que os seus oraculos foram D. Luiz da Cunha, em tudo que respeita ao sancto officio pela *Carta ao Principe* ou *Testamento politico*;

Que o outro collaborador nas suas reformas inquisitoriaes foi o cavalheiro de Oliveira;

Que Alexandre de Gusmão, secretario de estado de D. João v, deixou escripto, e já corre impresso, tudo quanto o marquez legislou sobre companhias da America, industrias nacionaes, minas, erario, e distincções odiosas entre christãos novos e velhos;

Que a reforma da Universidade promanou do *Verdadeiro methodo de estudar* do conego Luiz Antonio Verney, á vista do qual a *Junta da providencia litteraria*, formada de admiradores d'aquelle evolucionista, organisou os *Estatutos da Universidade*, sem que a li-

mitada sciencia e o descultivado espirito do ministro cooperassem com um § na obra de homens doutissimos e especialistas como D. Fr. Manuel do Cenaculo ;

Que, finalmente, o medico hebreu Antonio Nunes Ribeiro Sanches lhe suggeriu pelas suas cartas, umas impressas, outras ineditas, as providencias reformartrizes em politica, na economia, na governação, nos estudos medicos, nas escolas de agricultura, na conservação das colonias, na criação do *Collegio dos Nobres*, ao qual foi Sanches quem deu o nome quando deu o alvitre.

Aqui está o que me fez duvidar dos encarecidos talentos do marquez de Pombal como academico e como ministro, destituído de toda a originalidade. E, se tambem desdorei, como quer que fosse, a sua capacidade diplomatica, não me esqueceu de indicar de passagem as provas da sua insignificante representação, com o *Quadro elementar* á vista, nos sete annos que demorou em Londriss.

Estas divergencias da opinião do sur. doutor Calisto motivaram a brutalidade da affronta a um homem, ha mais de vinte annos obscurecido em uma aldeia, estranho desde a sua mocidade ás parcialidades politicas, e que nunca recebeu estipendio senão o que os seus editores lhe deram por frivolos trabalhos de novellas.

Quanto mais doutoral e magistralmente procederia este mestre, se, em vez de insultar o auctor do máo livro, argumentasse victoriosamente contra as ignorancias e aleivosias da obra, para imprimir no espirito dos seus discipulos a convicção de que eu deturpára a historia, detrahindo os talentos do celebrado estadista! MUITISSIMO mais util e fructifero seria isso aos seus alumnos do que illudil-os a contar-lhes, na mesma *Sebenta*, pag. 238, que « o rei D. Manoel se oppozera a Alexandre VI, quando este papa nomeou arcebispo de

Braga seu «sobrinho» o cardeal D. Jorge, «bispo Portuense», allegando que não fôra ouvido na nomeação; e é isto tanto mais para notar (diz o prelector) se attendermos a que D. Manuel foi um dos reis mais submissos ás decisões da Curia e um dos mais repetidores das suas infalliveis vontades.»

Tantos desacertos quantas palavras. Deploravelmente para especialista!

Este D. Jorge era o *cardeal de Lisboa*, vulgarmente chamado de *Alpedrinha*, que primeiro renunciára a mitra bracharense em seu irmão. D. Manuel não impugnou formalmente a nomeação: queixou-se do nomeado; mas obedeceu, como se vê, e Alexandre VI lh'o agradece no Breve de 8 de julho de 1502.

O caso passou d'esta maneira:

Francisco Lopes, enviado de D. Manuel a Alexandre VI, chegando a Roma, encontrou a expirar o arcebispo de Braga D. Jorge, que o havia sido pela renuncia do outro D. Jorge da Costa, cardeal de Portugal—que é o mesmo chamado *de Lisboa e d'Alpedrinha*. Lopes fez saber a Alexandre VI que não dispozesse do arcebispado vago sem ouvir as supplicas de S. Alteza. Respondeu o papa que já tinha provido o beneficio no cardeal de Lisboa, apesar de outro cardeal lhe offerecer 15:000 ducados pela mitra. D. Manuel que destinava o arcebispado para um membro da sua familia, em carta de 28 d'agosto de 1501, mostrou-se magoado não tanto do arbitrio habitual do pontifice como da condescendencia de D. Jorge que *aceitára a nomeação sem o consultar*; e ameaça-o com embargar-lhe as rendas da mitra e desterrar-lhe todos os parentes, embora tivesse de estar *excommungado vinte annos*. Mas, seis mezes depois, em 28 de fevereiro de 1502, envia-lhe amigavelmente por Diogo da Gama as Provisões para a posse. Estes debates correram pouco menos de estranhos a Alexandre VI que nunca se desceu do seu proposito, nem D. Ma-

nuel formalmente e directamente lhé contrariou o velho abuso, senão direito consuetudinario, de prover quem lhe approuvesse, por mais ducado menos ducado, nas prelasias de Portugal. (*Quadro elementar*, tom. x) Este incidente, por parte de D. Manuel, não foi uma impugnação briosa e digna de outros actos posteriores: foi meramente um despeito de familia ferida nos seus interesses. Pedia, pelo menos, o grande rei que D. Jorge da Costa nomeasse coadjutor á vontade d'elle, para assim arrancar a mitra das garras do sancto padre; mas o arcebispo respondia que não, que se sentia com força e saude para administrar *doze arcebispados*. Afinal, o successor de S. Pedro prometteu a D. Manuel que, por morte do decrepito cardeal, proveria no arcebisgado quem elle quizesse; — mera condescendencia que virtualmente denegava reconhecimento do direito de padroado. O cardeal, porém, teimou em viver até aos 102 annos, e renunciou, quando quiz, em um sobrinho, reservando 4:000 cruzados annuaes.

Até aqui D. Manuel procedeu humilde e miseravelmente. Os actos decorosos do seu governo, as nobres resistencias hostis ao Vaticano, á mistura com muita hypocrisia, desconhece-as o snr. doutor Callisto, quando o reputa extremado na *submissão* a Roma. Logo conversaremos a este respeito.

Vejamos agora umas miudezas que o pretor descuro levanamente. O cathedratico snr. doutor Callisto denomina *bispo Portuense* o *sobrinho* de Alexandre VI. Ora, o cardeal D. Jorge da Costa foi investido no bispado portuense e de Santa Rufina no pontificado de Julio II, e não o era por tanto ainda quando Alexandre VI o nomeou arcebispo de Braga.

Quanto a *sobrinho*, D. Jorge da Costa nem era parente de Rodrigo Borgia, nem, a titulo de valido do papa, era *sobrinho (nepote)* de Alexandre VI, nem de

algum dos cinco pontifices que o cumularam de benefi-
cios.

Pelo que respeita á *submissão de D. Manuel ás in-
fulliveis vontades de Roma*, o snr. doutor parece-me
moderadamente saturado da legislação de D. Manuel,
a muitos respeitos, admiravel principe, que se houve
com os papas altivamente quando a justiça e a hombri-
dade lh'o impunham. O snr. doutor Callisto sabe de-
certo que os pontifices, antes do reinado de D. Manuel,
faziam a collação dos benefiços a seu talante, enviando
aos bispos cartas precativas e monitorias, obrigando-os
á execução dos seus despachos ; e, se os prelados rea-
giam, sobrevinham de Roma as cartas executorias. Pois
D. Manuel, em 10 de dezembro de 1515, fez lei prohi-
bindo que ninguém podesse impetrar do sancto padre
beneficio de homem vivo, nem, contraditada a posse,
citar alguém a responder no tribunal de Roma. Note-se
o intemerato animo com que D. Manuel dirime e exau-
tora a jurisprudencia apostolica dos processos do direito
patrio. Chama a isto *submissão* o snr. doutor Callisto.

Mais. De Roma, nos anteriores reinados, vinham
eleitos beneficiados estrangeiros. D. Manuel, em 3 de
novembro de 1512, por uma lei extravagante (*) prohi-
be que os estrangeiros exerçam benefiços em Portu-
gal.

Mais. Quando um cardeal veneziano impetrou do
papa os mosteiros vagos em Portugal por morte de D.
João de Castro, D. Manuel mandou dizer positivamente
ao cardeal que a corôa portugueza não consentiria já-
mais que se executasse a provisôo que obtivera : e não
se executou. Outro exemplo de *submissão* : Leão x dera
a D. Miguel da Silva o mosteiro de S. Thyrso. D. Ma-
nuel envia zombeteiramente os parabens ao agraciado ;

(*) *Cabedo, de Patron, Reg. cap. 22.*

mas faz-lhe saber que sente muito não lhe poder dar posse, porque já tinha dado o mosteiro a outro. Ao mesmo tempo, porém, que ensinava o papa a respeitar os seus direitos de padroado, instava com Leão x que nomeasse o seu filho Affonso bispo da Guarda, aos oito annos de idade, arcebispo de Toledo, contra a vontade e os direitos de Carlos v. (*Quadro elementar*, tom. x)

Por ultimo. Quando os prelados de Braga e Porto entenderam que deviam exercer nas suas dioceses jurisdicção absoluta temporal como o bispo de Roma, e se acostaram ás excommunhões com a delegacia do papa, que fez D. Manuel? O que nenhum dos seus antecessores havia feito. Por lei de 16 de dezembro de 1516 mandou que os bispos e seus vigarios geraes e ministros não podessem publicar inhibitorias contra os ministros reaes, sem lh'o fazerem saber a elle primeiramente.

De modo que, as providencias energicas e radicaes da historia manuelina, que o cathedratico devia ter indigitado aos seus discipulos, esqueceram-lhe, ao passo que abriu grandes relevos n'um episodio particular em que o pundonor do rei transigiu humilhantermente.

Elle presume talvez que o enviar D. Manuel ao papa Leão x um elephante e um leopardo e uma panthera e soberbas baixellas era acto de submissão. Confunde com seraphica obediencia uma bizzarria oriental do espedicado possessor das riquezas saqueadas em Malaca por Affonso d'Albuquerque. Mas sabem como o embaixador d'el-rei D. Manuel depois que entregou as joias e as feras, requereu, em nome de S. Alteza, ao magnifico Leão x? *Que dessem corte os sacerdotes á devassidão das suas vidas e licenciosidade dos seus costumes, cingindo-se á disciplina da castidade e da sancta modestia.* (1) E ao mesmo tempo que enviava repre-

(1) *De rebus Emmanuelis*, por J. Osorio,

hensões asperas ao collegio dos cardenas, castigava com severas penas em Portugal dois prelados que andavam de amores sacrilegos com as esposas do Senhor. (1)

Antes d'esta embaixada, tinha D. Manuel enviado outra a Alexandre VI, pedindo-lhe *quizesse pôr ordem e modo na dissolução da sua vida, dos seus costumes, e expedição de breves, bullas e outras cousas que se tratavam na côrte de Roma, e de que toda a christandade recebia escandalo*. Um lutherano perfeito! (2) E o embaixador, para fazer bem soada a admoeação, requereu aos notarios apostolicos que lhe dessem instrumento publico dos protestos que fizera em nome do seu rei. *E algum tanto fructificaram no papa estes avisos, (observa o bispo de Silves) porque d'ali por diante governou menos devassadamente os seus Estados, dando demonstração de que lhe não fóra desabrida a advertencia*. (3) Por onde se vê que o *submisso* era o papa, não era o rei.

*

Seja-me, pois, permittido, assim como duvidei dos talentos do grande marquez, duvidar agora da sapiencia do snr. doutor Callisto em materia que mais lhe corre obrigação saber para não deshonnar o magisterio. E' para lamentar que os seus alumnos fiquem tolhidos em historia patria, se depois de bachareis não varrerem dos camarins da memoria o lixo e a graxa das *Sebentas* de semelhante mestre. Que os bachareis, depois de recolhidos aos seus lares, façam barrela á surrada trapagem de Coimbra, onde, d'aquelles velhos

(1) J. P. Ribeiro, *Reflexões historicas*.

(2) *Chronica d'el-rei D. Manuel*, por Damião de Goes.

(3) *Ob. cit.*

atavios rhetoricos que lhe deu Camões, sómente permanecem

... a fertil hera,
.... e o sempre verde louro

á porta das tavernas.

Afinal, este doutor é mais um dos ignorantes máos da quadrilha formidavel que me sahiu quando eu já ia no fim da estrada, estropeado, amparado no bordão do caminheiro que vem de uma assás trabalhosa peregrinação. Os scelerados timbram em me não deixar morrer correctamente com o meu amollecimento de cerebro!

Se este assalto se desse no tempo em que eu, em vez do bordão de encôsto, usava badine de goma elastica, não viria a publico com esta cataplasma, um pouco emoliente, dos meus queixumes. Mas que o diffamador não vá pensar, commodamente para a sua arrogancia, que esta exposição antiphlogistica é uma especie de *certidão de doença* que lhe envio como debilitante á pujança do seu musculo. Estou ás ordens do infame snr. doutor Callisto a quem offereço gratuitamente mais este documento entre os muitos *com que tenho deshonrado a litteratura e o paiz.*

NOTA Á 3.ª EDIÇÃO

A mentalidade heterodoxa de D. Manoel e D. João 3.º respectivamente aos papas decifra-se satisfatoriamente nas obras theatraes de Gil Vicente, poeta da côrte, e mestre de rhetorica do primeiro d'aquelles monarchas. O odio de D. Manoel ao cardeal de Alpedrinha transpira na satyra de Gil Vicente, «Auto da barca da gloria,» representada onze annos depois que o cardeal fôra completar na outra vida os

cento e dous annos que passara n'esta, intransigente com D. João 2.º e com o seu successor no throno. O «Diabo,» pilotando a barca do inferno, invectiva d'este modo o príncipe da egreja que se abeira da margem do rio negro :

*Domine Cardinalis,
Entre vuestra Preeminencia,
Ireis ver vuestros iguales
A' las penas infernales
Haciendo su penitencia :
Pues moristeis
Llorando porque no fuisteis
Se quier a dos días papa,
Y á Dios no agradicisteis
Viendo cuan bajo os visteis,
Y en despues os dió tal capa.*

Não haverá muito quem desconheça a apostrophe do «Serafim» no «Auto da Feira :

*A' feira, á feira, igrejas, mosteiros,
Pastores das almas, papas adormidos,
Comprai aqui panos, mudai os vestidos,
Buscai as çamarras dos outros primeiros,
Os antecessores.
Feirae o carão que trascis dourado,
O' Presidente do crucificado.
Lembraí-vos da vida dos santos pastores
Do tempo passado.*

Bem sabem que a insurreição de Luther — o escandalo do protestantismo — foi a torpe veniaga das Indulgencias. Os heresiarcas diriam mais que o poeta Gil Vicente na capella de D. João 3.º? «Roma» diz :

*A tróco das estações
Não fareis algum partido,
E a tróco de perdões
Que é thesouro concedido
Para quaesquer remissões !*

*Oh t' vendei-me a paz dos ceus
Pois tenho o poder da terra.*

*Assi que a paz não se dá
A trôco de jubileus ?*

Replica-lhe « Mercurio » :

*O' Roma, sempre vi lá
Que mattas peccados cú
E leizas viver os teus.
E não te corras de mi :
Mas com teu poder facundo
Assolves a todo o mundo
E não te lembras de ti,
Nem ves que te vais ao fundo.*

*No « Auto da Alma » o « Diabo » dirigindo-se á « Alma »
timorata pelo reccio da mortz :*

*Dae-vos, dae-vos a prazer
Que muitas horas ha nos annos
Que la vem.
Na hora que a morte vier,
Como se quer,
Se perdoam quantos damnos
A alma tem.*

*Dizem os bibliographos hespanhoes que o seu calvinista
Cypriano de Valera inventara o verbo « papar » para papa,
assim como havia « reinar » para rei. Bons cincoenta annos
antes escrevia Gil Vicente pela boca do « Diabo » no « Auto
da Barca da Gloria » :*

*Vós, arcebispo alterado,
Teneis a cá que sudar :
Moristes mui desatado,
Y en vida ahogado
Com deseos de "papar."*

Tambem creou o «bispar». É ainda o «Diabo» que reflexiona respondendo ao «Serafim»:

*Se eu fosse tão máo rapaz
Que fizesse força a alguém
Era isso muito bem;
Mas cada um veja o que faz,
Porque eu não forço ninguém.
Se me vem comprar qualquer
Clerigo, leigo ou frade
Falsas manhas de viver,
Muito por sua vontade,
Senhor, que lh' heide fazer?
E se o que quer «bispar»,
Ha mister hypocrisia,
E com ella quer caçar
Tendo eu tanta em porfia
Porque lh'a heide negar?*

Em toda a obra de Gil Vicente resumbra um desalento e até direi uma franca descrença nos effeitos da redempção. Jesus Christo morre como um homem ás mãos dos homens, e ao evolar-se-lhe a alma para as regioens altas onde não chegam os gritos da desgraça humana, volta-se para o «Mundo», e exclama:

*Quando enterrado me vires
Sem companhia nem amparo,
Que do teu coração tires
Suspiros com que suspires
Minha morte e desamparo.
E não quero de ti mais;
Lá reparte teus cruzados
Teus imperios e reinados
E tuas pompas mortaes,
Qu'eu não quero teus morgados.*

*Seja papa quem quizer,
Seja rei quem tu quizeres;
Que os imperios e poderes
A morte os hade prover,
E tirar a quem os déres. (1)*

Que baixa temperatura a das crenças dos homens de letras como Gil Vicente, quando o rei ajuntava apáras para accender as primeiras fogueiras do seu sancto officio! Mas o que espanta é que D. João 3.^o luctasse com Roma, durante largos annos de secretas infamias, para arrancar a Bulla que implantou a Inquisição! E ria-se com a mesma alma e a mesma intelligencia, da galhofa de Gil Vicente que os hereges como Erasmo admiravam e applaudiam!..

No «Auto da historia de Deus» ha scenas em que a descrença desfecha em chalaça.

Satanaz procura tentar Christo d'este feitio :

*Sabes Rio-frio, e toda aquella terra,
Aldea Galega, a Landeira, e Ranginha,
E de Lavra a Coruche? tudo é terra minha,
E desde Çanora até Salvaterra,
E desde Almeirim bem até Herra,
E tudo por alli,
E a terra que tenho de cardos e pedras,
Que vas desde Cintra até Torres Vedras,
Tudo é teu. Olha para mi,
Verás como medras...*

CHRISTO

«Retro, retro...»

E a corte a rir ás cascalhadas.

Quanto ao nascimento de Deus, um p~~er~~sonagem do brêgo diz o seguinte :

(1) Auto da historia de Deus.

*Deus nasceu em Estremoz,
E sua mãe em Arraiolos,
E S. Pedro no Barreiro,
E S. Paulo em Alcouchete,
S. Francisco em Alegrete
E Santesprito em Pombeiro,
E S. Fernando em Punheta.*

E a corte de D. João 3.º, o Inquisidor, a rir das escancaradas.

O poeta, depois da ressurreição de Christo, faz morrer Belcal, um dos diabos de primeira ordem. Belial queixa-se a Lucifer :

*Senhor Lucifer, eu ando doente,
Treme-me a cara e a barba também.
E doe-me a cabeça que tal febre tem,
Que soma estou etego ordenadamente.
E doe-me as canellas :
Sae-me a quentura por entre as arnellas,
E segundo me acho muito mal me sinto,
... Até as minhas unhas estão amarellas.*

E continúa cada vez mais afflicto o diabo de Gil Vicente :

*Rugem-me as tripas, arde-me o embigo
E a boca empolada, como de figos...*

Digam-me se isto não é mais claramente pathologico que a « morte de Satanaz », á maneira de Victor Hugo :

*« Et l'on voyait décroître en silence sombre, »
« Ses ulcères de feu sous une lepre d'ombre ».*

Ulceras de fogo sob uma lepra de sombra!

O Lusbel do nosso Gil, em vez de ulceras de fogo, tinha dores nas canellas e ardores no umbigo, e rugidos nas tripas, coisa muito peor de soffrer e de curar que a « lepra de sombra. »

O leitor, talvez nunca meditasse circumspectamente estas coisas assim escriptas em 1527. Pois os diabos vieram todos morrendo, hoje um, ámanhan outro, até que o snr. Guerra Junqueiro e Victor Hugo deram cabo do ultimo. Pela vida angelical que se está vivendo na terra, é claro que já não ha diabo nenhum que nos impeça, excepto as « Sebentas ».

II

O FOLHETO DO SNR. DR. CALLISTO

O snr. doutor espalhou o seu folheto gratuitamente. Foi um acto de consciencia; porque o papelucho, vendido por 10 reis, seria uma fraude escandalosa; e ainda, *de graça*, é uma embaçadella á curiosidade publica, á qual o folheto é dedicado. Como defeza da sciencia do cathedratico é deploravelmente prudhommesco o opusculo; como justificação da sua prohibidade é diagnosis de nevrosismo encephalico — ameaça de lezão em qualquer bossa de primeira grandeza.

O snr. Callisto declina de si a responsabilidade da redacção da *Sebenta*. Quer insinuar que a sua prelecção foi adulterada pelo discipulo que a redigiu e lithographou; mas o discipulo, o snr. L. de Assis Teixeira, para fazer bem notoria a circumstancia de que a redacção não era sua, mas sim do professor, ao começar o periodo: — *E no entanto a intelligencia do grande Marquez...* — insiste em sacudir de si a responsabilidade das grosserias que vai expender, abrindo entre virgulas este parenthesis assaz definitivo: DISSE O DIGNO PRELECTOR. O quintanista, honrado sebenteiro, não tinha uma formula mais caracteristica com que affirmar que as palavras eram do mestre; mas cumpre notar que de algum modo claudicou á fidelidade de simples tachigrapho. O texto era outro, mais brutal. Onde o mestre tinha dito que alguém se vendia *a troco de miseraveis cobres*, o snr. Assis, artista de mais delicada rhetorica, linimentou aquelles *miseraveis cobres* com a variante de *miseraveis interesses*.

Um lente honesto, calumniado na sua prelecção por um alumno, forçava-o a declarar o punivel abuso da calúnnia e castigava-o severamente com as penas ordinarias do codigo e as extraordinarias do *Fôro* universitario. Não, senhores. O lente deixa em paz o discipulo que lhe deteriora a prelecção — que o desdoura como homem de sciencia, que o responsabilisa pelas inepcias historicas e pelas aleivosias desbragadas — deixa-o em paz, e declara *infame* o hypothetico alumno que me remetteu a *Sebenta*.

Palavras do snr. doutor Callisto no seu opusculo pag. 5: « Mas o snr. C. B., acolhendo em sua casa a sebenta com a denuncia anonyma e covarde, engendrada e *sebentamente* comprovada pelo infame que procuro descobrir . . . » Elle procura descobrir o *infame* ! Tem á mão o calumniador; o falsario das suas phrases e não o incommoda; não se envergonha, porém, de publicar que fareja o *infame* da denuncia para o fim provavel de lhe bater ou de o reprovar. Mas que rastilho farisca a espionagem do lente para suspeitar que o delator d'esse papel clandestino é seu alumno ? Qualquer academico de curso diverso, e ainda qualquer curioso estranho ás faculdades universitarias podia remetter-me esse trapo atirado á rua como inutil pelo estudante de historia ecclesiastica portugueza. O snr. doutor Callisto, a não querer desossar a pessoa innocentissima do snr. Assis Teixeira e reduzir-lhe as partes molles a almondegas, devia pelo menos estimulal-o com uma vergasta ou com meiguices a declarar que a redacção da *Sebenta* era diversa da prelecção oral, e que os insultos de uns periodos e as imbecilidades de outros periodos eram da responsabilidade do alumno. D'est'arte ficaria justificado o lente, e estava salvo o bode expiatorio, o *infame* que o snr. Callisto esgaravata para a sua vingança na massa dos quintanistas.

No entanto, que odio implacavel é esse aos denunci-
ciantes das doutrinas expendidas *ex cathedra*?

E' que o espectro da Inquisição, erecto pavorosa-
mente na Sophia, ainda galga aos paços de João 3.º, e
exercita lá dentro os horridos processos do segredo in-
violavel, impondo aos estudantes a mordança, para que
elles, sob pena do labeo de *infames*, na linguagem do
mestre, não venham cá fóra repetir os mysterios que lá
passam dentro n'aquellas sinistras cavernas do *sygillo*
em asneiras e calumnias!

*

Parece que o snr. doutor Callisto só teve conheci-
mento das phrases que a Sebenta lhe imputava depois que
leu as minhas *Notas*. Deixa portanto presumir que não
recebeu a carta que as precedeu, na qual extensamente
se trasladava o periodo em questão. *Sem animo de tamar
a serio*, diz elle, *as susceptibilidades do popular roman-
cista, em que parte do trecho, que « agora leio como no-
vidade » encontrou elle allusão certa ao nome ou á pro-
ducção que aponta ?*

Leu como *novidade*. Não conhecia, pelos modos, a
prelecção lythographada, nem a carta extremamente de-
licada que lhe enviei. Falta á verdade. Eu não devia
nem podia imprimir as minhas *Notas* sem as preceder
das formalidades do estylo. Quando as publiquei, já sabia,
mediante um respeitavel amigo meu de Coimbra, que o
snr. doutor Callisto recebera a minha carta. Não fiz no-
toria essa precaução, porque reservava a publicação d'es-
ses documentos para quando o snr. cathedratico tentas-
se escapular-se por essa deshonrada evasiva. Mas não é
necessario. Elle mesmo se contradiz, ao que parece, na
mesma pag. 5: *Considerou o snr. Camillo o meu silen-
cio á sua carta, muito audaciosa e menos delicada como*

resposta e desprezo? Está no seu direito, e bem haja pela justiça de que se julga digno.

«Carta muito audaciosa e menos delicada!» Como diabo quererá esta mimosa sensitiva que as brizas do meu verbo humilde lhe bafejassem mansamente as irritáveis petalas? Manes de Gongora, descrepái o roubo da rhetorica a que me obriga a hysteria intangivel d'este melindroso doutor! Elle queria talvez que eu, genuflexo e suspiroso, lhe pedisse pelas bemditas almas que engalisse do modo mais suave para elle e para mim o doce vomito das suas torpes calumnias?

Perguntou elle acima onde encontrei eu *allusão certa ao meu nome*? Dou-me á pachorrença condescendencia de responder a essa banal interrogação.

Era obvio e facil interpretar que o insulto apontava ao escriptor unico que em Portugal duvidou dos talentos do marquez. Com referencia ao *centenario*, conheço dous eminentes trabalhos: as *Farpas* do snr. R. Ortigão, e uns artigos do snr. José Caldas. Nenhum d'esses poderosos escriptores duvidou da intelligencia do marquez de Pombal. Esse escandalo, confirmado por documentos irrefragaveis, fui eu quem o deu. Ainda bem que os srs. Ortigão e Caldas não podem moléstiar-se com as allusões do professor covarde que ao mesmo tempo acceita como seu o insulto e rejeita como alheia a responsabilidade.

Em confirmação da minha incapacidade para historiador, allega o jurisconsulto que eu sou *um notavel fa-rejador de chronicas, mas sem orientação superior e característica*. Que o meu espirito não tem *nenhuma disciplina, a qual deveria revelar-se pela synthese e força generalisadora, tão essenciaes ás supremas manifestações da esthetica*. Que sou um *pessimo critico, habituado a alimentar-se apenas de pequenas esquirolas — um nome, uma data, uma virgula, um incidente, uma insignificancia*, etc. (pag. 7). D'onde se tira a limpo que o snr. doutor Callisto não é homem de *pequenas esquirolas*.

Elle professa pleonasticamente o systema historico das *esquirolas grandes*. Despreza as miudezas que em muitos lances da vida das nações são os fios delicados com que melhormente se urdem as telas dos quadros historicos. E' da escola generalisadora que faz dos homens uns manequins providenciaes, impulsionados por forças latentes, sem arbitrio, e portanto sem responsabilidade. O homem, de per si, quer seja Tito, quer seja Caligula, S. Luiz ou Luiz XI, D. Duarte ou D. João II, não opera segundo as suas boas ou más paixões, nem se sente palpitar e mover por suas geniaes inclinações. E' um instrumento, a manifestação de uma lei predestinada *ab eterno* — é a engrenagem inconsciente da machina social. Usurpam á virtude os seus louros e ao crime a execração da posteridade. Andam sempre ao lambisco de causas abstrusas para concatenarem episodios sem significação ou acontecimentos casualmente estrondosos. Alexandre, Cesar e Napoleão são resultados de elaborações seculares que tombaram no seio da humanidade á hora prescripta.

Eu não tenho presumpções de historiador nem insignias da escola synthetica nem da escola analytica nos meus modestissimos ensaios n'essa especie; mas, se a pudesse professar, seria um analysta com todas as miudezas que o sur. doutor Callisto desadora. Leria muito as chronicas, e não leria as *Sebentas*; estudaria os individuos historicos na sua physiologia e na sua psychologia. Seria tão realista como os mais avançados na escalpellisação d'esta sociedade em que o temperamento e a carne dão os principaes documentos da historia da vida. Estudaria as paixões personalissimas dos homens excedentes á craveira vulgar, como influencias determinantes nos costumes e nas rotações do mundo moral. Teria todo cuidado em não deixar transparecer na urdidura da minha historia umas systematicas *missões providenciaes*, com que a propria historia se vê por vezes abarbadada para

lhes distribuir um papel digno nas tragedias do genero dumano. Eu seria, por consequencia, um *desorientado*, «incapaz de me revelar pela synthese e força generalisa-hora»; mas daria algumas noticias de factos que o snr. doutor Callisto não sabe; porque a sua orientação, sendo uma coisa bonita quando se manifesta na esthetica das *Sebentas*, tem o precalço da ignorancia na plastica, logo que lhe seja preciso dar uma fórmula ás suas idéas, quer discursando para os alumnos, quer escrevendo para o publico.

No *Perfil do marquez de Pombal* é que eu mais arruguei os supercilios d'estes mestres pedantemente orientados. Querem elles que se indulgenceiem as atrocidades do ministro, imputando-as á Providencia como fatalidades necessarias. Ora, se o marquez não era um factor, mas um cilindro rodado pela mão do Incognoscivel, que merito foi o seu para uma apothese pessoal? E, se foi elle o arbitro consciante das proprias acções, deixem a Providencia em paz, no recolhimento da sua magua e do seu arrependimento biblico pelo facto mal reflectido de ter creado a monstruosidade do homem.

Os historiadores das generalisações, subordinando a historia ao seu proprio temperamento, fantasiam um mundo em que as gerações humanas são ondas que se encapellam ou desdobram fatalmente sob a influencia da lua. A historia sae dos seus laboratorios friamente vasada em linhas geometricas, e os seus heroes tem um caminhar preciso e mathematico para um destino indeclinavel. Um principe devastador ou um artista pacifico, á hora designada, recebem a missão providencial de despedaçar um imperio como Atila, ou crear um mundo espirital, um refugio de agonias como Jesus. Se a Providencia suscitou á hora competente o marquez de Pombal como instrumento de civilisação, essa Providencia depois ferrou-se a dormir nos cincoenta annos

decorridos desde a queda do marquez até á exaltação do conde de Basto. Os supplicios dos proceres em Bellem deram a sua nota progressiva de melhora social nas forcas da Praça Nova e do Caes do Tojo. D. Miguel I, em resultado de uma benefica elaboração providencial, sahio mais estupidamente e desnecessariamente cruel que seu bis-avô D. José. A synthese generalisadora explica estes absurdos do progresso: revoga os effeitos infames das paixões dos individuos, e obriga a Providencia a representar paradoxos atrozes.

E, com referencia ao marquez, o snr. doutor Callisto, se fosse um sabio justo e bom homem, devia louvar-me porque eu provei a innocencia do barbaro ministro na morte de Garção, e a sua nenhuma responsabilidade no castigo dos bebados arruaceiros do Porto enforcados na Cordoaria. Os disciplinados como o snr. doutor Theophilo Braga punham o marquez a matar o poeta na masmorra do Limoeiro por causa de uma satyra chronologicamente impossivel; e eu com as taes « datas, nomes, virgulas e *pequenas esquirolas* » que o snr. dr. Callisto parvoamente moteja, pude desencarregar o marquez e ao mesmo tempo a Providencia d'essa calumnia que alguns idiotas subalternos continuam a sustentar por amor da *esthetica*.

*

Quanto aos erros historicos do cathedratico, constantes da *Sebenta*, pergunta o snr. Callisto: « Quem fallou em *submissão ás infalliveis vontades da Curia?* »

Respondo. Foi a *Sebenta*, foi o snr. doutor Callisto, emquanto o snr. Assis Teixeira não declarar que mentiu em nome do seu professor. A *Sebenta* diz: «.. Esta mesma opposição encontrou mais tarde Alexandre 6.º em D. Manuel, querendo prover o arcebis-pado de Braga *em seu sobrinho* o cardeal D. Jorge, *bispo*

Portuense, allegando o nosso monarcha não ter feito a apresentação e não ter sido ouvido na nomeação. E isto é tanto mais para notar, *se attendermos a que D. Manuel foi um dos reis mais submissos ás decisões da Curia e um dos mais respeitadores das infalliveis vontades.*»

«Quem fallou em submissão ás infalliveis vontades da Curia?» pergunta o cathedratico. Esta é de cabo de esquadra!

Tem interrogações curiosas, como logo veremos.

Diz que D. Manuel, fazendo saber a D. Jorge da Costa que lhe não dava a posse do arcebispado em que o provêra Alexandre VI *mostrava conhecimento do seu direito e força para o manter*. Isso era se o mantivesse; mas não manteve. Pediu-se ao papa que não dêsse a mitra; depois transigia-se com o papa com tanto que o nomeado pozesse coadjutor; depois transigiu-se com D. Jorge da Costa mesmo sem coadjutor; e finalmente o mesmo monarcha, mezes depois da sua derrota moral, agradece ao arcebispo triumphante os obsequios que lhe fazia em Roma. A isto chamei eu abatimento e humilhação do poder regio: o sur. Callisto chama-lhe *força*.

Outra pergunta de sabatina:

«Quem authorisou o snr. C. B. a negar a D. Jorge da Costa o titulo de *sobrinho* (valido) de Alexandre VI?...»

Quem me authorisou? Foi D. Rodrigo da Cunha no *Catalogo dos bispos do Porto* e na *Historia ecclesiastica do Arcebispado de Braga*; foi Onufrio na *Historia dos Cardeaes*; foi Chacão *De vitiis Pontificium*; foi Antonio de Souza de Macedo nas *Flores de Hespanha*; foi Duarte Nunes do Leão na *Descripção do Reino de Portugal*; foi D. Manuel Caetano de Souza na *Collecção das Memorias da Academia Real da Historia Portugueza*; foi o padre Jorge Cardozo no *Agiologio Lu-*

sitano; foi o padre Francisco de Santa Maria no *Ceo aberto na terra* e no *Anno historico*; foi o padre João Baptista de Castro no *Mappa de Portugal*; foi o padre Fonseca na *Evora gloriosa*; foi o academico Franklin nas *Memorias da Academia*. Foram estas *pequenas esquirolas*. Nenhum d'estes biographos inclue nos tilulos de D. Jorge da Costa o de *Nepote*.

Nova interrogação: *Tambem J. P. Ribeiro entenderia por esta denominação o parentesco natural com o papa que concede taes honras?*

Em que livro de João Pedro Ribeiro leu o snr. doutor que D. Jorge da Costa era nepote de Alexandre VI? Possuo todas as obras genuinas d'aquelle douto antiquario, e desconheço a pagina em que elle estampou esse esteio do snr. Callisto. Vejo a pag. 10 do seu folheto attribuida a J. P. Ribeiro uma *Dissertação sobre a influencia dos nossos principes na eleição dos bispos do reino e conquistados*. Nenhum bibliographo attribue tal escripto a J. P. Ribeiro. Se é um inedito, na lista dos MSS enviada pelo snr. Ayres de Campos a Innocencio Francisco da Silva não se menciona semelhante *Dissertação*. Suspeito que o snr. doutor, transcendendo as balizas permittidas á generalisação bem orientada, inventa uma auctoridade para fazer o cardeal de Portugal sobrinho do papa, emquanto eu lhe cito onze auctoridades impressas e negativas de tal distincção entre os cardeaes. E, se quer completar a duzia, dou-lhe o padre Caetano de Lima, na *Geographia historica*. (*)

Outra pergunta e ultima. Tendo D. Manuel transigido com Alexandre VI no provimento irregular do arcebispo de Braga, e recusando-se a eguaes transigencia em casos analagos e posteriores áquelle, pergunta o

(*) Veja o *Appendice* no fim.

snr. dr. Callisto : *Que despeitos pessoas deram agora ao rei tamanha audacia ?*

Não houve despeitos pessoas: houve uma revolução luminosa nas praxes do direito canonico professado em Portugal e nas subserviencias do poder real ao direito consuetudinario pontificio. Condensarei uma longa historia para satisfazer por 60 reis, o mais em conta que é possível, a curiosidade do snr. doutor Cesar Augusto Callisto. No reinado de D. João 2.º veio para Portugal um castelhano, hebreu converso, mestre Estevão casado com Branca Esteves. D'estes hebreus domiciliados no reino, nasceu Christovão Esteves, licenciado em ambos os direitos, homem de animo hostil ás demasias da curia e conselheiro muito attendido de D. Manuel. Foi Christovão Esteves da Esparragosa o compilador do codigo e ordenações d'aquelle rei juntamente com mais tres desembargadores da supplicação; mas foi tanto ávante nas suas reformas deprimenções ao velho direito canonico que, na revista passada á sua compilação, os novos reformadores escreveram, prefaciando-as: *Porque as Ordenações do Reyno feytas por mandado d'El-Rey D. Manuel que sancta gloria haja por Christovão estevez tem muitas cousas contra Direito Canonico, etc.* A hombridade, pois, de D. Manuel deve-se ás suggestões de Esparragosa, corrigidas depois no reinado do fanatico D. Sebastião, e quasi todas expurgadas nas ordenações Philipinas. Ainda no reinado de D. João III, o conselheiro de seu pai gosou augmentadas as honras que o condecoraram. O fundador do Sancto Officio deu-lhe o gráo de doutor em leis, poz-lhe na cabeça com a sua propria mão o barrete doutoral, enfiou-lhe no dedo um anel de ouro com rubi, fel-o desembargador do paço, e fidalgo de solar, na sua quinta de Val de Pinta da Espargosa, *sem embargo de qualquer defeito que se podesse dizer havia n'elle ou em seus descendents.* (sic) Mas, sem em-

bargo tambem de tamanhas honras, as reformas que elle fizera no direito canonico foram abolidas, e eram essas as que levantaram D. Manuel do abatimento em que ficara prostrado e escarnecido nas primeiras escaramuças com a curia.

Se o snr. doutor Callisto quizer saber onde póde estudar este importante capitulo da historia de D. Manuel, ha de dar outros tres vintens. De graça não escrevo palavra.

*

O folheto do snr. cathedratico tem um epilogo condigno do exordio. Julgando-se insultado porque rePELLI uma injuria infamante, escreve a final: *O insulto não me chegou por partir muito debaixo; e, para mim, a doença do snr. C. B. é uma attenuante de forças e de responsabilidade. Fôra d'esta circumstancia, creia o snr. C. que tinha vindo bater a boa porta como se diz. Protesto, que, muito em familia, e sem que lhe valesse a tal badine, era muito provavel que perdesse por uma vez a mania do insulto, pois sei eu de mais a regencia, que o caso pedia.*

« Bater a boa porta, saber a regencia que o caso pede, muito em familia, etc. » E' o calão dos pimpões que resvalam com um piparote gingado o feltro para a nuca, dão aos braços e aos quadris o alor da investida afadistada, e batem pé á frente em arranque de marujo na expansão bravia do seu vinho. Por Coimbra ainda florecem d'estes temperamentos por atavismo que nunca os verdeaes conseguiram acalmar. No seculo XVIII houve copia d'estes volteiros no Rancho da Carqueja; depois, no seculo seguinte, os Divodignos, e mais tarde os Lobos de Alemquer e a malta destemida do Chico Ilheu. Eram todavia rapazes de grande pulso, puxadores de fazer tremer o céu e a terra, mas umas bizar-

ras almas que não esfaqueavam em covarde segredo as reputações de homens inoffensivos. Diz a fama que o snr. Cesar Augusto Callisto é um destro matador, mas de coelhos e galinholas que devora e rumina na grande pacificação regalada das intelligencias inertes ; — e muito bem o attesta nos globulos cruoricos que lhe adubam os tecidos ; não consta, porém, que este fragueiro Nemrod se deleite em esburgar craneos humanos com as delicias pre-historicas d'um scytha no seu covil.

E pois que s. exc.^a me não espanca, eu me felicito por não ter sido insultado por um Lacenaire que ajuntasse ao immerecido insulto a navalhada concludente. O snr. doutor sabe que ha duas hypocrisias : a do tartufo do bem, e a do tartufo do mal. O snr. Callisto é tartufo da segunda especie. Não é tão máo como se finge. S. exc.^a, sobre ser muito ignorante, é simplesmente tólo.

APPENDICE

Alguns jornaes me obsequiaram, divulgando a carta que transcrevo, ampliada com um periodo tendente a mostrar o valor negativo do livro em que o snr. doutor Callisto fundamenta os seus erros.

Na bem fundada hypothese de que não se reimprime o opusculo *Notas ao folheto do snr. doutor Callisto*, apresso-me a corrigir o que escrevi a respeito da *Dissertação* de João Pedro Ribeiro que o referido snr. doutor allega em abono da sua afirmativa sobre o parentesco titular do cardeal D. Jorge, "sobrinho", de Alexandre vi. Reparando mais attentamente no catalogo dos ineditos de João Pedro Ribeiro, communicado a Innocencio Francisco da Silva pelo snr. doutor Ayres de Campos,

encontrei no recheio de outros pápeis, uns alheios, outros incompletos, a *Dissertação sobre a influencia dos nossos Principes na eleição dos Bispos do reino e conquistas*.

Esta Dissertação está publicada nos *Documentos ineditos para subsidio á historia ecclesiastica de Portugal*, impresso em 1875. Effectivamente, a pag. 75 leio o seguinte: . . . “ Esta mesma resistencia achou depois Alexandre VI no Senhor Rei D. Manuel querendo prover o Arcebispado de Braga em seu sobrinho o Cardeal D. Jorge, Bispo Portuense. . . . ” O snr. doutor Callisto, na *Sebenta*, reproduz com pouca infidelidade: „ Esta mesma opposição encontrou depois Alexandre VI em D. Manuel querendo prover o arcebispado de Braga em seu sobrinho o Cardeal D. Jorge, bispo Portuense. ” Claro é portanto que o snr. doutor Callisto não inventou a auctoridade nem o estylo. Achou tudo feito, mas mal feito.

Eu duvidaria que João Pedro Ribeiro houvesse escripto o citado trecho da *Dissertação*, se o snr. doutor Ayres de Campos não affirmasse que a viu escripta pelo pulso do notabilissimo diplomatico. João Pedro Ribeiro foi tão inexacto na categoria nobiliaria de *Sobrinho* que deu ao cardeal D. Jorge, quanto claudicou no erro chronologico de o intitular *Bispo Portuense*. O cardeal de Alpedrinha, quando foi nomeado arcebispo de Braga, no pontificado de Alexandre VI, era Bispo Tusculano, e no pontificado de Julio 2.^o é que foi provido no bispado Portuense. Provavelmente, João Pedro Ribeiro, por uma d'estas equivocacões não raras nos espiritos embaraçados de nomes e datas, confundiu com o cardeal de Portugal outro *Bispo Portuense, nepote* de um papa e prelado em Portugal; mas este era o cardeal Alexandre Farneze, bispo Portuense em Italia, bispo de Vizeu em Portugal, e *nepote*, porque era neto de seu avô paterno o papa Paulo 3.^o

Esta *Dissertação* de João Pedro Ribeiro seria um dos muitos trabalhos que elle não publicou por imperfeitos. Os editores de obras posthumas fazem um indiscreto desserviço aos auctores quando elles não deixam rubricados os seus ineditos com a nota definitiva de aptos para a divulgação. Por esse dissabor tem passado a memoria de Almeida Garrett.

João Pedro Ribeiro em *Addimentos e Erratas* corrigiu algumas das suas obras impressas, e deixou margem ainda a que se lhe possam corrigir. É bem de suppor que elle emendaria n'esta *Dissertação* o lapso de confundir o cardeal Alexandre Farneze, ambos prelados portuenses, com prelasias em Portugal.

Na lista dos cardeaes portuguezes publicada no tomo 5.^o

da *Colleçam dos Documentos e Memorias da Academia Real de Historia Portugueza*, ha um *Catalogo historico* por D. Manuel Caetano de Sousa; e entre os 17 cardeaes do rol não ha um só que fosse sobrinho natural ou titular de algum papa.

A auctoridade dos *Documentos ineditos*, cuja leitura o snr. doutor me recommenda, é tão pouco de aceitar, quanto se demonstra por dislates ainda mais grandes que se encontram nas suas paginas. Antes da *Dissertação* de João Pedro Ribeiro, lê-se outra do doutor João Pereira Ramos de Azevedo Coutinho. São d'este sabio as palavras de pag. 28: *El-rei D. Manuel denegou a posse do Arcebispado de Braga ao Cardeal Junio Jorge, provido n'elle sem seu consentimento por Alexandre vi em successão do Cardeal D. Jorge da Costa*. Seria necessario que Alexandre vi, fallecido em 1503, resuscitasse em 1509, para nomear um successor ao cardeal de Alpedrinha, arcebispo de Braga, que lhe sobreviveu cinco annos. É de suppor que o doutor João Pereira Ramos confundisse Alexandre vi com Leão x, em cujo pontificado houve essa resistencia de D. Manuel ao provimento de certos beneficos portuguezes em um cardeal de Veneza. (*Quadro Elem. t. 10.*)

A pag. 76 dos referidos *Documentos ineditos*, em outra *Dissertação* attribuida a João Pedro Ribeiro, lê-se que, *no tempo de D. Manuel, vagando Braga por morte do arcebispo D. Jorge, quiz Alexandre vi nomear Julio Jorge (o doutor Ramos diz Junius) cardeal bispo portuense, promettendo que quando tornasse a vagar só o proveria na pessoa que elle quizesse: mas não venceu a justa resistencia*. Cresce a atrapalhação dos *Junios*, dos *Jorges* e dos *Julios*! De modo que, na *Dissertação* iv, J. P. Ribeiro diz que Alexandre vi quiz provêr a mitra bracarense em seu sobrinho o cardeal D. Jorge, *bispo portuense*; e, na *Dissertação* v, diz que Alexandre vi quiz prover o arcebispado de Braga em Julio Jorge *bispo portuense*. Temos pois dois Jorges bispos portuenses ao mesmo tempo, ambos providos, ao mesmo tempo, por Alexandre vi, e ao mesmo tempo rejeitados por D. Manuel!

Poderia suppor-se que Alexandre vi quizesse provêr o arcebispado por morte de D. Jorge 1.º, irmão do cardeal; mas, pela correspondencia de D. Manuel com Diogo da Gama, sabe-se que o cardeal de Alpedrinha foi provido immediatamente á morte do irmão, não havendo tempo intermedio para que a vontade de D. Manoel fosse consultada ou a sua supplica attendida. (*Quadro Elem, t. 10.*)

Duas linhas abaixo, lê-se que Pio iv creara a cathedral de Leiria a pedido de D. João 3.º em 1595. Ora D. João 3.º mor-

reu em 1557. A pag. 78 fazem dizer ao mesmo João Pedro Ribeiro que Alexandre vi concedeu a D. Manuel o padroado de todas as egrejas africanas por bulla de 3 d'agosto de 1495. Ora, a 24 de outubro d'este anno ainda era vivo D. João 2.^o. Aqui ha necessariamente erros de imprensa ; mas quantos descuidos de copistas e revisores negligentes não haverá por estes documentos atirados a êsmo e sem critica para o prélo ! (*) Como quer que seja, os dois doutores dormitavam algumas vezes. e a gente vê-se obrigada a dormir sempre que os lê, e se cança no rebusco d'estas "pequenas esquirolas." É o que vale.

(*) N'estes *Documentos* dá-se como inédita uma Representação de Alexandre de Gusmão a D. João v. Este *inédito* está impresso ha mais de quarenta annos, e por mais de tres vezes em periodicos e livros.

III

A CAVALLARIA DA SEBENTA

ADVERTENCIA

Neste opusculo, ha referencias àciduladas, pequenas choupas de alfinetes aladas de papel de cores, que não pretendem nem podem molestar o numero grande e respeitado de professores e academicos para quem este desforço é indifferente e, pelo tanto, inoffensivo. Todavia, nem as declamações injuriosas de uns me inquietam, nem a tacita indulgencia de outros me lisongeia.

Declaro que, no titulo meio quadrupede, meio litterario d'este folheto, não disfarço alguma subtil malicia zoologicamente hostile a alguem. O meu naturalismo não vai tão longe. Quero dizer que se organisou uma hoste plumitiva e militante de cavalleiros conjurados sob o estandarte da *Sebenta*.

Por motivos igualmente transcendentales se alistaram em França os *chevaliers du Crochet*, a ordem de la *Culotte*, a cavallaria *des Gobe-Mouches*, a ordem de la *Frivolité*, a dos *Lanturelus*, a *des Marionnettes*, a da *Ribalderie*, e, com um espirito que parecia portuguez, a cavallaria da ordem da Palha e os cavalleiros do Cão.

Na bellicosa Lusitania dos Affonsos e Joões, em cyclos cavalleirosos, medraram ao bafejo acre da sangueira de Ourique e Aljubarrota a ordem da Ala, a da Madre Sylva, a dos Namorados e outras referidas no *Manual Encyclopedico*; mas, agora em tempos remançosos, favoraveis ás erudições, os cavalleiros aleitam-se nas lercas mamilares da encorreada filha de Jupiter que está alli á Porta-ferrea, fecundando abortos como já no Olympo gerara o mostrengo Erichthonio. Depois, os paladinos desfraldam ás brisas mephíticas de Quebra-Costas o lábaro da *Sebenta*, e elles ahí vem de arrancada de almogavares com o theologo José Maria á frente. Que adail!

*

Nas «Notas á *Sebenta*» alludi a um supposto cathedratico de theologia que, na *Civilisação Catholica*, inoffensivamente me capitulou de ignorante sobre infallibilidade do papa. Inoffensivamente, digo, porque não me escandaliso se me alcunham de ignorante nas varias coisas que não aprendi, e especialmente n'aquella em que revelei incapacidade singular quando estudava theologia dogmatica com um professor, o padre mestre Jorge, um martyr da minha inaptidão, um verdadeiro sancto, um dogma!

Pois, como vinha contando, cuidei que o snr. José Maria Rodrigues era lente, e até *illustre* lhe chamei, por vêr que elle tratava de parvo a Draper, professor da Universidade de New-York e auctor de um livro europeu—*Os conflictos da sciencia e da religião*,—que li na 6.^a edição franceza. Este Draper, se não tivesse a felicidade de morrer em janeiro de 1882, devia affligir-se cruelmente sabendo que um segundo-annista de theologia de Coimbra lhe chamara «parvo». Parecia mesmo um cathedratico o snr. Rodrigues pelo despalante. E não era lente, como se vê nas *Duas pa-*

lavras que me dirige no n.º 7, 4.º anno da mesma *Civilização Catholica*. O que elle dará de si, se o chegar a ser!

E, effectivamente, nas *Duas palavras*, o snr. José Maria trescala um odor rapozinho de aprendiz theologo. Faz muito lembrar aquillo do psalmo 68: — *Vitululum novellum cornua producentem et ungulas* — «bezerro garraio ao qual começam de sahir as pontas e as unhas». E este seu artiguinho, como ensaio de marrada e arranhadura, snr. José Maria, é um trabalho bonito, palavra!

Elle aggride-me por varios modos: Que não percebo o dogma. — Isso já eu confessei: é querer arrombar uma porta que eu já lhe abri. Que não distingo *bullas de breve*. Acha-me suspeito na corriqueira grammatica, e até me quer ferir de esguelha como plagiarrio. *Cornua producentem et ungulas*. (*)

(*) A refutação do snr. José Maria Rodrigues foi precedida de certo estrondo nos jornaes. No n.º 1062 do DEZ DE MARÇO, leu-se: «Um correspondente de Coimbra communicou ás *Instituições* que brevemente vai ser publicado um folheto respondendo ao de C. C. B. Consta-me, acrescenta, que o autor, um distinctissimo estudante de theologia, se propõe provar que o folheto de C. está cheio de inexactidões historicas, que chama bullas aos breves e vice-versa, e que dá a entender que não sabe o que é uma coisa nem outra, e finalmente que os livros citados por C. como prova das suas affirmações, demonstram exactamente o contrario do que elle quer. Ha de ser curioso.» A *LUCTA* n.º 164: «O snr. José Maria Rodrigues, estudante da faculdade de theologia na Universidade de Coimbra vai responder ao opusculo... de C. C. B. relativo á *Sebenta* do Dr. Callisto. O academico propõe-se demonstrar a ignorancia de C. em assumptos ecclesiasticos e provar-lhe que os livros e documentos que cita nas suas Notas á *Sebenta* dizem exactamente o contrario do que C. quer.»

O snr. José Maria Rodrigues está de todo innocente nas malfetorias que os jornaes lhe assacaram. Elle não refutou nem sequer citou algum dos expositores irrefragaveis que me

Direi primeiramente do plagio. Eu tinha escripto nas *Notas* a respeito da *infallibilidade do papa*: « Não percebo: parece-me ser coisa mais facil endireitar a sombra de uma vara torta ». E vai o snr. José Maria escreve conspicuamente: *A comparação não é original. Em Bernardes* « Silva de varios dictames espirituaes, xxx *Luz e calor*, pag. 229 lê-se: « ... fazer uma cousa, e mandar ou aconselhar outra, é querer endireitar a sombra da vara torcida ». *Variante do snr. Camillo: em vez de « torcida » torta ».*

Elle queria poder rasgadamente accusar-me de plagio; mas como eu, com rara esperteza, me acau-telei com a sagaz *variante*, quem ficou *torto* foi o snr. José Maria. Fugiu-lhe a opportunidade tão boa de me reduzir á condição miseravel e á imperdoavel patifaria dos perversos que ousam escrever *sombra de vara torcida*, depois que um classico usou repetidas vezes a phrase methaphorica de outro classico! Olhem, se eu não escrevesse « torta »!... Onde quer está um abysmo, quando vocabulistas d'esta polpa se encarregam de almotaçar a lingua da gente!

Todavia, se o homem recúa mais um seculo para além de Bernardes, nas suas explorações de vernaculidade, pilha-me no roubo sem variante, nem nada; e então é que o theologo, ensaiando-se para levita, me

guiaram nas *Notas á Sebenta*, contra os dislates historicos do professor. Citei as leis de el-rei D. Manuel, a chronica de D. de Goes, o livro de Jeronimo Osorio, as *Reflexões historicas* de J. Pedro Ribeiro, pelos quaes complexamente eu quiz demonstrar que D. Manuel não era submisso ás vontades infalliveis dos papas. Todas essas auctoridades escaparam á analyse do theologo, e ainda não foram controvertidas pelo proprio snr. dr. Callisto que deve valer muito mais que o theologo snr. José Maria. O que se acha de alguma apoucada importancia na debil e futil controversia do snr. Rodrigues vai respondido n'este opusculo.

verberava caritativamente. Porque a phrase lididamente *torta*, como eu a disse, e *torcida*, como a variou Bernardes, está estampada desde 1597 nos *Dialogos* de D. Freij Amador Arraez, e assim formulada: «O governador primeiro se deve a si retificar, e depois ao seu povo; que de outra maneira haver-se-ha como quem quer endireitar a *sombra da vara torta*».

Mas diz o theologo: *A comparação não é original.*

Ora essa, menino! Comparei a difficuldade de perceber a infallibilidade do papa ao impossivel de indireitar a *sombra de uma vara torta*. Isto pareceu-me de originalidade inquestionavel; mas pelos modos o mystico auctor da *Nova Floresta* já tinha hereticamente comparado o impenetravel dogma da infallibilidade com a incorrigivel sombra da vara torcida.

O snr. José Maria não sabe o que seja *comparação*, é o que é. Confunde *locuções metaphoricar* com *similes*. Refresque as idéas no seu Compendio de Rhetorica. Aproveitei a *phrase*, que era expressiva, e formei com ella a *comparação* que nem o candido bispo de Portalegre, nem o extatico oratoriano Bernardes eram capazes de perpetrar contra a ortodoxia da igreja romana. Ser impossivel *endireitar a sombra de uma vara torta* — é locução methaphorica; ser egualmente *impossivel comprehender a infallibilidade de um homem* é o outro membro da comparação. Percebeu? E, pitadeado o incidente, prosigamos, escorvando de novo os dedos para ultteriores casos urgicos, se preciso fór. *Maxima debetur puero reverentia*, disse Juvenal.

Agora, ahí vem uma correccção grammatical: Tinha eu escripto nas Notas á *Sebenta*: «Não sou dos crentes na infallibilidade dos homens por isso mesmo que a não intendem». O theologo emenda insidiosamente: «Supponho que, por erro typographico, está *intendem* em vez de *intendo*».

Não, snr. O erro é meu. Dispensolhe a bízarría velhaca de o imputar ao compositor innocente. Conheço essas *ficelles du métier*... Eu queria dizer o que lá está: que não sou dos *crentes* na infallibilidade dos homens porque a não *intendem*. Mas escrevi mal. O verbo para concordar com *crentes* devia estar na primeira pessoa do singular — *intendo*. Se o talento d'este joven theologo se mantiver em semelhante perfeição no conjugar dos verbos, com a petulancia correspondente, não estranharei que a Universidade o encapelle de graça; porém, a mim, se eu disser que os *crentes não intendo*, e se eu construir muitas d'estas regencias para agradar ao critico theologo, os philologos puristas e biliosos são capazes de me dar facadas, tambem de graça, pelo preço que o snr. Rodrigues lobriga o capêllo com olho rutilante de genio e cubiça — cubiça de cathedras e borlas que, diga-se de passagem, Jesus Christo reprehendeu severamente aos pharizeus.

Deixa elle entrever que deturpei o sentido da carta de D. Manuel para o seu embaixador em Roma, D. Miguel da Silva, em que lhe dá os parabens por ter sido provido na commenda do mosteiro de Santo Thyrso — e, ao mesmo tempo, sente não lhe dar posse da commenda porque já a den a outro. A isto chamei eu *zombaria* tanto para o papa como para o nomeado; porém o theologo quer que seja *submissão*, ou que não seja. A fallar verdade, não se percebe nitidamente o que elle quer.

Mas o que põe no seu artigo uns tons emphaticos e debaixo do seu nariz conspicuo um lenço de alcobaça é a minha pavorosa ignorancia de chamar a um *Breve* unia *Bulla*. Aquelle é uma carta apostolica, escripta em italico, ordinariamente em papel de trapo, sem preambulos, sellada com cêra escarlata e sob o anel do pescador. Quer dizer que a *Bulla* tem clausulas mais extensas, além de ser escripta em pergaminho, e

chama-se *bull*a porque tem pendente uma *bola* de chumbo. Uns rescriptos apostolicos tem *bola* e são *bull*as ; outros rescriptos não tem *bola* e são *breves*. Questão de *bolas*. Á qual *bola* ajunta fulminantemente o theologo José Maria Rodrigues a esmagadora particularidade de que, se o documento fosse *bull*a, além de ter a *bola*, teria no principio *Clemens episcopus servus servorum Dei*, e não seria datada *sub annulo Piscatoris*. Estas argutas parafusações de direito pontificio, que fazem lembrar pascassios tonsurados em cavaqueira de sacristia, não se podem assaz destrinçar sem barrete de troçal e grande copia de meio-grosso sobre folios maximos. A mim não me importou saber se era *breve*, se era *bull*a o documento pontificio que aboliu a companhia de Jesus. O que importa esclarecer é se o facto historico foi deturpado pela nomenclatura menos pontual do documento que o contém. Pergunto se Clemente xiv, abolindo a companhia de Jesus mediante a *bull*a, seria mais cordato exterminando-a mediante um *breve*. O que portanto me impressionou foi a redacção iniquissima e acerba d'esse papel, que o Marquez de Pombal festejou delirantemente com tres dias de luminarias. Além de que, os papas não differencavam virtualmente *bull*as de *breves* quando extinguiam ordens de frades e de cavalleiros. Clemente v, em 2 de maio de 1312, extinguiu os templarios com *bull*a ; e o papa Urbano viii e Innocencio x aboliram com *breves* as ordens de Santo Ambrozio e da Madre de Deus. Mas o snr. José Maria, no respigo dos bagos esquecidos na vinha vindimada, insiste caturramente na nomenclatura das letras apostolicas, que todas são na essencia analogas, quer expedidas em fórma de *breve*, quer em fórma de *bull*a. De maneira, que faz lembrar o velho adagio portuez : « não me conte *bull*as » com que os nossos avoengos respondiam ás chirinolas e rabulices dos trapaceiros.

Até aqui, por cortezia e pachorra do meu temperamento, quiz eu deixar o theologo no doce jubilo de me ter filado n'um erro; mas a ficção não pôde continuar sem ser piegas.

Agora, meu rico pedante snr. Rodrigues, tem lugar a pitada grávida de sapientísimos espirros. Eu não me desdouraria de ter errado, illudido por um eminente sabio, antiquario, philologo e canonista, fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo, que no ELUCIDARIO, t. I, pag. 128, 1.^a edic., no art. APOSTOLOS, escreve que os jesuitas foram extinctos em toda a igreja pelo papa Clemente XIV pela BULLA Dominus noster. Mas Viterbo não claudicava, como logo verá.

Antonio de Moraes da Silva, na *Historia de Portugal*, tom. III, pag. 208, edic. de 1809: *Mas entre todas as acções de S. Magestade n'este anno tem muito distincto logar a lei por que aboliu toda a differença entre christãos velhos e novos; e a outra em que dá o Regio Prasme á BULLA do Sancto Padre Clemente XIV para a extincção da Sociedade denominada de Jesus.*

Na *Historia do reinado de D. José e da administração do marquez de Pombal* pelo snr. Soriano, tom. I, pag. 445: . . . *Appareceu finalmente a BULLA que principia Dominus, etc.*

Nas *Memoirs of the Marquis of Pombal by John Smith*, vol. II, pag. 87: *He had long seen the necessity for the suppression of the Society of Jesuits, and on the 21st of July, 1773, to the satisfaction of all christendom, he published his famous BULL for that purpose. This BULL, « Dominus ac redemptor noster Jesus, etc. »*

Agora, e finalmente, o documento official: *Carta de Lei dando o Regio Beneplacito á BULLA Dominus ac Redemptor da extincção dos Jesuitas*. Segue: *Dom José por graça de Deus, etc.* E no texto: *O sancto padre*

Clemente XIV... ordenou a sua BULLA EM FORMA DE BREVE que principia Dominus ac Redemptor Noster Jesus Christus, dada em Santa Maria Mayor debaixo do anel do Pescador, etc. ()*

Portanto, egregio snr. José Maria, uma BULLA pôde ter a fôrma de BREVE sem deixar de ser BULLA. Um argumento de analogia a ver se intende. Supponha o snr. Rodrigues que eu, por despique menos delicado, lhe chamava *palerma*. O snr. Rodrigues, a não me replicar peor, dizia-me: « Não sou palerma, sou theologo ». E eu redarguia: E' theologo e palerma. — Aqui está a nossa questãosinha, não acha? O breve é bulla, porque é, ao mesmo tempo, as duas coisas, segundo lh'o ensina fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo, uma auctoridade indeclinavel:—BULLA. *Assim chamam hoje a qualquer diploma, Carta, BREVE, Rescrito, ou Letras Apostolicas, etc.* (Ob. cit., tom. I, pag. 210).

Já vê o theologo infausto que eu, escrevendo *Bulla*, escrevi correctamente; e o snr. José Maria, impugnando a propriedade do termo, pecca por ignorante; mas, se tem bulla para o ser á sua vontade, não pecca, acho eu.

Entretanto, a mim me espanta que um versadissimo cathedratico, o snr. doutor Luiz Maria da Silva Ramos, redactor principal da *Civilisação Catholica*, não pozesse a lampada da sua sciencia diante das audacias ignorantes do seu discipulo. Não me parece que os dois estejam no caso do estafado chiste virgilliano:

..... *Arcades ambo,*
Et cantare pares...

Mas isso que não passava d'uma arteirice de cano-

(*) Carta de Lei impressa na *Collecção Josephina*.

nista descamba em denodada e pouco vulgar má fé, quando o articulista se explica d'este theor :

«E já que tive de fallar do breve *Dominus ac Redemptor*, não virá fóra de proposito mostrar o deploravel modo como o snr. Camillo Castello Branco adultera o que ahi se diz. Escreve s... no *Perfil do Marquez de Pombal*, pag. 204: *Como quer que fosse, Sua Santidade Clemente XIV... saturou-se das seguintes convicções constantes da bulla:—que as doutrinas da Companhia eram contrarias á fé orthodoxa e aos bons costumes, etc. — que a Companhia cubiçara demasiadamente os bens terrenos, etc.* Ora do breve não consta que Clemente XIV se tivesse saturado d'estas convicções. Elle diz apenas, referindo-se ao pontificado d'alguns dos seus predecessores, que houve muito quem accusasse de contraria á fé orthodoxa e aos bons costumes a doutrina da Companhia, que se tinham tornado mais frequentes as accusações feitas á Companhia, principalmente sobre a demasiada cubiça dos bens terrenos...»

Com que então, minha flór, *adulterei* o breve? Do documento não consta que o papa estivesse *saturado* das convicções com que aboliu a companhia? Clemente XIV foi, pois, obrigado a extinguir a companhia de Jesus sem estar convencido dos delictos d'ella? Sim, padre? Tanto peor para a deshonra, para a consciencia, para a baixeza do successor de S. Pedro. Mas não é assim, — digamol-o em honra da cabeça visivel de Christo. O pontifice estava saturado, como vamos ver em uns extractos d'essa longa exposição das causas que o propelleram liberrimamente a expungir da christandade os operarios que mais a tinham servido.

Clemente XIV, procedendo *com firmeza de conselho e prudentes passos*, como elle diz, «não houve diligencia nem averiguação que não fizesse, nem indagação alguma

que não applicasse com o fim de examinar e descobrir desde os fundamentos tudo o que pertence á origem, progressos e estado em que hoje se acha a ordem regular que vulgarmente se chama da Companhia de Jesus».

E pôde averiguar :

«Que desde o principio começaram a brotar na mesma companhia varias sementes de discordias e emulações não só dos mesmos socios entre si ; mas tambem com as outras ordens regulares, com o clero secular, com as academias, com as universidades, com as escolas publicas e até com os proprios principes em cujos dominios havia sido admittida a companhia . . . »

Principia o sancto padre a saturar-se. Conta que o papa Gregorio XIV, apesar das queixas de Filippe 2.º e d'outros principes, approvou de novo o instituto da Companhia ; mas accrescenta Ganganelli :

«Tão longe estive de se fazerem cessar os clamores e queixas contra a Companhia que antes foram crescendo e recrescendo cada vez mais em quasi todo o mundo, fazendo-se cada dia mais molestas as contendas sobre as doutrinas da Companhia, impugnando-as muitos como contrarias á fé orthodoxa e aos bons costumes. Ferveram tambem de novo as dissensões domesticas e externas, e se fizeram mais frequentes as accusações que uns e outros accumularam contra ella e principalmente sobre a demasiada cubiça dos bens terrenos . . . »

Continua a saturação, ao que parece ; por quanto, exclama o sancto padre :

«Na verdade, com grandissima dor do nosso cora-

ção, observamos: que para o effeito de se dissiparem e arrancarem tantas e tão graves inquietações, accusações e queixas, quasi nenhuma efficacia tiveram nem os sobreditos remedios nem os outros muitos que depois-se foram applicando...

E refere as diligencias que seis pontifices fizeram inutilmente para corrigir a companhia nos disturbios excitados na Europa, na Asia e na America; e em seguida, n'uma grande saturação crescente, exclama:

«Depois de tantas e tão grandes tempestades, depois de tantas tormentas acerbissimas, esperavam todos os bons que amanhecesse emfim aquelle suspirado dia, que trouxesse á Egreja e aos Estados uma completa paz e completa tranquillidade. Porém presidindo o nosso mesmo predecessor Clemente XIII na cadeira de S. Pedro, foram ainda muito mais criticos e turbulentos os tempos que se seguiram. Porque recrescendo cada dia mais as queixas e os clamores contra a sobredita companhia; e, o que mais é, quebrado e quasi totalmente roto o vinculo da caridade christã com as perigosissimas sedições, tumultos, discordias, e escandalos, que em varias partes se levantaram, e com que se accenderam nos animos dos fieis grandes parcialidades, odios, e inimizades, chegou o risco, e perigo a tal estado, que até aquelles mesmos principes, em quem a devoção, e liberalidade para com a companhia parecia ter passado como em herança de seus avós; e que por este titulo se achavam louvadas geralmente por quasi todas as nações, quaes são os muito amados em Christo filhos nossos os reis de França, das Hespanhas, de Portugal, e das duas Sicilias, se viram obrigados a exterminarem, e expulsarem de seus reinos, dominios, e provincias, os socios da mesma companhia: Julgando todos ser este o ultimo remedio, que lhes restava, e o

que lhes era indispensavelmente necessario para impedirem que no mesmo seio da Santa Madre Igreja se desafiassem, provocassem e dilacerassem mutuamente os povos christãos. »

Chegado a estes termos, o sancto padre *pede com muitos gemidos e continuas orações ao pai das luzes que lhe dê particular auxilio e soccorro*; e tambem pede a todos os fieis que façam pios exercicios no mesmo sentido.

E, como se não estivesse já de sobra saturado, acolhe-se á *assistencia e inspiração do Espirito Santo*; e, sob tão augusta influencia, prosegue :

«E obrigados da necessidade em que nos pôz o nosso cargo, que é conciliar, fomentar e roborar com todas as nossas forças a paz e tranquillidade da republica christã, e de remover tudo o que lhe pôde servir do mais leve detrimento: Tendo tambem considerado que a dita Companhia de Jesus não só não poderá jámais produzir aquelles abundantes e copiosos fructos, e proveitos para que foi instituida e para que foi por nossos predecessores approvada com muitos privilegios; mas que antes presistindo ella salva e permanente, ou é muito difficultoso, ou é de todo impossivel que se restitua e conserve por muito tempo na Igreja a verdadeira paz: Por isso movidos d'estas gravissimas causas e compellidos de outras razões de igual peso, que tanto as leis da prudencia como o melhor governo da Igreja universal nos suggerem, e que temos muito presentes e impressas na memoria: Seguindo os passos dos mesmos nossos predecessores, e principalmente os do sobredito Gregorio x no Concilio geral de Leão; com maduro conselho e certa sciencia, e com a plenidão do poder apostolico, extinguiamos e supprimimos a tantas vezes mencionada companhia: Abolimos e abrogamos

todos e cada um dos seus officios, ministerios e administrações; casas, escolas, collegios, hospitaes, granjas e quaesquer logares existentes em qualquer provincia, reino e dominio, de qualquer modo que lhe pertençam: etc.»

A Clemente XIV preluziu-se-lhe que o theologo snr. José Maria, depois de cento e dez annos rodados, tentaria tirar-lhe a responsabilidade do facto da extincção da Companhia para o encabeçar nas violentas suggestões dos principes. E' por isso que o previsto chefe da christandade impõe silencio ao snr. Rodrigues n'estas explicitas admoestações que lhe devem espetar escrupulos na alma:

«Queremos porém, e mandamos, que em nenhum tempo possam as presentes lettras ser arguidas do vicio de sobrepeção, nullidade, ou invalidade, ou por falta de intenção nossa, ou por qualquer outro defeito, ainda que grande, imprevisto, e substancial, ou seja pelo titulo de que os superiores, e outros religiosos da tantas vezes nomeada companhia, e outros quaesquer dos que eram, ou pretendiam ser interessados nas premissas d'estas mesmas lettras, não consentiram n'ellas, nem para ellas foram chamados, nem ouvidos: Ou tambem pelo outro principio, do que nas mesmas premissas, ou em alguma d'ellas se não guardaram as solemnidades, e mais legalidades, que se deviam guardar: Ou por qualquer outro titulo fundado em direito, ou costume, ainda dos que se contém no corpo de direito, e ainda que seja pelo de lesão enorme, enormissima, e total; ou por qualquer outro pretexto, occasião, ou causa ainda justa, racional, privilegiada, e tal que para o effeito da validade das mesmas premissas se devia necessariamente exprimir. Queremos tambem, que por nenhum d'estes principios possam as presentes ser notadas, impugnadas, invalidadas, retractadas, chamadas a juizo, ou reduzidas, aos

termos de direito : Que ninguem possa contra ellas usar, ou ajudar-se em juizo, ou fóra d'elle do remedio de restituição *in integrum, de aperitionis oris*, de redução ás vias e termos de direito ; ou impetrar outro algum remedio de direito, de facto, de graça, ou de justiça, ou valer-se de algum modo do que já se tem concedido, ou impetrado. Mas antes queremos, e mandamos, que as mesmas presentes letras sejam sempre, e perpetuamente validas, firmes, e efficazes, e surtam plena, e inteiramente os seus effeitos, e sejam para o futuro inviolavelmente observadas por todos, e cada um d'aquelles a quem pertence, ou de qualquer modo pertencer.»

E diz o theologo, affrontando a consciencia de Clemente XIV, que do Breve não consta que estivesse *saturado* das convicções que o impulsionaram na abolição da Companhia de Jesus!

Pois então ainda o queria mais cheio, mais saturado de convicções? Que raio de theologo! Como foi pois que eu *adulterei deploravelmente* no *Perfil do marquez de Pombal* o que o vigario de Christo exposera no Breve? E diz elle, grosseiramente, que os meus argumentos são *tristes expedientes*. . . O snr. Rodrigues, para theologo, se lhe sobra o engenho, falta-lhe a sisudez, a lealdade grave de polemista, a probidade litteraria, e expõe a perigosas retaliações a causa que defende. . . Seria melhor não remexer nos limos estagnados do pantano. Se n'esse tremedal ainda ha phosphorecencias, são as da putrefacção que scintilla de noite.

*

Elle intende que ás minhas Notas não descabe o epitheto de *cataplasma* que lhes dei. Pois como segunda *cataplasma* lhe offereço este novo folheto: deite-a n'esses furunculos que estão a supurar pus de hypocrisia

cavilosa e insidiosa má fé — os velhos tabardões que ulceram e escalavram o catholicismo moribundo. Se precisa de aguçar o intellecto e afiar a lingua, porque no seu officio de clérigo tem de exercitar essa ferramenta, queira ter a delicadeza de não fazer de mim rebôlo, nem arremece emphaticos carteis a quem lhe discuta a seriedade da sua profissão; porque — dir-lh'o-hei com uma grande sinceridade dolorosa — o que ainda ampara a religião de Roma é o ignorarem-na tres partes do genero humano que até de nome a desconhecem, e a indiferença de tres partes dos individuos que dizem professal-a. Se á volta do snr. José Maria Rodrigues esfervilha um grupo que o applaude em raptos de enthusiasmo boçal ou malicioso, esse é o auditorio dos hypocritas e dos idiotas — gente rija para retezar os cabos n'uns tratos espertos de polé; mas, de resto um cisco da velha sociedade esboroadá que para entrar no enchurro não se fazem mister grandes bategas da agua lustral da philosophia. E' uma questão de vassoura.

E aqui está o que me dá Coimbra. Golfam d'ali estes gorgolões de ignorancia, de tartufismo e deslealdade. Afóra isso, a princeza do Mondego vai exportar alguns wagons de bachareis formados que ahí aprenderam a humildade abjecta de escreverem um *abaixo-assignado*, protestando que me não mandaram a *Sebenta* do professor, — como se fosse um vituperio para o mestre passar cá para fóra o que elle diz lá dentro. (*)

(*) Enviei ao *Primeiro de Janeiro*, quando os quintanistas alumnos do sr. Dr. Callisto vieram justificar o seu procedimento, a seguinte nota, acompanhando a carta dos estudantes que é a seguinte:

Não ha exemplo de tão espontaneo servilismo, de mais a mais banal, desnecessario, mácula indelevel de um curso onde sobram alumnos intelligentes, alguns já celebrados em gazetas, candidatos á immortalidade, e muitissimo distinctos dos condiscipulos cretinizados.

De alguns d'esses biltres tenho recebido insultos anonymos de uma porcaria genialmente academica. Um que se diz *quintanista* remette-me um exemplar das *Notas* commentado, promete-me chicotadas quando fizer acto do 5.º anno, e estende a sua ferocia de carnifice até ao requinte de me fazer pagar sete vintens de multa pela expedição das bestialidades não estampilhadas. O pelintra, se tivesse de gastar 40 reis para me insultar, prescindia d'essa jubilosa garotice, porque se veria privado por algumas horas de chupar com delicias

“ *Ill.mo exc.mo snr. :*

“ O curso do 5.º anno juridico, sabendo que se lhe attribue o facto de chegar ao conhecimento do snr. Camillo Castello Branco a 27.ª prelecção de direito ecclesiastico, tendo na maior consideração o modo delicado com que v. exc.ª sempre o tratou, julga do seu dever vir declarar que não praticou tal acto. ”

Esta satisfação foi pois um acto ingenuo de delicadeza com o professor urbano e attencioso? Então, o snr. doutor Callisto correspondeu com uma affronta á cortezia dos seus discipulos. Por quanto, havendo elle recebido essa homenagem epistolar, e devendo desde logo mostrar-se convicto de que nenhum dos quintanistas me enviára a *Sebenta*, continuou as suas pesquisas afim de descobrir o denunciante. Elle o declara :... “ A *sebenta* “ com a denuncia anonyma e covarde, engendrada e *sebentamente* “ comprovada pelo infame, que procuro descobrir... ”

Se os alumnos repararam n'esta ultrajante ameaça do professor, e, não obstante, vieram á imprensa esclarecer o seu cavalheirismo, aqui não ha uma segunda baixeza: é porque pretendem, d'este modo, castigar a grosseria do mestre com umas frases ambologicas de ironia que, a falar verdade, custa a perceber por demasiadamente subtil. Mas a intenção é boa e fina.

de boleeiro um pacotinho dos de 16 do Miguel Augusto.

Vou enviar esse exemplar commentado, alargado de syphilides moraes e contagiosas a um paradeiro onde não contamine. Vae ser archivado no bordel mais central de Coimbra. E' a apologia do snr. dr. Callisto, e a pulverisação da minha dignidade e dos meus escriptos. Encontra-se no gyneceu da snr.^a Anna dos Ossos no Terreiro da Herva. A freguezia lettrada d'aquelle gremio pôde alli pela caligraphia reconhecer o Plutarco e levar-o nos braços de uma ovação até ao *accessit* no 5.^o anno.

Com semelhante tyrocinio de baixeza e derreamento de espinha, vão esses licenciados em jurisprudencia e licenciados parvoeirões no resto continuar o infimo elasterio das suas vertebrae debaixo das arcadas do Terreiro do Paço, supplicando seis tostões diarios e a libré de alpaca nas escrivaninhas das secretarias e das alfandegas, ao mesmo tempo que o operario, o artista, o trabalhador passa deante d'essa reles escoria no aprumo da sua dignidade, sem, se quer, dobrar-se ao pezo das fatalidades condicionaes da sua posição.

Tal é o que Coimbra nos dá, afóra os melões e as arrufadas.

*

Até onde te fazem descer, decrepita universidade! Como os filhos das tuas entranhas tuberculosas, seus parricidas, te apertam as cordoveias da garganta até deitares cá fóra a lingua cheia de injurias e de parvoices! Lá te ias arrastando na tua velhice, amparada no preconceito de cinco seculos que são as tuas molêtas; e vem os teus filhos, e, a encontrões de troça ebria do Bairrada, quebram-t'as, e tu ahi estás estatellada no muladar. E eu, ao perpassar por ti, não voltarei o rosto na re-

pulsão do nojo. Erguer-te-hei; e, pois já agora seria extemporanea tolice conduzir-te á escola, levar-te-hei a um asylo de invalidas. E como o clinico da casa te hade perguntar o nome e os achaques, responde-lhe que és a Minerva portugueza com dysenteria chronica.

IV

PRELUDIO

Se o adversario Rodrigues almeja desforrar-se da justiça dura e rude com que o incommodo, haja-se por vingado na repugnancia com que lhe replíco.

Tenho pezar de haver sacudido com a penna a luva que me atirou. Enganaram-me uns fementidos jornaes que para ahí inculcaram o theologo com a adjectivação encomiastica das pilulas de familia. Calumniaram-o. A sua ignorancia dava-lhe jus a uma socegada irresponsabilidade em coisas de lettras. Collocaram-me n'esta attitude de luctador pimpão, em mangas de camiza, obrigado a defender-me das vaias de ignorante, ao cabo de trinta e seis annos de estudo, apenas interrompidos pelas dores de toda a especie e pelas prostrações das longas vigílias.

Quizera retirar-me; porém, não posso em quanto me illudir a expectativa de que o theologo aprendiz seja reforçado pelos mestres. Faço de conta que para trepar á assomada da serra banhada em oxigenio e sol, preciso de palmitar uma viella pedregosa, com sapos e salamandras, lamacenta e bravia de espinhaes. O Dante encontrou ferozes alimarias na «selva oscura» antes de galgar o vertice da montanha.

Dá-me alento, pois, a esperança de que os doutorados na faculdade, que o snr. José Maria Rodrigues por emquanto arrisca e deslustra, me abram ensejo de podermos conversar sobre qualquer assumpto de que o espirito humano tenha alguma coisa que lucrar. Até aqui, frivolidades: — bolas, bullas, infallibilismo, virgulas e adjectivos.

*

Da toada um tanto festiva d'este opusculo não se deprehenda que o escrevi nas alegrias do artista que offerece á contemplação justiceira ou generosa da sociedade um bom quadro, um bom livro, e, sobretudo, uma boa acção. Pelo contrario, escrevo com a tristeza dos velhos que, na penultima estação da viagem, olham para o passado e não avistam, na via dolorosa, clareira onde não avulte um grupo de miseraveis. A Theologia era a unica potencia que me tinha deixado passar sem pedrada; mas, afinal, nem essa! — a sciencia das coisas divinas, nascida no Calvario quando expirava Jesus clementissimo, creada nos braços de Paulo, passada depois para os braços dos cardeaes, e ahi estragada. Ella, depois d'isso, raros filhos desóva que não venham gafos da ophthalmia purulenta que os não deixa encarar as frechas afflictivas da luz. Alguns, porém, conheço com a iris normal, san, remirando todos os esplendores da sciencia, a fito; mas esses sentem pela minha descrença uma benevola commiseração, porque sabem que eu tive alguns dias de contentamento sobrenatural quando nos meus livros, cheios de lyricas sentimentalidades, dava testemunho da minha Fé no outro mundo. A Fé — um opportuno pretexto para não raciocinar — como aquillo é bom e barato!

Mas devia sahir-me caro e amarissimo este desgarrro da estrada chan, onde deixei tantos caminheiros felizes. Ha, nos atalhos, os perigos que estou agora experimentando. Um d'esses cerdos «ignotos» que lá deixei refocilados no fôfo espojadouro da estólidez dos seus leitores, veio um d'estes dias

lembrar-me, na «Palavra,» essas antigas explosões da minha pia ignorancia. Ah! a «Palavra» não foi para as estantes latrinarias, sem ter presenciado as minhas lagrimas azedadas da saudade d'aquellas fantasias impressas com que alguns catholicos jornalistas e oradores sagrados exploram hoje em dia a estupidez publica sem me pagarem direitos de autor.

Quando foi dos festejos do «Centenario pombalino» a PALAVRA vendia «Supplementos» com a minha prosa e sem minha licença, para, nas aguas revoltas dos despeitos e dos enthusiasmos, fregar alguns tostões. Bom é, pois, que haja escriptores «mercenarios» que a «Palavra» possa trasladar, mercadejar e roubar. Ella então foi simplesmente ladra: agora, vem com o insulto lembrar-me o meu silencio e desinteresse tolerante de então. (*)

(*) Verdadeiramente não fiquei silencioso. Sahi em defeza dos direitos da *Palavra*, affrontada no seu *Supplemento*, com uma carta á *Folha Nova*, da qual se trasladam dois periodos que absolvem os insultos do diario catholico:

“*Ex.mo Sr. Emygdio d'Oliveira*

“Do seu artigo na *Folha Nova* de hontem, que li extremamente agradecido, vejo que figurei de um modo inconsciente e assás ardente no Centenario do marquez de Pombal. E' provavel que queimassem o meu insignificante contingente litterario, aproveitado, á falta de coisa melhor, pela *Palavra* no tal *Supplemento*; e, se eu cahisse na inadvertencia de ir ao Porto assistir ás festas, assim que eu visse o meu estylo a arder no dito *Supplemento*, a minha unica posição frêscas e segura seria na secção dos senhores bombeiros voluntarios, e mettido em uma das bombas. O marquez de Pombal, aos setenta e tantos annos, tambem usava esse pueril desafôgo de entregar ao algoz e ás fogueiras os impressos destoantes dos seus principios. Os jovens centenaristas, queimando a *Palavra*, entraram na orientação do decrepito marquez: mas é certo que retrocederiam cento

N'este mesmo numero da « Palavra » em que se applaude o doutor Callisto pelas injurias que me dirigiu sobre os estipendios dos meus escriptos, os belfurinhos, n'um arroyo de desprendimento de interesses mundanaes, pedem, rogam, instam e obsecram os seus assignantes para que lhes paguem o salario, n'este estylo de frades bôrras mendigos: « Pedimos o favor de satisfazerem sem mais demora. » Depois, no periodo seguinte, para variarem de fórma: « Pedimos-lhes o favor de satisfazerem sem mais demora. » Elles tem urgencia da piedade dos assignantes e de meio bife de cebolada. E com o jubilo de sentirem a evidencia dos sandeus a quem dirigem as supplicas, concluem, com o estomago palpitante das prelibações de meia de Collares: « Temos a certeza de que nos dirigimos a catholicos. » Elles nunca se dirigiriam aos assignantes, se, por informações muito particulares, não tivessem obtido a certeza de que os assignantes são catholicos. Alentados pulhas na hypocrisia pifia de cangalheiros da imprensa religiosa!

e dez annos á praça do Pelourinho onde em 1772 foi queimado o *Juro sobre a verdadeira causa do terramoto* pelo jesuita Malagrida, Eu, se tivesse voto de velho e influente nos alvitres da festeira mocidade, dir-lhe-ia que não queimasse a *Palavra*, representativa de uma convicção, de uma liberdade, de um direito, para não se parecer com o estadista que amordaçava as linguas que fallavam, e quebrava os pulsos que escreviam, quando isso era necessario como exordio da revolução intellectual que surtiu a tolerante liberdade que actualmente prevalece. Hoje não é preciso queimar papeis: é melhor combatê-los ou deixal-os estarinhar-se sob o raio de luz que fermenta as podridoens das coisas mortas.

“ Escuso dizer-lhe, meu amigo, que fui de todo estranho á reprodução dos meus escriptos n'esse *Supplemento*, e que não conheço senão dous ou tres padres (acho que são só dous) illustrados e honestos, cujas convicçoens respeito, por que me habituei a respeitá-las n'um sacerdote bom que principiou a minha educação litteraria. „

Estes mandriões não são mercenários. Pedem derreadamente que lhes paguem a fêria porque não tem outro modo de vida, e não podem ou não querem descer á condição honesta do sapateiro que tem a certeza do estipendio não mendigado do seu trabalho. Tripeça e dignidade é o que precisam estes farcistas que entram na comédia da religião como os histriões nos Autos sagrados, nas «Obras de devoção» de Gil Vicente.

E, depois, para alegrarem os assignantes e movel-os a um «pagamento sem demora,» dão-lhes parte de que na Ordem 3.^a do Carmo ha benção papal para todos os irmãos da mesma ordem, com musica. Além da benção papal, que tem todas as nutrições fibrinosas d'um chouriço de sangue, os irmãos da 3.^a ordem encontram na sacristia a doce regueifa cellulosa e o bello da Companhia engarrafado de tres tostones.

Eis a vida palpitante do Catholicismo em Portugal. É isto, e mais uma alluvião de torpezas clandestinas, veladas pelas sotainas e pelas «moires» e pelos velludos roçagantes da devassidão heraldica — fezes que fermentam hoje subterraneamente para resfolegarem ámanha n'uma explosão pestilencial, d'onde ha de promanar, mais tarde, a purificação do ar e das almas.

Isto não é responder á «Palavra.» Credo! Á «Palavra» não se responde. Está estabelecido como praxe e direito consuetudinario ninguem levar argumentos ao porco mostrador d'estes ferçureiros da religião verminada com lendeas varejeiras. O costume é levar chicote — uma suavissima reminiscencia que o Christo deixou a estes vendilhões.

*

Finalmente, quanto ao snr. José Maria Rodrigues, é pena que elle viesse tão tarde para a minha regeneração, e tão cedo para o seu descredito e desbrilho de uma sciencia de symbolos que, desde o seculo XIX em diante, só pôde sub-

sistir na vida petrificada e archeologica das sphinges silenciosas.

*

Este presbytero José Maria, com alguma *pose* e uma ligeira camada de yerniz romantico, podia dar-se ares do lendario *Eurico* entre dois amores violentos — o da Theologia Dogmatica — a Beatrice dantesca — e o de qualquer *Hermengarda* da rua das Fangas, rica de ideaes e musculos. Elle, porém, pela perfida massada d'este folheto das minhas *Evasivas*, parece aspirar a alcatruzar-se a mais altos destinos. Pretende, ao que parece, escalar o velho Olympo, e destronizar, com indisputavel legitimidade, o lethargico Morpheu, o *Rodrigues* das mansões celestes. Padre, quando um theologo chega a este acume de estafa, a Theologia é uma faca de mato, e o direito da legitima defeza aconselha o revolver.

*

Dividirei em paragraphos os topicos essenciaes das *EVASIVAS*. § I, *Bolas*; § II, *Bullas*; § III, *As minhas ignorancias linguisticas e historicas*; § IV, *Ditas theologicas*; § V, *Saturação do papa*; § VI, *Deturpações que fiz na Bulla*.

§ I

Bolas

Acha-me insufficiente a respeito de *bolas*, e muito áquem da ultima palavra sobre as mesmas. Eu, na *Cavallaria da Sebenta*, só mencionei *bolas de chumbo*; e elle, afóra estas, conhece bullas com bolas de prata, de ouro, d'isto e d'aquillo. Faz grande aranzel, e cita versos latinos sobre o fabrico das bolas que o poeta faz chatas. Um theologo que exhibe tão scientifico e com-

pleto conhecimento de bolas, merece ser galardoado com uma conezia e uma bola de escaravêlho.

E a respeito de bolas, se lhe parece, temos conversado.

§ II

Bullas

Não acceita como indeclinavel a auctoridade do *Elucidario*, na definição de *Bulla*. Nomeia como testemunhas para contraditar a sciencia canonica de fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo, o diplomatico João Pedro Ribeiro e o professor Augusto Soromenho. Estas testemunhas teriam algum valor em juizo, se depozessem contra a errada definição de *Bulla*; mas, a tal respeito, dizem nada. A auctoridade de João Pedro Ribeiro seria respeitavel; porém, tão longe está o mestre de diplomatica portugueza de corrigir Viterbo no artigo questionado, que até concorda com o frade em chamar *Bullas* aos *Breves*, como logo lhe mostrarei.

O padre não se lhe importa que a *Carta de Lei* diga *Bulla em fórma de Breve*. Reputa isso uma ignorancia do marquez de Poimbal — o *homem das parvoas calumnias estampadas na Deducção chronologica*. Tem razão quanto ás «parvoas calumnias»; mas o marquez não redigia instrumentos de secretaria, mormente os respectivos a negocios ecclesiasticos. Elle, o marquez, não sabia nada d'isso; e, para evitar as ignorancias proprias, submetteu o expediente d'essa ordem de papeis a D. Fr. Manuel do Cenaculo, bispo de Beja, e ao celebrissimo theologo, deputado da real Meza Censoria, o congregado Antonio Pereira de Figueiredo, o da *Tentativa theologica*.

Pergunta-me em que livro de Direito Canonico li que a um *breve* se podia chamar *bull*. Eu não leio li-

vros didascalicos de direito canonico ; mas estudo os theologos e canonistas que me ensinam a applicação onomastica do direito canonico que professaram.

As auctoridades que citei combate-as com o labeo de ignorantes ; e acrescenta, solertemente ironico, que não saberia o que havia de replicar-me, se eu lhe citasse umas *Cartas regias*, e outras do marquez a Francisco de Almada e ao papa Clemente XIV. Sem me apoiar na ignorancia das cartas do marquez, poderia eu citar-lhe então, snr. José Maria Rodrigues, mais quatorze ou quinze auctoridades de dictionaristas e theologos estrangeiros, de dictionaristas e historiadores portuguezes, theologos celebres, cathedráticos illustres, preladados, etc. Mas a oportunidade não era então : é agora, visto que a sua rebelde ignorancia está pedindo carga maior. Vou vêr se o satúro.

Dictionaristas e historiadores estrangeiros

O *Breve* considerado synonymamente *Bulla* é locução corrente nos lexicons, que são a sumula das materias versadas pelos canonistas. Um escriptor, mencionando as mais notaveis *bullas* que fulminaram monarchas, entre a que condemna o divorcio de Henrique VIII e a de Pio VII contra Napoleão, aponta o *breve* pelo qual Paulo IV defende aos catholicos de Inglaterra prestarem juramento de fidelidade. Temos por tanto um *breve* incluso nas famosas *bullas*. (*)

(*) *Dictionaire universel d'Histoire et de Géographie...* par M. N. Bouillet. Paris 1863. Pal. *Bulle*.

Clement XIV promulgua enfin, le 21 juillet 1773, la BULLE solennelle « Dominus ac Redemptor noster » qui prononçait l'abolition de la société de Jesus, etc. ()*

Um biographo illustre do Marquez de Pombal: *The 21st of July, 1773, appeared the much-desired BULL, suppressing the order of the Jesuits. There is reason to think this BULL was bargained for on Ganganell's elevation to the Papal chair. (**)*

Alphonse Rabbe, que escreveu um estimado resumo de historia de Portugal: *Enfin, le pape lui-même, le vertueux Ganganelli, qui occupait la chaire de saint Pierre sous le nom de Clément XIV, porta le dernier coup à la compagnie de Jésus, par la BULLE qui prononçait sa suppression dans tout le mond chrétien. E acrescenta em nota: Cette BULLE, en forme de BREF commence par ces mots: « Dominus ac Redemptor noster », etc. (***)*

Os continuadores da Historia de Portugal por Henri Schoeffler: *L'abolition entière de la compagnie de Jésus, ayant été ordonnée par une BULLE, fulminée le 21, juillet 1773, par le pape Clément XIV... (****)*

(*) *Dictionnaire de la conversation et de la lecture... par une société de savants et de gens de lettres. Paris, 1862, tom XI, pal, Jesuites.*

(**) *Lives of cardinal Alberoni, the duke of Ripperda, and Marquis of Pombal... by George Moere. London, 1814.*

(***) *Résumé de l'Histoire de Portugal... por Alphonse Rabbe. Troisième édition. Paris, 1827, pag. 381.*

(****) *Histoire de Portugal... par M. Henri Schoeffler, professeur d'histoire a l'université de Giessen. Paris, 1845, pag. 648.*

Diccionaristas e historiadores portuguezes, theologos celebres, canonistas, cathedrauticos, prelados, etc.

El-rei accordou o seu beneplacito á BULLA de Clemente XIV (Ganganelli) que extinguiu a ordem regular da Companhia de Jesus, ou Jesuitas, em todos os estados Catholicos. (COMPENDIO da historia portugueza, por Tiburcio Antonio Craveiro. Rio de Janeiro, 1835.)

Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos: *Le ministre portugais Almada se présente à Clement XIV, qui le reçut le 18 aout et le combla d'attentions. Il accorde le chapeau de cardinal au frère du ministre et à l'archevêque d'Evora, et, le 21 juillet 1773, il supprima l'ordre de la compagnie de Jesus, par la BULLE « Dominus ac Redemptor noster Jesus Christus » Le ministre de Joseph 1^{er} en mettant le « placet » royal sur cette BULLE, etc. (*)*

E a proposito do ministro plenipotenciario em Roma Francisco de Almada e Mendonça, cabe aqui mencionar um periodo da sua carta a Sebastião José de Carvalho, quando lhe remetia o documento pontificio da extincção da Companhia de Jesus: *Emfim, este grande negocio está terminado. A companhia de Jesus acaba de ser abolida pela BULLA «Redemptor Jesus». Agradeço a Deus ter-me deixado viver até ao momento d'esta conclusão pela qual tanto suspiro. (**)*

(*) *Les Contemporains, portugais, espagnols et brésiliens, par A. A. Teixeira de Vasconcellos. Paris, 1851, pag. 602.*

(**) *Historia de Portugal nos seculos XVIII e XIX escripta por uma sociedade de homens de lettras. Lisboa, T.º 1.º, pag. 204.*

O monge beneditino, lente de theologia na Universidade, fr. Joaquim de Santa Clara, que prégou o celebre e temerario sermão panegyrico nas exequias do marquez de Pombal, e morreu arcebispo de Evora, escreveu e publicou clandestinamente uma rarissima carta, corrigindo as *Memorias do Marquez de Pombal*, hostis ao seu finado amigo e protector. O auctor das *Memorias* arguia o ministro de fazer pôr luminarias quando chegou a Bulla da suppressão da companhia. Fr. Joaquim de Santa Clara responde: *Saiba o auctor que a tal solemnidade da publicação da BULLA sempre se fez e se faz, e nada teve particular.* (*)

A carta de Lei citada na minha primeira resposta ao snr. José Maria Rodrigues, onde se expressa claramente que o rescripto de Clemente XIV era uma **Bulla em fórma de Breve**, foi redigida, como todos os documentos referentes a objectos ecclesiasticos, pelo presidente da Meza Censoria, D. Fr. Manuel do Cenaculo, bispo de Beja, ou pelo eminente theologo, deputado da Meza Censoria, Antonio Pereira de Figueiredo. Já lh'o fiz saber. O bispo de Beja, n'aquelle anno de 1773, não desamparou um momento os negocios concernentes ao ecclesiastico. Em dia de S. Simão d'aquelle anno fez a sua entrada em Beja abandonou o bispado, e recolheu-se logo á côrte, onde a sua presença era indispensavel no aviamento dos negocios com a Curia. O seu nome apparece inscripto na sentença que condemna a pastoral do bispo de Coimbra D. Miguel da Annuniação, e o seu estylo transluz

(*) *Carta Appensa ás MEMORIAS DO MARQUEZ DE POMBAL escripta por um neutral portuguez. Brussellas, 1785 pag. 2 v.*

de tudo que então se escreveu contra a Companhia. (*)

O snr. José Maria podia redarguir-me, — se o soubesse — que o padre Pereira de Figueiredo traduziu as *LITTERÆ in formã BREVIS* para *BREVE do Sanctissimo Padre*, etc. (**). Exige-me talvez que eu lhe apresente livro impresso e authentico em que o grande theologo padre Antonio Pereira de Figueiredo chamasse *BULLA* ao *BREVE* de Clemente XIV. Vou satisfazel-o. Abra o *Compendio das epocas e successos mais illustres da historia geral por Antonio Pereira de Figueiredo*, e a pag. 351, leia: *No anno de 1773, a instancias do rei Christianissimo, do Rei Catholico, do Rei de Portugal, e do Rei de Napoles, extingue o Papa Clemente XIV para sempre a Companhia de Jesus, pela BULLA «Dominus noster» do mez de Julho.* (***)

Depois d'este nome, eu não devia explanar mais alguma auctoridade; mas continúo, porque não tenho que fazer.

João Pedro Ribeiro tambem chamava aos *breves BULLAS*. O papa Julio III annexára aos collegios de jesuitas de Braga e de Coimbra os mosteiros de S. João de Longovares e de S. Pedro de Roriz que eram dos

(*) Estudos biographicos ou noticia das pessoas retratadas nos Quadros historicos pertencentes á Bibliotheca Nacional de Lisboa por José Barbosa Canaes de Figueiredo Castello Branco Lisboa, 1854, pag. 113.

(**) Lisboa, na Regia Officina typographica, Anno MDCCLXXIII. O snr. Rodrigues diz nas *Evasivas* que viu esta versão; mas não sabe de quem seja. Acha-se como tal mencionada por F. Innocencio da Silva, e por F. M. Trigoso no *Catalogo das obras impressas e manuscriptas* de A. P. de Figueiredo Lisboa, 1800.

(***) Reporto-me á 3.ª impressão de 1825.

conegos regrantes. (*) Estas annexões foram feitas por *Breves*. João Pedro Ribeiro visitou o Cartorio de Roriz, encontrou o documento da annexação; e, escrevendo sobre tal assumpto a D. Fr. Manuel do Cenaculo, diz: *Acha-se alli a BULLA de união aos Jesuitas; mas não tenho a data.* (**)

Outro doutor theologo, e professor d'esta faculdade no convento bracharense do Populo, fr. Domingos Vieira, lexicographo e erudito compilador do *THEOURO DA LINGUA PORTUGUEZA*. Diz o que é *BULLA*, caracteriza as diversas bullas e acrescenta *SYN* (synonimia) *BULLA BREVE*. (***)

Manuel Antonio Coelho da Rocha, lente da faculdade de direito, considerado por Alexandre Herculano n'um alto valor pela sua *Historia do governo e da legislação de Portugal*, um livro que doutos e semi-doutos conhecem: *Muitas das outras côrtes da Europa fizeram causa commum com a de Portugal, insistindo perante a sancta sé pela extincção da ordem, ao que o S. Pontifice Clemente XIV finalmente accedeu em BULLA de 21 de julho de 1773.* (****)

O desembargador Manuel Fernandes Thomaz no

(*) Chronica da ordem dos conegos regrantes do patriarcha S. Agostinho por D. Nicolau de Santa Maria. Lisboa, 1668, tom 1.º pag. 830.

(**) Carta de 25 de outubro de 1799 inclusa a pag. 16 das *Cartas de João Pedro Ribeiro ao Arcebispo Cenaculo*, impressas por diligencia do snr. Annibal Fernandes Thomas. Coimbra, 1880.

(***) *GRANDE DICCIONARIO PORTUGUEZ*, pelo doutor fr. Domingos Vieira. Porto, 1871.

(****) Ensaio sobre a historia do governo e da legislação de Portugal para servir de Introducção ao Estudo de direito patrio por M. A. Coelho da Rocha. Terceira edição. Coimbra, 1851, pag. 229.

Reportorio geral das leis extravagantes, tom. 1.º pa. 80: BULLA *Dominus ac Redemptor noster* foi admittida. C. L. (Carta de Lei) 9 de setembro 1773. (*)

O snr. conselheiro, par do reino, dr. Antonio Luiz de Souza Henriques Secco, cathedratico, a quem se deve um recente e precioso livro de investigações historicas, *Memorias do tempo pãssado e presente para lição dos vindouros*, Coimbra, 1880, escreve: *Clemente XIV extingue a ordem dos Jesuitas, a instancias dos reis de Portugal, França, Hespanha e Napoles pela BULLA Dominus Noster (julho de 1773.) (**)*

*

Das authoridades citadas apenas vive o snr. conselheiro doutor Henriques Secco. E' natural que tanto s. ex.ª como os seus cumplices em ignorancia sejam dardejados pelo segundo-annista. Se o theologo lhe desfechar chalaças immoderadas á sua inintelligencia de diplomas pontificios, haja-se o venerando cathedratico tolerantemente. Não lhe feche as valvulas; porque um theologo intupido, com os sifões obstruidos e as torneiras oxidadas, póde deflagrar-se em estilhaços de asneiras que firam de recochête o *Corpus Theologicæ*, barriguda matrona que deu á luz tres filhas, notaveis serêsmas, — a *Polemica*, a *Dogmatica* e a *Lithurgica*. Tambem deu a *Moral*; mas essa, a *Moral* dos pastores de almas, desde que elles pegaram de pastar nos corpos das ovelhas, bateu as azas e voou, como o negro

(*) 2.ª edição de Coimbra de 1843.

(**) *Novos Elogios historicos dos Reis de Portugal, ou Principios da Historia portuguesa para uso das escholae*. Coimbra, 1856, pag. 164.

melro da tantiga, e divaga nas amplidões do empyreo, em grande reinação, com o Larraga e o Buzembau e o padre Sanches.

*

Agora, captado pela sympathia que me inspiram todos os ignorantes involuntarios, e pelo desejo que nutro de concorrer com alguma argamassa para a edificação do futuro cardeal Rodrigues, vou dizer-lhe porque o breve é bulla, e a bulla póde ser ou não ser breve.

O snr. José Maria conhece de nome, e talvez de vista, diversos *Bullarios*. Tem ahi na bibliotheca da Universidade o *Magnum Bullarium Romanum* de Leão Magno até Benedicto XIII; e outro até Benedicto XIV — 31 vol. in-folio, cuja leitura lhe prescrevo como se fossem banhos de *douche*. Tem além disso, o *Bullarium canonicorum regularium congregationis Sanctissimi Salvatoris*; *Bullarium Sanctissimi D. N. Benedicti Papa XIV*; o *Bullarium ordinis eremitarum S. Augustini*; o de Benedicto XIV, com constituições, epistolas, etc. publicado até 1746. São 7 vol. tambem in-folio. Veja se póde adheril-os ao epicraneo como sedenhos revulsivos. Verá que se lhe abrem auroras novas n'essas escuridões cerebraes e cerebrinas, de modo que venha a perceber, *a giorno*, o que vou dizer-lhe na attitude mais pedantemente pedagogica que eu puder.

O snr. Rodrigues n'esses *Bullarios* encontra promiscuamente bullas, breves, rescriptos, lettras, diplomas, cartas encyclicas, etc., tudo que respeita á curia romana e ao fôro ecclesiastico, porque a todos e cada um d'esses instrumentos cabe o nome de *bulla*, como acertadamente diz o canonista fr. Joaquim de Sancta

Rosa de Viterbo. Analogicamente, o fóro civil abrange varias especies de leis : umas chamadas *Cartas de lei*, ou *Lei* por excellencia ; outras, *Alvarás*. Não se differenciavam, porém, na força e vigor, porque ambas obrigavam igualmente os vassallos. A differença é meramente formalista. A *Carta de lei* começa por exemplo : *D. José por graça de Deus, rei de Portugal, etc.*, e o *Alvará* por : *Eu, el-rei, faço saber, etc.* Na *Carta de lei* o principe assignava : *El-rei* ; e no *Alvará*, simplesmente : *Rei*. Além d'isso, a *Carta de lei* era perpetua, e o *Alvará* tinha valor só por um anno, quando o rei não declarava que fosse perpetuo, não obstante a ordenação. Outras especies de Lei, obsoletas algumas : — *Provisão. Foral, Censual, Posturas, Interpretações da casa da supplicação*. O agrupamento d'estas leis, diversas na contextura ou em insignificantes formalidades, chama-se *Legislação* ; do mesmo modo que a complexidade de diplomas pontificios, ou bullas, chama-se *Bullario*. Em novembro de 1695 Balthazar Duarte foi encarregado de reunir todas as lettras procedentes da Curia que se lhe forneceram do real archivo, e que as denominasse *BULLARIO do reino*. (*)

Se isto não é claro e convincente, não sei que mais lhe possa dizer por uns ignobeis sete vintens e meio ! Estou espantado da paciencia do leitor, que não é theologo, e da minha que não sou por habito um estafador professo ! Se o snr. José Maria ainda não está saturado, n'esse caso embeba-se d'aquillo com que, para germinar, se satura a pevide da abobora. E quando o snr. Rodrigues assumir na cathedra uma colossal cucurbitacea com muitas theologias intestinas, então me fará justiça, porque terá explodido todos os embriões da theo-

(*) Reportorio geral das leis extravagantes por Manuel Fernandes Thomaz, tom. 1.º pag. 81.

logica pevide; — que, por emquanto, é pevide, snr. José Maria, e simplesmente pevide em terra de charneca mal adubada.

§ III

As minhas ignorancias linguisticas e historicas

A orthographia preoccupa-o e desvaira-o. Vê-se que o padre a tem correcta; mas isso não lhe dá direito a causticar a gente. Elle faz lembrar uma nota alegre que Roqueplan escreveu a respeito das *Lorettes du monde*: «*Elles ont de l'orthographe, mais elles en abusent.*»

Observa, um tanto escandalizado pelos foros da etymologia, que eu escrevesse primeiramente *entendo* com *e*, e depois emendasse para *intendo* com *i*. Tambem nota que eu protervamente supprimisse uma virgula que primeiramente pozera adiante de *homens*, sendo talvez mais grammatical por-lhes a virgula atraz. Isto, da minha parte, accusa profundos mysterios de ignorancia na missão incorruptivel da virgula! Mas ha disparates muito peores que o theologo arpouu nos meus *Narcoticos*. Elle promette nunca mais considerar *erros typographicos* certas coisas, á maneira de umas *inezactiões* que tem encontrado nos meus escriptos.

Com um sorriso socraticamente tolo, apoda que eu escrevesse *auctographo* nos *NARCOTICOS*, tom. II, pag. 187. Ora, se eu escrevo *auctor*, e não *autor*, segundo a etymologia latina, escrevo *auctographo*, e faço muito bem.

Embirra egualmente com *auctonomia*. *Auto* (*autós*) é um prefixo, significando — *de si mesmo* —, e com elle se fórma *autobiographia*. Ora eu, assim como escrevo *auctor* e não *autor*, cujo prefixo grego *autós* é

o mesmo na formação da voz latina *auctor*, porque não hei de escrever AUCTIONOMIA — *lei propria*, — *auctori-dade de lei sua*!

Faz questão do *y* em *lythographada*.

Na pag. I das *Notas á Sebenta*, escrevi: « Na 27.ª licção *lythographada* . . . »; e, na pag. 4.ª, escrevi: « As *lythographias* fecundadas pelo doutor. » Na pag. 1 das *Notas ao folheto*, escrevi: « O discipulo que a redigiu e *lythographou*. » Ahi estão tres exemplos sem o *ypsilon*. Porém, o padre teve a fortuna de foçar com solicito focinho um *y* a pag. 5; e, feita a ditosa descoberta, concluiu que eu, desconhecendo a orthographia do vocabulo, usava o *dialecto beocio*. Foi, todavia, um erro da imprensa. A pagina suspeita do original do meu folheto está em poder do meu amigo Ernesto Chardon para quem a quizer examinar. Todos os escrupulos são diminutos n'uma questão de orthographia com o impudentemente pãrvoeirão e reles polemista que se agarra a tão miseraveis frioleiras. Quem dirá que elle fingindo perceber dialectos gregos, não lhe conhece sequer os caracteres do alphabeto, como logo demonstra, rei? Eu não ousaria arguir de erro digno de nota quem voluntariamente escrevesse *lythographia*; porque os dictionaristas escrevem *lythotomia* e *lithotomia* que tem a mesma etymologia grega, λιθοτομία, pedra. A petrificada cabeça d'este theologo é que está a pedir lithographia barata para estudos de anathomia comparada; e, além d'isso, uma cabeçada de corda não seria de mais.

Tambem mostra suas duvidas em acreditar que seja erro de imprensa Henrique III rei de Inglaterra, servido pelo portuguez Pedro Alvares de Almada. Não era III — era VI. Na typographia menos cuidadosa, onde os *Narcoticos* foram impressos, separaram as pernas do *v*, e formaram *ii*. Eu escrevi de Henrique VI rei de Inglaterra, que foi sagrado rei de França em 1430, e

omitti que era antecessor de Henrique VII que, em 2 de março de 1501, fez cavalleiro da Jarreteira Pedro Alvares de Almada. Permitta Jupiter que nas typographias façam identica arrelia ao implacavel theologo e nunca lhe deixem um v com as pernas unidas!

Depois, aponta com dêdo perspicaz e ares farçolas as seguintes ineptias: *Lukianos* (em logar de *Luciano*) na *Bibliographia*, 3.º anno, n.º 5, pag. 83, e suspeita que eu aprendesse o referido dialecto *beocio*, ou estudasse grego com o padre mestre Jorge. O padre mestre Jorge, Deus lhe falle n'alma, não sabia grego; mas tambem não tinha a petulante ignorancia do theologo soez fingindo que o sabe.

O escriptor que os latinos chamam *Lucianus*, e os francezes *Lucien*, e nós *Luciano* chamava-se em grego *Lukianos*. Bellin de Ballu, o mais estimado traductor das obras completas d'aquelle humorista da Samossatia, na biographia anteposta ao primeiro tomo, escreve: *LUCIEN, dont le veritable nom est LOUKIANOS...* etc. (*)

Ora olhe, padre. Este nome, em grego, escreve-se assim ΛΟΥΚΙΑΝΟΣ. Ainda que, á primeira vista, a 1.ª letra lhe pareça um *A*, não é: é um *Lambda* (*L*). A 2.ª e 3.ª são um dos cinco dithongos chamados *proprios*: pronuncia-se *u* latinamente, e por isso o traductor francez de Luciano escreveu o seu dithongo *ou*. (**) *A*

(*) *Euvres de Lucien traduites du grec, d'après une copie vérifiée et revue sur six Manuscrits de la Bibliothèque du Roi, avec des Notes historiques et littéraires, et des Remarques critiques sur le texte de cet auteur.* A Pariz, 1788, 6 tom. 4.º

(**) A formula antiga do dithongo, como se vê em Suidas e em Clenardus, é outra, semelhante a um zero com um asento breve latino; mas não se encontra entre os caracteres gregos das typographias modernas. Vem a ponto a reflexão

4.^a letra é um *Cappa* (k). A 5.^a um *Iota* (i), assás conhecido no universo illustrado. A 6.^a é um *Alpha* (a). A 7.^a é um *Nu* (n). A 8.^a letra é um *Omicron* (o). A 9.^a, finalmente, é um *Sigma* (s). Soletre e leia : *Lukianos*. Se não está saturado, consulte o *Lexicon* de Suidas, com as explanações de Ludolf Kuster, 1705, quanto á palavra; e quanto aos caracteres informe-se com Nicolaus Clenardus, *Institutiones absolutissimæ in Græcam linguam. Item. Annotationes in nominum verborumque difficultates. Norimbergæ, 1553.*

Brrrr! Se não intupi gregamente d'esta vez o theologo, então... bolas!

Convem saber que as christandades execraram sempre Luciano á conta de uma biographia escandalosa que elle escreveu intitulada *Morte de Peregrinus*. O snr. Rodrigues, esse então ganhou tal birra ao epicurista que até faz troça a quem lhe escreve o nome. Não é destempero de ignorancia; — é chacota sagaz de catholico romano. Mas — se é licito um momento de seriedade — que espontanea abdicção este homem está fazendo dos seus direitos a uma qualificação honesta entre os escriptores banaes e inoffensivamente pata-ratas!

Porém, o que sobremodo me maravilha é o padre, em tom de laracha, notar que eu tivesse escripto, nos *Narcoticos*, pag. 160, que *Carlos Magno é o heroe do bispo de Turpin!*... Eu imaginava que este homem tivesse copiosa noticia de um livro commum de todos os doutos e lorpas intitulado *Historia do Imperador Carlos Magno e dos doze pares de França*. Antiquissi-

para que o snr. Rodrigues fique entendendo que o hellewista portuguez Rodrigo Ferreira da Costa manda escrever o ditongo de ambas as maneiras, sempre com a pronuncia de u portuguez.

mos monumentos combinam-se em evidenciar a existencia d'um *bispo Jean de Turpin*, na opinião d'alguns, arcebispo de Reims, que seguiu Carlos Magno e fez chronica das suas proezas, que são essas mesmas referidas nas versões que ainda hoje delicias os sapateiros, e attestam a ignorancia dos theologos. Padre José deve ler *Scriptores* de Renberus (Hanau, 1619) e a chronica de Philippe Mousker, editada por Reiffenberg, e principalmente Ciampi, no livro intitulado *De vita Caroli Magni et Roland historia, J. Turpino vulgo tributa*, Florença, 1822. O snr. Rodrigues affaça-se a consultar o seu collega e collaborador na *Civilisação Catholica*, doutor Luiz Maria da Silva Ramos, antes de atirar os seus manuscriptos á rosa dos ventos. É incrível que o cathedratico não levasse de Braga para Coimbra idéas muito nitidas a respeito de Carlos Magno e do bispo de Turpin! Consultem entre si as mutuas sapiencias, porque os considero cada vez mais no chiste virgiliano :

respondere parati,

e no caso de reciprocamente se entenderem.

§ IV

As minhas ignorancias theologicas

Para me curar d'esta enfermidade genial, recomenda-me a leitura de certos livros religiosos espanhoes e latinos. Imagino este sujeito um pobre homem de boa fé, collocado em um gremio de cretinos, persuadido de que as questiunculas sobre infallibilismo, fóra das aulas, onde se aprende o officio de padre, podem preoc-

cupar as vigílias de pessoas que estudam. Eu quero lá saber dos seus livros, snr., desde que vejo que elles não lhe ensinam coisa que preste! Por exemplo, diz-me o theologo: *Quereria... dizer que não é dos crentes na Infallibilidade dos homens, e por tanto na do Papa porque os proprios crentes a não intendem? N'este caso commetteu uma inexactidão doutrinal, pois os crentes (fallo dos que sabem dar a razão da sua fé) intendem a infallibilidade do Papa.*

« Sabem dar a razão da sua fé! » Se ha alguem que saiba dar a *razão* da sua *fé*, esse pode expungir a vaga palavra *fé*, e substituil-a pela formula positiva — *razão*. Pois que é *fé* senão o assentimento aos dogmas que não se percebem nem se raciocinam? Se alguem podesse raciocinar escorreitamente a sua fé, não haveria conflictos entre a Fé e a Razão. Um acto de fé é o antipoda de um acto de intelligencia. Para ter fé não é preciso pensar. O que é preciso é não pensar. *Ama nescire*: « Compraz-te na ignorancia » aconselha Kempis. E S. Paulo affirmou que a sciencia inchava. Haja vista á inchação do theologo: uma hydropsia de erudição latina, grega e tudesca. O Apostolo das gentes tinha razão: referia-se aos inchaços dos absurdos, á bazofia dos glutões de glotticas como Rodrigues que parece não ser hospede no tartaro-mantchu e em varios dialectos chinezes. Rica lingua de padre! Mas quanto a grêgo, senhores, está na grammatica paphlagonia ou capadocia.

Tornando á infallibilidade. Os *crentes*, tanto percebem elles se a infallibilidade está com o papa na sua alcôva como se está na cathedra dos concilios geraes. Nem distinguem se o Espirito Sancto está n'elle ou nos concilios ecumenicos. Se a esses crentes explicarem que houve concilios geraes que divirgiram das decisões de outros concilios geraes, os taes crentes principiam

a suspeitar que o Espirito Sancto se accomoda com todas as opiniões. Eu, por mim, tanto percebo a infalibilidade de um só bispo como a de muitos reunidos. Acho que até é peor e mais compromettedora para o Espirito Sancto a pluralidade; porque, havendo divergencia, não é facil decidir se o referido Espirito Sancto está com a maioria, se com a minoria.

E' melhor não saltar para esse campo golpeado de precipicios, padre José. O snr. theologo está com as legendas tradicionaes, derivadas deductivamente de transcendencias metaphysicas; eu estou com a historia critica impressa nos annaes do genero humano e com a revelação da sciencia. Separa-nos a distancia que vai de Cagliostro a Orfila. O velho Testamento tem para mim uma importancia menos litterariamente util que o symbolismo da Theogonia de Hesiodo; e os Evangelhos, tanto canonicos como apocryphos, expurgados de hallucinações anagógicamente messianicas, apenas me induzem a acceitar a tradição variadamente escripta de que, cento e tantos annos antes de serem forjados esses mythos de envolta com os de Simão Mago e Apollonius de Thyane, (*) se praticou em Israel a provada crueldade do supplicio da cruz na pessoa innocentissima de Jesus Nazareno, um amigo da arraia-miuda onde estava a fraqueza acalcanhada pela força. O sancto idealista escolhera doze discipulos, um dos quaes, apesar dos milagres, o vendeu, e outro o negou, depois de ter com deshumana injustiça cortado uma orelha a um soldado do pretorium que cumpria as ordens do centurião e respeitava a disciplina militar. Era muito mais

(*) Veja S. Lucas, *Act. dos Apost.* e Philostrato, *Vida de Appollonius de Tyane.*

coherente e louvavel que cortasse as duas orelhas ao perfido Judas. Não acha?

E da bibliographia d'esses casos, — note lá — prefiro os evangelhos apocryphos, porque os acho mais ingenuos, menos hyper-cosmicos, e mais convisinhos da tragedia do Mestre. Não temos, pois, que contender em sabbatina de dogmas. O snr. Rodrigues é um vidente hypnotisado por Thomaz d'Aquino; — é um feliz, com espirito sufficiente para apanhar bem-aventuranças celestiaes e terrenas. E eu, espertado pelos espinhos da cruel verdade experimental, sou máo somnambulo. Vejo a natureza e o mundo até onde a sciencia implantou as balisas do comprehensivel. D'ahi para dentro, escureja o abysmo d'onde o snr. José Maria evoca as suas phantasmagorias, se é que as evoca; por que eu pendo a crer que o snr. Rodrigues pertence a uma egrejinha de *hypocritas benevolos e cortezes*, assim pittorescamente definidos por Lützelberger.

*

Ora agora, em outras ignorancias de escada abaixo, d'uma chatêza toda humana, estou, de muito boa vontade, prompto a entreter os ocios do snr. José Maria Rodrigues. Por exemplo: Eu na *Cavallaria da Sebenta* escrevi com mão imperita: *Os papas não differençavam virtualmente bullas de breves quando extinguiam ordens de frades e de cavalleiros. Clemente v, em 2 de maio de 1312, extinguiu os templarios com bulla; e o papa Urbano VIII e Innocencio x aboliram com breves as ordens de Santo Ambrosio e da Madre de Deus.* O snr. Rodrigues, n'este lance, franze a testa escantoada, corisca-me uns olhares de reprovação pelo insulto que eu fiz á veridicidade historica d'um facto de primeira

ordem, e exclama graphicamente:— *Antes de mais nada um pedido. (*)*

—Pois não? póde mandar, padre!

— *Para outra vez será melhor que o snr. C. C. B. não estropie os nomes d'estas ordens. Ordem de S. Bernabé e de Santo Ambrosio do Bosque e ordem dos Pobres da Madre de Deus das Escolas Pias — é como ellas se chamavam.*

Perdão! Não fiz o maior cazo do *Bosque*, por intender que Ambrosio era tão conhecido pelas suas virtudes que não precisava do appellido para ser venerado em todo o universo, onde chegar este folheto. Observe, porém, o snr. Rodrigues que o papa Clemenre XIV na bulla *Dominus ac Redemptor* diz que quem era do *Bosque* era Bernabé e não Ambrosio, como o theologo inculca. Agora é o theologo capaz de me regougar muito latim para me provar que o *Bosque* era *commum* dos dois sanctos, ou os dois sanctos eram *communis do Bosque*. «*Expeditas litteras (diz o papa) Ordinem Regularem sanctorum Ambrosii, et Barnabæ ad nemus perpetuo suppressit, extinxit, etc.*» Lá como quizer. Ora agora, se eu suprimi o Bernabé emparceirado com o Ambrosio foi porque me persuadi estupidamente que o factio historico se podia dispensar da intervenção do aliás respeitavel Bernabé com quem não tenho a menor desintelligencia, nem elle até ao presente me deu motivos de menos consideração. Quanto á illipse dos *Pobres* e das *Escolas pias* isso fia mais fino. Apresso-me por tanto a declarar que a abolição da *Ordem da Madre de Deus*, sem os *Pobres* antes, e as *Escolas pias* depois, *Ordinis Pauperum Matris Dei scholarum piarum*, daria uma ideia muito imperfeita de Innocencio X que a aboliu, e muito ordinaria dos meus conhecimen-

(*) Textual, pag. 15.

tos ecclesiasticos. Palavra de honra, padre! Não torno mais a estropear a coisa.

Outra pólpa de ignorancia em que elle me crava a unha intolerante. Para mostrar a differença que vai de bulla a breve, adduz um argumento da legislação civil, e pergunta-me: *Se alguns jurisconsultos e historiadores, por exemplo, se lembrassem de chamar lei a um decreto, este deixaria de o ser, e passaria a ser lei?*

Esta inepcia é contraproducente. Ha *decretos com força de lei*. E todos os decretos adquirem força e vigor de lei geral, desde que tem a regia sancção, (estyllo antigo), porque a *lei* é absoluta, e é a expressão da vontade soberana. Tinham os decretos tal força que suspendiam as *Cartas de lei*, chamadas *Lei por excellencia*. Por exemplo, o decreto de 17 de junho de 1778 aboliu a carta de Lei e Pragmatica que declarava e ampliava as leis testamentarias. *Decreto* e *lei* são synonymos: qualquer dictionario lh'o ensina.

O argumento, pois, do snr. José Maria parece que fui eu quem lh'o apresentou para demonstrar que *Bulla* e *breve* são denominações do mesmo documento na legislação canonica. O theologo, pelos modos, quiz tirar umas notas do rabeção do proverbial sapateiro. Quem o mandou tocar? Em todos os districtos da sciencia, que perlustra, dá sorte. É encyclopedico no seu genero infeliz.

§ V

Saturação do papa

Segundo Rodrigues, o sancto padre não estava saturado; foi por medo das tropas estrangeiras que aboliu a companhia. Verdade é que a bulla reza coisas dos jesuitas que só á ponta de baioneta podiam ser arrancadas do peito do summo-pontifice, e não lhe sahirem espontaneamente da consciencia. Inscreva-se, pois, na historia ecclesiastica e nos Fastos pontificaes que Clemente XIV ditou a bulla debaixo de uma trovoadá emminente de sacrilegos sopapos e cronhadas d'armas.

§ VI

Deturpações que fiz na Bulla

Concorre tambem bastantemente como prova de não estar saturado o sancto padre apparecer no extracto que fiz da bulla o adverbio *mesmo* depois do artigo *o*; sendo aquelle *mesmo* na composição latina o pronome — *eodem*. De mais a mais, dá-se a infamia de apparecer tambem alterado em *louvados* um adjectivo que na redacção latina é *louvadas*. Por causa d'estas *adulterações*, que eu fiz acintemente nos extractos da Bulla e por não ter sublinhado 2 *etceteras*, me chama o snr. José Maria Rodrigues *faquin litteraire* — para vingar um qualquer enchovedo da sua casta a quem Balzac applicou o epitheto. *Faquin litteraire* a mim

que até agora tenho resistido ao justiceiro impulso de lhe chamar BURRO! É onde pôde chegar a descortezia e a ingratidão, já não direi a falta de caridade propria de um ministro do mansissimo Jesus! E isso mesmo de lhe chamar *burro* é hyperbole de que ainda me não sinto capaz.

Mas o que faz piedade é estar eu innocentissimo n'esta grave accusação de deturpador da Bulla *Domini ac Redemptor*; ao passo que Rodrigues affirma que eu fiz umas *variantes infelizes e não sagazes*. E, se eu demonstrar que as *variantes* não são minhas, mas de um illustre e grave escriptor catholico-romano, ardente propugnador da infallibilidade do papa — como ha de o snr. José Maria indemnizar-me das perdas e danos que soffreu o meu credito com tão fulminante calumnia?

Ahi vai a historia commovente que ha de jorrar bicas lacrimosas de remorso nos olhos do theologo.

O respeitavel snr. conde de Samodães publicou em 1882 um livro intitulado *O marquez de Pombal cem annos depois da sua morte*. N'este livro, desde pag. 265 até 295, vem trasladado integralmente o Breve *Domini ac Redemptor* vertido em portuguez. Confrontei as primeiras paginas d'esta versão com o traslado de Antonio Pereira de Figueiredo que se encontra na *Collecção Josephina*, e vi que o snr. conde aproveitára a traducção do grande latinista. Descansei sobre a fidelidade do traslado. E, tendo eu de fazer imprimir no meu opusculo alguns extractos da Bulla, mandei as paginas do snr. conde, sem mais exame, para o prelo.

Quaes são as duas deturpações *infelizes e não sagazes* de que me accusa o snr. José Maria? Elle rompe n'estes dizeres :

« No segundo extracto de pag. 17 do opusculo do snr. C. C. B., lê-se: « *Porém, presi d'indo mesmo o nosso pre-*

decessor Clemente XIII . . . Ora na traducção que tenho presente está: *Porém* presidindo o mesmo nosso predecessor Clemente XIII . . . Uma cousa é *presidindo mesmo* — outra cousa é — *presidindo o mesmo.* » Até aqui Rodrigues.

E Rodrigues tem carradas de razão; mas quem deturpou o texto que lhe agradeça a *piada* grammatical. Com vista pois ao snr. conde de Samodães-que a pag. 281 da citada obra, diz: *Porém presidindo mesmo o nosso predecessor Clemente XIII* . . .

Prosegue Rodrigues, frêchando-me a segunda calúnia: «A outra variante lê-se no mesmo extracto: «Que por este titulo se achavam *louvados.*» *Louvadas* lêio eu na traducção e assim o exige o texto latino».

Segue-se muito rapé e latim em barda, um latim perdido, porque não era necessario. Tem rasão o theologo; mas que lhe responda o snr. conde de Samodães e lhe explique com que intenção malevola corrompeu o texto da Bulla, escrevendo a pag. 282 do seu citado livro: «E que por este titulo se achavam *louvados.* . etc.»

Mas, seriamente, que lucraria o snr. conde com a corruptella do texto a favor do papa, ou que lucraria eu, se a praticasse, contra o papa? O que eu sei é que o snr. Rodrigues a mim por causa d'estas variantes chama-me *faquin litteraire*; e ao snr. conde de Samodães não sei com qual amabilidade o lisongeará.

O que a meu ver é certo, em honra do snr. conde, illustre escriptor orthodoxo — é que s. exc.^a reviu mal as provas do seu livrô; e em minha desculpa tenho a alegar que confiei no cuidado que o esmerado escriptor devia ter na fidelidade de um documento tão importante.

Ao snr. conde de Samodães presto a homenagem que ninguem denega á sua probidade. Quanto ao bestial interprete de intenções sinistras d'esses dois erros

de imprensa, tudo me compelle a desconfiar que na cellula d'este padre se estão formando os embriões d'um futuro e notavel marôto. O aleivoso imprudente, adversario da fina cortezia, parece que se empenha em fazer retroceder a Eloquencia aos tempos de Homero, segundo o qual, Achilles, apostrophando Agamemnon, lhe chama *cão* e *bebado*. Eu, por emquanto não farei entrar estas metaphoras nas minhas prosas.

Recapitulação

Por ultimo, com a mão na consciencia, declaro que o theologo snr. José Maria Rodrigues, em uma secção espinhosa da sua obrinha, entrou bem e com rara felicidade: foi na questão das bolas em que elle mostrou ser exegeta consummado, d'uma orientação que seria chata se não tratasse de objectos redondos. E um triumpho em bolas é tanto mais admiravel quanto, como diz Voltaire, *il est difficile de s'élever quand le sujet baisse*, obrigado pelo pezo das mesmas bolas.

No resto, pelintramente. Nem linguagem que releve a penuria de litteratura, nem sciencia que indulgenceie a elocução charra, arrastada, d'um trivialismo pifio, com um ranço parenetico de vigario sertanejo, sem resalto que nos dê a lucilação fugidia de um relampago de habilidade.

Ouvi dizer que este homem possui mais linguas mortas que uma salchicharia. Quanto ás vivas, já transpoz os penetraes da Europa á cata de alphabetos; e, quando tiver explorado a glottica dos hemispherios ambos, tenciona estudar as elegancias da lingua patria e mais a rhetorica do padre Cardoso. Contam que sabe grego, e passa em Coimbra por ser pythagoricamente a

metempsychose melhorada de Ayres Barboza. Elle o demonstrou exuberantemente fazendo troça ao nome proprio *Lukianos* e ao helenismo beocio de um reportado e modesto professor do seminario episcopal portuense, meu saudoso mestre, que está no sepulcro, e tem á volta uma grade que veda o accesso aos cões.

Qualquer mediocre homem de letras, sem tintura de theologias, nem a artilheria encravada das linguas mortas, sahiria mais destramente da altercação a que fui provocado pela acrimoniosa audacia, d'um orgulho brutal, disfarçado em imposturas orthodoxas, d'este theologo pouco superior á craveira d'uns parvajolas de sotaina que o enfatuam e espoream n'estas cavallarias. Toda a sua controversia compendiou-se em desprezíveis peguilhos de virgulas, de adjectivos, de *Bernabés do Bosque*, de *escolas pias*, omittidas e de *etcæteras* não sublinhados: — a prancha podre de todos os tolos em naufragio. Tendo de deflagrar alguma parvoçada estrepitosa, capitulou desbragadamente Draper de *parvo* e o canonista Sancta Rosa de Viterbo de ignorante em Bullas e Breves. Amanhã insultará João Pedro Ribeiro, Antonio Pereira de Figueiredo, o arcebispo Santa Clara e o cathedratico Coelho da Rocha.

Elle é typo muito de molde para explorações realistas; mas eu estou fatigado e vencido pelo tedio de tão canhestro adversario. Devia ser examinado este padre pelos processos anthropologicos, mezologicamente, na sua physiologia psychica.

Dois traços para os especialistas.

Foi gerado e nascido em Monsão onde consta que tambem nascera o grande theologo Paulo Orosio que o Dante collocou no Paraizo :

*Nell'altra piccioleta luce ride
 Quel avvocato de'tempi cristiani
 Del cui latino Agostin si provide.
 (Del Paradiso. Canto x).*

Mas est'outro theologo Rodrigues, patricio de Or osio, quanto a paraizo, póde contar com o que Milton lhe destinou: o dos idiotas.

*...Limbo large and broad, since call'd
The Paradise of Fools.*

E n'uns versos acima lhe explica Milton o que é o Paraizo dos idiotas:

*...and many more too long
Embryo's and idiot's, eremites and friers
White, black, and gray, with all their trumpery,
Here pilgrims roam, that stray'd so far to seek
In Golgotha him dead, wo lives in Heaven;
And they who, to be sure of Paradise,
Dying put on the weeds of Dominic,
Or in Franciscan think to pass disguis'd.*

A salôbra, álgida e pouco fiel versão de Targini diz assim:

Mil idiotas
Hermitas, frades brancos, pretos, rusços,
Com a sua escolastica sciencia,
Alli vão; como os nescios peregrinos
Que a milhares se perdem, quando voltam,
De buscar no sepulchro como morto
Quem no ceu ora reina; e os que se cobrem
Já da morte no leito c'o uniforme
D'hum Franciscano ou d'hum Dominicano
Para ter um logar no Paraizo
Crendo que por tal habito lá entrem.

Mas aquelles Rodrigues de Milton quando cuidam que S. Pedro lhes abre as portas do ceo, são dispersos por uma rajada de vento que os despedaça no espaço

e mais os seus rosários, e reliquias e dispensas, perdões e bullas:

...then migh ye see
*Cowls, hoods, and habi's wi'h their warrers tos:
 And flutter'd into rays, then reliques, beads,
 Indulgences, dispenses, pardons, bulls,
 The sport of winds.*

(Book III, PARADISE LOST).

Como se disse, elle é de Monsão. Alli onde abundam os sôlhos nutritivos, os saxateis salmões e as lampreias glutinosas, a encerebração do minhoto José Maria operou-se com muito phosphoro. Se o tivessem dirigido n'aquelle meio pelas assás conhecidas orientações, não seria grande prodigio, vingando habilitar-se para mestre de instrucção primaria na sua terra, continuando a subtilisar os seus centros nervosos com o rico pescado indigena, e a equilibrar-os com a restante engrenagem organica, entregando-se nos braços do matrimonio, a não preferir um lyrico *être avec* ás caricias de uma esposa fecunda e d'uns pequenos Rodrigues cheios de meiguices e ranhos. Porém, a transferencia da uberrima natureza livre e san das eminencias largamente horisontadas e lavadas de ventos gallegos, para o soturno e fetido collegio bracarense de *Mi-nerva*, onde consumiu a sua juventude como perfeito e pedagogo em varios ramos, fez que o desequilibrio das funcções do baço, do pancreas e da bexiga com o grande sympathico e ganglios supra e infra jacentes, lhe pozesse no figado umas irritações morbidas, já recrudescidas pela zanga aos pequenos gaiatos collegiaes, já pelas invejas mordentes da mitra de João Chrysostomo, e da parelha e da libré do primaz, digna dos saudosos carnavaes da minha infancia.

De Braga, nas azas do genio ou talvez nas rodas do comboio, passou o snr. José Maria para Coimbra, a

marcar passo para o seu futuro infallivel no episcopado portuguez; mas não melhorou do figado e mais visceras. As suas secreções hepaticas não lhe dão aquella mysantropia concentrada, silente, — a *bilis atra* de Persio. O que elle tem são derramamentos de theologia dogmatica com o azedume da *splendida bilis* da satyra de Horacio — uma raiva especial que desde Thomaz d'Aquino e outros seraphicos doutores da religião italiana, se chama *odium theologicum*; — um furor, emfim, que na Grecia de Sophocles e Euripedes, suppurava pelas furias de Ajax e Orestes; nos tempos de Izabel a Catholica espumejava nas coleras sanguinarias de Torquemada; e hoje em dia, graças aos commissarios de policia e á Carta Constitucional, rebenta em simples trovoadas de asneiras.

Tal é o theologo que eu tenho de aturar por longo tempo.

V

E ULTIMO

Quando o snr. José Maria Rodrigues, mordido na sua consciencia de escriptor catholico, intender que os seus e meus leitores, mais ou menos pios, estão sufficientemente chloroformisados com os nossos folhetos, ajude-me a praticar a obra christan e honesta de os livrarmos das nossas amendoadas. Bem vê. V. Ex.^a e o snr. doutor Callisto e eu já não fazemos com 6 tostões e 30 reis, salvo erro, o desfalque em que temos capitado... — ia a escrever *decapitado* — os nossos compatriotas. E' muito 30 reis de theologia em um paiz onde o catholicismo para triumphar se dispensa do latim e do grego. As pingues juntas de bois, que tre-

pani até ao pincaro do Sameiro, expedem de lá mais almas para o azul do que S. Ex.^a o snr. theologo hade guindar, convencendo-me de que o Turpin não tinha a particula *de*, e que as bolas eram prerogativa das bullas, e que Bernabé, além de ser um grande sancto, era *Barnabé*. N'isto de religião e de restaurantes dou mais pelos bois, ricos mananciaes de bifes, do que pelas nossas prosas cheias de feculas indigestas, d'uma erudição flatulenta que vai introduzindo a timpanite nas familias — velhos habitos do clero minhoto, por outros methodos mais bucolicos, e, salvo seja, mais opilantes.

*

O snr. Rodrigues accusa-me de *injurias, erros e mentiras*. Quanto ás injurias, transige. Está no seu dever apostolico. O divino mestre manda pôr á disposição dos aggressores a face ainda não esbofeteadá dos seus discipulos. Mas eu não injuriei o meu adversario; apenas fiz menção dos epithetos aggravantes, mas não applicados, que eu poderia frizar com os seus atrevimentos mal legitimados pela insufficiencia de conhecimentos. Ao passo que S. Ex.^a se queixa com excesso de melindre das injurias, o commum dos meus leitores accusa-me de froixo e tolerante. Melhor é assim.

Insensivel, porém, ás imaginarias affrontas, o snr. José Maria Rodrigues não me poupa quanto a *Bullas* n'um estafador § I; depois, *Ignorancias linguisticas e historicas*, das quaes fórma o § II; com as *Theologicas* enche o § III; as *Deturpações do breve* constituem o § IV.

Quanto a *Bullas*, conta-me o snr. Rodrigues pela quarta vez que os *Breves* tem um sello de cera vermelha com a imagem de S. Pedro pescando. D'accordo.

E porque tem um *sêllo* é que o *breve* pôde ou talvez deve chamar-se *bullâ*, sendo que BULLARE *signifie* SCELLER — *c'est l'etymologie la plus convenable* — escreve Durand de Maillane. (*)

Refuta a definição de Viterbo e das vinte e duas auctoridades que ajuntei áquella. Ora, eu não tenho a vaidade de me reputar mais instruído que Antonio Pereira de Figueiredo, e Cenaculo, e o doutor Santa Clara e Coelho da Rocha. Se o snr. Rodrigues desacata mestres tão illustres, que posso eu esperar, simples curioso no estudo d'estas bagatellas?

Demonstra que D. Nicoláo de Santa Maria não era mais illustrado que os outros chamando *Breve* a certa *Bulla*. Logo lhe demonstrarei que o doutor em canones D. Rodrigo da Cunha, o grande historiador ecclesiastico, tambem chamava *breves* aos diplomas que o snr. Rodrigues chama *bullas*. E' mais uma victima que eu offereço á sua galeria de ignorantes. A meu ver o chronista dos cruzios, á imitação dos outros escriptores e professores impugnados pelo snr. Rodrigues, não fazia distincção entre os dois diplomas.

Parece-lhe que algumas das auctoridades que citei se enganaram *fiadas nos documentos relativos á supressão da companhia emanados das regioens officiaes*. Nicoláo de Sancta Maria, quando a companhia foi supprimida, já tinha uns 98 annos de sepultura, e D. Rodrigo da Cunha, citado agora, 130. Seja como fôr, figura-se-me temeridade attribuir o erro á ignorancia do bispo de Beja e de Pereira de Figueiredo. E a não ser ignorancia, não se explica o intento da falsificação onomas-

(*) *Dictionnaire de Droit canonique*. Lyon, 1787, *Bulle*.

tica do diploma. O breve tem tanta força como as bullas e até as pôde derogar. (*)

Observa-me o snr. Rodrigues que João Pedro Ribeiro não visitára o cartorio de Roriz, porque o dito cartorio estava na Universidade; e se estava na Universidade, não estava em Roriz. Isto é assim; mas João Pedro Ribeiro, visitando o cartorio procedente do mosteiro de Roriz, não necessitava de ir a Roriz. O snr. Rodrigues vai, por exemplo, ao *Museu Britannico*, e visita a *Bibliotheca Harleiana* ou a *Cottoniana* ou qualquer outra secção de manuscriptos provindos de varias localidades. Isto não quer dizer que S. Ex.^a visitasse as terras d'onde provieram esses codices. De equal theor, o antiquario João Pedro Ribeiro, sem ir a Roriz, visitou na bibliotheca da Universidade o cartorio do convento de Roriz. O snr. José Maria Rodrigues, se pensasse dois segundos no valor do verbo *visitar*, dispensava-se de escrever uma pagina e consumir logica em refutar a hypothese d'uma jornada que eu não tinha imaginado. S. Ex.^a não se deve desviar muito da área das bullas e das bullas, que é o seu baluarte.

Insiste na impossibilidade de haver *Bulla em forma de Breve*. Não é impossivel, por que ha. *Littera* corresponde a BULLA. *In forma Brevis*, imprime-lhe a modificação, a brevidade; mas o diploma, o rescripto, a denominação geral da constituição pontificia é uma só. Se não, consulte o *Dictionarium Lusitanico latinum* de Agostinho Barbosa, impresso em 1611, e veja o termo latino correspondente a bulla. *Bulla do Papa*, (diz elle) *Diploma*. Ora *Breve* que é senão um diploma?

Resumindo, conclue o snr. Rodrigues, a palavra

(*) Gbr. cit.

*bull*a não é um termo generico que designe todas as constituições pontificias. Isto diz o snr. alumno de theologia; mas um canonista respeitado em França escreve o contrario: BULLE... *on donne ce non dans l'usage aux constitutions des Papes.* (*)

O snr. Rodrigues no seu opusculo intitulado *Duas palavras* ensina-me a differença *Bulla* de *Breve*. Diz S. Ex.^a que o diploma, que supprimiu a companhia, se fosse *Bulla*, começaria por *Clemens episcopus servus servorum Dei*, e não seria datado *sub annulo Piscatoris*. Por tanto, um documento em taes condições deve rigorosamente chamar-se *bull*a; — é isso? Ora, queira o snr. Rodrigues abrir o *Cathalogo e historia dos bispos do Porto* do arcebispo D. Rodrigo da Cunha, edição de 1623, tomo 2.^o pag. 3, e queira ler:... «Consta o que temos dito, de um BREVE do papa Paschoal segundo, que está no censual do Cabido, cujo traslado é o que se segue. Traslado do BREVE em latim: *Paschalis episcopus servus servorum Dei*, etc.»

Aqui tem a sua *bull*a denominada *breve* por um dos maiores sabios do seculo xvii.

Agora, leia a pag. 9: «O *breve* que o papa Calixto 2.^o passou contra Pelagio bispo de Braga para haver de restituir á egreja do Porto as terras que lhe havia tomado, é o que se segue: *Calistus episcopus servus servorum Dei*, etc.» (**)

Quer agora ver que D. Rodrigo da Cunha chamava indistinctamente *bull*a ou *breve* aos rescriptos romanos?

(*) Dictionnaire de Droit canonique... par M. Durand de Maillane, avocat au Parlement d'Aix. Lyon, 1767.

(**) Encontra-se outro exemplo a pag. 8. No *Indice das cousas notaveis*, D. Rodrigo da Cunha escreve: BULLA. veja-se a palavra BREVE.

Abra o 2.º tomo do citado *cathalogo* a pag. 129 e leia: «A instancia deste prelado passou um BREVE o papa João 22... para el-rei D. Diniz, etc.» E, depois, especialisando, a pag. 130, alguns trechos que o papa dirige ao rei, escreve: «Diz o papa na BULLA fallando com el-rei» etc. Bata para baixo n'este ignorante, snr. José Maria Rodrigues; apeie do pedestal usurpado a V. Ex.ª estes sabios de cutiliquê para quem os mystérios das bolas nunca se desvendaram definitivamente.

*

Pelo que respeita ás minhas *ignorancias linguisti-e historicas*, nada de cerimonia: é castigar-me a indiscrição de me metter com rapazes, aliás conspicios, mas a passarem de verdes a podres.

Elle diz: «A palavra *auctor* não provém nem pôde provir do *prefixo grego autós*. Deriva de *augere* (*auxi, auctum*). Era escusado citar qualquer auctoridade; apesar d'isso oiça o que diz Littré, *Dictionaire de la langue française*, v. *Auteur*: «Etym. Bourguig. *auteu*; provenç. *auctor, actor*; port. *author*; ital. *autore*; de *auctorem*, de AUGERE, accroitre; radical sanscrit, *ójas*, force. Quem diz que *auctor* deriva de *αὐτός* tambem é capaz de dizer que a palavra portugueza *canna* deriva do latim *canis*.» (pag. 11)

O motejo final é uma explosão de graça pouco vulgar.

Ainda se não tinha mostrado por esta feição o snr. José Maria. Deve cultivar a chalaça, e verá que consegue dispor das grandes gargalhadas alvares das sacristias.

Logo que o leitor poder suster os arquejos hila-riantes, queira ler o que ha a respeito de *αὐτός*, deixando a *canna* e o *canis* para outra barrigada de riso.

O dicionarista etymologico mais notavel entre os portuguezes é Francisco Solano Constancio, auctor do *Novo Diccionario critico e etymologico da lingua portugueza*. Um brasileiro, Manoel Odorico Mendes, hellenista distincto e traductor da *ILIADA*, escreve a respeito d'este lexicographo: « Para a etymologia, Constancio; para as usanças classicas é Moraes o nosso melhor Guia ».

Ora, Constancio, no vocabulo *autor*, escreve o seguinte: *AUTOR, AUCTOR* ou *AUTHOR*. *Acha-se escripto destas tres formas. A segunda vem de AUGERE, « augmentar, fazer crescer », e fig. (figuradamente) « crear, fazer. » É impropria; porque o autor opera, faz obra, e esta idéa só envolve a de acrescentamento, por ser toda a obra uma addição ao que já existe feito por homens. A terceira vem dos compostos gregos de « αὐτός », v. g. αὐθέντης « authentés », *authentic*; mas é de advertir que os gregos só convertem o τ de αὐτός em θ *th* nas vozes em que é seguido de syllaba começando por τ *t* do que é prova evidente o nome que corresponde ao latim « autor » e d'onde elle deriva αὐτοργό, « autor » composto de αὐτός, « proprio », e ἔργον « ergon » obra, do rad. « ἐρω » mover, agitar ».*

Mas nem Constancio, nem Littré dizem quando *auctor* vem de *augere*, e se desvia etymologicamente do prefixo grego. Em Roma, o magistrado que propunha uma lei, chamava-se *lator legis*; mas ao que na discussão o desenvolvia, ampliava e desdobrava todas as hypotheses inclusas n'essa lei, disia-se *auctor legis*. Este *auctor* deriva de *augere*, « augmentar », porque exprime o augmento e desenvolvimento da lei em discussão. É este o caso unico em que se concede racionalmente que *auctor* deriva de *augere*; porque ahi não se trata de quem

fez a lei; mas de quem a desenvolveu. O snr. Rodrigues, se não quer folhear Nieuport, Cantelio e Pedro Burmann, veja a pag. 61 das *Noções elementares das antiguidades romanas* por Manoel Martiniano Marrecas, Lisboa 1872. Quanto ao radical sanscrit *ôjas de Littré*, assim como em philosophia o snr Rodrigues manda á fava este sabio, pôde tambem mandal-o n'esta especialidade philologica, e ir com elle, se lhe parecer.

A respeito de taes erros etymologicos admoesta-me o snr. Rodrigues com esta superioridade: «O snr. C. C. B., se quizer escrever correctamente escreva *auto-grapho, autonomia*. Se não, escreva como quizer. Mas não torne a dizer que faz muito bem escrevendo *autographo*, nem torne a perguntar porque não hade escrever *auctonomia*.»

Mas poderei, ao menos, perguntar se posso chamar-lhe tolo sem injuria? Veja lá.

O theologo n'esta intimação peremptoria, magistral, que faz á minha ignorancia, conserva o entono do antigo perfeito do collegio *Minerva*. Se S. Ex.^a alrotasse menos canones glossólogos, modificaria no seu perfil litterario as saliencias pedantes que lhe desluzem as graças da ignorancia, sympaticas ás vezes como as graças da innocencia. Veja se modera o seu genio, snr. José Maria. Apegue-se com Santo Antonio; e com a grammatica grega não seria máo apegar-se tambem.

*

Tinha eu dito que Henrique VI fôra antecessor de Henrique VII. Assombra-se o theologo d'este refinado absurdo, e escreve que Henrique VII teve por antecessor Ricardo III e não Henrique VI. Pois que era Henrique VI senão antecessor de Henrique VII? O snr. D. Pedro V, penultimo rei, e o primeiro rei o snr. D. Affonso Henriques não eram antecessores do snr. D.

Luiz 1? O snr. padre Rodrigues desconhece uns livros baratos e vulgares que ensinam a escrever a lingua patria. Fr. Francisco de S. Luiz, no *Ensaio sobre alguns sinonimos da lingua portugueza*, diz: *Antecessor, Predecessor. Syn... Os predecessores podem chamar-se antecessores porque todos foram antes do actual; mas o antecessor immediato nunca pôde ser nomeado predecessor.*

Um examinando de instrucção primaria não escorregaria tão desastradamente. Eu, com toda a sinceridade, lhe assevero que chego a affligir-me pelo snr. José Maria. E' uma dôr por procuração.

Agora, a respeito de *Lukianos* temos ahi uma desgraça que parece precursora de um desvio da razão. Que o snr. Rodrigues era de todo em todo ignorante do idioma grego, isso já para mim era um dogma—uma verdade apurada como um evangelho synoptico; esperava eu, porém, que S. Ex.^a, com tres horas de estudo, se habilitasse para a contrição das necedades que tinha atirado ao prelo. Não, senhores. Apesar dos livros que lhe indiquei para o orientar, recalcitou peorando a sua infeliz sorte.

Como na imprensa não havia então o dithongo **S** com que *Λσκιανός* se encontra em Suidas e nas suas obras, tive de o substituir pelas duas letras *oo*; mas, em a nota de pag. 23, fiz-lhe saber que a formula antiga do dithongo, como se vê em Suidas e Clenardo, era outra, semelhante a um zero com um acento breve latino. E' acrescentei, já receoso dos sujos subterfugios d'este sujeito, que o hellenista portuguez Rodrigo Ferreira da Costa mandava escrever o dithongo de ambas as maneiras sempre com a pronuncia do *u* portuguez. Disse-lhe eu mais que Bellin du Ballu escrevera *Loukianos*, porque, sem o dithongo francez *ou*, não poderia produzir o som do *u* latino, identico ao som do dithongo grego. Isto era claro, chão, ao alcance de quem nunca

folheasse uma grammatica grega, não era? Se o snr. Rodrigues recorresse á de Clenardo ou qualquer outra encontraria entre os seis dithongos chamados *proprios* o dithongo **Œ** com o som de uma letra. E depois, se manuseasse o tom. VIII da *Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias*, pag. 126, encontraria nas regras de Rodrigo Ferreira da Costa — que eu não tinha inventado — o seguinte: «O dithongo *œ* que tambem se escreve **Œ** corresponde geralmente a *u* latino e portuguez. D'aqui vem as dicções *Acustica* (percebe, padre?) *bullæ*, *dysuria*, *ecumenico*, *musa*, *museu*, *musica*, *cirurgico*, *liturgico*, *thaumaturgo*, *Urania*, *uropigio*, etc.»

E acrescenta: «N. B. Nos tres ultimos dithongos converteu-se o *ypsilon* grego em *u*, perdendo no ultimo o *o* antecedente. Assim traduzindo todos os seis, como fica dito, conformemos a recta escripta com a boa pronuncia.»

Quando o snr. Rodrigues, nos seus estudos dos sanctos padres gregos, encontra a palavra *οἰκουμενή* (*œcumenē*) pronuncia *oikôumêne*? E quando encontra as palavras *Ἰησοῦς Χριστός*, (*Jesus Christos*) e em alguns casos *Χριστός* pronuncia *Jesôus Kristôu*? Veja se percebe-agora porque o *Luciano* em grego é *Lukianos*.

Decerto, o snr. Rodrigues consultou o *Lexicon* de Suidas e viu como lá estava estampado o nome do escriptor grego; consultou tambem a *Arte* de Clenardo, e viu que era *u* a pronuncia da fôrma litteral do dithongo; consultou finalmente Ferreira da Costa e examinou que era *u* a pronuncia grega, latina e portugueza do dithongo. E, tendo-lhe eu explicado que, por falta do dithongo na typographia, era obrigado a empregar duas letras, onde estava a sua intelligencia ou boa fé para impudentemente serrazinar com a trapacidade de contar como duas letras com dois sons um signal unisono que não apparece nos modernos alphabetos? O traductor francez escreveu «*Loukianos*» e não «*Lu-*

kianos » porque o dithongó da 1.^a formula *ou* sóa como 8 e a pronuncia do *u* da 2.^a formula exprime um som diverso. Como lê o snr. José Maria estes varios *u u* constantes do seguinte trecho? «*Nous avons voulu, mais nous n'avons pas le pouvoir miraculeux de faire la lumière dans le cerveau lourd et lourdaud et louche d'un fou.*» (*Apud. Turpin. Hist. de C. Magne, mihi, pag. 697*). Um francez, ortographando a palavra grega correspondente a *ouro* (*plutos*), escreve *plutos* para accentuar o dithongo francez consoantemente ao dithongo grego. Isto é de uma clareza tamanha que os objectos avultam ao alcance da mais estupida presbitia de presbitero.

Ora pois, a menos que S. Exc.^a não seja maior da marca, parece-me acertado que estude da lingua grega o *quantum satis* para fingir que a percebe. Aprenda o alfabeto e os dithongos. Verá que em 15 dias com a sua arrojada petulancia consegue demonstrar que o Luciano não sabia escrever o seu nome.

Ainda tem o snr. Rodrigues a contrapôr uma futil escapatoria, e é — que escreve *Loukianos* e lê *Lu-kianos*. Tambem eu. E quando, nos NARCOTICOS, syllabei a palavra, escrevi-a como ella se pronuncia, para que algum leitor de todo estranho á sonica dos dithongos gregos não dêsse dois sons ás duas letras. Antecipo assim a refutação de alguma nova niquice do snr. theologo. Faz-se mister calafetar-lhe todas as gretas.

Não tinha o snr. Rodrigues noticia alguma do bispo ou arcebispo Jean de Turpin, chronista genuino ou fabuloso de Carlos Magno, quando fez troça á «inexactidão» dos meus dizeres ácerca do heroe e do seu pa-

negyrista. Foi o theologo estudar a questão, e tirou a limpo que o arcebispo figura, na *Chanson de Roland*; que lhe foi attribuida a *Chronica de Turpin*; mas que ninguem, exceptuado eu, acredita semelhante coisa. Sim: eu, quando zombeteiramente fallei do bispo e do seu heroe, nos *Narcoticos*, dei testemunho da minha fé na authenticidade de Turpin e nas proezas de Carlos Magno.

Pois quem devia implicitamente crer na veridicidade da historia escripta pelo arcebispo ou bispo Turpin devia ser o snr. padre José Maria Rodrigues, visto que o papa Calixto II a declarou authentica por uma bulla de 1122, diz o *Dictionnaire de la Conversation*, onde tambem se aventa a hypothese de que seja esse mesmo papa o pseudo-Turpin da chronica, visto que elle foi useiro e vezeiro na falsificação de documentos.

Ahi vae agora o snr. Rodrigues espanar o lixo de carunchosos folios para me convencer de que o papa Calixto não declarou por bulla alguma a authenticidade da historia de Carlos Magno.

Não nos dê essa estafa. Eu, sem saber grande coisa, sei o que hg a esse respeito, e não faço obra pelo *Diccionario de conversação*, com quanto me não peje de confessar que o consulto, a miudo e proveitosamente. Eu me encarrego de defender o sancto padre Calixto d'esta fraude, e o snr. Rodrigues o defenderá das outras falsificações que lhe sobredouram a veneranda memoria.

O verdadeiro nome do tal Turpin, arcebispo de Rheims, era *Tilpin*. Sabia? Com este nome se enfeixaram as legendas carlovingianas que eram estimadissimas nos manuscriptos inspiradores de Matheus Parisiense, que fez uma historia de Inglaterra, de Dante, de Calcondilo na *Historia dos turcos*, Pedro Veneto no *Catalogo dos sanctos*, e Godofredo de Viterbo no *Pantheon*. Mas não é curial que o arcebispo Tilpin, falle-

cido em 813, nos referisse a morte de Carlos Magno acontecida em 814 (*).

Arnaldus Oihenártus presume que o genuino auctor da historia de Carlos Magno pertence ao seculo XII e era hespanhol. O manuscripto mais antigo vae pouco além do anno 1200 (**).

Querem vêr que o snr. Rodrigues conseguiu pegar-me a sua molestia, e me inoculou em algum ventriculo do cerebro o *virus* da massada? Tenha paciencia, leitor benevolo. V. Ex.^a ha de ficar, por esta occasião, sabendo o que se deve acreditar do gigante Ferragús e da formosa Floripes e do rei Pepino, e de Oliveiros, e de Ferrabraz, e do Almirante Balam, e do Lucafré, e da giganta Amiota, e finalmente das visões do bispo de Turpin na morte de Roldão. Tudo isto seria certo como o dogma do peccado original, se os papas ou os concilios o declarassem authenticico. Vossius declara que sim, que o papa Calixto mandara acreditar a verdade d'essas Amiotas e d'esses Ferraguzes e Ferrabrazes da Alexandria. (***) O manuscripto reputado pontificalmente authenticico estava no collegio de S. Bento em Cambridge, e intitulava-se *Liber Turpini Archiepiscopi Rhemensis quomodo Carolus Rex Francorum adquisivit Hispaniam*. Mr. du Plessis Mornai, alludindo aos canones de um Concilio de Rheims celebrado em 1119, escreve: *é para notar o espirito que movia aquelles bons bispos que n'esse mesmo concilio authenticaram a Historia de Carlos Magno escripta pelo arcebispo Turpin, fabulosa e ridicula como não ha*

(*) Catel, *Memoires de l'Histoire de Languedoc*, pag. 545. *Histoire de Rheims*, par Flodoard, 1. 3.^o.

(**) Oihenarti, *Notitia utriusque Vasconiae*, pag. 397.

(***) Vossius, de *Histor. Latinis*, lib. II, cap. XXXII.

outra, e como tal convencida e julgada pelo proprio Baronius. ()*

Coëffeteau refuta o *Mystere de Iniquité*, negando que o papa ou os bispos authenticassem as patranhas do Tilpin; mas concede-lhe que o papa Calixto simplesmente sancionasse a historia, deixando á gente decidir se o fez porque era estúpido ou porque, tendo casado um irmão que obtivera pela mulher o condado da Gallisa, com a sua capital Compostella, approvára as fabulas para promover a lucrativa peregrinação ao santuario do apostolo S. Thiago. Vem depois o jesuita Gretser, e diz que a historia de Turpin não lhe parece tão mentirosa que os protestantes a rejeitem inteiramente. *Quæ tam fabulosa non est, ut absterreat ipsos etiam Sectarios. (**)*

A tolice d'este jesuita é notavel. Considera uma fabula aceitavel porque um herege a não rejeita.

Finalmente, o que se póde liquidar d'este aranzel é que a *Historia de Carlos Magno* é attribuida a diversos; que o papa Calixto a fez correr como certa, mas não por meio de bulla; nem nas Actas do concilio de Rheims se acha menção de tal asneira authenticada. E com isto me parece que o snr. José Maria Rodrigues se póde esquivar á superfluidade de defender o papa e os bispos por um tostão.

*

Malsina o snr. Rodrigues a minha *ignorancia ou má fé* porque escrevi que — *para ter fé não é preciso*

(*) Du Plessis Mornai, *Mystere d'Iniquité*, pag. 375.

(**) Gretser, in *Examine Mysterii Plessæani*, pag. 375.

pensar: o que é preciso é não pensar. Cuidava eu que as definições da fé, nos compendios de theologia, eram, pouco mais ou menos, a paraphrase da minha proposição. Segundo a theologia do snr. Rodrigues, obtida a fé, percebe-se o dogma, raciocina-se o mysterio, e intende-se. Já S. Bernardo, impugnando Abailard, argumentava que para comprehender era preciso ter fé; e, por outro lado, queria que se excluísse o intendimento dos dominios da religião. Adquirida a fé, percebe-se o peccado original tão claramente como os peccados triviaes que não tem originalidade nenhuma; percebe-se a redempção — o factio mythico de baixar do céu o filho de Deus ao ventre de uma virgem cazada em Nazareth, e d'ahi passar ao supplicio dos grandes criminosos para resgatar o genero humano do peccado de Eva, seduzida pelo diabo que a carregue. Toda a gente na possê da fé percebe nitidamente os effeitos da redempção, comparando os vicios do paganismo com as virtudes que distingue o pedaço do globo em que florem as christandades. Os que não tem fé, esses apenas intendem que, 1883 annos depois de resgatados, em vez de retrocederem ao Eden primitivo, conservam-se, como o outro que diz, no quartel d'Abrantes — tudo como d'antes. A fé incute-nos a evidencia da transubstanciação eucharistica. Com farinha triga e a benção aqui do meu vigario que acabou de almofaçar a sua egua e as espaldas não menos nedias da sua creada, e com algumas phrases cabalisticas, temos o corpo de um deus em hostias de 10 reis a duzia, um deus por cabeça que se recolhe ao estomago, e se digere com o bôlo alimenticio, á mistura com o bacalháo e o puchavante do alho, n'uma caldeirada interna de tanino philoxerado, e n'uma alegria dos anjos. Verdade é que um doutor theologo sustenta que o corpo de Christo, naturalmente comido, fica na bocca e não desce ao estomago. É não

saber nada do apparatus digestivo. (*) Tudo se percebe, raciocinando como o snr. Rodrigues. E então a infallibilidade do papa, isso deixa de ser uma privilegiada intuição do snr. Rodrigues para ser um pescanso de toda a gente que arranjou a fé como quem compra um par de oculos para ver o Incognoscivel dando o seu *placet* ás resoluções dos concilios ecumenicos, á rotaçao do globo, e aos destinos de cada um dos individuos de 750 milhões de habitantes da Azia que nada sabem do papa, e de 135 milhões de europeus que nada querem saber do mesmo papa. Vou pensar n'estas coisas para ter fé, e darei parte do resultado ao snr. Rodrigues, com estampilha de 25.

*

Diz que eu *combato o christianismo attribuindo-lhe doutrinas absurdas, doutrinas que nenhum espirito sensato pôde aceitar.*

As doutrinas absurdas que eu attribuo ao christianismo acham-se manifestadas, pelos modos, na deturpação de duas palavras que eu fiz na *Imitação de Christo* as quaes aconselham a ignorancia. O escandalo é isto. Em uma edição do *Contemptus mundi* de 1546 leio *Ama nescire*; em outra gothica de 1548 encontro *Ama nesciri*, consoante ao exemplar do snr. Rodrigues. Da primeira maneira o pensamento de Kempis, de Gersen ou de Gerson está em harmonia com a restante doutrina do capitulo em que o auctor faz o panegyrico da ignorancia. Da segunda maneira, ha incoherencia, accedendo aos desejos da sabedoria, depois de a ter menoscabado como inutil e perigosa. Aqui vai um extracto do essen-

(*) Tobie Wagner. Inquisit. theolog. in Acta Henotica.

cial do capitulo II da IMITAÇÃO DE CHRISTO: *Todos os homens naturalmente desejam saber; mas sem temor de Deus a sciencia de que serve? Por certo é melhor o rustico humilde, que serve a Deus, que o soberbo philosopho, que não se conhece a si e observa o movimento celeste... Se eu soubesse quanto ha no mundo, e não estivesse em graça, a sciencia de que me serviria perante Deus que me hade julgar pelas obras? Não te demasies em saber porque vai n'isso grande distracção e engano... Muitas coisas ha que pouco ou nada aproveita á alma sabel-as; e bem louco é quem attende a coisas estranhas á salvação... Quanto mais souberes mais gravemente serás julgado, se não lewares vida santa.*

Depois d'estes dictames favoraveis á sancta ignorancia, não se coaduna o preceito de se fazer ignorado quem desejar aprender com utilidade. *Si vis utiliter aliquid scire et discere, ama nesciri.* Quem nos assevera que o desconhecido egoista auctor da *Imitação* quizesse dizer: «o melhor que podes saber e aprender é não estudar nada.» *Ama nescire?* «Compraz-te na ignorancia.» Porque, na realidade é isto o que se adapta á doutrina do mesmo auctor, do Livro III, cap. 48 intitulado «*Contra as sciencias vans*». *Filho, não te deixes namorar da formosura e subtileza dos discursos dos homens. Nunca lês com o intento de parecer mais sabio ou mais lettrado. applica-te seriamente ás mortificações das paixões; porque hasde ganhar mais com este exercicio do que com a sciencia das questões mais difficeis... Infelises aquelles que buscam na sciencia dos homens com que nutrir a sua curiosidade, e não curam de saber como me hade tratar. Tempo virá em que appareça Christo, o mestre dos mestres, e senhor de todos os anjos a ouvir as lições de todos, e esquadriñar Jerusalem com lampadarios. Então virão a lume os segredos das trevas, e immudecerão os argumentos das linguas... Os livros dizem coisas que não aproveitam a todos. Eu é que sou o íptimo doutor*

da verdade, o investigador dos corações, o interprete do sentimento e impulsor das obras.

A apologia da ignorancia n'este livrinho tão conhecido e recommendado é eloquente e ameaçadora. Dizem que parece uma obra divina; e o snr. Rodrigues, se eu reproduzo ideas hostis á sciencia, insinua que attribuo ao Christianismo *doutrinas absurdas que nenhum espirito sensato pode aceitar.* Tem rasão. As ideas são absurdas e inaceitaveis; mas bem vê que não são minhas: são da *Imitação de Christo.*

*

Queria o snr. Rodrigues que eu lhe apresentasse concilios geraes em divergencia uns com outros. O que eu sei é que os papas dispensavam nas decisões dos concilios ecumenicos; e, segundo as necessidades positivamente humanas e regimentares da egreja, uns concilios geraes corrigiam o que outros tinham estatuido. Se me permite invocar a opiniao de uma das suas victimas marcadas com o ferrête da ignorancia, citarei o professor da Universidade de New-York. J. W. Draper: *Muita gente a firma que a infallibilidade, se a há, é nos concilios ecumenicos. Todavia, esses concilios nêem sempre estiveram de accôrdo entre si. Tambem muita gente folga de lembrar que os concilios por vezes depuseram os papas, sem se importarem com as suas contestações nem com os seus clamores.* (*) Que o papa desfazia a seu talante a obra dos concilios geraes attesta-o Gerson no *Tract. de Reformat. Eccles. in Concil. universali, cap. 17.* Diz assim: « Abstenha-se principalmente a Egreja de jámais conceder ao Papa, sob qual-

(*) Conflictos da sciencia e da religião, cap. viii.

quer pretexto, o poder de dispensar nos Estatutos do Concilio geral, ou de os interpretar ou mudar em razão da mudança dos tempos e das circumstancias ».

Gerson attesta egualmente que uns concilios geraes mudavam os Estatutos dos anteriores: *Não devem ser mudados senão por outro concilio que se celebrará de tempos em tempos para a reforma da Egreja.*

Claro é, portanto, que já os papas, já os bispos reunidos tinham em diminuta conta a infallibilidade dos concilios ecumenicos. E tambem era claro para Gerson, *mais claro que o dia*, dizia elle, *luce enim clarius constat*, que *á proporção que foi crescendo a avariza dos Papas, dos Cardeaes e dos Bispos, se foram adulterando e esquecendo, cahidos no invillicimento e no escarneo, os Estatutos dos quatro concilios principaes e dos seguintes pelas reservas dos Papas e pelas Constituições iniquas da Camara Apostolica, regras de chancellaria, dispensas, absolvições, indulgencias, etc.*

Os concilios geraes erravam ou não erravam nas decisões da fé? Esta é que é a grande questão. Alexandre d'Yre, professor de theologia no Dauphiné, diz que nos *Renvois da 2.^a sessão* do concilio Tridentino se lê esta pergunta: *Os concilios geraes legitimamente reunidos podem errar nas decisões da fé?* Resposta: *E' coisa duvidosa.* (*) O theologo, voltando a esta questão, mostra que uns doutores affirmam, outros negam, e offerece um argumento que me não parece desprezível; isto é — que nos concilios de Latrão de 1180 e 1215 se tratou de *reformatar a fé e os costumes da Egreja.* *Reformatar* quer dizer que a fé e os costumes da egrejá andavam á matroca de uns para outros concilios, com tão pouca infallibilidade como a fé e os costumes da casa de cada

(*) Propositions et Moiens, pag. 441.

sujeito. Por onde se vê que o Altíssimo, depois de haver assistido, mediante uma das suas tres pessoas, aos concilios ecumenicos, de vez em quando, abandonava a barca de Pedro aos vendavaes da razão tempestuosa. Dir-se-ia que Deus se vingava dos máos papas, depois de lhes haver outorgado o seu beneplacito.

Quem explica perfeitamente estas miserias que a egreja devia esconder no caixão da sua roupa suja, é Bossuet: *Os que lerem estes factos não se aproveitem d'elles para atacarem o poder da Egreja sempre sancta. Não imputem á Cadeira as prevaricações dos homens que a occupam. Neque hominum peccata Sede impudent.* (*Defens. liv. X, cap. VI*).

Já se vê que a infallibilidade não está nos papas: é na cadeira. A infallibilidade da mobilia! Boa tolice que dá a medida de um grande talento aleijado! Elle intende que as dilacerações da Egreja, e as reformas do seculo XVI não podiam vir senão do inferno, *ex inferis*, determinadas por Deus, como vingança. *Sed Divina judicia contremiscant, toto que reformationes impias, sequente saeculo ex inferis proditas, neglectæ Reformationis ultrices cogitent.* De maneira que á voz de Deus, sahiu do barathro o diabo vingador e produziu a reforma impia. Que vingança! Se o diabo produzisse boas reformas, então é que se comprehendia a divina influencia que o Padre Eterno exerce n'elle.

A respeito da infallibilidade, snr. Rodrigues, voltei a fallar n'ella para lhe dizer isto; e, quanto a fé... *fazer depender a salvação do homem da sua fé em coisas que tem uma parte inquestionavelmente ficticia, outra incerta, e apenas uma minima porção averiguada, esea pretensão é de tal modo absurda que, hoje em dia, nem é preciso refutal-a.* (*)

(*) Strauss — Nouvelle vie de Jesus. Conclusion.

*

Já me admirava que o snr. estudante, n'este terceiro naufragio, não se abraçasse á sua tabua usual das lettras e das virgulas. Elle cá está, em risco de afogar-se, agarrado a uma vogal.

« O snr. Camillo Castello Branco promette não tornar a estropiar os nomes de duas ordens religiosas, como tinha feito, e aproveita a occasião para dizer que (S.) *Bernabé até ao presente lhe não deu motivos de menos consideração*. S... , porém, agradece-lhe escrevendo-lhe o nome incorrectamente. Mas, perdão! Eu retiro o adverbio, aliás s... póde dizer-me que escreva *Bernabé* e não *Barnabé*, porque esta palavra deriva do prefixo *Bernardós*. (Compare-se *auctor*, cujo prefixo é *autós*). »

Segundo jacto de arguta pilheria rabelaiseana que vem confirmar o natural folgasão e um pouco reinadio do snr Rodrigues já manifestado na *canna* e no *canis*. O prefixo *Bernardós* arranca a hilaridade violenta das cócegas. As suas graçolas realçam salgadas por prefixos gregos e substantivos latinos. Se não fosse isso, pareceriam gallegas. Pela sua indole entre séria e pandega, este padre está na tradição de S. Antonio de Lisboa e de S. Gonçalo d'Amarante e d'outros santos foliões, facetos, motejadores de inoffensivas laraxas, e tão santos que mesmo chalaceando faziam chorar.

Porém, quanto a *Barnabé*, S. Êx.^a teria rasão, se o propagandista se chamasse assim. O nome baptismal do apóstolo não era *Barnabé* nem *Bernabé*. Elle chamava-se *Joseph Halevi*. Ora, os christãos como elle pregava valentemente, poseram-lhe o epitheto de *Barnaba* que quer dizer *filho da predica*, ou da *profe-*

cia. Mas o epitheto *Bar-naba*, corrompido em *Barnabé*, tinha de padecer o supremo desaire vindo de corruptela em corruptela, até ao extremo insulto a que podia chegar o santo — chamarem-lhe *Bernabé*! Nunca mais repetirei este ultrage involuntario! A religião de Alexandre VI, a piedade sincera do snr. Rodrigues & C.^a, e a fabrica romana dos dogmas não hão de soffrer, quanto em mim couber, com a infanda troca das duas vogaes no nome do respeitavel collaborador de Paulo, — os dois mais activos operarios que envolveram no mytho o formoso busto de Jesus. Não sei que mais possa accrescentar para repôr o *a* onde puz um *e*, e banhar assim de jubilo as entranhas do snr. Rodrigues irritadas pelo destroço que eu, com uma depravação inconsciente, ia fazendo na christandade.

*

Compellido pela justiça, confessa o snr. José Maria Rodrigues que eu fui feliz, replicando á calumnia, de ter deturpado as duas palavras da bulla; no mais, nas restantes replicas, acha-me sobre modo desgraçado. Ah! eu tenho tido felicidades absurdas n'esta perigosa lucta com a oligarchia clerical, com a Faculdade de Theologia condensada na pessoa do seu alumno — um morto para a fé, resuscitado na hypocrisia. Podia ser-me desastrosa a temeraria empresa, se eu não devesse a minha felicidade aos infortunios intellectuaes do snr. José Maria. Mas livre de perigo, a fallar verdade, ainda me não gabo — o perigo da navalhada, uma formula evolutiva do sancto officio. E' que da beata e devassa Braga tenho recebido varias cartas anonymas; e, na que ha poucas horas me visitou, está a figura esthetica do snr. José Maria Rodrigues burilada com tal amor de artista que só um esculptor de genio no retratar-se a si proprio moveria o sinzel com tanto esmero e ta-

manhos calores apaixonados da sua individualidade. Depois, os insultos que me desfecham estes epistolographos sem nome são caricias em comparação das ameaças. Que esteril dispendio em estampilhas e phrases arranjadas no desbragamento das sacristias, ou nas Travessas em familia! Se lhes não seria mais comodo e barato conversarem comigo nas repetidas excursões que eu faço áquelles benignos ares de Braga em que a bestidade clerical se espoja nas medranças da vasta cevadeira que se estende desde a campa de fr. João de Neiva até ás fertilissimas charnecas do Samedeiro!

Quanto aos desastres do theologo, S. Ex.^a no seu primeiro arranque, deu de si um deploravel conceito. Mostrou ignorar os rudimentos da rhetorica, chamando *comparações* a *locuções methaphoricas*. Adverti-lhe que era ignorante em coisas triviaes de uma regular educação litteraria: calou-se e teve juizo. Na questão de *Bullas* e *Breves* leu contra a sua rebelde ignorancia duas duzias de opiniões auctorisadas, e prefere a uma honesta submissão aos praxistas da sciencia canonica a vergonhosa evasiva de um teimoso aprendiz sertanejo do velho Genuense em questiunculas com os parvoeiroens da sua laia. Nas suas arremettidas ao grego abre um golpho torrencial de asneiras que obrigam a pathologia a estar de observação, e seriam documentos irrefragaveis para que o doutor Senna lhe desse cadeira de linguistica na Cruz da Regateira. Em historia nega que Henrique VI seja antecessor de Henrique VII porque entre os dois se interpoz outro monarcha. Da lenda de Carlos Magno não sabia nada; e, depois que estudou á pressa as abstrusas ratices da chronica, teve a soez má fé de me attribuir a crença nas patranhas do supposto Turpin. Escreveu umas asneiras agigantadas no seu penultimo folheto. Eu casualmente as vi impressas no balcão do

editor; tomei nota d'ellas porque eram monstruosas. Depois expungiu-as nas segundas provas; mas eu conservo-as impressas, como curiosidade que se perderia atirada á canastra das provas na typographia. E elle com um descaro exemplar escreve: *O snr. C. C. B. refuta o que não está escripto no meu folheto! O que significa isto snr. C.?* Significa que o snr. Rodrigues, se tivesse mais juizo que intelligencia, calava-se. A uma tão arrogante pergunta e infamadora da minha dignidade de contendor, eu devo responder-lhe que tenho aqui impressas e subscriptas por V. Ex.^a as desmedidas asneiras que engeitou, vinte e quatro horas depois que as deu á luz. Escuso dizer-lhe que não tive coragem nem vagar de o lêr segunda vez, porque ainda agora, depois da petulante interrogação, abri as paginas do seu opusculo. Se o tivesse lido, com certeza não praticaria a extraordinaria irregularidade de refutar um disparate que S. Ex.^a retirára da circulação. Não tem porque argua o cavalheirismo do snr. Chardon. Eu faculto ao meu presado editor a liberdade de mostrar os meus manuscriptos a quem os quizer analysar antes de entrarem no prélo.

Já me enoja ouvil-o tantas vezes arguir-me de eu ter subtrahido da Bulla de Clemente XIV um *logo quase* no começo de um periodo. Dei tão pouca importancia a esta banal reclamação que só agora, instado pela terceira vez, fui examinar na Bulla o que era o tal *logo quase*, omittido com tão grave escandalo.

Aqui está o que é: Clemente XIV diz: «Que *logo quase* desde o principio começaram a brotar na Companhia varias sementes de discordias e emulações». E' o que diz a Bulla, traduzida por A. Pereira de Figueiredo. Vejamos agora como eu corrompi as ideas do papa offerecendo o resumo das suas queixas contra a Companhia: *Que desde o principio começaram a brotar na mesma companhia varias sementes de discordias e*

emulações. Não escrevi o *logo quase*. Mas que importava o *logo quase* em beneficio dos jesuitas? Que tinha que elles se desaviessem *no principio* ou *logo quase no principio*? Nunca vi estolidez piegas d'estas dimensões! Que coisas grandes poderão sahir de um cerebro canhestro e retrahido no fabrico de taes bugiarías! E está o sujeito, ha tres mezes, escarranchado n'este cavallo de batalha, a brandir o *logo quase*! Homem, metta lá o *logo quase* no periodo deturpado, ou onde quizer, e diga o que conclue do *logo quase* a favor da companhia de Jesus!

Não cessou tambem ainda de resmungar impertinentemente que eu adulterei os factos relatados no *Quadro Elementar*, a fim de contradizer a affirmativa do snr. doutor Callisto sobre a submissão de D. Manuel ao papa. Eu demonstrei que D. Manuel se negára a prover na commenda do mosteiro de S. Thyrso D. Miguel da Silva nomeado por Leão x. Foi isto exacto? Demonstrei que o cardeal de Alpedrinha foi provido na mitra bracharense contra vontade de D. Manuel. Citei os documentos do *Quadro Elementar* condensando em poucas linhas os traços dispersos por diversas cartas que esclarecem o facto. Que diabo quer este homem que eu lhe responda?

Conclusão

Os amigos da religião de Jesus — coisa muito diversa da religião christã — devem temer pelo final desabamento do christianismo, se os padres a quem compete escoral-o forem todos da debilidade intellectual do snr. José Maria Rodrigues. Os levitas intelligentes e alummiados pela luz inescurecível d'este seculo demolidor, sabem que uma religião fundamentada nos milagres

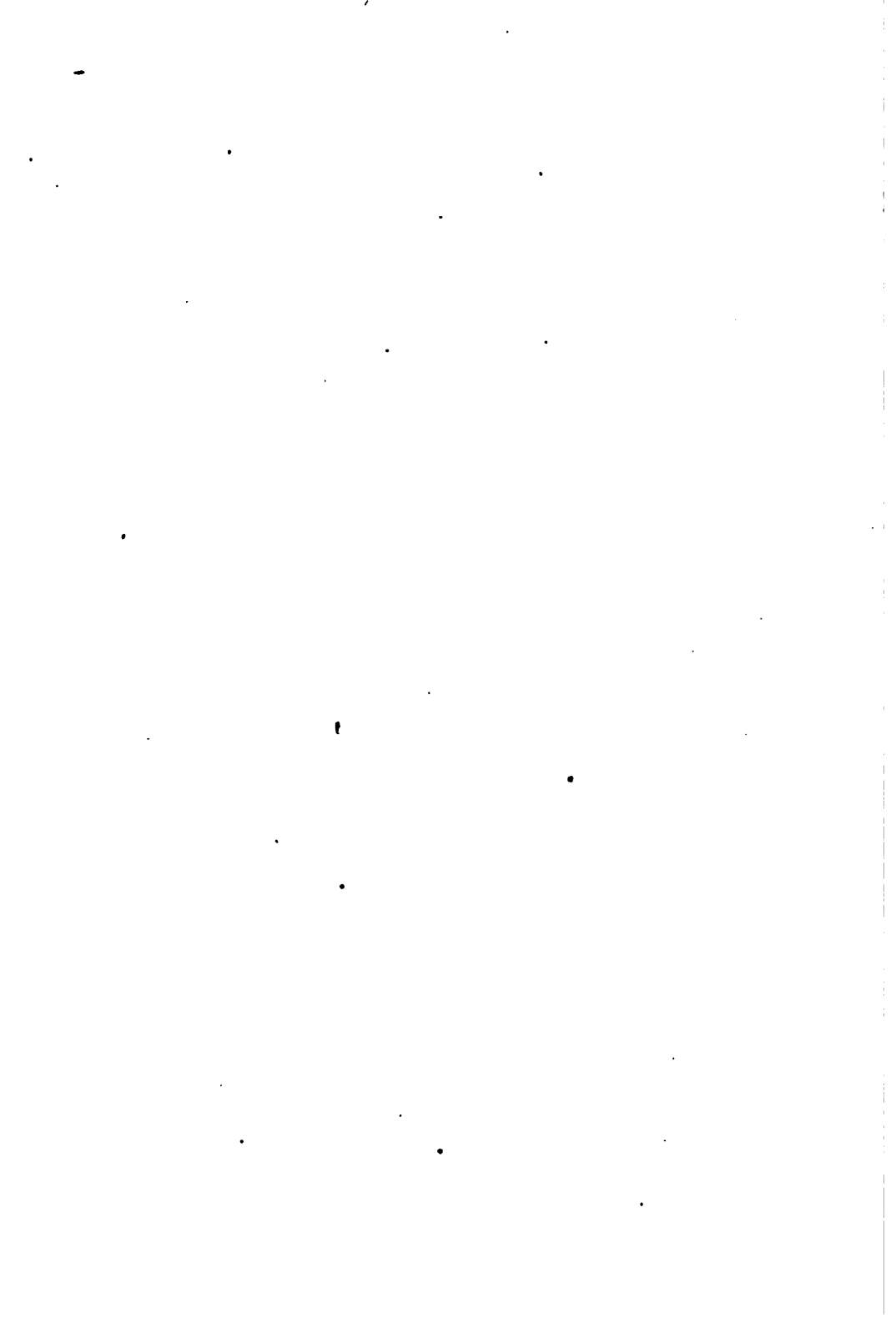
apenas pôde subsistir esteiada no travejamento podre do estúpido terror dos criminosos ou na tenebrosa cegueira dos crentes sem discussão. A hypocrisia já não pôde ter de pé este pardieiro. Mais cincoenta annos, mais duas gerações corajosas de iconoclastas, e para a memoria de Jesus Christo haverá apenas o respeitoso assombro e o grande amor humano a que nos commove a memoria de Socrates que precedeu o moralista da Galiléa quatro seculos. E é mister que Jesus seja um mero homem para que o admiremos; porque, se fosse um Deus, as suas virtudes seriam pouco admiráveis.

Este presentimento da queda final da idade-media penetrou na consciencia illustrada dos poucos sacerdotes que conheço algemados á funesta posição que lhes deram a auctoridade dos pais ou as apertadas condições da vida. D'esses, uns recolhidos a um silencio honesto e melancolico, captivam o meu respeito, e lastímo que não haja uma religião verdadeira que elles possam evangelisar; outros, lançados na lucta e vestidos na escalavrada armadura medieval, fazem-me compaixão e ainda acatamento quando sabem tudo o que se pôde dizer a favor de uma causa perdida. E' admiravel vel-os imperterritos, firmes, impavidos como martyres no meio do templo cujos vigamentos já se ouvem estalar.

Quanto, porém, aos padres na condição do snr. José Maria Rodrigues, esses pertencem ao entulho das ruinas de velhas civilisações; apenas produzem vegetalidades de folhagem amarellada, e alguns tortulhos bravos de especie venenosa rajados pela peçonha das velhas ineptias. Porém, são prejudicialissimos á religião esses padres porque tem a insensatez de provocar diante das multidões debates religiosos, e forçam os adversarios a trazer para os folhetos baratos a essencia

das formidaveis questões ventiladas desde os primeiros heresiarcas, resolvidas ha um seculo, mas obscurecidas nos livros da sciencia inacessiveis á intelligencia popular.

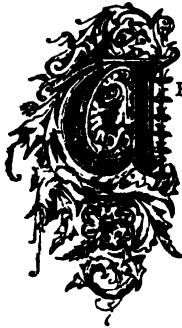
1883.



AOS SENHORES PRIORES

O prior de S. Mamede, em Lisboa, tendo fallecido a menor de cinco annos Filomena Daries, filha do snr. Gabriel Daries, não quiz dispensar o pae das propinas do officio, não obstante este lhe haver ponderado as suas precarias circumstancias, como pobre artista que é.

FOLHA NOVA, n.º 261.



DEJAMOS o que disse o pontifice S. Gregorio a respeito d'este prior de S. Mamede: «Se é vergonhoso e indigno pedir paga para conceder alguns palmos de terra á podridão de um cadaver, peor é ainda pedil-a na occasião em que uma familia se cobre de luto. *Grave nimis est et procul nimis a Sacerdotis officio pretium de terra concessa putredini ruærere, et alieno luctu*

velle facere compendium. (S. Greg. L. 7, epist. 56, ad Janua).

Para que o ministerio ecclesiastico não parecesse venal e mercenario prohibe que se peça paga no enterro do morto. *Ne quod valde irreligiosum est, aut venalis quod absit dicatur Ecclesia, aut vos de humanis videamini mortibus gratulari, si ex eorum cadaveribus studeatis ruerere quolibet modo compendium.*

Dá-se o latim por ser uma lingua familiar entre os priores, excepto quando conversam com... as prioras.

Graciano informa-nos que no Concilio Vazense, anno 529, declarou-se que, em harmonia com os canones, se prohibisse exigir a minima retribuição por dar sepultura ou fazer exequias aos mortos. Porém, se acaso, ou por piedade, os defuntos houvessem em vida legado alguma esmola á egreja, ou seus herdeiros a quizessem dar, é permittido recebê-la.

No anno 858, as Constituições *Herardi Turo-nense* estatuem: *Qui pro sepultura munera exigunt severiter puniantur.* Seja punido severamente quem exigir paga por sepultura. No *Capitulo* de Rheims, anno 852: « Que nenhum presbytero exija ou arranque, *exigat vel extorqueat*, alguma retribuição por enterrar, pois que a sagrada e canonica auctoridade lh'o prohibe (cap. 19). »

No anno 997, o Concilio de Ravenna, c. 3.º: « Se algum clerigo receber alguma paga por enterro, salvo o que lhe for dado espontaneamente pelos amigos ou parentes do morto, *anathema sit.* »

Anno 1031, Concilio de Bruges: « Não se receba dinheiro por baptisar, confessar e sepultar, salvo o que os fieis quizerem dar. » Cap. 22.

Concilio Londonense, em 1175: « Estatuímos que não se exija paga por baptismo ou sepultura mas que

os dons gratuitos de Christo sejam gratuitamente dados.» Cap. 7.

Concilio Exonense, 1287: «Para que a avareza, que é a sacerdotisa dos idolos, não indusa os corações dos ministros da Igreja ao grande crime de levar dinheiro pela sepultura e exequias dos mortos, damos essas exigencias como simoniacas.» Cap. 38.

Concilio de Rheims, 1583: «Os sacerdotes que perceberem paga por funeraes e sepultura sejam havidos por simoniacos, se as oblatas não forem espontaneas. *De Simoniacis n.º 9.*

O concilio do Mexico, em 1585, onde se receberam os decretos do Concilio Tridentino, condemna em grande multa, e em desterro perpetuo, no caso de reincidencia, o sacerdote simoniaco que vender os sacramento ou fizer dinheiro das suas obrigações gratuitas. T. 1.º, L. 1, § 1.

No Concilio de Narbona, 1609: «Não permittam os bispos que os sacerdotes façam nas exequias dos defuntos torpes cobranças, *sordidas exactiones*; e, se as fizerem, que as restituam, *irritas fiant.*» Cap. 24.

São 45 os Concilios e 7 as Constituições synodaes que mais ou menos prohibem ao snr. prior de S. Mamede dizer missa por dinheiro, baptisar por dinheiro, enterrar por dinheiro, e exigir emfim que o operario Gabriel Daries lhe pague o enterro da filha.

O que se collige dos Concilios é que a igreja de Jesus não é isso que os snrs. priores representam.

Mas o que ahí deixo escripto é o que se chama verdadeiramente perder o meu latim. Se os veneraveis canones conciliares foram acalcanhados na crédula e latina idade media, que fará hoje que não ha Fé nem latinidade?

Seja como for, isto monetariamente é muito triste! A gente nasce; e, porque se baptisa, paga. A gente morre; e, porque se enterra, paga.

Immensa razão tinha um poeta francez do seculo
passado, cujo nome me não lembra :

Tout le mond en naissant doit á la sacristie ;
Il faut payer l'entrée et payer la sortie.
Enfin tous les Pasteurs, par un fatal accord,
Trouvent de quoi gagner á la vie et á la mort.

KERMESSES E CENTENARIOS

I

FEL CONVERTIDO EM BALSAMO

(ALHAMBRA)



ODOS os historiadores portuguezes e hespanhoes encarecem a reciproca aversão que, ha sete seculos, impede que estas duas nações confraternisem e lealmente se abracem como antigas irmans hostis, e já agora reconciliadas. A critica da historia poderia verificar que semelhante opinião corrente encerra muito preconceito inveterado, e não resistiria ao exame feito nas revelações das chronicas.

Desde o reinado de D. Fernando I, atravez da investidura real do Mestre d'Aviz, desde a morte do cardeal-rei até á aclamação do duque de Bragança, ver-se-ia que muitos fidalgos portuguezes com os seus homens d'armas arvoravam os pendões de Castella, de mesmo passo que nas hostes lusitanas militavam grados cavalleiros de Hespanha. Nas phalanges destroçadas de D. João I de Castella, alguns dos que morde-

ram o pó de Aljubarrota eram portuguezes e irmãos dos mais esforçados da «Ala dos Namorados». Quando quarenta (?) fidalgos acclamaram D. João IV, mais de quatrocentos se mantiveram leaes a Filippe IV, e alguns dos que applaudiram tacitamente a restauração para lá voltaram ou morreram no patibulo, conspirando contra o rei natural. Estes factos incontroversos com outros da mesma especie demonstram que o odio portuguez á Hespanha não está radicado e intransigente como o inculcam os livros elementares da historia.

Se eu podesse subscrever ao errado criterio d'esses historiadores, ser-me-ia agora um aprasivel trabalho mostrar que o odio de portuguezes e hespanhoes é um fel de natureza tão branda que se dissolve em balsamo de beneficencia quando os infortunios de lá chegam até nós como um grito plangente. E' ver como esta grande alma portugueza estremece commovida e faz recuar as suas fronteiras até onde o braço possa chegar com a consolação, lá onde as victimas d'uma fatalidade brutal da natureza exhoram soccorro a um ceo impassivel! Se odios existem, porque não se reconciliariam as duas nações aproximadas pela mão da caridade quando em 1756 a Hespanha enviava á devastada Lisboa as riquezas do seu erario? (*) E, se então os tempos eram ainda de condição bravia para que as duas nações se reconcilassem, que mais primoroso lance este de hoje, quando cada portuguez tira do erario da sua misericordia o obulo sagrado d'essa enorme affição que está despedaçando com a fome, com a nudez, com

(*) O ministro de França em Portugal participava ao duque de Choiseul que tinham chegado de Hespanha dous carros de dinheiro, dous mezes depois do terremoto de 1755. Parecem ignoral-o alguns jornaes de Lisboa, que arguem a Hespanha de impassivel ás desgraças de Portugal.

a saudade os que mais infelizes sobreviveram entre as ruínas!

Ah! esta santa empreza da esmola não é odio á Hespanha; é o albergue, é o leito, é a cobertura, é o pão que Portugal envia a estranhos com o amor imperativo da benevolencia para com os seus. A desgraça desfaz os limites das nações, e pede como Jesus Christo que a caridade seja universal.

1885.

II

SANGUINARIOS SANCTOS!



THIAGO, por parte de Castella, e S. Jorge, o inglez, por Portugal, de vez em quando, baixavam do empyreo, e vinham como dois *condotieri* medievaes terçar os seus montantes invisiveis, mas devastadores, nos campos de batalha espapaçados de sangue. Dir-se-ia que o Altissimo consentia que aquelles dois celicolas viessem ca em baixo n'este planeta cevar antigos rancores na carnificina de duas naçoens da mesma raça, duas velhas e valentes propugnadoras da civilização sob o labaro de Jesus Christo. Chronistas e poetas fasiam a Deus a affronta de o imaginarem emparceirado n'estes desmandos facinoras dos dois sanctos.

A final, um dia, a Providencia, ostentando os mysteriosos processos dos seus designios, derrubou os estandartes de exterminio entre as duas nações opiladas de rancor rhetorico, e levantou sobre os escombros da Andalusia — o paraíso terreal de Espanha — a bandeira da caridade. Em vez do estrondo das trombetas de guerra, fez soar a toada plangente dos gemidos da mi-

seria. E em volta dessa signa de paz reuniu em um abraço, unido pelas lagrimas dos desgraçados a quem soccorriam, hespanhoes e portuguezes que então se reconheceram descendentes dos implantadores da sagrada cruz na peninsula arabe.

S. Thiago e S. Jorge, que presencaram este lance la do alto ceo, apertaram fraternalmente as suas sanctas mãos, e dependuraram as espadas ao lado da de S. Pedro ainda tingida de sangue do Malcus desorelhado. Foi bom.

III

NO BOM JESUS



Eu tinha dez annos quando, pela primeira vez, fui ao Bom Jesus do Monte. Eu, com outros romeiros, vinhamos de Vigo onde nos approara uma tormenta no alto mar. A minha creada, muito amante da vida, fizera uma promessa ao Bom Jesus; e, no cumprimento da sua palavra, de passagem para Traz-os-montes, convidára alguns companheiros de jornada a subirem ao alto da mata para agradecerem ao miraculoso Senhor o seu salvamento. Eu, como disse, tinha dez annos, e estava tambem ajoelhado na capella onde se venera a imponente esculptura. Enquanto os meus companheiros agradeciam com fervorosa unção o prazer da vida, recordo-me que scismava, muito em desharmonia com a acção de graças d'aquella gente. Pensava eu se me não teria sido muito mais benigno o Senhor do Monte, deixando-me resvalar ao abysmo, amortalhado em uma das suas ondas, menos amargas que as lagrimas que eu havia de derramar em naufragios de maiores agonias. Por que eu, aos dez annos, vinha de perder meu pai quando já não tinha mãe; sahia do aconchêgo da casa paternal des-

feita como um ninho espedaçado por um furacão; e ia para uma terra desconhecida enviado a parentes que nunca me tinham visto. Era por isso que eu, pensando na infelicidade da existencia, scismava se Deus me seria mais benigno deixando-me ir procurar as almas de meu pai e de minha mãe.

Ha cem annos que este Senhor crucificado vê umas poucas de geraçoens prostradas deante do seu altar — uns a agradecer, outros a supplicar. Pois, talvez no transcurso de um seculo, nenhuma outra creança de dez annos repetisse, deante desta sagrada imagem, as palavras de Job: *Quare de vulva eduxisti me?* — «Porque me deste o nascimento?»

1884.

IV

COMPARAÇÕES



UANDO ouço as harmonias commoventes, religiosamente inspirativas do órgão do templo da montanha, e os cantares melódiosos do povo festival a ressoarem nos ecos das encostas hervecidas, e uma doida alegria trinada de passaros a embalarem-se na folhagem da floresta, o meu espirito retrocede seis seculos e procura na intuscepção d'uns vagos lineamentos historicos o que era então o MONTE hoje chamado do SENHOR.

Vejo uns cerrados matagaes onde o veado pula em suas inhospitas solidões, e o javardo estralleja os troncos dos arbustos fugindo ou acommettendo as matilhas dos ricos-homens de Lanhoso — os Ozorios ou Ansores, senhores d'aquelle monte que então se chamava d'*Espinho*.

Um d'esses, D. Pero Osorio, ascendente dos Machados, solarengos d'Entre-Homem-e-Cavado, bandeira-se no partido de D. Sancho II, rei desthronado, contra seu irmão Affonso, conde de Bolonha.

Florecia então arcebispo de Braga D. Egas de

Portocarreiro, acerrimo fautor do Bolonhez, e bravo caudilho da sua hoste no Minho. Era irmão do chefe da horda, que á mão armada roubara a el-rei Sancho a rainha Mecia d'Haro, se é que ella não se entregou com voluntaria perfidia aos raptores.

Um dia, já quando o seu rei jasia no sepulcro de Toledo, e sobre o seu cadaver, Martim de Freitas, o integerrimo alcaide, depunha a chave do castello de Coimbra, D. Pero Anzor assomou nos seus montados de Espinho, com balsão de guerra, um estandarte de templario, offerecendo ao arcebispo D. Egas a batalha da desesperação.

D. Affonso chegára então a Braga para destruir d'um golpe as reliquias rebeldes dos seus adversarios —aquelle ninho de falcoens que, de vez em quando, levantavam vôo assolador dos penhascaes de Lanhoso, a cevarem-se na carnagem dos peões do prelado guerreiro. D. Pero não retirou quando soube que o guião das quinás ondulava á frente da hoste real do usurpador. Travou-se a batalha desigual entre as phalanges aguerridas e os montanhezes indisciplinados na sua furia. O rico-homem ficou prisioneiro na refrega; e conduzido a Braga, por sentença d'Affonso III, rubricada pelos seus baroens e prelados, soffreu em praça publica a decapitação.

Vagára dest'arte o senhorio do Monte d'Espinho, que passou a ser propriedade do arcebispo D. Egas e seus successores na mitra, por generosidade regia. D. Diniz, filho d'aquelle monarca, restituiu os bens aos filhos de D. Pero Anzor; mas o Monte d'Espinho nunca mais saiu do poderio dos arcebispos.

Comparemos a grita, a raiva, o praguejar dos enfuriados batalhadores de ha seis centos annos com os cantares piedosos que hoje se escutam no templo fundamentado, ha um seculo, no chão onde talvez ainda abrolhassem as carcomidas arvores sob cujas ramarias dormiram o somno final os homens d'armas do ultimo senhor do Monte d'Espinho.

1884.

V

CASTILHO REPUBLICANO



LUMINOSO cego, em 1836, traduziu e prefaciou as *Palavras de um crente* do padre Lammenais.

No longo prefacio, a cada pagina, resaltam velhas locuções jacobinas, remodeladas, pela primeira vez, nesta lingua lusitana, affeita ha oito seculos a rojar-se em prosa e verso á ourela dos tronos.

Escrevia o romantico bardo dos ciumes e dos castellos medievaes:

«O destino das sociedades, outro não é senão a maxima liberdade em republica. A idea de republica tão inteira vai contida na de soberania popular, como a de soberania popular na da rasão, e a da rasão na de Deus... Ora, sendo pois esta a destinação terrestre das sociedades, pode-se e deve-se, mão grado aos que haveriam interesse em ao menos retardar o dia, premunir e aparelhar os povos para um estado que infallivel os espera»... pag. 18. «E vós agora, ó reis intendei! instrui-vos, oh vós que julgaes a terra! Não contrasteis a corrente de um seculo caudaloso, que, se muitas ondas populares se quebrarem em espuma con-

tra a vossa dureza, alguma por fim vos poderá levar de rojo para o fundo dos abismos do oceano donde se mais não volve. Não sois vós poderosos para que forceis a mão de Deus a voltar folhas atraz na historia do universo. Penetrai-vos a tempo do espirito do mundo, conservai com mão generosa os vossos sceptros em quanto a hora de Deus não sôa em que os heisde largar». . . pag. 24. « Sim, disse Christo que se dê a Cezar, o que é de Cezar ; mas disse elle que se desse a Cezar o que não é de Cezar ? e demonstrado que seja que o que anda por mãos de Cezar pertence ao povo, será o povo inhibido de o reivindicar para se tornar elle proprio o Cezar de si mesmo ? » pag. 35.

*

No anno seguinte ao emocional advento das *Palavras de um crente*, prefaciadas por um dos tres grandes mestres da intellectualidade portugueza, amotinou-se a plebe armada de Lisboa, e Agostinho José Freire, o ministro devotadissimo da rainha foi assassinado.

Alexandre Herculano que era *artista*, ordeiro e apocalypticico, sahiu então com a *Voz do propheta*, afianada pela clave lugentissima das *Palavras de um crente*.

De maneira que ambos os coripeus das phalanges lettradas, antagonistas em politica e compadres em casa, se serviram da mesma musica, um para excitar a canalha ao republicanismo, o outro para converter a canalha alterada á monarchia representativa.

E ambos elles, como quaesquer mortaes subalternos, eram dois prophetas de pacotilha que luziram uma hora, e n'outra se apagaram. Ah ! grandes homens de cabeças dirigentes, para que vos afadigaes ? Dei-

tae-as em almofadas de plumas bem flacidas, que amanhã o coveiro vo'l-as porá sob a algidez de uma gleba esquecida.

E a critica da geração que se seguir á vossa terá o mesmo sorriso de mofa para as *Palavras de um crente* e para a *Voz do propheta*. Se valia a pena o republicano de 1836 fazer-se *visconde*, e o monarchista fulminador da liberdade armada quebrar lanças a favor das prelecções republicanas do *Cazino*...

VI

Ill.ma e Ex.ma Sr.a D. Maria Amalia Vaz de Carvalho.



O dia 16 d'este mez fiz annos. Felicitarão-me numerosos amigos, e conhecidos e desconhecidos, pela jubilosa commoção que eu devia sentir completando 59. Mas entre os nomes que mais prezo e admiro não estava o brilhantissimo nome de V. Ex.^a Esta falta foi a nota melancolica do meu hymno em aquelle fausto dia. Faltou-me V. Ex.^a a enviar-me parabens por eu entrar no gozo de uma idade bonita. 59 annos a caminharem para a perfeição dos 60; e, d'ahi por diante, uma chronologia de phases deliciosas até á cachexia senil. Estranhei, pois, que V. Ex.^a me não felicitasse por estar surdo, quasi cego, tropego, com duas nevroses em cada nervo, com duas atonias formadas, uma no estomago, outra no figado, e a terceira a principiar no cerebro: tudo isto ditosas contingencias dos 59 annos que as pessoas minhas affeioadas, em uma expansão congratulatoria, pareciam invejar-me.

Nos annos anteriores, quando prefiz 56 e 57, V. Ex.^a saudou a minha felicidade menos completa. Tenho aqui os cartões que me relembram esses anniversarios

em que a minha doce vida não era tão docemente crystallizada como esta dos 59 — fructa sêca laminada de assucar em ponto, tão saborosa como rutilante. Parece que V. Ex.^a com quem a estúpida fortuna tem sido esquiua, sabendo que eu n'este ultimo anno cumulára mais alegrias do que as admissiveis n'um eleito da graça divina, ganhou certo despeito pela desigualdade na partilha dos prazeres, e deixou por isso de me felicitar, como se eu tivesse culpa em que os deuses chovessem sobre os meus 59 annos abadas de flores do paraizo celestial! Esse proceder releva-se ás irritações nervosas do talento contra uma certa parcialidade que os céos tem mostrado a meu respeito; mas eu não a desculpo, minha querida amiga. Por que não ha de regosijar-se vendo remuneradas em mim providencialmente todas as calamidades que os operarios do alphabeto soffreram em Portugal, desde que João de Barros lhes ensinou o *a b c* na sua *cartilha*, começando por *A arvore*, *B bêsta*? V. Ex.^a sabe que o famoso chronista da Asia alludia no exemplo graphico da segunda letra a uma arma de arremessar setas; mas o meu mestre-eschola, bestificado pelo meio, dizia *bêsta*; e isto a meu ver, tinha mysterio que os mercieiros ricos tem querido explicar-me.

Seja como fôr, aconteceu, minha presada senhora, que a cornucopia olympica, sobraçada gentilmente por Minerva, está desde 1826 emborcada sobre mim, e d'esta vez despejou-me as duas nevroses para cada nervo, varias atonias para diversas visceras e a surdez, e a cegueira e varias outras deleitações pelas quaes V. Ex.^a me não felicitou, no dia 16 de março.

Pois, minha senhora, sendo eu um dilecto dos deuses, prelibo como elles o nectar da vingança, não satisfazendo o desejo que V. Ex.^a tem de estampar no seu livro caritativo a prosa juvenil, syderal e irisada d'esta minha inspirada rejuvenescencia. E agora, como

deve estar a nascer-me o dente do sizo, depois da morte dos outros, já mais escreverei prosa senil, prosa de franciscano da ordem terceira, invocando a caridade publica. Nunca mais escreverei senão lyricas e madrigalescas em que a fórmula e o colorido rescendam o perfume dos meus 59 annos.

Além de que, Ex.^{ma} Snr.^a, da maneira como n'este paiz se está mendigando para tudo e por todos os motivos, o collaborador assiduo dos *Jornaes de um numero só* tornou-se o velho mendigo das romarias e das portas dos templos, garganteando clamorosamente: *Ó pais e mães da caridade, contempla...* etc.

Não seria indiscreta coisa, minha senhora, ver se os governos podem aguentar-se na sua missão providente de soccorro á miseria dos seus administrados sem a nossa collaboração de Andadores das almas n'uma effectividade quasi humoristica?

1885.

MODELO DE POLEMICA PORTUGUEZA^(*)

I



MA prodigalidade de adjectivos bons e sonoros com que o snr. Alexandre da Conceição recheia alguns paragraphos do seu artigo critico, é um ardil rhetorico tão sedição quanto pouco engenhoso. Elle descamba abruptamente nas indelicadezas e inexactidões.

Assevera o critico que eu, no EUSEBIO MACARIO, tive por *intuito confessado* a pretensão de lançar o *ridiculo sobre a escóla realista*. O snr. Conceição de certo não pode citar phrase minha que o justifique.

Assevera que eu me deixei *obsecar* (queria talvez escrever *obcecar*) por pequenas vaidades de seita até ao ponto de ter do author do PRIMO BASILIO sómente esta

(*) Os escriptos que provocaram estes artigos encontram-se no *Seculo*, nas *Gambiarra*s, e na *Bibliographia portugueza e estrangeira* de Ernesto Chardron. Anno de 1881.

estreita comprehensão: *de que é apenas um romancista ridiculo*. Não me conformo indifferentemente com esta aleivosia, porque admiro e releio os romances do snr. Eça de Queiroz.

No CANCONEIRO ALEGRE, pag. 11, digo do PRIMO BAZILIO: «o romance mais doutrinal que ainda sahio dos prelos portuguezes». *Doutrinal*, escrevi como synonymo de *moralisador*. Em minha consciencia entendo que, se já houve livro que pudesse e devesse salvar uma mulher casada, na aresta do abysmo, é o PRIMO BAZILIO. O snr. Eça de Queiroz fez esse raro milagre, porque pintou o vicio repulsivo e nojento. As mesmas delicias do delicto emporcalhou-as, pondo as angustias parallelas com as torpezas.

No *Prefacio* da segunda edição do EUSEBIO MACARIO, escrevi: «Cumpre-me declarar que não intentei ridicularisar a escôla realista. Quando appareceram o CRIME DO PADRE AMARO e o PRIMO BAZILIO, e os romances de Teixeira de Queiroz, admirei-os e escrevi ingenuamente o testemunho da minha admiração. Creio que hoje em dia novella escripta d'outro feitio não vinga».

Isto não me parece que seja, na affirmacão leviana do snr. Conceição, considerar o snr. Eça de Queiroz *um romancista ridiculo*. Com inexactidões d'esta especie não é que o snr. Alexandre ha de fazer respeitavel a sua authoridade, n'uma idade em que a madureza dos annos já não lhe desculpa as verdes ligeirices.

Assevera que eu *negára ao snr. Theophilo Braga toda a authoridade moral*. Isto é falso. O que eu formulei no meu artigo GIL VICENTE, fundamentando o aserto, foi que o snr. Theophilo Braga não tinha *authoridade historica*. Com inexactidões d'esta laia é que se perde a authoridade moral; com a errada comprehensão da hstoria apenas se arrisca a authoridade scientifica. A ignorancia é um predicado congenial e pôde ser

inoffensivo ; a calúnia é uma arteirice violenta e nunca deixa de ser malevola.

O snr. Conceição diz que a CORJA é uma *banalidade*. Pois que outra cousa ha de ser a minha novella senão uma frioleira ?

O meu romance não tem o desvanecimento de avantajarse ás « banalidades » da sua especie. E' com effeito uma bagatella risonha que não ha de augmentar o numero dos tolos ; nem tão pouco estorvar que a luz do snr. Conceição penetre as camadas escuras que envolvem a ignorancia publica. Nem os futuros livros scientificos do sonoro poeta snr. Conceição, nem os meus romances banaes hão de crescer nem diminuir o numero dos parvos — a *incommensuravel maioria*, como diz o philosopho Schopenhauer. Acho de uma grande verdade aquillo de Voltaire : *Nous laisserons ce monde ci aussi sot et aussi méchant que nous l'avons trouvé en y arrivant.*

Não só *banalidade*, diz o snr. Conceição do meu romance — mas *banalidade suja*.

Comprehende-se que as impudicias da CORJA manchassem o pulchro arminho do snr. Conceição, demasiadamente pudendo e donzel em annos pouquissimo virginaes. Respeito o seu casto enôjo, e sinto muito haver-lh'o posto á prova do engulho. Isso é raro e é bonito n'um engenheiro, cuja verecundia, se tem explicação, deve ser a da sua cohabitação com a Natureza san, florestal, não gafada das podridões que verdejam nas minhas novellas. Eu não formava uma idéa tão crystallina da candura do snr. Conceição. Ha o que quer que seja n'este pudor anachronico, — uma intimidade organica, sympathica com o seu appellido um tanto mystico, de sacristia — da *Conceição*.

Dá-me vontade, depois d'esta sua aversão ao sújo, ao despeitorado, á deshonestidade, á CORJA, lembrar-lhe que se assigne *Alexandre da Conceição Immaculada*.

Parece deplorar-me; receia que o meu livro seja um *phenomeno de regressão ou estacionamento mental*. Outro sentimento bom como appendice ao pudor. Obrigado pela sua commiseração. Se estas linhas vão confirmar o seu ingrato diagnostico, ahí as tem.

II

Foi indiscreto este sujeito, reproduzindo antes do seu cruel artigo, as mansas reflexões que fiz á sua critica injusta. Desço os olhos dos poderosos céos para a opinião publica empenhada n'este conflicto, e pergunto-lhe se este snr. Conceição não é mau homem, d'uma compleição funesta. O olho inilludível da invocada opinião universal vê a minha innocencia e principia a executar o snr. Conceição — o flagellador. Ah! é bem feito que a opinião publica o excrete com um grande gesto de exterminio.

Disse-lhe eu que não alvejara aos ridiculos da escola realista quando produzia novellas um pouco mais naturalistas que o meu costume. Citei o testemunho escripto da minha admiração pelos romances do snr. Eça de Queiroz e *Bento Moreno*. Para corroborar a grande estima em que tenho os bons cultores d'esta renovada feição da arte, poderia invocar o testemunho do snr. Julio Lourenço Pinto, e do snr. Fialho de Almeida que tem um lugar de honra nos postos avançados da nova milicia. Cuidava eu que o snr. Conceição, tão honesto como intelligente, sentindo-se pezaroso da injustiça involuntaria que me fizera, me pedisse desculpa com o acatamento que se deve á verdade e á decrepidez. O snr. Conceição responde que não tinha obrigação de lèr todas as edições dos meus livros. Ora eu não queria impôr-lhe a leitura das minhas frivolidades.

des; queria singelamente que, a ter de me diffamar, me fizesse o processo com provas.

Volta-se o snr. Conceição contra o meu estylo e carimba-o de *fradesco* e *obsoleto*. Que magnificamente escreviam alguns frades! e quanto é leigo o snr. Conceição a escrever! Mas não tenho que redarguir contra isto, para não sermos dous os ineptos.

Diz que eu lhe chamára *velho*. Não chamei tal. Disse que na sua idade era obrigatorio ser-se serio e verdadeiro. Replica que tem vinte annos bons menos do que eu. Pois olhe, eu fazia-o mais novo; suppunha-o mais tenro, muito mais criança pelas suas balbuciações da lingua portugueza, as suas meninices em orthographia — emfim um pequeno atacado das bexigas doudas do positivismo. Quanto a mim, diz que é irremediavel o meu *cachetismo* (queria dizer *cachexia*. «Cachetismo» é uma doença ainda não catalogada nas sciencias medicas). Queixa-se de que eu fizesse do seu nome um *trocadilho reles*. É aquillo de eu lhe chamar seraphicamente *Conceição Immaculada*. Chama elle a isto um *trocadilho*. Retiro o trocadilho, não só por ser de *botica de aldêa* (que o céu confunda todos os boticarios de aldêa! Por causa d'elles é que eu me vejo nas unhas dilacerantes de s. exc.^o); mas porque não adjectiva correctamente. Na sua *Conceição*, depois d'este artigo injurioso e minacissimo, vejo maculas, nodoas crassas de bilis que o apostolo Pedro via nos lombos da alma dos hebreus, *lumbos mentis*; é um Conceição com todas as originalidades do velho peccado, com todas as carnalidades anthropogenicas — maculas que só podem ser lavadas com alguns banhos de douche e uma lição quotidiana do compendio de civilidade do snr. João Felix.

Pois que eu affirmei que não ridicularisára conscientemente a escóla realista, entende que esta declaração é uma verdadeira *duplicidade litteraria*. Não per-

cebo o que seja *duplicidade* litteraria, salvo se quer dizer que eu sou um scelerado que escrevo de dous feitos, com dous estylos e dous processos. Mas processos artisticos, os novos, é que o snr. Conceição não permite á miuha ignorancia. Faltam-me *educação, suggestões philosophicas, intuição scientifica, a juvenil flexibilidade do talento que não existe n'um escriptor que passou ha muito o periodo da sua plena florescencia*. Estes predicados que me faltam é fatal que eu não os possa adquirir. As fontes em que o snr. A. da Conceição formou a sua disciplina litteraria são-me defezas; os livros que o iniciaram desde que desceu de Traz-os-Montes para a catechese do snr. Theophilo Braga são impenetraveis ao meu esforço e á minha applicação.

Ha 17 annos era o snr. Conceição romantico e até bastante deista, segundo se infere de poemas seus datados. Depois das *Alvoradas*, é que o mavioso vate fez a educação positivista do seu espirito, e ganhou zanga ás religiões, aos reis e ao clero de modo que, á imitação do duque de Choiseul, parece que traz sempre um padre ás cavalleiras do nariz. Pois se o seu atilado espirito vingou em novas orthopedias sciencificas curar-se da corcova romantica, que razão ha para que eu irremediavelmente fique toda a vida aleijado? Nem sequer me concede *suggestões philosophicas*, as suggestões, uma cousa que não vale um caracol!

Tenho aqui á mão os livros que orientaram o snr. Conceição, formei nas academias os alicerces sobre que não é difficil cimentar o edificio novo. Isso que monta? Veda-m'o o *cachetismo*. Que raio de doença esta!

Se escrevi EUSEBIO MACARIO em 1880, como escrevera as SCENAS DA FOZ e a FILHA DO ARCEDIAGO em 1853, n'um estylo nú, de galhofa, mostrando espádoas brunidas de mulheres sem ulceras, e feição por feição a psychologia de alguns argentarios, que se de-

duz d'ahi na hermeneutica do snr. Conceição? Que tenho uma *rhetorica atrazada*, que sou um *velho catholico, um litterato autoritario e quinhentista*. Quer dizer que as diversas obras de arte estão todas subordinadas a um principio, ou não quer dizer nada? Taine, o legislador dos ideaes modernos, não me jarreta as pernas para eu me ageitar ao leito procusteano de mestre Conceição. Elle diz que *toutes les œuvres d'art sont de niveau et que le champ est ouvert à l'arbitraire*. E accrescenta: *En effet, si l'objet devient ideal par cela seul qu'il est conforme à l'idée, peu importe l'idée; elle est au choix de l'artiste; il prendra celle-ci ou celle-là, à son goût; nous n'aurons point de réclamation à fuire*.

Escrevi a CORJA, sem préviamente alinhavar os personagens consoante os moldes do snr. Eça de Queiroz, nem saberia destrinçal-os entre os que servem á obra evolutiva franceza desde *Manon Lescaut* até *Nana*; e, se cotejo as novellas modernas com os praxistas sociologicos em que se estriba a esthetica da ultima hora, persuado-me que esses romances podem fazer-se com observação e estylo sem que aos authores urja a necessidade imprescindivel de manusearem a Biologia de Herbert Spencer, a Evolução humana de Haeckel e o Positivismo de Comte. Para que se ha de assoprar com tamanho empirismo de sciencias pingues uma cousa tão ôca e futil como a novella? O burguez sensato pôde rir-se do nosso charlatanismo. Sejamos francos. A gente faz romances sujos porque a sociedade nos pede a historia contemporanea: é ella que faz os nossos romances. Não partimos de uma renovação de Moral; emergimos d'um lodaçal de inveterados vicios. Se algum de nós, politico ou romancista, nutrir o desvanecimento parvoinho de defecar o humor morbido da sociedade com o sudorifero dos artigos ou dos romances, deve começar por si a cura com os sedenhos; em vez de consul-

tar Augusto Comte e Hartmann, cinja-se ás prescrições de Dagonet e de Maudsley. O snr. Conceição sabe.

Se o snr. Conceição, por estímulo de personalidade ou zelo fanatico dos bons costumes, me doestasse de *especulador com a publica ignorancia*, como disse com desabrida incivildade, eu de certo não o impugnava. Respeito em uns o desvio do senso moral como lesão de organismo irresponsavel; e, n'outros, respeito a causal psycho-mesologica que nos surte um inimigo sem que acintemente o provoquemos. Ahi tem s. ex.^a no *Seculo* o seu collega Caetano que já duas vezes lá gosmou umas brégeiradas a meu respeito, com uma grande garotice impune, triumphal. Quer o snr. Conceição sondar os arcanos mysteriosos da minha bondade? Quando eu soube que o tal Caetano era boticario, e que a CORJA, irradiação do pharmaceutico Eusebio, poderia ferir o melindre d'esse refractario do almofariz, impuz-me a indulgente caridade de não affligir o desgraçado que, incapaz de comprehender a alta missão philanthropica do herbanario, pretende saturar das suas jalapas e mamonas as litteratices que vai aviando.

Com certeza, o snr. Alexandre da Conceição deixaria passar sem correcção as minhas novellas, se não fosse a cohesão scientifica que o gruda ao snr. Theophilo. Não póde perdoar-me que eu lhe não admire o oraculo, e finge ignorar que a maioria dos homens estudiosos d'este paiz o refugam dos seus estudos, e cada dia lhe estreitam mais a esphera da sua authoridade.

Porque leu na *Historia do Romantismo* uma desdenhosa commemoração de José Gomes Monteiro, o snr. Conceição reproduz servilmente a injustiça odiosa. Tambem eu fui injusto com este illustre e modesto homem de letras: penitenciei-me; e, n'essa occasião o

snr. Theophilo Braga, com as suas exuberancias de dependencia pelintra, encarecia os dotes litterarios de José Gomes Monteiro na *Revista contemporanea de Portugal e Brazil*. N'esse tempo, o snr. Theophilo Braga annunciava ineditos valiosos de Gomes Monteiro. Hoje, elle e o snr. Conceição acham *que o sabio lendario da litteratura portuense ficou sempre em conjecturas erudictas e ineditas*: (queria escrever *eruditas e ineditas*: o snr. Conceição tem a erudição phantasiosa dos *cc* para andar ao invetz do estylo fradesco e quinhentista).

No artigo do snr. Conceição vem um remate que reproduzo com vergonha e tedio de me ter roçado por tal character.

.....

« Se porém os assomos olympicos da vaidade irritada do snr. Camillo o levarem a replicar-nos em tom e por fórma que exceda as raias da boa educação, nós não teremos duvida em o seguir a esse terreno e em converter esta inoffensiva polemica no mais divertido e decotado escandalo que tem entretido ha muito a ociosidade indigena. Como temos sobre s .., apesar de velhos, a vantagem de menos vinte annos seguros, affiançamos-lhe que havemos de ser o ultimo a fallar, porque d'aqui a vinte annos, escrevendo todos os dias, ainda teremos muito que lhe dizer».

Percebi-o perfeitamente. Já n'outro lanço fallou d'uns *depauperados Lovelaces* e n'umas *alcovas suspeitas*. E' uma ameaça de invasão á vida particular. Entremostra-se o gatuno que se arremanga para escalar uma janella. Póde subir que eu hei de preferir o es-carro ao apito. Diga ao snr. Theophilo Braga que lhe dê um exemplar das infamias que ha cinco annos vul-

garisou contra mim em milhares de exemplares, rubricados por um bandido cujo nome é como a petrificação de um vomito. Faça uns commentarios perpetuos a esse opusculo e republicue-o.

Que ha de ser o ultimo a fallar porque tem menos que eu vinte annos seguros.

Quem o duvida? Lá tem o mestre que no livro da *Historia do Romantismo* lhe ensina a rojar pelas cans uma senhora que foi amante de Garrett, e sacode á hilaridade publica .os farrapos da mortalha de outra. Lá tem o mestre Theophilo que lhe dá o exemplo de ir á sepultura sagrada de Alexandre Herculano, e escrever CACETEIRO.

III

O cabedal de asneiras (*voilà le fin mot*) do snr. Conceição é já crescido, e o do calão malandro tambem não é pequeno; mas ainda assim não me parece que se haja, até aqui, excedido a si proprio. Por em quanto não lhe direi o *quousque tandem* do facundo Catilina, porque não tenho noticia da sua latinidade, nem s. exc.* me parece digno das cóleras romanas. Elle, desde que envergou a libré de positivista, é obrigado pela horda a grosserias que imprimem character e lhe são o rotulo da bandeira hasteada pelos mestres.

N'este canto do occidente não se imagina que po-dridões fermentam lá fóra na seita positivista que em Portugal superou em Theophilo, em Conceição e poucos mais furunculos anonymos, a tresandarem á volta d'um bom talento, Julio de Mattos que voeja por entre as nebulosas sideraes em busca da verdade intangi-vel; e, quando cuida que o positivismo scientifico lhe

dá treguas consoladoras, sente a vacuidade insondavel do positivismo religioso. (*)

A petulante aggressão a vivos e mortos veio exemplificada de França. O pontifice d'esta igreja, Augusto

(*) Esta referencia ao laureado medico e escriptor deu margem ás duas cartas seguintes:

AO SNR. CAMILLO CASTELLO BRANCO

Em o n.º 7 da revista semanal, *Ribaltas e Gambiarras*, ante-hontem chegado ao Porto, li o seguinte periodo de um artigo firmado pelo sr. Camillo Castello Branco: "N'este canto do Occidente não se imagina que podridões fermentam lá fóra da seita positivista que em Portugal suppurou em Theophilo, em Conceição e poucos mais furunculos anonymos, a tresandarem á volta de um bom talento, Julio de Mattos, que voeja por entre as nebulosas sideraes em busca da verdade intangivel; e quando cuida que o Positivismo scientifico lhe dá treguas consoladoras, sente a vacuidade insondavel do Positivisto religioso „

Este periodo envolve duas affirmações, que eu peço ao snr. Camillo Castello Branco licença para rapidamente commentar diante do publico que as leu. A primeira é que entre os snrs. Theophilo Braga, Alexandre da Conceição e todos os outros positivistas portuguezes a minha individualidade litteraria destaca proeminente como uma cousa sã ao pé de productos pathologicos; a segunda, é que eu procuro a verdade intangivel e, desalentado talvez pelas agruras do Positivismo scientifico, me volto para o Positivismo religioso, onde todavia não encontro senão o vacuo.

Quanto á primeira d'estas affirmações, corre-me o dever de declarar que os homens a quem o sr. Camillo Castello Branco chama furunculos anonymos, são companheiros meus de trabalho—caracteres que respeito e talentos cuja robustez admiro.

Quanto á segunda affirmativa, cumpre-me dizer que não voejo na consecução da verdade intangivel, mas trabalho na conquista de principios demonstraveis, como discipulo que sou

Comte, morreu em setembro de 1857. Dous mezes depois, a sua viuva dava um libello contra o marido defunto, accusando-o de mentecapto, atheu e devasso. Littré, o discipulô dilecto de Comte, abundava no libello da viuva, e asseverava que o mestre effectivamente era mentecapto, atheu e devasso. O advogado da authora, mais ou menos positivista, dizia que Augusto Comte possuia para os usos da sua liturgia religiosa, tres anjos: mad. de Vaux, a cozinheira e a mãe. André Poey, outro positivista de massa o mona, ainda em 1879, escrevia um livro para demonstrar que Littré, o

do Positivismo scientifico; igualmente affirmo que a moral d'esta escóla basta completamente ás aspiracões do meu espirito. Na discussão estabelecida entre positivistas religiosos, que adoptam como chefe Pierre Laffitte, e positivistas scientificos, discipulos de Littré, expliquei por duas vezes na revista philosophica *Positivismo*, a posição em que me colloco.

Agradecendo ao snr. Camillo Castello Branco a intenção amavel das suas palavras, eu desejaria dover a este escriptor a fineza de não envolver mais o meu nome n'uma pendencia litteraria onde me parece que elle é, pela sua obscuridade, inteiramente dispensavel.

Porto, 17 de feveiro de 1881.

JULIO DE MATTOS.

AO SNR. JULIO DE MATTOS

A declaração d'este cavalheiro — superflua para mim — confirma as excellencias da sua physionomia moral. E' um apreciavel caracter que se affirma e realça quando nos manifesta a sua obscuridade com estranho desapego de vangloria. Citei com respeito o seu nome, que é um dos mais aureolados da geração nova em lides scientificas; mas, acreditando eu que o meu louvor desauthorisado lhe era desnecessario, não podia

diffamador de Comte, é um biltre, de mais a mais um rhetorico; e declara que, se o outro lhe reguinga, diz o resto. Aqui está um specimen da escola dos apóstolos da religião natural, um caso bonito de amor conjugal entre os missionarios do altruismo. São estes os que nos inculcam o seu *humanitarismo* triumphal sobre o christianismo agonisante.

Esta iracundia philosophica do snr. Conceição explica-se: é que os cathecumenos serodios, tanto das religiões como das philosophias, são sempre exaltados e carnífezes. Abrasa-os uma actividade furiosa de propaganda, quando se erguem da visão que os derrubou na estrada de Damasco. Não vá o snr. Conceição cuidar

imaginar ainda assim que lhe fosse incommodo. Isto, porém, não esfria a minha admiração nem o desejo honesto de lhe proporcionar muitas occasiões em que a sua modestia reluza; e quaesquer que sejam as esquivanças e até os desdens do snr. Julio de Mattos, nunca terei de me arrependêr.

Mas de algumas linhas da sua declaração peço licença para umas considerações: ... *Corre-me o dever de declarar que os homens a quem o snr. Camillo Castello Branco chama furunculos anonymos são companheiros meus de trabalho — caracteres que respeito e talentos cuja robustez admiro.*

Este conceito dá a medida do bonissimo espirito social, ia dizer — religioso do snr. Julio de Mattos. Se o Positivismo põe a alma dos seus adeptos n'um ponto de vista caritativo em que as qualidades do proximo, sejam quaes forem, se nos figuram predicados estimaveis, eu admiro na Moral d'essa Philosophia santissima virtudes de que o christianismo se não gaba praticamente; mas então me quer parecer que esse optimismo estreme não é tanto de Littré como do dr. Pangloss. Eu não acho, porém, que o philosopho positivista, desde que formúla de um individuo a melhor opinião pelo que elle é em relação a si, deva considerá-lo character respeitavel em relação aos outros. Eu tambem quando se dê o lance de ser insultado por um determinado alguém, não afirmarei que esse tal é um insultador commum de todos; mas, se o snr. Julio de Mattos scuber

que o adjectivo supra *serodio* é chamar-lhe velho. Se eu (vá de hypothese) lhe chamasse velho no viço dos seus 40 annos, devia ser com um proposito lisonjeiro, applicando-lhe este *sloca* dos Livros sagrados de MANU: «O velho ignorante é uma criança, e a criança instruida é um velho». Já vê a delicadeza toda oriental do intuito: — chamar-lhe velho por s. exc.^a ser um menino esperto, instruido.

Diz elle que eu *metto o positivismo a ridiculo*. Não sou eu: são os academicos, os professores das Faculdades, os democratas, os socialistas, os collectivistas, os jornalistas e os racionalistas francezes. Assim o affirma o mais intransigente proselyto de Comte: *Mais*

que eu fui vituperado injustamente por pessoas da sua maior veneração, ou a sua veneração diminue ou a sua philosophia tem transigencias menos judiciosas com os maus caracteres.

Se s. ex.^a acompanhou a minha desavença com o snr. A. da Conceição, de certo notou que eu respondi á critica d'este escriptor, rejeitando:

Como calumnia a affirmativa de que eu ridiculisava os romancistas portuguezes que fazem realismo;

Como affronta, a especulação mercantil com a ignorancia do publico;

Como insinuação vil, o diagnostico de um deploravel phenomeno pathologico no meu cerebro.

Pondere o snr. Julio de Mattos que eu não dera azo ao desaffecto e menos ao affrontamento do snr. Conceição. Quer conversando, quer escrevendo, achava na justiça do meu entendimento mais ou menos apto, o praser de lhe elogiar a prenda de poeta lyrico, sobremodo romantico, emfim, inoffensivo e bom. Depois da minha replica de uma mansidão quasi christã, sabe o resto o snr. Julio de Mattos: — injurias em bårda, substantivos hervados na peçonha dos adjectivos, muito sarcasmo de esfolar o corpo e a alma, e pouquissima grammatica, por signal. Aqui tem v. ex.^a porque eu chamei ao homem *furunculo*.

Quanto ao snr. Theophilo Braga, direi da minha justiça. Fui grande admirador do poeta das *Visões dos tempos*. Fiz-lhe

à nous, les positivistes, à nous qui suivons Auguste Comte jusque dans ses dernières conceptions, la tâche est rendue particulièrement difficile. Les uns traitent nos croyances de folies, d'autres les plus tolérants, d'excentricités, de songes creux, d'hallucinations, à tous, nous n'inspirons que dédain ou pitié. Académiciens, professeurs de Facultés, démocrates, socialistes, collectivistes, journalistes et libres-penseurs font chorus contre nous.

E, depois, com um desalento que faz dó: « Desenganem-se, que os positivistas não são parvos: sabem conscienciosamente o que fazem e o que dizem »: *Qu'on se détrompe, les positivistes ne sont point des niais; ils ont parfaitement conscience de leurs actes et de leurs dires.* (M. LITTRÉ ET AUGUSTE COMTE par ANDRÉ POEY).

pomposos elogios. Depois, n'outro livro, achei-lhe cousas muito ordinarias, anachronismos, destemperos, versos errados. Cuidando que concorria para que o poeta não se evolucionasse n'uma terceira manifestação peorada do seu espirito, fiz-lhe notas ligeiras de amoravel critica. Elle tinha formado do meu fino gosto um tão luminoso conceito que até me dedicou um conto n'um livro de prosa. Mas desde que lhe molestei o soberbo egoismo de poeta reformatriz, fez-se-me um inimigo implacavel, instigador clandestino de *piadas*; e, quando não achou quem deturpasse com estremada impudencia os successos da minha vida particular, fabricou o foliculario um opusculo cujos exemplares inundaram Portugal e Brazil. Ora, se elle para escorar o bom juizo que o snr. Julio de Mattos fórma de seu character lhe disser que eu o calumnio, haja alguém que me intime a apresentar as provas.

Aqui tem s. ex.^a o segundo *furunculo*. Nunca ninguem deu nome tão brando a sujeito de tal tomo e casta. Eu devera chamar-lhe pelo menos uma *gangrena*.

Para concluir, continuarei, se me permite, a considerar o snr. Julio de Mattos um cerebro poderosamente animado entre dous tinhosos com anasarca de orgulho.

A troça que afflige este positivista é contagiosa. O sorriso portuguez não acha no snr. Conceição motivos para seriedade. Muito ridiculo. Como representante de versegadura lyrica, tolera-se: é banal, mas correcto; e até admiravel em alguns poemetos. Como philosopho alagartado de rhapsodias, de plagiatos incruados, de burundangas em vasconso, o snr. Conceição é uma trivialidade charra que vai passando e farfalhando como os enxurros. Se s. exc.^a soubesse o que finge saber, tolejava menos. Isto parece de Calino, mas é do gnomico Publius Syrus: *Sæpe minus pecces, si scias quod nescias*. Soffra este arrôto fradesco, com paciencia e com um *Magnum Lexicon* nas unhas.

Elle cá torna com a sujidade das minhas novellas. Cá o tenho outra vez *Conceição Immaculada*, purpureado como um noviço arrabido. A fina flôr da sua pudicia retrahiu-se de novo como a sensitiva tocada por dedo lubrico. Voltemos ao *trocadilho*, como elle disse. Mas o snr. Conceição não tem orientação scientifica bastante que o norteie na linha recta do *trocadilho*. Eu, se quizesse fazer um trocadilho do nome do snr. Alexandre da Conceição, dizia: *a snr.^a Conceição do Alexandre*. Percebeu? Aqui, sim, havia troca; mas no caso questionado, a cousa rhetoricamente chama-se *antonomasia*. Seneca, o *Philosopho*, Platão, o *Divino*, *Scoto*, o *Subtil*, Santo Antonio, o *Thaumaturgo*, Conceição, o *Immaculada*. Vê?

Mas, se quer continuar a merecer a antonomasia e estes afagos semanaes, não minta. Eu não escrevi alguma *Vida de Jesus*. Escrevi uns artigos intitutados *Divindade de Jesus*, annos antes que Renan publicasse o seu livro. D'esse escripto nunca poderei envergonhar-me; e d'este aviltante recontro com o snr. Conceição hei de afinal pedir desculpa ás galerias. Não diga que eu *rabeio* (argot de tarimba) porque me negou suggestões moraes. O que s. exc.^a me não concedeu foi

suggestões philosophicas. Estas, as philosophicas, e mais o snr. Conceição, *par-dessus le marché*, é que não valem um caracol. E' um trapalhão *hors de ligne*.

Por duas vezes classificou de *aphrodisiacos* os meus romances. Isto é tão certo que já se vende a CORJA nas pharmacias. Temos visto receitas assim formuladas :

Récipe: pastilhas de ambar cinzento e almiscar 12
Capitulos da CORJA..... 3

Mixture.

Diversos velhos e até diversas velhas não são estranhos a esta evolução therapeutica, preferindo-a ás carnes salgadas, ás tubaras e aos mingaus. A mostarda e o alho cederam as suas essencias irritantes aos requebroz da *Paschoela* e do *Fistula*. Calvos anciãos imprudentes, com a segunda leitura da CORJA, morreram da morte do poeta Lucrecio, como se tivessem bebido os philtros de Lucilia. Familias abstemias e castas, tendo lido a CORJA antes da cea, foram para a meza e começaram a fazer visagens e tregeitos lascivos como se estivessem nas orgias de Trimalcião. Homens mansos, de compleição glacial, que apenas conheciam algumas trovas mais chilras das *Alvoradas*, desataram-se em dythirambos de Petronio, pespegando beijos causticos nas espaduas das parentas. As devassidões mysteriosas da deusa Bona e do relaxado deus de Lampsaca tornaram-se os saraus regulares dos burguezes desde que os meus romances, afugentando a bisca, se installaram no seio das familias como as gotas do Cagliostro e as modernas perolas de Jenkins.—Uma desgraça indecente que poderá remediar-se ainda, se os artigos emollientes do snr. Conceição e algumas immersões refrigerantes em decocto de frescas malvas conseguirem repôr as pessoas e as cousas no *statu quo*.

No entanto, irei protestando contra a iniquidade

d'este romantico de 1863, esta creança loura que faz dos meus cabellos brancos o seu triumpho. Eu não o malsinaria de lyrico incorrigivel. Póde-se até detestar o romantismo como o americano Hoffman, e, dadas certas condições de lua e de brizas, não reagir, como elle, aos pulos d'um coração sensivel. Isso acontece a todo vate e a todo mercieiro dotado d'aquella viscera ôca. Ha choques de que rebentam os maus versos e outras

Evoluções de erothica milicia,

como dizia ha oitenta annos o Alfeno Cynthio. E o *eu* positivo de 1881, quando mal se precata, é escouceado pelo ignaro *eu* romantico de 1863, porque os 2 *eus* são tão antigos que já frei Heitor Pinto, ha trezentos annos, se queixava de um pelas tolices que obrigava a fazer o outro.

Mas, dizia eu da iniquidade. Segundo elle, quem ultraja a escola realista sou eu; e lá se dispende n'umas engoiadas maravilhas para mostrar que os romances d'este são influidos por Littré, e os romances d'aquelle são insufflados pelas theorias de Spencer. Com certeza, os romancistas alludidos ignoravam isto: estavam como o Jourdain de Molière que não sabia que fazia prosa.

Tornando á iniquidade—Silva Pinto sem tergiversações nem rebuço ridicularisou galhardamente a fórmula do realismo anguloso e escalavrado como em Portugal o exercitam nos livros. Leia os *Realismos*, e reveja-se n'essa vassoura que varre o esterco das cavalharias de Augias. A Silva Pinto defendeu-o o seu diamantino escudo, a justa reputação de lingua de prata com uma liga de dynamite; ao passo que a mim, neophyto ingenuo da nova heresia litteraria, exterminam-me do adro do templo, como se eu entrasse no pagode e pizesse fóra o idolo e os sacerdotes a pontapés de rhetorica obsoleta! Manhosas bestas!

Concluindo:

A pouca saude e as raras férias de trabalho util

não me permitem gozar folgadoamente a vadiagem litteraria compativel e precisa a umas sabatinas de chalaça com o snr. Conceição. Se lhe apraz palhetear vitaliciamente commigo porque o tempo lhe sobra e as occupações diarias o não impedem, e o cerebro lhe espuma muitos adjectivos sediços, eu talvez não o possa servir com uma profusão correspondente á sua fecundidade. Póde, todavia, contar commigo por estes dez annos mais proximos; isto é, se n'este transcurso de tempo, o snr. Conceição me não devorar. E nada mais natural desde que elle, *pondo-me o dedo, me encontrou cheio de palha*. Isto já me aconteceu com outro individuo nas alturas de Barroso, ha vinte e oito annos. Deitei-me n'um palheiro de lavrador; e, como sentisse frio, embrulhei-me no feno; e vai n'isto, um macho que eu arreátara perto de mim, soltou-se; e depois de ter comido a camada da palha que me cobria, principiou a comer-me um braço, pondo-me primeiro o dente, visto que não dispunha do dedo do snr. Conceição, que me apalpou e conheceu a natureza graminea, comestivel dos meus intestinos. Mas admittida a doce conjectura de eu não ser comido (Deus me ajude e defenda!) póde contar commigo, dez annos, se se sujeitar a uma condicional suave.

Dispenso-o da syntaxe, da prosodia, da etymologia, dispenso-o até da orthographia; mas não o isento de vestir luvas quando escrever. Não imagina a influencia das luvas nas duas mãos do escriptor, ou nas quatro, conforme a sua especie, como se diz no Genesis. Confie nos dizeres de Hégèsippe Moreau: *Comme des gants vous refont un homme!*

Mas eu receio que o snr. Conceição a final se cance, porque não ha bestialidade que, por muito estafada, de si mesma se não enoje. *Omnis stultitia laborat fastidio sui*. E com este novo jacto obsoleto de velho frade quinhentista, adeusinho até outra vez.

IV

Abro um parenthesis para uma pessoa discreta que me vai lêr e deplorar. Esta substanciosa controversia com o snr. A. da Conceição originou-se da injustiça com que fui accusado de hostilisar pela irrisão dous escriptores que descrevem as cousas e as pessoas como ellas são ou podem ser. Contestei com provas escriptas que admirava os dous escriptores realistas e outros da mesma phalange; mas nem me profilei immodestamente ao seu lado, nem me gabei de usar os modernos processos com conhecimento de causa. Pareceu-me que o realismo se podia exercitar sem estudos prévios, por ser facil tarefa com observação e estylo descrever a verdade das cousas physicas e ter das moraes uma intuscepção mais ou menos aproximada da realidade. Offereci esta opiniao, e usei dizer que as minhas ultimas novellas, tirante os vicios acintosos do estylo estragado pela imitação, não significavam apostasia da minha velha escóla; mas sim a reincidencia de um mau genero que eu tinha ensaiado ha muitos annos com desagrado do publico. Replicou o snr. Conceição que eu não entendia o realismo, que era um inepto se pretendia mudar de systema, alistando-me com os positivistas, com os evolucionistas, uns porque eram psychologos, outros porque eram physiologistas, e eu não podia ser isto nem aquillo, porque era um velho romantico, catholico e quinhentista. Refugadas as chocarrices e as toleimas, a questão é isto.

Ora eu não tinha o desvanecimento de formar hombro a hombro de quem quer que fosse. Fiz esses dous frivolos livreocos cuidando que sociologicamente ninguem lhes dava mais importancia do que eu dou aos romances banaes dos escriptores eminentes; porque eu não creio que as novellas desde Lucio de Pa-

tras até Emilio Zola tenham feito bem nem mal ao genero humano.

Mas o snr. A. da Conceição, cujo melindre de escriptor sertanejo eu nunca beliscára, e pelo contrario amimei com extraordinarias caricias no CANCEIRO ALEGRE, tomou a peito vingar uns idiotas mais innocentes do que elle, e nivelou-se barba por barba com uns enxovedos que eu, de passagem, ia resvalando com o pé ás sargêtas conforme os topava no meu caminho. Inflado de orgulho e das selvagerias de uma educação reles, este philosopho, que não poderia resistir a um serio exame de portuguez, concebeu do snr. Theophilo Braga, como de um philopædico ideal, um velho rancor vingativo que o poz em grande emprenhido, como diz o fr. Amador Arraes.

Depois, no parto laborioso, umas parvoçadas sahiram de seu, outras arranquei-lh'as a forceps, e agora força me é assistir á podridão das secundinas que tresandam. Tal é a minha triste situação e a do paiz que assiste, de venta apertada, a este incidente pathologico.

O peor é que não pôde demorar-se o espirito n'uma intercendencia de seriedade com o snr. Conceição. Quando assume ares graves, é contar com uma aleivosia boçal. Onde leu este homem que eu tratasse de torpe e inepto o respeitavel Littré? O que eu fiz foi trasladar a energica arguição de um seu correligionario como documento do fraternal amor que une e unge os positivistas nos seus ágapes religiosos. A verdade é esta. André Poey accusa Littré de se mancommunar com a viuva Comte no libello dado contra o marido defunto. Vem o snr. Conceição e diz, na Figueira, que Poey é um biltre; mas, se Poey denuncia um facto verdadeiro, que se ha de concluir? Que Littré foi um character honesto, acamaradando-se com a viuva na diffamação de A. Comte, e que Poey é um torpe revelando os opprobrios do hyerophante do positivismo, delatados á pos-

teridade por sua esposa chorosa. Mas eu tambem considero Littré um caracter de fina tempera, e a viuva uma virtuosa senhora, e seu marido um excellente defunto, e a philosophia de todos tres uma quinta essencia da philosophia dos honestos, excepto quando o advogado da authora contra o réo já em putrefacção, exclama: *M. Comte a trois anges*: 1.º *Madame de Vaux*; 2.º *sa gouvernante, ou plutôt sa cuisinière*; 3.º *je n'ose, M. le président, ajouter que M. Comte compris sa mère dans une telle compagnie*. Aqui, se não ha infamia que conspurque os tres personagens do litigio, ha um ridiculo que põe em perigo a seriedade philosophica do personagem morto e do vivo. Mas, se Comte é calumniado, que se dirá do calumniador? Decidam e contem com o meu acatamento ao relevante genio de Littré, concedendo-me que eu seja menos parvo que o preciso para lhe fazer o criticismo das suas theorias.

Vamos ao essencial dos artigos do snr. Conceição, e particularmente do ultimo. Principia por tirar bem bom partido da palha. Eu logo vi. Conta que eu *uma noite dormi á solta n'uma cavalhariça do Minho enchendo-me alli d'aquellas palhas que me denunciaram ao tacto d'elle*. Parece que está a gente lendo um trecho rutilante da graça sardonica de Sterne! Tenho-lhe inveja a esta retaliacção em que o arguto rémoque se dá os pés com a sagacidade do argumento. A graça está a pojar da *cavalhariça* que elle faz substituir ao *palheiro*. O homem teve de inventar a manjadoura para mastigar o gracejo. Depois, espojou-se. O que é certo é que o snr. Conceição, depois de muito apertado pelas rose-tas da espora, deitou espirito. Ja aconteceu uma cousa assim ao lendario burro de Apuleio, o encantado burro, que depois que comeu as rosas, regenerou-se, e voltou á forma humana, chalaceando com as matronas. N'um arranque de Rabelais, o snr. Conceição chamou-me *Camillo da Samardam*; e, com outro arranque de Swift,

chamou-me *Camillo do divino Jesus Maria José*. Obri-guei-o pois a ter ditos agudos. Salguei este enorme semsaborão que parecia manipular as suas cataplasmas litterarias no antro de Trophonius. Constituiram-me os deuses o Moysés d'aquella cabeça de granito. O le-gislador dos hebreus tocou o penedo com a vara e fez golfar uma fonte limpida; e eu, á força de lhe friccio-nar o casco do rijo craneo, extrahi-lhe duas crystalli-nas chalaças que se perderiam ineditas, se eu lh'as não vascolesse no cerebro, sacudindo-o pelas orelhas. Na minha longa vida, não tenho outra façanha de que me gabe. Espremar um tolo até ao ponto de o fazer re-bentar em phrases engraçadas, é a primeira que me succede. Balaam não conseguiu tanto fazendo fallar o burro, porque a Biblia não diz que o burro tivesse es-pirito.

E, se não fui eu que lh'o incuti, onde foi elle be-ber as finas essencias d'aquellas duas larachas? Diz, talvez, o ingrato que não fui eu quem lhe fez suppurar o chiste; —que bebêra o seu espirito n'outra fonte, e aponta-me para estas linhas do seu artigo: *O snr. Camillo, raivoso e apopletico, correu para dentro do quarto e appareceu de novo á janella com o seu vaso de noite na mão.*

Bem sei, velhaco, bem sei. Quer dizer que hauriu o seu espirito no tal vaso. Que lhe preste; e eu incli-no-me a crê-lo. Tão garridas flores de graça attica não poderia floreal-as o seu talento sem taes adubos. Pois continue a estrumar-se e a florescer á custa das de-composições alheias, seu porco!

Cavemos um pouco na chalaça. Porque me chama elle *da Samardam*? Quer expôr-me á hilaridade da Eu-ropa denunciando a minha humilde origem no concavo d'uma serra transmontana? Tenho pezar em desmen-tir o parvoeirão. Nasci em Lisboa e fui baptisado na igreja dos Martyres. Está resolvida a questão perante

a posteridade no litigio que ha de correr entre Samardam e Lisboa. Que os posteros desprezem o falso testemunho d'este philosopho de Trancoso.

Segundo elle, eu assomára á minha janella com o tal vaso n'uma grande irritação *porque o publico se enfastiára de vêr as tolices dos meus romances*. Isto escreve o snr. Conceição n'este mez ; mas, no mez passado, tinha escripto: *O snr. Camillo Castello Branco cujo talento litterario e elevação artistica são de primeira ordem... Escriptor de raça... Um gigante que fizo em livros immorredouros toda a comedia portugueza contemporanea*. Ora, realmente, se eu dêsse com o tal vaso na cabeça d'este critico, em vez de lh'o esmolar como *fonte de juvence* do seu espirito canhestro, andaria muito melhor, embora sacrificasse os 440 reis da taça das suas pilherias.

Ainda bem que eu agora já não receio nada absolutamente d'elle. Todo o homem, por via de regra, tem uma certa e determinada porção de facecias. Uns dependem-nas em doses moderadas ; outros expluem-nas d'um jacto até dous. Este Conceição, chamando-me *Camillo da Samardam*, deitou de uma golfada tudo quanto podia dar da sua originalidade ; e, chamando-me depois *Camillo do divino Jesus Maria José*, exhibiu tudo quanto plagiou na corrente dos satyricos eminentes desde Juvenal até Henri-Heine. Ah ! esta girandola de gargalhadas não pôde ser d'elle ; Trancoso não dava tanto ; aqui ha roubo ; se não é de Cervantes a cousa, é de Voltaire. Um homem da estatura d'elle pôde duplicar os couces ; mas agudezas assim aos pares não podem ser originaes. Porém, eu acho indigno e pelintra que o snr. Conceição ande a respigar facecias immortaes em livros humoristicos para me offerecer em pabulo á risada publica. Já me tinha chamado mordermente *o deus de S. Miguel de Seide*. Confrangi-me debaixo d'este látego de chascos, e farejei n'elles o

chiste hellenico de Luciano ou de Aristophanes; mas a pilhagem não lh'a atirei á cara por um resto de amor patrio: custa-me immenso delatar de plagiario um escriptor meu conterraneo — tenho certo orgulho antigo de boa camaradagem com os parvos, comtanto que elles sejam bem nacionalmente typicos. Depois, a proposito de não sei que, exclamou n'outro espirro de espirito violento: *Accommoda-te, leão!* Outro abuso de espirito forçosamente plagiado, se é que lhe não occorreu certa fabula em que um dos personagens é o leão moribundo. O outro é com certeza o snr. Conceição para completar a allegoria.

Quando, a proposito de não sei quê, lhe fallei de escarro com preferencia ao apito, o homem, a trinta leguas de distancia, deu-se ares pimpões de ameaçado pelas minhas *fanfarronadas de valentão*. Não pense n'isso. O escarro e o assobio eram rhetorica. Tudo metaphoras. A minha arma é esta caneta de 10 reis. Nunca teremos de nos esgrimir n'outra estacada. O snr. Conceição é que não usa estylo figurado. Quanto ao apito, *aconselhamos-lhe* (escreve) *que não faça uso d'elle porque se a policia acudir póde lembrar-se de ajustar comsigo velhas contas em aberto*.

«Ajustar *comsigo*». Em pronomes pessoas está n'esta miseria o philosopho. *Comsigo!* O ignorante provavelmente engranza mais esta asneira nos rosarios que lança ao pescoço dos innocentes typographos. Nunca soube declinar pronomes. Elle dedicou as *Alvoradas* a seu pai — o *Ill.^{mo} snr.* (escreve elle) *Bernardino Simões da Conceição*; e, dirigindo-se ao mesmo *Ill.^{mo} snr.* seu pai, com tanto desprezo da democracia republicana como da grammatica nacional, diz-lhe:

“Eu pois que vejo *em si* a imagem reflectida
De Deus, sol da minh'alma, a flôr d'alma lhe dou.,

Dirigindo-se ao *ill.^{mo} pai* não devia dizer *em si*;

devia dizer *em vossa senhoria*. Póde-se asneiar nos tratamentos; mas na grammatica lavra mais fino. Um pai perdôa todas as babozeiras que lhe offerta um filho; mas a lingua mãi é tão veneravel como o proprio pai.

Quando relanceio os olhos pelos artigos do snr. Conceição, como quem se disciplina nos impetos sanguineos da sua vaidade, noto que as injurias se atropellam com as sandices. Não me abre uma clareira em que o espirito se deleite n'uma polemica serena. O que mais o preoccupa são os epithetos com que me espalma, uns galhofeiros, outros tragicos, d'uma ferocidade cervical, tão mal encarados que ás vezes me sinto propellido a imitar Homero quando põe Achilles a chamar cão damnado a Agamemnon, no 1.º canto da *Iliada*. Elle chama-me nomes truculentos desde velho urso até besta que *disputu os loros* não sei com quem. D'esta vez tambem chama-me Golias e Poliphemo, nomes com que seriamente embirro. Depois, o verdugo, para me dar folga das injurias ferozes, deriva ao tom carnavalesco. Falla-me da minha *tibia perforante*; que me ha de pôr entrolhos de papel, collarinhos de gazeta; que me ha de pôr *tisnetes de cortiça queimada e bigodes de estôpa*. Tal é o programma. Projecta o scelerado pôr-me n'este preparo! Com semelhante plano de gaiato que tenciona entrudar commigo, varia as insinuações desbragadas. *Que tenho contas com a policia*, que frequento *alcovas suspeitas*; manda-me *engulir porcarias*; e, quando parece que não deve ter mais peçonha na alma, vibra-me o dardo de me chamar *Camillo da Samardam*, e do *divino Jesus Maria José*.

Em vista pois das palavradas que elle me tem desembestado, gira de caserna, chacotas de arrieiro, e em fim, esgares de faia em bordel, não poderei mais chamar-lhe *Conceição Immaculada*.

D'ora ávante fica sendo a velha *Conceição Capelista* de fraque.

V

Nunca entrou nos meus planos metter este homem em Rilhafolles. Saibam-no todos. Apresso-me a declinar de mim futuras responsabilidades. Posso sentir picar-me a vergonha de ter posto a chibata na cara do garoto que me fez tregeitos de gandaia; mas nunca sentirei remorsos quando elle descanbe de idiota a furioso. Verdade é que a republica das letras, se perder este philosopho demagogo, lucra um tolo funesto de menos; mas ainda assim rejeito a presumpção gloriosa de ter feito sahir os elos partidos d'esta voracissima tenia dos intestinos da Minerva lusitana. Desejo que o snr. Conceição funcione nos alcatruzes da nora social. A lei darwinista do *struggle for life* não me parece bem necessaria á minha conservação para que eu destrua de vez aquelle pobre diabo.

Todavia, eu imaginava-lhe outro pulso. Cuidei que elle tivesse o elasterio dos palhaços que se estorcem com os sonoros pontapés, mas sustentam o equilibrio. O homem cahiu. Está atascado miseravelmente no espojadouro que fez; e eu, alargando-lhe a serrilha com insolita caridade, concedo-lhe que se êrga, que resfolgué e recobre alentos para uma reabilitação.

Vou dar ao meu paiz e a este singular desgraçado a prova suprema da minha magnanimidade, respondendo ao seguinte trecho do seu ultimo artigo. Conceição escreve :

« Voltando ao snr. Camillo dir-lhe-hemos que sobre este caso das incorrecções grammaticaes devia s. . . ser talvez mais benevolente attenta a incorrecção com que se mette a citar phrases de linguas estrangeiras. . . Largue a ferula e fique sabendo que se não escreve *hors de ligne*; *hors de ligne* é uma tolice de caloiros diz-se *hors ligne* ».

E acrescenta :

« Quando pois quizer dizer parvoices, não saía para fóra da prosa mazorra e sorna dos seus adorados quinhentistas. Etc. »

O snr. Conceição conhece a lingua franceza pelo dictionario de José da Fonseca ; mas nem esse o habilita á desastrada correcção. Se ao menós compulsasse os vulgares dictionaristas Boyer e Cormon, o primeiro nos idiomas francez-inglez, e o segundo no francez-italiano, encontraria em qualquer dos dous, no vocabulo LIGNE : — *Ecrire, mettre hors de ligne*, com o significado technico da arte typographica d'onde derivam as applicações analogicas. E, depois, se a authoridade dos dictionaristas o não satisfizesse, devia consultar os idoneos estylistas francezes ; e, não achando exemplos, emprazar-me a que lhe apresentasse um *hors de ligne* empregado por escriptor francez authorisado. Eu, então, com a minha santa pachorra, perguntava ao snr. Conceição se acaso o satisfaria a authoridade de um dos primeiros philologos da Europa e um dos mais vernaculos escriptores francezes contemporaneos—Ernest Renan, por exemplo. O snr. Conceição de certo não teria o estúpido desplante de rejeitar o texto de Renan ; e eu então, com a mesma santa pachorra, em vez de lhe dar com um volume de Renan na cara impudentissima, de um estanhado impenetravel, abria mansamente L'ANTECHRIST do eminente historiographo das origens do christianismo, e a paginas 125 da edição de 1873, onde se trata da educação de Nero, mandava-o soletrar as seguintes linhas : *Sénèque fit bien plus de mal à son élève, par son mauvais goût littéraire que de bien par sa belle philosophie. C'était un grand esprit, un talent HORS DE LIGNE, et un homme au fond respectable, etc.*

Aqui está pois o snr. Renan escrevendo em francez uma *tolice de caloiro*, segundo a opinião philologica

do snr. Conceição; e eu, illudido pelo snr. Renan, perpetrei a mesma tolice, segundo a opinião da besta acima citada. Ah! eu peço venia ao snr. Conceição para o capitular de besta; mas quer-me parecer que me corre mais restricto dever de pedir licença ás bestas para lhes chamar *Conceições*.

Qualquer pessoa, tacteando a desavergonhada ignorancia de tal adversario, mandava-o cavar os proprios pés, dando-lhe o ultimo boléo de misericordia. Não faço isso. Necessito do homem, em quanto me não sahir na encruzilhada litteraria outro palerma de mais pujança. O snr. Conceição é uma grande pilula de familia, um drastico hebdomadario que eu uso como derivativo de ruins humores encruados pelos tedios ru-raes. A minha suave vingança é expol-o uma vez por semana, fazel-o vomitar as cóleras de uma ignorancia rara, esfolal-o, desfibrar-lhe os tecidos, desarticular-lhe o arcaboço até lhe pôr em espectáculo hilariante a alma nua, — obrigal-o em fim a exhibir espontaneamente a indigencia das suas letras e as porcarias indeleveis da sua indole canalha. Isto só o faz quem vive n'uma aldeã, fatigado de folhear livros circumspectos, e pouco abastado para estipendiar goliardos de profissão.

Que terá elle que replicar ao *hors de ligne*? Agora é que se dá o lance sanguinario de eu ser arrebetado por um gallego, porque o snr. Conceição ameaça-me d'est'arte no seu artigo; *quando se me esgotarem os recursos da palavra, alugo ahí no Porto um gallego e mando-o a S. Miguel de Seide arrebetal-o com dous pontapés.*

Pois olhe, infeliz snr. Conceição, se a sua pessoa, cada vez menos immaculada e mais capellista, me dissesse cousas de entupir, eu não mandava á Figueira rebental-o gallego nenhum, porque não sou capaz de gastar 3 coróas no processo do seu arrebetamento. Preparo-me para o vêr estourar por si mesmo como os

abscessos apostemados. O gallego, se eu lá o mandasse, na presença da sua pessoa, devia sentir-se perplexo do nojo que sentiu o burro da lenda de Victor Hugo em frente do sapo. E' o snr. Conceição um gaz sulphydrico expansivo que ha de rebentar n'uma grande espontaneidade fetida, e muito estampido, a menos que o não comprimam por dentro os 3 gallegos que s. ex.^a tem na possilga da sua alma latrinaria.

Mas, em quanto o gallego seu representante não chega, ha de permittir que eu, praticando um bizarro lance de cavalheirismo, desça a aproveitall-o, como um jogral que entretem meia hora, e se remove a chicote quando enfastia.

Vamos esmiuçar outro periodo philologico do artigo do snr. Conceição. Diz elle ;

Demonstra-nos que não sabemos declinar pronomes pessoas porque n'uns versos ha vinte annos escrevemos « a si » em vez de « a vossa senhoria ».

Ora, o livro que elle dedica a « seu pae, o Ill.^{mo} Snr. Bernardino Simões da Conceição » foi impresso em 1865. A asneira tem 16 e não 20 annos. Em chronologia atrapalha muito. A mim dá-me elle 60 annos, como se não fossem bastantes, para minha vergonha e infamia, os 54 que tenho. Concedido, porém, que o snr. Conceição, ha 20 annos, quando escreveu *em si*, não soubesse declinar os pronomes, um dia d'estes quando escreveu *comsigo*, não estava mais adiantado na declinação dos mesmos. Era o mesmo burro com mais 20 annos. E admira-se lorpamente ironico, que eu lhe corrigisse o *em si* em *vossa senhoria*, nos versos ao progenitor dos seus dias! Vamos reproduzir os versos com a emenda a vêr como soam :

A MEU PAI

Se tudo quanto vive é grato ao Deus da vida,
 Se a flôr deve o perfume ao sol que a fecundou,
 Eu, pois que vejo *em vossa senhoria* a imagem reflectida
 De Deus, sol de minh'alma, a flôr d'alma lhe dou...

A fallar verdade, o verso da *senhoria* fica muito comprido; mas, por maior que seja, é muito menor que a asneira sacrilega e blasphema de imaginar que aquelle Ill.^{mo} Snr. Simões paterno é a imagem reflectida de Deus. Nada de chalaças com o Ente supremo, snr. Conceição!

E que *flôr d'alma* elle dá ao referido snr. Simões, reflexo de Deus! As *Alvoradas*. Bonitas cousas para offerecer a um pai!

*Ergue os teus seios tremulos
 e as fôrmas delicadas
 de sobre as almofadas
 e deixa-te adorar.*

Outra *flôr d'alma* que elle põe na lapella da jaqueta de Simões.

Pede um beijo, e propõe á rapariga, que tem vergonha, um *meio selecto*:

*Em vez de vires aqui
 dar-me um beijo envergonhado,
 eu fico sendo o culpado
 dando-te beijos a ti.*

*Com taes vantagens á vista,
 hesitou, mas foi cedendo...*

Recebida esta segunda *flôr d'alma*, o snr. Simões, se fosse um pai sério, dava-lhe uma surra com um chinelo.

Outra historia de beijo :

*Pedi-lhe baizinho um beijo
e ella curvou a cabeça,
e depois disse com pejo :
não é cousa que se peça.*

*Não é, mas rouba-se. — E n'isto,
etc.*

Ora vejam como o pai do pequeno não ficaria jubiloso a cheirar estas *flores d'alma* que fedem como fructos pôdres do corpo !

Mais tres quadras, que o velho Ill.^{mo} Snr. Simões devia receber como tres pastilhas de cantharidas :

*Se te fallo de amor não me respondes,
se vou para beijar-te ris córando,
e concedes o beijo, mas curvando
a fronte ao seio, aonde tu m'a escondes.*

*Esconde ; olha, eu, por mim, não me arrenego ;
o que te digo é que esse teu receio
faz ás vezes com que eu te beije o seio,
como errando o caminho — se estou cego !*

*Desterra para longe esse embaraço ;
vamos, olha p'ra mim, mas sem tal pejo ;
vamos, se não córares dou-te um beijo,
se córares... então... dou-te um abraço.*

As *Alvoradas*, como se vê, pertencem ao lyrismo enervante, comido de vicio, e pruído de lascivia. Esfervilha o diabo no corpo d'este poeta piranga que depois se fez philosopho. Assim como a Platão no berço lhe pousou nos labios um enxame de abelhas, na bocca

d'est'outro Platão de Trancoso estravou-lhe uma suja revoada de moscas verdes. Anda o vate com os beiços encanudados a querer beijar tudo. E, volvidos alguns annos, o homem dizia de si e da sua versejatura: *Devemos a essa doença (o romantismo) diversas calamidades publicas, e entre ellas a praga interminavel dos poetas sentimentaes e incomprehendidos, faltos de cor e de senso commum, cheios de caspa e de vicios, malandros e esquipaticos.*

O vate depois escarolou a caspa, purgou-se dos vicios, derivou de malandro a positivista, e pegou a gritar: *É preciso limpar a cabeça do paiz d'esta caspa repugnante que ameaça de lhe perfurar o craneo, absorvendo lhe os poucos miolos que lhe restam.* E no esgoto d'estas esparramadas necedades metaphoricas, conclue: *É preciso ir até ao murro e ao pontapé.* (Veja nota 51 á *Viagem á roda da Parvonía*).

Aqui está como este marrano do romantismo quer que se expulsem os seus collegas não renegados — *a murros e a pontapé.* Elle tocou a barreira de uma ferocidade truanesca em que principia o grande districto do ridiculo immortal. Sente-se a gente vacillar entre o desprezo e a compaixão quando vê este homem, á volta dos 40 annos, este confrade bôrra do conventiculo positivista, vociferando como energumeno contra o romantismo e reclamando, em nome da sciencia, o murro e o pontapé para uns desgraçadinhos que elle gafára, ensinando-lhes a pedir beijos a todas as mulheres, e a dar-lh'os no cumulo de uma desenfreada concupiscencia! Que traste!

Diz-me elle n'um assomo sarcastico de republicano da ultima hora que eu *sou amigo do throno.* Dir-se-ia que este Harmodius de cutiliquè nunca incensou os reis, lendo-lhe os insultos que a sua moderna politica lhes dardeja. Vejam como elle, ha annos, balançava o thuribulo diante do snr. D. Luiz I:

.....
*É este o rei que eu hoje aqui saúdo;
 o homem que nos faz do sceptro escudo
 e do throno uma grei;
 em que o pobre encontra sempre um braço,
 e que sabe apertar no mesmo laço
 a liberdade e a lei.*

*Salve, pois, digno irmão d'esse monarcha,
 Tito no coração, na alma Petrarcha,
 que Deus nos quiz levar! .
 Este povo, que adora a liberdade,
 também se curva aos pés da Magestade
 que a sabe respeitar.*

(*Alvoradas*, pag. 77).

E invectiva o meu affecto ao throno este duas vezes apostata do romantismo e da realzeza!

Orça pelo mesmo desaforo a sua probidade na critica litteraria. Quando Silva Pinto publicou os seus *Realismos*, e lhe enviou o livrinho, Conceição, em carta particular, taxava-lhe o formosissimo trabalho de *má acção litteraria*. (Veja *Do Realismo na arte*, 3.^a edic., pag. 55). e essa *má acção litteraria*, consoante a opinião do mesmo critico impressa no *Seculo*, soffre a seguinte tranfiguração: *Silva Pinto publicou o pequeno volume dos REALISMOS não para ridicularisar a escola, mas precisamente para o contrario, para mitraquear uns idiotas grotescos que lhe andam arriscando o futuro e a dignidade com umas imitações inscientes, ignaras e servis. Quer dizer: Silva Pinto tem o merecimento de ter sido o primeiro soldado da nova milicia a romper este fogo em que eu ando empenhado.*

Isto é mais que descarada leviandade — é uma cobardissima subserviencia, uma pifia abjecção, porque temeu levantar contra si o latego como sabe brandil-o o pundonor do talento e da justiça. Envolveo o nome

de um amigo que muito prezo n'esta contenda depois que elle definiu a sua posição na *Revista do Norte*. O snr. Silva Pinto sabe que eu lhe pedi mais de uma vez que me não prestasse o seu consenso litterario n'este debate com sarrafaçal de tão pequena estatura (*).

Mas isto não vai a zangar. O que eu lhe não perdoo é a ingratidão. Elle deve-me o renome que está fruindo no reino; e, a não me cegar a vaidade, talvez o faça conhecido no Brazil, se a sua apoiadura de tolices não se exaurir tão cedo, como espero. A mim deve o snr. Conceição referencias d'esta especie divulgadas pela imprensa da côrte. O n.º 231 do *Pimpão* dizia: «Alexandre da Conceição Immaculada, no seraphico intento de preconisar a escóla realista, disse ser ella o producto, etc.» O n.º 232 do mesmo *Pimpão*, dizia: «Alexandre da Conceição Immaculada, informando o publico ácerca da arte, etc.» E concluia: «Damos um porquinho doce a quem penetrar a letra d'este mixtiforio vasconso, a começar pelo proprio author immaculado».

Elle já anda entoado em endeixas fadistas que gemem nos bordões do *Quintão* e da *Perna-de-pau*.

Ó Conceição, Conceição!
Já não és immaculada,
Agora és capellista, etc.

diz a trova.

(*) Depois de escripto este artigo, li a honrada declaração, mas não solicitada por mim, que o snr. Silva Pinto inseriu no seu vigoroso escripto publicado no n.º 3 da "Bibliographia". Agora é tempo de confessar a ufania com que vejo a meu lado o pulso do rijo escriptor, na esperança de contendores mais dignos d'elle.

A final, quando eu me deliciava na hypothese de que elle esvaziára o cadoz das larachas, desentranha-se em mais 3, muito certeiras, frisantes e apropriadas aos meus notorios costumes. Diz *que me eleva á categoria de Balio de S. Miguel de Seide, barão do Casacão, e visconde de Vallada.*

Quando isto li, deu-me para chorar um grande choro, com uma compaixão enorme por este phenomeno monstruoso de semsaboria. Depois, n'um impeto de caridade, como não pudesse rapal-o para lhe tartarisar a cabeça sandia, lembrei-me aconselhar-lhe que se sumisse; e, conforme os processos de Heliogabalō, escondesse a sua vergonha n'uma cloaca.

VI

O meliante, ao fugir, fede. E' como uma pequena besta mansa, carnivora, do Senegal, chamada *bombardeiro*. Quando se vê em perigo, aquelle porco bicho golfa da extremidade do abdomen um liquido explosivo que é fedorento e queima. O bombardeiro vai fugindo e seringando: tal é Conceição, — o putrido, quando foge.

A respeito do *hors de ligne*, não viu o *Ante-Christ* de Renan, porque não tem o livro; mas persuade-se que eu falsifiquei o texto para *justificar a tolice*. É o *bombardeiro*, tal qual. Mão no nariz, e ávante.

O certo é que eu tenho a satisfação de annunciar aos meus amigos em particular e ao publico em geral, que o homem não mandou cá o tal gallego prometido. Elle tinha dito *que assim que se lhe esgotassem os recursos da palavra alugaria no Porto um gallego que me viria rebentar com dous pontapés*. Ora, como os recursos da palavra se lhe esgotaram no transcendente litigio do *hors de ligne*, ou elle alterou o mortifero pro-

jecto, ou não encontrou gallego que o quizesse representar.

Ainda ha, pelos modos, gallegos honrados e incruentos.

Mas, venha ou deixe de vir o mensageiro homicida, um de nós deve morrer imprescindivelmente. Desde que li em Luciano (ou *Lukianos*; — todo o melindre se faz preciso com tamanho polyglotta) que dous poetas, Archiloco e Hipponax, á força de satyras, conseguiram que Lycambo e Bufalo se estrangulassem, concebi o tragico proposito de cerrar de perto com o snr. Conceição até elle se enforcar, anavalhado pela consciencia de Judas do Romantismo dos beijos e dos abraços. Se conseguir este *desideratum*, eu — vingo a honra da grammatica e da rhetorica portugueza; elle — entra na immortalidade dos Bufalos pendurados; e, se da sua cabeça não foi possivel tirar idéas, pôde tirar-se anneis.

Entretanto, apercebendo-me para a sensação atroz da promettida morte de estouro, tratei de anesthesiar-me com o chloroformio de dous recentes productos do snr. Conceição.—o tonante, a cargo de quem se acham as trovoadas philosophicas e os diluvios das asneiras patrias. Um dos productos borbulhou ha dias no OCCIDENTE, e chama-se *O nursery*. O outro é uma carta estravada no *Seculo* n.º 50, com o titulo *Homenagem a Victor Hugo*.

Direi da primeira cataplasma que se chama *O nursery*. Elle explica o titulo inglez. Relata que as suas cinco meninas tem um quarto na casa, especialmente seu, chamado *o quarto das brincadeiras*. Esta noticia momentosa pôz os leitores do OCCIDENTE n'uma attitude de meditação contemplativa. As familias, ouvido o caso, abriram as boccas e murmuraram no tom espantadiço das revelações que intupem: «As cinco meninas do philosopho Conceição tem um quarto chamado

das brincadeiras!» A sensação beliscou a curiosidade palerma das crianças. Meninas louras com o dedo intruso no bordo interno do nariz, perguntavam quem eram as princezinhas de quem o periodico dava tão consideraveis noticias. «São as cinco meninas de um philosopho que discorre nos jardins de Academus da Figueira, posto que Trancoso o visse nascer e garotar. Ellas tem o seu quarto das brincadeiras. O prelo o divulga, a imprensa o geme; e, em quanto houver quem leia n'este paiz, os evos irão contando aos evos que as meninas do snr. Conceição tinham o seu quarto das brincadeiras».

Em seguida, vem a interpretação do vocabulo inglez *Nursery*. Diz que devemos adoptal-o com a orthographia sonica de *Nursery*, e que significa o quarto da ama, e *por extensão* o quarto das crianças.

Este imbecil maciço, de par com uma trivialidade muito ensabida, expede sempre uma tolice glottica. O vocabulario de Valdez ensina a pronunciar *Nors-ori*; Walker e Smart mandam pronunciar *Nurse-ry*; o snr. Conceição quer que sonicamente se diga *Nersery*.

Elle de idiomas percebe. No francez é o que se sabe; no inglez é o que se vê; no portuguez, quando souber declinar os pronomes reciprocos, está prompto.

Dada a versão e a pronuncia de *Nursery*, nunca mais se percebe a razão por que o conto se intitula assim. O philosopho vai para a praia com as pequenas, e por lá acaba a historia que podia chamar-se indifferentemente *Nursery*, ou *Turd* ou *Looseness*. Beba nos dictionarios o snr. Conceição.

Chegados que foram á praia, em quanto as meninas brincavam, deitou-se elle de cangalhas, de papo acima — postura de mariola em soalheiro fóra de portas. *Estendi-me no areal* (diz o bruto) *de ventre para o ar como um vadio, pondo as mãos debaixo da cabeça em fórma de travesseiro*. Ahi o tem no realismo pelintra de gallego á porta da alfandega á hora de sésta. Lem-

brou-lhe então um dito de Taine, a respeito da capella *Sextina*, escreve elle. O extremado lorpa escreveria *Sixtina*, *Sistina* ou *Xistina* se soubesse que foi *Sixto* ou *Xisto IV* o fundador da capella.

Tanto sabe elle se o Papa era *Sixto*, como se era *Sexto*, como se era *Septimo*.

Estava pois de barriga ao sol como um Diogenes de bric-à-brac que não usa da pipa senão em sangrias copiosas, quando uma das filhas lhe perguntou quem fizera o mar. O philosopho respondeu amphibologicamente, de modo que a pequena replicou: — «A Guilhermina diz que foi Deus».

Ora esta Guilhermina era filha de um snr. doutor Nunes, deista ao que parece, que a educára na idéa de que Deus creára o mar; mas Conceição positivista redarguiu: «É que a Guilhermina sabe mais do que eu». E perguntou á menina purpurejada de pejo: «Tu sabes quem fez o mar? Então talvez saibas tambem quem fez Deus». E ella, cada vez mais envergonhada, respondeu ao philosopho cada vez mais triumphante: «Não sei».

Conceição verificára emmudecendo a criança a quem deu a primeira lição de atheismo na presença das suas cinco filhas que não conheciam a palavra Deus com a significação de Creador. Que pai, que mestre, que educador, e que fabricante de esposas e mães! Que plantará elle nas almas em que vai destroçando as flôres do ideal religioso? Naturalmente dá-lhes a lêr as *Flôres d'alma* que offereceu ao pai Simões. Que o incauto doutor Nunes se apresse a desviar a sua Guilhermina de tal convivencia, e insista em lhe asseverar que foi Deus quem creou o mar. Entre Conceição e Rosalino Candido opte pelo segundo philosopho que lhe exclama judicioso: *O Deus dos ignorantes é a prova mais clara, é o testemunho mais eloquente, é o pregão universal mais*

altisonante da verdadeira existencia de Deus. (LUZ DA RAZÃO, 15.º anno, n.º 1).

Vamos escodeando a crôsta ao idiota enfrornado em philosopho atheista. Cá está a *Homenagem a Victor Hugo*. Elle leu no *Siècle* os festejos ao grande poeta revolucionario. Sensibilisou-se hystericamente, chorou e disse: *Escrevo-te com os olhos rasos de agua de indescriptivel commoção.*

Conhecia-se a *agua de Colonia*, a *agua de Inglaterra*, a *agua de Labarraque* e outras aguas; mas a *agua de indescriptivel commoção* é fonte que gorgulhou da sua hydropesia de parvoices. E depois — um sujeito scientifico, um physiologista, chimico, biologo, morphologo, somatologo, em fim anthropologo não chama ás lagrimas *agua*. As lagrimas são um humor, uma secreção glandular. Este homem, chamando ás lagrimas *agua*, é capaz de chamar á ramella *topacios*.

Conta elle que *se fez em França a apotheose* de Victor Hugo. Asneira original. *Apotheose* quer dizer *divinisação* (*apotheôo*, radical *theos*, deus). É a deificação do homem entre as divindades. Faziam-se estas ceremonias aos mortos illustres na Chaldêa, na Grecia e em Roma. Tiveram apotheose Romulo, Cesar e outros imperadores. Tambem Caligula e mais o seu cavallo tiveram apotheose em vida, por excepção; mas com certeza o snr. Conceição não quiz que o exemplo de Caligula servisse á deificação do cantor pensionado de Luiz XVIII — o monarchista esturrado.

A França não *divinizou*, festejou o poeta, esta é que é a verdade.

Outro sim, diz elle que a apotheose foi feita *áquelle assombroso velho do Victor Hugo*. D'esta redacção deprehende-se que o festejado não foi Victor Hugo; mas sim um velho d'elle — o *velho do Victor Hugo*. O complemento determinativo *do* faz do poeta e do velho

duas pessoas. Se eu disser, por exemplo, *a besta do snr. Conceição*, ninguem acreditará que o snr. Conceição é a besta; mas sim que o snr. Conceição possui uma cavalgada; e, embora se diga que elle fórma com ella substancialmente o centauro, a grammatica exige que os dous sejam distinctos, apesar da sua cohesão esthetica e plastica. Se eu quizer dizer que «o joven monarchista Victor Hugo não é o velho republicano Victor Hugo» não serei tão inepto que escreva: «O joven do monarchista do Victor Hugo não é o velho do republicano do Victor Hugo».

A correspondencia fecha assim: *Mando-te um abraço cordial porque esta festa é de todos nós, é de todos os democratás, é de todos os republicanos que tem em Victor Hugo o seu maior propheta. Victor Hugo é o S. Paulo do novo christianismo da Justiça. Sinto-me tão expansivo n'este momento que, se não receasse ser taxado de jacobino, terminaria com um VIVA A REPUBLICA...*

Não quer ser taxado de jacobino. O que elle é — bem o sabe a Europa — é um jacaré sedento do sangue dos Braganças em chouriços, e d'uma fome voraz de almondegas de jesuitas. De resto, como propagandista de republicas, é a metempsychose pithagorica do idiota Manuelinho de Evora — a alma penada d'um tolo que se lhe alapardou no corpo pelo sitio por onde o gallego do Garrett se esquivava ao ingresso do diabo, e lhe está fazendo na epiderme as comichões phreneticas da sarna revolucionaria.

Chama elle *propheta maior* a Victor Hugo. Esqueceu-se do seu Littré e teve um ataque de romantismo emphatico e declamatorio. Um philosopho positivista rejeita a chimera do prophetismo, e não trata rhetorica e banalmente de prophetas os precursores revolucionarios ou evolucionistas. Porém, agora me lembro

que A. Comte, fundado n'umas cabalisticas *medidas de transição*, tambem prophetisou; mas sobre a sua memoria pesa o ridiculo d'essas prophcias que fazem lembrar Cardan e Nostradamus. (Veja Stuart Mill. *A. Comte e o positivismo*). O christianismo da justiça não tem Ezequieis nem Habacucs; tem operarios e evangelisadores, tem apóstolos, uns tolos como o snr. Conceição e Jean Journet, *l'Apôtre* por excellencia, de ridicula memoria — e outros intelligentes e previstos como Voltaire e Victor Hugo. Chamar ao author dos MISERAVEIS o S. Paulo do novo christianismo da Justiça é de primeiranista de theologia coimbrã. Está 60 annos atrazado na comprehensão das origens do christianismo. Vê S. Paulo como os mestres do seminario de Santarem. A christologia critica moderna não dá a Paulo a importancia propagandista que o snr. Conceição quer attribuir ao *propheta* Victor Hugo. A influencia do converso de Damasco, as suas desavenças com Pedro, puzeram algumas christandades em risco de sossôbro. Consulte Renan: *Paul était trop peu sympathique á la conscience populaire, et aussi peut-être trop bien connu par l'histoire, pour qu'il pût se former autour de sa tête une auréole de fables... Que fut Paul? Ce ne fut pas un saint. Le trait dominant de son caractère n'est pas la bonté. Il fut fier, roide, cassant...* etc. Victor Hugo parece-me um sujeito muis estima-vel e mais prestadio que Paulo á reformação da sociedade. Outra apreciação de Albert Réville: *Paul fut médiocrement compris et encore plus mal soutenu de son vivant. Une foule d'indices démontrent que sa mémoire tomba promptement dans un oubli relatif, si même elle ne fut pas tenue pour suspecte*, etc. (*Histoire du dogme de la divinité de Jésus-Christ*, 2.^a ed., 1876, pag. 34).

O snr. Conceição não sabe nada d'isto. Mas então que diabo lê elle? De vez em quando desalforja muitas

alforrecas de palavriado technico da philosophia, as mesmas em tudo que escreve, quer no artigo de fundo, quer no folhetim, quer na local. Conhece-se que a sua sciencia paroleira se formulou na lambugem de palavras do VOCABULAIRE DES PRINCIPAUX TERMES DE LA PHILOSOPHIE POSITIVE, de Eug. Boudet. Quanto ao mais, uma ignorancia das cousas trivialissimas da litteratura, e um tal atrazo no que mais essencialmente se ventila em materia de religiões que o supponho de todo estranho a Max Müller, a Stuart Mill, a Draper e a Hartmann.

Não sei se peça desculpa dos ares serios com que me ia esquecendo d'esta desmarcada alimaria. E' intractavel, e escorrega-me das mãos como uma enguia, se por momentos descambo á polemica circumspecta.

No remate da carta, *sente-se tão expansivo que quer gritar viva a republica!* Este homem não é simplesmente um tolo insulso que abusa da indulgencia com que uma discreta indiferença lhe concede as expansões. Aqui ha motivo para mais alguma cousa: uma grande tristeza de par com um grande ridiculo. O que elle aloja no interior do craneo, não sei; mas que não regula bem, isso para mim é de fé; e o snr. dr. Craveiro, se quizer fallar verdade, diz-lhe o mesmo. Se mudasse de meio, se não escrevesse, se desistisse de aprender por emquanto a declinar os pronomes pessoases e os reciprocos? Mas é triste, porque o proprio Bozendo de Lavarabos, o *causa nostræ letitiæ*, fazia tristeza á velha academia de Coimbra; e é ridiculo porque todo o san-deu que faz praça dos seus desvarios impressos é um dos *Grotescos* de Gautier, é uma extravagancia chasqueada, ridentissima, emquanto não recebe no catre de um hospital o carimbo solemne do caustico. Mas a zombaria é implacavel com os allucinados piegas que

choram de entusiasmo e sentem guinadas de gritar, como os borrachões, escandecidos no regresso das hortas, *viva a república!* a proposito de uma *apotheose*. Burlescos d'esta laia não cabem na galeria dos *Excentricos* de Champfleury, nem na dos *Illuminados* de Gerard de Nerval, nem na dos *Fous célèbres*, porque a maluquice do snr. Conceição nunca ha de ter grande celebridade: falta-lhe o matiz da graça, a pachuchada que promove os impulsos do riso.

Uma cousa que me dôe é haver ali algum innocente que me considere affrontoso á sciencia moderna na pessoa do snr. Conceição. Isso é fazer-me grande injustiça a mim, e dar-lhe a elle uma categoria puro phantastica. Dobro o joelho diante do altar da Idéa Nova, mas rio-me do sacristão porque o acho muito chulo. A sciencia essa é invulneravel e immaculavel: nem elle a pôde sujar, nem eu posso feril-a.

Isto vai sério de mais. Bem se vê que tenho os oculos montados, com a pitada do meio grosso engatilhada ao nariz conspicuo, sobrejacente ao lenço de Alcobaca.

Venha de lá alguma laracha, algum chasco bem marujo, snr. Conceição!

Ah! eu não o espero! Portugal, quanto a graça, está symbolisado no velho Theodorico. Sômos a crystallisação de Manoel Mendes Enxundia. Soffra embora a minha philaucia, confesso que a arteria comica n'este feracissimo torrão de Ribeiro Chiado e Gil Vicente está exhausta; e, se alguma vez a tunica se dilata e arfa com violencia, não é vitalismo são: é o sacco aneurismatico que vai rebentar.

Ha dous annos, quando o *Cancioneiro alegre* abriu as reprêsas da chacota cis e trans-atlantica, observei que do Brazil me enviaram chalaças muito finas, ao passo que os remoques nacionaes eram achamboados, d'uma insulsez parrana, que só podia ser excedida pelas

actuaes argucias salóbras do snr. Conceição: Confrontando a superioridade faceta dos brazileiros e a desgraçosa boçalidade mazôrra dos meus patricios, lembrem-me uns versos do padre Francisco Manoel do Nascimento :

*O que Jove gaiteiro outorga ao Mono,
Trombudo, o nega ao Burro.*

Parece que o brazileiro está na plena effervescencia da sua animalidade jovial, tem sangue juvenil, não attingiu ainda aquelle grau culminante de perfeição psychologica de onde principia o retrocesso. E' aquillo de Blount: *Tudo pendee ao suicidio impellido não só pela Natureza que o conduz á sua perfeição, mas também pela arte e educação que aperfeiçoa a Natureza.* O excesso de espirito entesta com as aridas charnecas da philosophia assoladora; e quando o portuguez em decadencia cachetica pensa que a sua *encerebração* (palavra de Augusto Langel, PROBLEMES) cresce e se desenvolve n'uma exuberancia de tortulhos em pantano, torna-se um microcephalo em comparação das chalaças reinadias dos espiritos intertropicaes. Por tanto, nós, os lusitanos, quanto a ditos salgados e pulhas salientes, sômos os anthropoides dos brazileiros, e o snr. Conceição é um dos exemplares mais patêgos e evidentemente desgraçados. Hæckel apresental-o-hia ao lado da vera effigie de miss *Julia Pastrana* no livro da *Anthropogenia*, como um exemplar do cretino sem papeira que suppura nos jornaes de 10 reis, mas que os não vale na obra da dynamica social — no processo evolutivo do genero humano.

Com que então, adeusinho?

Leitor, ao despedir-me de v. ex.^a a quem peço perdão pela parte que involuntariamente tomei no

escandalo do vergonhoso pugilato, sempre quero que veja o estado em que este cannibal me deixou. E' elle que o diz com cynica alegria; e eu, como expiação, aqui deixo traslado da triumphante protervia do facinora inexoravel:

... Mas não nos lisonjeam os triumphos obtidos pelo ferro em brasa. Marcámos este galeriano na espádua e agora ahi o deixamos de grillheta ao pé, como um miseravel inoffensivo.

Isto é verdade; mas o gabar-se é uma jactancia de feroz marôto.

Pois bem! Eu, apezar de esmagado, volto-me para o verdugo, e digo-lhe que não faça das suas magras letras projectis de lama que lhe recochetam ao rafado carão. Seja um soffrivel apontador de estradas que para isso lhe basta a sua intelligencia rudimentar. Para mais não tem. Convença-se de que não pôde aguentar-se na lucta com um adversario medianamente instruido. A vangloria de me ter acalcanhado não o seduza á temeridade de tentar desembolado novas correrias no lamaçal de suas criticas. Póde encontrar pulsos que lhe façam uma péga de cara e lhe quebrem para sempre as armas que joga.

Cuide das suas obrigações estipendiadas. Quando estiver de cangalhas na praia da Figueira, não pense na capella *Sextina*, nem desluza a idéa de Deus das almas das crianças: estude de costas os pronomes e conjugue um verbo. Incuta nas suas meninas uma sã educação moral que as purgue da peçonha de tal pai; encaminhe-as de modo que, ao sahirem do lendario quarto das brincadeiras, não se persuadam que a vida é uma continuada brincadeira nos quartos.

CONCLUSÃO

O cerdo, rebalsado no esterquilinio, ronca, mas não sahe. Tenho-lhe atirado batatas, cebolas podres. Os projectis resvalam-lhe no couro rijo de pachyderme, e elle, afocinhando-os, grunhe e devora-os. Eu não sou Hercules 2.º, capaz de dar cabo d'este novo porco de Erymantho.

D'esta vez vem insultando crapulosamente DONA SOPHIA AMELIA. N'este pseudonymo farejou elle uma senhora. Cheirou-lhe a mulher, aspirando-lhe os aromas específicos n'aquelle sitio em que a *Pucelle d'Orléans*, segundo Voltaire, pintava as flôres de liz no corpo nedio do pagem de Chandos.

*Jeanne prend l'encre, et sa main lui dessine
Trois fleurs de lis, just'e dessous l'échine*

.....
*Le bon Denis voyait, se piment d'aise,
Le lis français sur une fesse anglaise.*

Com o seu nariz estheticico de Cyrano de Bergerac, não ha escaninho fibrinoso nem refêgo epidermico defeso ao seu olfato. Se para espirrar uma infamia lhe fôr preciso fazer-se mais soez que o seu natural, burrifica-se. Elle bem viu que o pulso que lhe vibrou a segunda tagantada nas *Ribaltas* não podia ser de senhora. Revela-se ahi um braço amestrado nas monomachias duras das controversias litterarias portuguezas. Revê o estylista e o erudito. É evidente que uma dama, embora muito instruida, não ousaria segunda vez dirigir-se ao indecente snr. Conceição. Eu não conheço o cavalheiro que tão desinteressadamente veio,

por minha causa, expôr-se ás chufas d'este biltre assim cobarde quanto bestial; mas, se eu pudesse ir á Beira-Alta, diria ao grande jurisconsulto e litterato que se assigna *Sophia Amelia*, que o snr. Conceição Capelista intenta allicial-o para as suas *borgas* d'alta escôla, ricas de Torres, de radicalismo, de iscas de fígado da travessa das Pretas e de positivismo. Que os lacaios de *Dona Sophia* estejam precavidos com os pingalins para avergoarem as espadas d'este alcaioite que, cheio de invejas, trata de minar a posição social do Firmino.

Este meu artigo já não é bem de polemica: é de correcções e retoques biographicos. Em repetidos lances dos anteriores artigos disse eu que o snr. Conceição era de Trancoso. Não me lembra quem foi o informador d'esta inexactidão que ethnologicamente nada importa; mas que é aviltante, pelos modos, para a vetusta Trancoso, soberba de heroicidades que remontam ao cyclo glorioso do Mestre d'Aviz e Nuno Alvares Pereira.

Chegaram as *Ribaltas* áquella villa archeologica, heraldica e veneranda como uma chronica de Fernão Lopes. Os próceres da terra — representantes dos fidalgos que alli moravam quando o senhor rei D. Diniz lá casou com a senhora rainha Santa Isabel — maravilhados de que florescesse na Figueira, de barriga para o ar, na praia, um philosopho seu conterraneo, chamado *Conceição*, deitaram inculcas por bécos e alfurjas onde costumam nascer os philosophos d'esta casta, e averiguaram a final que, a não ser exposto chrismado, tal philosopho não tinha rebentado de ventre conhecido em Trancoso. Reuniram-se, por tanto, na casa da camara, doze descendentes dos ricos-homens, senhores de pândão e caldeira, do tempo do senhor rei D. Afonso II, o Gordo, e deliberaram, a um tempo, vitupe-

rar-me e honrar-me com uma missiva que até certo ponto me apinina, mas tambem me envaidece, porque me abre relações com appellidos de sujeitos que parece terem sahido hontem das cavernas de Covadonga, na hoste de Pelagio. A carta, com pouca corrupção orthographica, reza assim :

*Snr. Camillo ! Nós, os abaixo assignados, hemos li-
do em varias gazetas que vm.^{ca} a firma que o philosopho
Conceição é filhote de Trancoso. Passámos a indagar quem
fosse n'esta villa a familia CONCEIÇÕES d'onde pudesse
sahir esse assás incognito philosopho. Ouviram-se os an-
ciãos da terra, os sábios, e inclusivé dous frades bernar-
dos, e todos á uma disseram que vm.^{ca} ou fôra illudido
na sua boa fé, ou pretendia enzovalhar Trancoso. No
primeiro caso, peccou por ignorancia, e está desculpado ;
no segundo caso, tão asno é vm.^{ca} como esse philosopho
pulha que intentam enxertar no tronco oito vezes secu-
lar de Trancoso, cujas raizes prendem no torrão d'onde
bracejou a arvore da monarchia plantada pelo grande
Affonso. Ouviu-se o parecer de D. Fr. Leonardo, que es-
tudou rhetorica e poetica no real mosteiro de Santa Cruz,
e esse disse que se o philosopho Conceição aqui nasceu
seria pelo systema do seu collega Platão, que dizem ser
filho de Apollo e de uma virgem immaculada, e d'ahi
viria appellidar-se Conceição, attendendo á maneira ex-
travagante como foi concebido. Suppõe o dito sabio
egresso cruzio que, de feito, o philosopho, visto que tam-
bem é poeta, seja filho de Apollo ; mas, consultado o
morgado de Agra de Freimas, Calisto Eloy de Sylos de
Benevides de Barbuda, antigo deputado, e muito douto
em mythologia, grande egyptologo e romanologo, respon-
deu que dos versos trasladados nas RIBALTAS mais se
collige que o philosopho seja filho não de Apollo, mas
sim do Pégaso. Quanto á mãe, quer ella se macheasse
com o deus, quer com o burro, ninguem dá noticia de tal*

bebida. Como quer que seja, ou vm.^{ce} fosse enganado ou quizesse debicar com os cavalheiros de Trancoso, sirva-se emendar a sua ignorancia, ou recolher o seu espirito em que revela plebeu de baixa extracção, um mesteiral da arraia-miuda que se finge escudeiro porque usa esporins de 3 tostões e cavalga um garrano esparatonado.

Deus guarde a vm.^{ce} — Trancoso, aos 25 de março do anno da graça de 1881.

D. Sueiro Mendes de Ribacóa.

D. Payo Malafaya.

D. Pero Gutlerres.

D. Rodrigo Vermuiz.

D. Gonçalo Trastamires da Gaya.

D. Fuas Moniz Coelho.

D. Mem de Chacim.

D. Fafes Gondisalves de Camvra.

D. Egas Trucuzendes.

D. Gil de Britciros.

D. Fernão de Berredo.

D. Fafião Rodovalho de Alvarenga.

(Segue-se o reconhecimento)

Aqui está a *piada* que eu abiscutei por causa do snr. Conceição ! Oxalá que os honrados lavradores da Samardam, feridos no santo affecto da sua aldèa, ponham a dignidade dos seus estadulhos na espinha horisontal d'este filho de Apollo e Simões por collaboração.

Já elle, descosendo-me na genealogia, me tinha dito que eu nutria umas tolas chimeras de fidalgo por bastardia, como se eu lhe tivesse discutido a estirpe do pai ou da mãe. Que tinha que vêr a questão litteraria com o meu legitimo ou bastardo nascimento? O meu sangue depauperado por alcóvas suspeitas em que favorecia o criticismo do snr. Conceição? Que me im-

portaria a mim que o meu contendor nascesse em Trancoso, se elle me não rasgasse por cima as cataractas torrencias do ridiculo da Samardam?

E afinal, quando eu o julgava espalmado pela fatalidade topographica do seu nascedouro em Trancoso, vem os magnates da terra injuriar-me e atenazar-me a prosapia com umas fidalgas insolencias medievaes!

Mas saibamos: onde diabo nasceu o homem? É filho de Apollo ou de Simões? Nasceu nas fraldas do Parnaso, ou nas fraldas da mãe?

Ah! elle não é bem de origem divina, mas procede de uma raça antiquissima que veio para a Lusitania, 1:372 annos antes do nascimento de Christo, acaudilhada por Baccho, e estabeleceu-se em Ilhavo, segundo diz o meu douto amigo e critico Pinho Leal, no seu *Portugal antigo e moderno*, tomo III, pag. 388.

Ora, o snr. Conceição, de raça pelasga, nasceu em Ilhavo, e talvez descenda de Baccho, digno capitão da canalha intrusa. Eu desejo que elle me prove, e não lhe ha de ser difficil, que descende do bebedo filho de Semelle. Tem cousas e escriptos que parecem mais inspirações da borracha que do sópro apollineo. Antes isso que neto de servo da gleba ou d'algum apanhador de moliço da ria d'Aveiro; — que os bons instinctos do plebeu são mais equivocos e litigiosos que a bondade inconsciente dos cães.

Que jubilo satanico me vai na alma quando posso sarjar na escampada frente do snr. Conceição a ventosa de um texto quinhentista, obsoleto! D'esta vez o caustico ha de ser de Heitor Pinto, um santo frade que dava ao diabo a gentalha com umas palavras sentenciosas que nunca hão de envelhecer em quanto a biltraria que se creou com caldeiradas de cações e safios se não adelgaçar pelo cepilho de tres ou quatro gerações, de modo que não cheire ás algas estercoraes da sua profissão avoenga. O frade diz assim: *As virtu-*

des da gente baixa muitas vezes travam, e parece que sabem a madeira nova e casquenta. Ha ahí umas virtudes bravas sem enxertia, a que não achaes doçura : outras são assucar refinado : umas são de baixo cadarço, outras de fina sêda. (DIALOGOS). Isto foi escripto ha mais de tres seculos. Que diria hoje o preclaro doutor, quando ao canalhismo sem educação rudimentar religiosa se ajunta uma demão de primeiras letras ! E' o mesmo que abrir á fera a jaula da ignorancia para que ella faça das garras o seu argumento.

E então em Portugal ! Aqui são dous os elementos ethnologicos que dominam : é a burguezia que aspira a fidalga e a canalha que aspira á burguezia.

O snr. Conceição como philosopho republicano radical dá a medida do ideal da honra e honestidade que vitalisa as instituições novas e transfunde sangue cruorico nas sociedades cacheticas. A sua boa fé em critica litteraria é uma feição da sua indole que synthetisa todas as outras. Logo darei um exemplo recentissimo.

Voltando a Ilhavo, não lhe direi por em quanto nada da mãe. Deixo-a de escabeche, pois estamos em terra de peixe, para um dia de magro, quando me faltarem iguarias mais condimentosas, e houver necessidade de pôr na meza as varreduras da cozinha onde temos de a procurar — a tal iguaria. Depois, discutiremos a minha bastardia e a legitimidade do snr. Conceição, já que suggeriu essa especie.

Quando ao ill.^{mo} snr. Simões, o das *Flôres d'alma*, esse, um cirurgião devoluto de Ilhavo, transferia-se para Pinhel em 1854, e lá, ganhou sua vida, como o curandeiro da ballada do humorista George Colman :

*No man could better gild a pill,
Or make a bill,
Or mix a draught, or bleed, or blister,*

*Or draw a tooth, out of your head,
Or chatter scandal by your bed,
Or give a clyster.*

Não é pois Trancoso, é Pinhel que se orgulha de ter recebido os clysteres do pai e os aromas das *Flôres d'alma* do filho, com grande gaudio da madrastra. Fique-se sabendo que o snr. Conceição nasceu em Ilhavo, amadureceu em Pinhel e apodreceu na Figueira.

Agora, o exemplo da sua lealdade em critica litteraria.

O snr. conego Alves Mendes, author d'um livro admiravel intitulado *ITALIA*, publicou um opusculo de assumpto restrictamente ecclesiastico sob o titulo *O priorado de Cedofeita*. Este illustre sacerdote grangeou na eloquencia sagrada o conceito que o considera sem lisonja um dos mais elevados e vernaculos ornamentos do pulpito. Como author da *ITALIA*, accentuou mais relevantemente os seus predicados de estylista, urdindo com elocuçõs coloridas d'um accendrado purismo, 500 paginas em que as peregrinas bellezas da fórma se travam com a selecta substancia de noticias preciosas e escassamente conhecidas em livros de viajantes portuguezes. No opusculo *O priorado de Cedofeita* versou com proficiencia magistral uma questãõ organica de praxes e direitos clericæes, de nenhuma sorte momentosa para o commum dos leitores, mas de interessante alcance na esphera em que essa lide andou logo tempo em agitada controversia. Põde ser-nos indifferente o pleito questionado entre o D. Prior e os conegos de Cedofeita; mas esse factõ estranho ás nossas preoccupações não nos habilita a julgar banal e ridiculo o livro do snr. Alves Mendes. Se impulsõs de mera curiosidade nos movem a lér o opusculo, em nosso animo, até certo ponto, faz-se um retrocesso a tempos que pareciam extinctos; por quanto, nós, com os ouvidos amartellados

pelo estridor fabril das officinas em que se forjam as ferrarias e revolteiam as engrenagens e se atarracam as ferraduras de alguns adais da civilisação, não ouviamos, não sabiamos que no priorado de Cedofeita havia desavenças ruidosas entre o D. Prior e os conegos. Sem embargo, se podemos aclimar o espirito attento ao litigio explanado pelo snr. conego Alves Mendes, força é que nos deixemos captivar da austera dialectica, da vasta sciencia da legislação canonica, do estylo castiço e do luminoso retoque de antiguidades esquecidas. Póde ser que cada pagina debruada de textos latinos como esteios á idéa excellente que os dispensa, nos pareça já agora uma exuberancia um tanto monastica e superflua; assim mesmo essas demasias, se não realçam, tambem não desluzem a obra, hoje em dia singular, do versadissimo professor. O capitulo II, todavia, recamado de matizes historicos, é leitura de commum agrado e novidade para muitos.

Enviou o snr. conego o seu opusculo ao snr. Alexandre da Conceição, como um preito ao homem de letras que se enfileirou nos atiradores da critica. Foi um acto louvavel de candura, mas um lapso indiscreto de boa fé. O snr. Alves Mendes, cujos escriptos arguem lição de litteratura moderna, devia ter lido o que quer que fosse do snr. Conceição — o bastante para lhe dar a linha, o perfil d'uma ignorancia primacial de par com a indelicadeza de catraeiro vinolento. O philosopho de Ilhavo correspondeu ao primor da offerta desembêtando contra o author umas lerdas pulhas, e fazendo das formulas mathematicas um espojadoiro de arlequim pateado nas suas desgraciosas visagens mascarradas de gesso e carmim. (SECULO, n.º 63). Mas o que mais desbraga a mordacidade do critico é a fraude, a deturpação que faz no trecho unico que extrahi e exemplificou para ridiculisar a obra.

O snr. Conceição escreve :

«Diz o snr. conego na nota de paginas 17 e 18 do seu notavel trabalho:

«Podiamos chamar os beneficiados de Cedofeita conegos de favor, como os podiamos chamar *raçoeiros*. Sob a mão, temos d'isto documentos authenticos e fulminantes; e, em ambos os casos, andavamos segundo o direito e segundo a historia.

«Amargam porém sempre as verdades (*molesta est veritas, siquidem ex ea nascitur odium*); e como para os vaidosos já a ausencia de louvor é vituperio, alguém que viu, n'aquelle adverbio, desluzimento, desfechou-nos logo pela imprensa a flecha penetrante e ervada da aggressão pessoal: aggressão dissimulada, arteira, baixissima e, sobretudo, surprehendente, por ser vinda de quem vinha...»

«De modo que, segundo a firme authoridade do snr. conego Alves Mendes, os conegos de Cedofeita são *raçoeiros*, e *raçoeiros* é um adverbio».

O snr. Conceição bem sabia que o snr. Alves Mendes não chamava *adverbio* a *raçoeiros*, porque algumas linhas antes do trecho que torpemente adulterou, lá está o adverbio incluso n'estas expressões: «... Ao occuparmo-nos d'este ponto, escrevemos *impropriamente* e imprimiu-se *abusivamente*». Aqui está o adverbio. Convinha, porém, ao snr. Conceição trincar, decapitar a nota para abrir margem a estas chalaças. «Mas sendo os conegos de Cedofeita *raçoeiros* e adverbios, o que vem a ser a collegiada? Será a collegiada uma mangedoura ou uma interjeição? Será uma quarta de fava ou uma conjunção? Será uma facha de feno ou uma preposição?»

Elle não sabe mastigar um gracejo fóra da mangedoura, da quarta da fava e da gabella de feno. Achei-o sempre infeliz na polemica, se lhe não proporcionava o cêvo das estrebarias para se desopilar com alguma chufa bem excrementicia.

E querem vêr como elle conclue o folhetim?

Temos sincera mágoa de só por esta maneira podermos agradecer a s. exc.^a a delicadeza do offerecimento d'este seu trabalho.

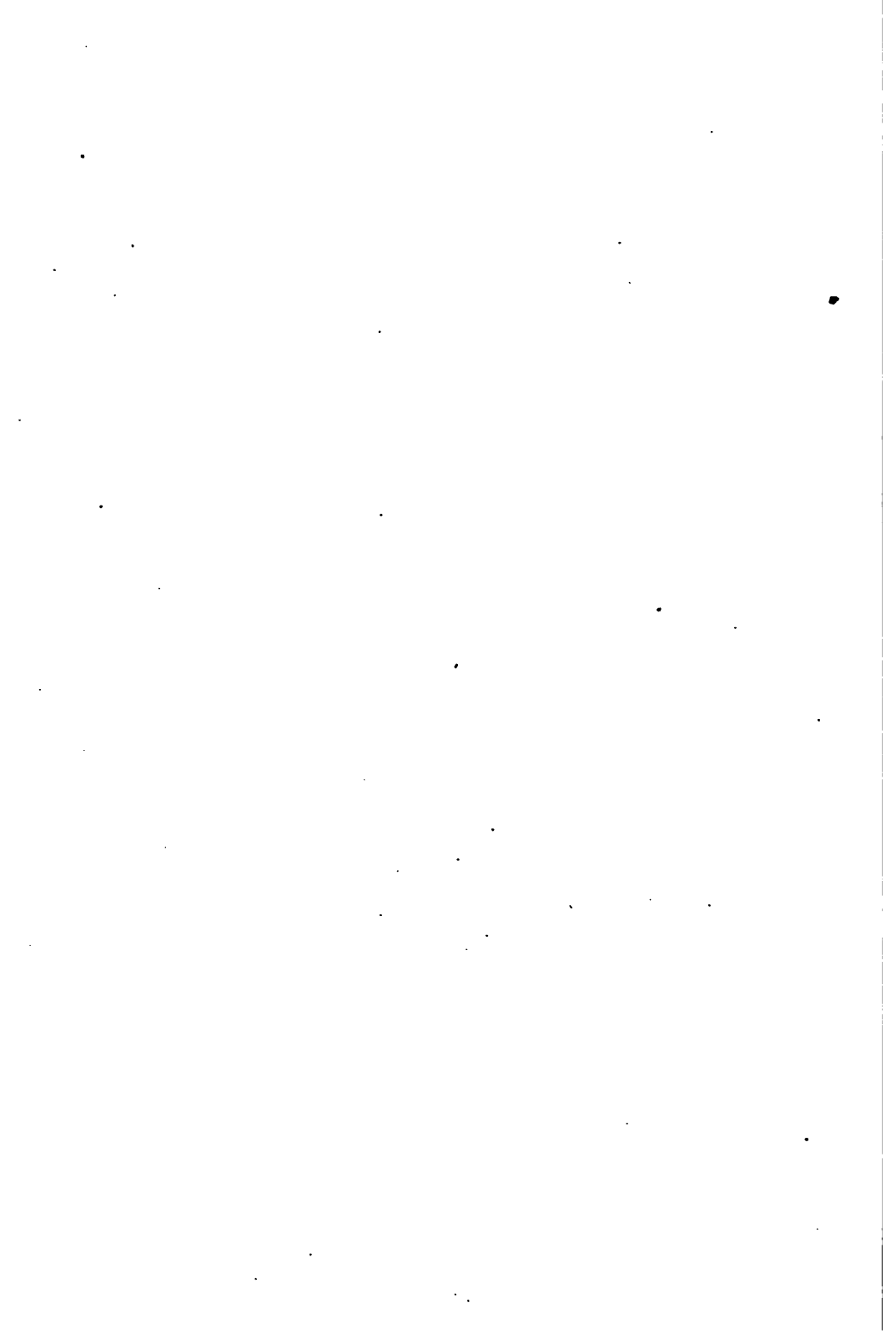
Incrível! Se isto não é novo, toda a pouca vergonha é velha!

Tenha o snr. Alves Mendes o injudicioso proposito de responder ao vilissimo calumniador do seu trabalho, e verá que elle lhe deita a bola de strychnina. Deu agora n'esta das bolas. Gaba-se de ter deitado muitas bolas de strychnina. Elle escusa de gastar o ordenado com as bolas que atira. E' atirar-se a si proprio como grande bolas que é. E, se não é bola de strychnina, pelo fétido parece ser bola de escaravelho-bosteiro, o *Bousier* de Cuvier. Ora como o escaravelho, cuja larva vive quatro annos no estrume, soffre metamorphose, eu espero ainda que o snr. Conceição, findos que sejam os quatro annos da porca evolução, com alguma grammatica e com algum juizo, venha a ser um escriptor pouco menos de mediocre. Está muito novo na flôr dos 40: é uma criança; estude os pronomes, e, sobretudo, muito MANUAL ENCYCLOPEDICO e alguma vergonha. E, se estes conselhos não lhe servem, vá bugiar.

ERRATAS

Entre outras incorrecções que seria superfluo indicar á intelligencia dô leitor, particularisam-se as seguintes:

Pag.	20,	l.	22	<i>intringar,</i>	leia <i>intrançar.</i>
"	21	"	10	<i>suggestoens snr.</i>	" <i>suggestoens do snr.</i>
"	30	"	20	<i>historia</i>	" <i>historica.</i>



INDICE

	PAGINAS
Preambulo	5
Mad. Paiva	7

IMPRESSIONISMO

Duas paginas das minhas memorias d'alem da campa	17
O jasigo de A. Herculano	23
Os jesuitas e a restauração de 1640	29
Scenas d'um drama intitulado Tentaçoes de serpente	53
D. Francisco Manoel de Mello	93
Delicta senectutis meae	129
A espada de Alexandre	135
Luiz de Camões	169

ESBOÇOS DE PERFIS LITTERARIOS

I — Guilhermino de Barros	203
II — Alves Mendes	207
III — Manoel de Mello	211
IV — Carlos Braga	215
V — José Augusto Vieira	218

VI — Augusto Gama	223
VII — Narciso de Lacerda	227
A senhora Rattazzi	231

SEBENTA, BOLAS E BULLAS

I — A preleção do snr. doutor Avelino Cesar Callisto, lente de direito ecclesiastico portuguez	263
II — O folheto do snr. dr. Callisto	280
III — A cavallaria da sebenta	295
IV — Preludio	314
Aos senhores Piores	375

KERMESES E CENTENARIOS

I — Fel convertido em balsamo	379
II — Sanguinarios sanctos!	382
III — No Bom Jesus	384
IV — Comparações	386
V — Castilho republicano	389
VI — Ill. ^{ma} e Ex. ^{ma} Snr. ^a D. Maria Amalia Vaz de Car- valho	392
Modelo de polemica portugueza	395

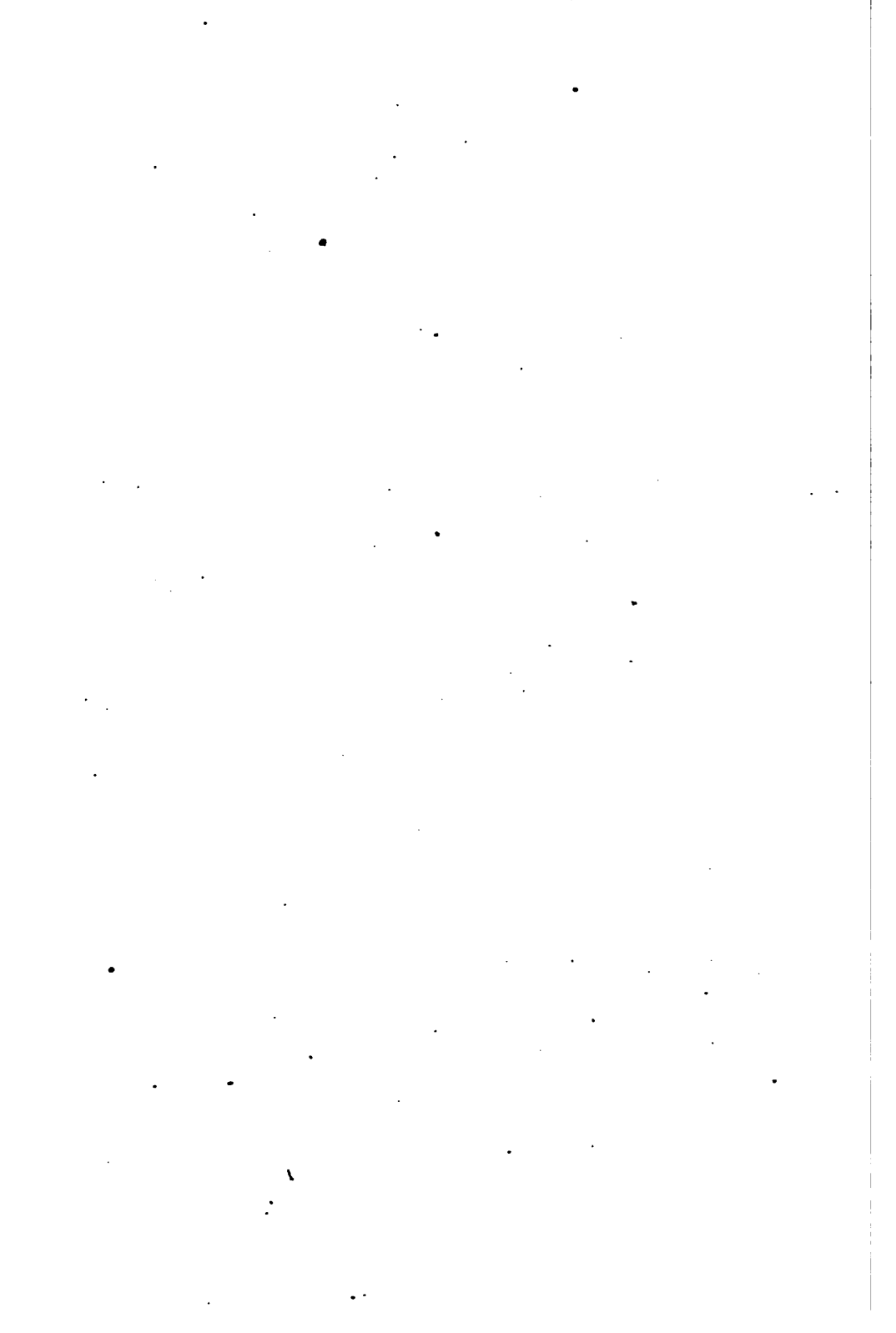
DECLARAÇÃO .

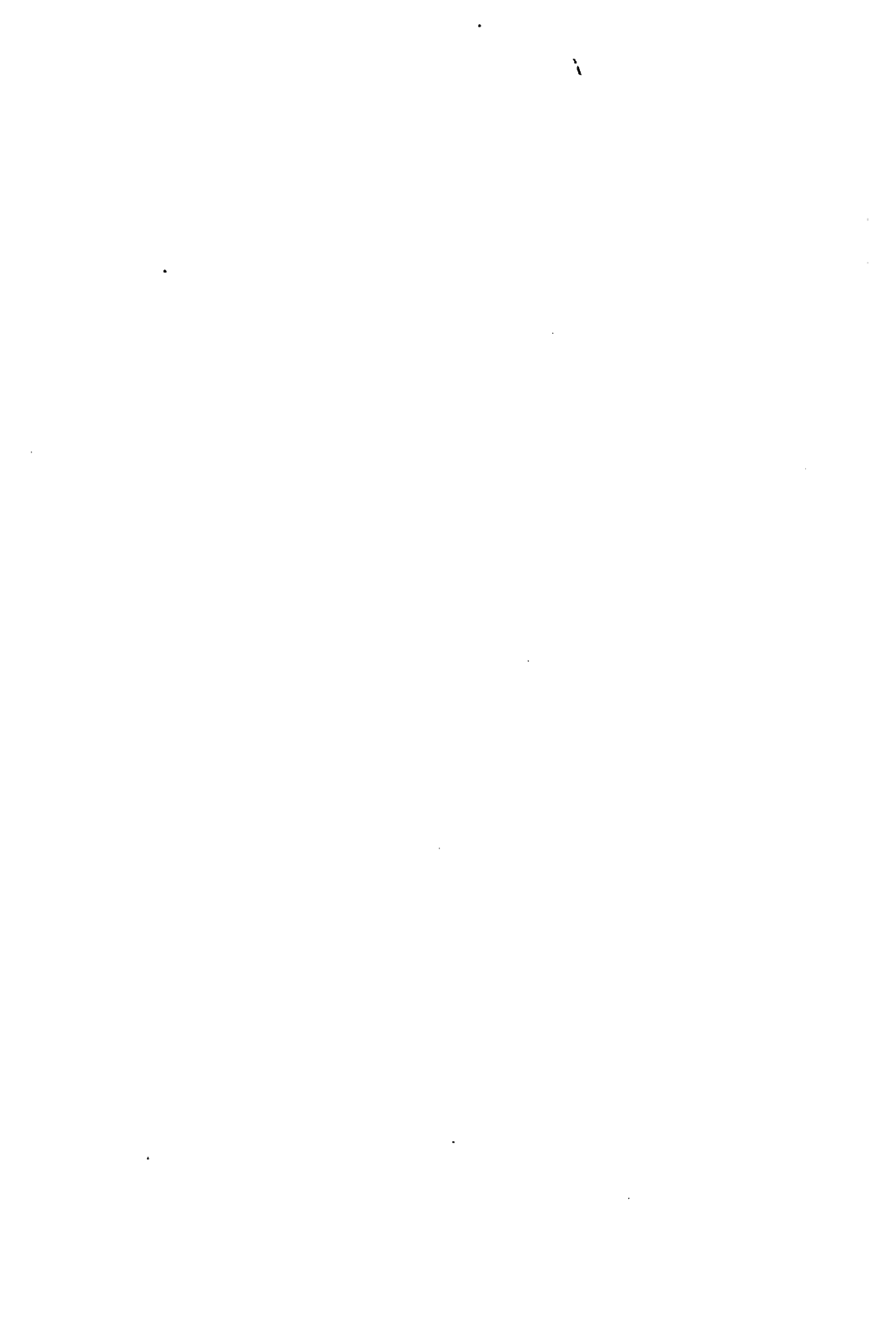
O auctor e o editor da *Bohemia do Espirito* sem citar a lei que lhes cauciona a sua propriedade litteraria, solicitam da imprensa jornalistica a fineza de não transcrever os artigos.

Porto, 20 de agosto de 1886.

Camillo Castello Branco

Eduardo da Costa Santos.





UNIVERSITY OF CALIFORNIA LIBRARY
BERKELEY

Return to desk from which borrowed.
This book is DUE on the last date stamped below.

26 Aug WM '49

'5 Jun '58 PTX

JUN 2 1 1956 LU

MAY 3 1 1956 REC'D 91

7557
U.C. BERKELEY LIBRARIES



C024195784

593874

UNIVERSITY OF CALIFORNIA LIBRARY

